

No bojo do espaço geográfico este se processa por um conjunto indissociável de múltiplos sistemas. Dentre esses, está o de ações, com os quais se procura revelar, em minúcias, as práticas sociais dos diferentes grupos que nele produzem, lutam, sonham.

Em tudo, no arranjo espacial dos novos lugares, havia o ideário de prosperidade, de riqueza, de novas oportunidades, mesmo nas narrativas literárias em que tais aspectos ficam evidentes, nos diferentes ciclos por todo o território brasileiro, como destaca Pietrafesa (2011, pp. 24/25):

Não apenas nas narrativas literárias, mas também nos discursos que tratavam do tema, a colonização era compreendida como o deslocamento para um eldorado. A representação de riqueza esteve presente nos deslocamentos para a região das minas no Sudeste e Centro-Oeste brasileiro no século XVIII como na expansão da cultura cafeeira e nas levas de imigrantes estrangeiros para zonas rurais desde o século XIX, ressurgindo nas migrações destinadas à extração da borracha no início do século XX, e em outros movimentos de frente de expansão, que identificavam na fronteira o imaginário da prosperidade.

Nesse aspecto, a Geografia histórica cumpre o seu fundamental papel de não apenas estabelecer exatidão de uma linha de tempo, mas, sobretudo, compreender essas transformações no escopo do espaço. Assim ocorreu com os caminhos que trariam a Goiás, os seus primeiros aventureiros.

A sociedade sertaneja é, portanto, aquela que consolidou Goiás como um lugar, uma pátria para se morar; não apenas um lugar para se retirar ouro e seguir adiante. Era preciso sobreviver em meio às dificuldades da época, como o isolamento, a falta de recursos e a natureza indomável. Para essa empreitada de se fazer Goiás era preciso homens rijos, homens feros, como destacou Cora Coralina.

Segundo Saint-Hilaire (1945, p. 87), esta população iniciou-se a partir dos paulistas misturados aos índios e aos negros:

Esses homens, com o intuito de tornar seus trabalhos mais rápidos e mais fáceis, cercavam-se de escravos africanos, e numerosos mestiços não tardaram em aumentar uma população já relativamente considerável. Os paulistas, ao contrário, emigravam constantemente de seu torrão natal, indo procurar riquezas alhures, e a expensas da população de São Paulo foram povoados Mato Grosso, Goiás e, mesmo, uma parte do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais.

O homem sertanejo, de enxada na mão e a mulher caipira, de mãos calejadas na lida diária, ambos com seus suores e cansaços na luta e labuta na roça, construíram Goiás.

No mapa de 1827, Goiás era, ainda, uma ficção geográfica.



Mapa 008 -*Geographical, statistical, and historical map of Brazil, by J. Finlayson, 1827*

Nesse aspecto, mesmo no espaço geográfico perceptível, a delimitação ou recorte se faz difícil em razão das minúcias e rugosidades do objeto, em razão da dinâmica da atividade e os elementos de permanência, mesmo velada, numa esteira de tempo já bissecular. O que agregou o homem a essa terra com o esgotamento aurífero? Por que permanecer num lugar de tão difícil acesso geograficamente? A complexidade está em perceber e explicar os motivos da permanência diferenciada e como a mesma se estendeu no círculo social com atores completamente díspares economicamente.

Há, segundo Bachelard (2000, p. 208), dimensões diferenciadas para o Planalto e a Planície, com devaneios próprios

Em todas essas nuances, numa indagação mais aprofundada que a nossa, deveríamos mostrar como elas se integram na grandeza da planície ou do planalto; deveríamos dizer, por exemplo, por que o devaneio do planalto nunca é um devaneio da planície. Esse estudo é difícil porque às vezes o escritor quer descrever, porque o escritor sabe de antemão, em quilômetros, a

grandeza de sua solidão. Então, sonhamos sobre o mapa, sonhamos como geógrafo.

Diferentemente do espaço absoluto e cartesiano, o que se percebe acentuadamente é que o espaço será visto de forma relacional com sentidos múltiplos e valores profundos, enraizados no tempo e fortalecidos se confrontados a outros espaços e a outros objetos. O homem em Goiás se fez a custa de seu esforço e sedimentou um modo de vida peculiar que nos foi legado de geração a geração.

Não é possível uma Geografia fria e distanciada para entender a fixação do homem na pátria goiá. Antes, uma Geografia que perceba nuances extremamente humanas.

Era o ápice da “idade do couro” que se faria na sucessão dos meios geográficos no Brasil, em que, a princípio, se utilizou do corpo do homem, com sua força dividida com os animais, buscando, mesmo de maneira oscilante, alternativas de sobrevivência.

Mas, os caminhos eram as principais dificuldades existentes, com seus perigos e seus mistérios. Eram atoleiros roladores de serras, balsas a serem transpostas, tratamento dos animais, pousos, as moléstias pelos caminhos, a preocupação com a carga, os assaltos nos caminhos. Saint-Hilaire em suas viagens e relatórios, destaca sobre a diminuição da população insuflada pela decadência da mineração, a miséria geral e os caminhos em péssimo estado. As fazendas eram feudos em que tudo se concentrava. Tornaram-se autossuficientes, em todos os sentidos. A vida urbana era uma temeridade. Havia cidades e vilas que se diluíam e acabavam aos poucos.

Assim, no transcorrer dos anos, a Coroa Portuguesa, sob pena de morte, proibiu os caminhos que levariam às minas, com o receio do escoamento das possíveis riquezas auríferas. A fiscalização era ineficiente e muito roubo acontecia pela corrupção maciça. Descumprindo a lei de que a atividade única deveria ser a mineração, muito gado começava a adentrar a distante Província, burlando o comando do Império. A crescente leva de aventureiros no rumo de Goiás passava primeiramente por Minas Gerais, varando-se o sertão no caminho do futuro, a partir do povoado de Paracatu do Príncipe.



Figura 028 - Igreja de Ouro Fino destruída em meio ao Cerrado, diluindo aos poucos – Acervo de Bento Fleury.

Era assim aberta a concepção lenta de um lugar, como porção do espaço no qual as pessoas constroem seus laços afetivos e subjetivos. Nele, a dimensão da vida e dos sentimentos de pertencimento, de identidade, de raiz. Goiás passa a ser o lugar da vida plena, não mais a passagem rápida e fugaz da riqueza aurífera. Era preciso se fazer desse lugar, um lugar, porção de recuperação e reinício de uma vida.

O Lugar do Cerrado é único. Na visão de Arbex Junior e Olic (1996), a sua origem não é fixada e para ela existem várias hipóteses. Há os que atribuem sua existência às condições climáticas da região; outros indicam que a vegetação típica do Cerrado é condicionada pela ocorrência do fogo, ou ainda pelo tipo de solo; mas este tem uma posição de destaque em razão de sua biodiversidade. É um traço que o distingue.

No que concerne a sua flora, o Cerrado é considerado a mais rica dentre as savanas do mundo. É possível que sua flora alcance entre 4 mil e 10 mil espécies de plantas vasculares, número superior em grande parte às outras floras. De maneira idêntica, há uma enorme variedade de fauna, embora haja um baixo endemismo de espécies.

Contudo, somente 2% de sua área está preservada na forma de Unidades de Conservação (UC), enquanto na Amazônia o percentual é de 12%. A discrepância aumenta quando se compara o tamanho das UCs: no ecossistema amazônico, são superiores a 100 mil

hectares, no Cerrado, apenas 10% possuem área acima de 50 mil hectares; o que em menos de cinquenta anos era impossível se conceber, em razão do ideário de solos improdutivo que se tinha.

O solo do Cerrado era chamado de *terra arrasada*, que não valiam qualquer investimento, não tinham valor de venda ou de mercado. As denominações desde os séculos XIX eram as mais variantes no sentido negativo; até de venenosas as terras foram alcunhadas. Só houve mudança de visão, à proporção que se ampliava o número de pesquisas agrônomicas que indicavam as potencialidades das áreas, com o devido emprego de tecnologias apropriadas.

Nesse momento houve a explosão da exploração acentuada e degradante do Cerrado, que deixou de lado o extrativismo vegetal, nomeadamente o de madeira para a produção de carvão, e a pecuária extensiva e passou a ser o celeiro produtivo.

Por meio dessas pesquisas, foi possível perceber que a região possibilitava a combinação das inovações mecânicas, químicas e biológicas advindas com a modernização agrícola. No mais, também, topografia era propícia ao desenvolvimento de culturas mecanizadas; o que se chamava de pobreza e solo fraco, além da constituição do solo favoreciam consideravelmente as inovações químicas e físicas, e o seu clima beneficiava as inovações biológicas. Esta foi a chave para o sucesso.

Os primeiros estudos e visões sobre o solo do Cerrado têm uma origem mais distante, com a passagem de vários estrangeiros pela região, Auguste Saint-Hilaire, Peter Lund e Eugenio Warming, entre outros. Somou-se aos anos de 1940 com o destaque para os professores do Departamento de Botânica da Universidade de São Paulo: Félix Rawitscher, M. Guimarães Ferri e Rachid, que avaliaram e incorporaram importantes estudos sobre o solo cerrado.

Nos anos de 1970, foram feitos estudos por pesquisadores da EMBRAPA e se descobriu que a maior deficiência de fertilidade provinha da acidez e baixa presença dos macro-nutrientes. Era preciso *corrigir* a natureza, com a introdução de calcário dolomítico disponível. Depois da correção do pH, enriquecimento do solo com cálcio e magnésio e eliminação do alumínio, passava-se para a adubação química, estava garantida a incorporação da terra ao sistema produtivo, iniciando-se com o arroz, que tinha maior tolerância com a acidez.

Assim, o Cerrado é a formação vegetal característica do Centro-Oeste. Embora possa parecer que o aspecto pobre e triste já explicado pelo período seco relativamente longo,

o fator fundamental é a falta de fertilidade natural dos solos, que pode ser agravada pela ação do fogo, dos cupins e da lixiviação.

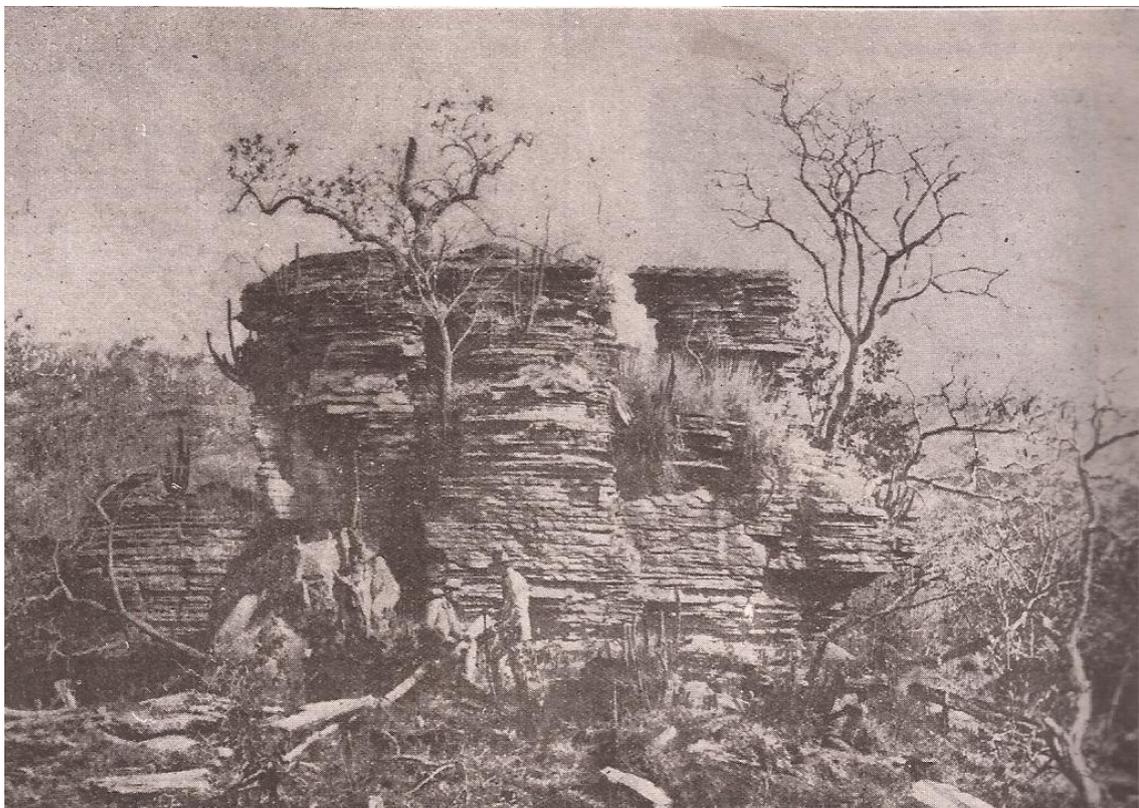


Figura 29 – Cerrado nos Pireneus. Beleza das árvores entre as pedras. Revista *Informação Goyana* de 1917.

Nos dias atuais, o Cerrado é considerado como sendo uma savana. Este termo aceita dois conceitos: um de natureza meramente fitofisionômica e outro referente a um Azevedo (1970), a fisionomia savânica ocupa 67% da área do Cerrado, dando unidade geográfica à região.

Também, os campos cerrados, os campos sujos e os campos limpos, não incluídos a fisionomia savânica, perfazem 12%. Os cerradões cobrem 10%. Adicionando os campos cerrados e os campos sujos à fisionomia savânica, já se chega a mais de 70%, talvez próximo aos 80%. Este amplo predomínio da fisionomia savânica, justificaria considerar-se o Cerrado como um bioma de savana, do ponto de vista fitofisionômico.

Assim, das 534 espécies encontradas em 98 áreas pesquisadas no Brasil, apenas 26 delas ocorrem em pelo menos 50% das áreas: *Acosmium dasycarptum* (amargosinha), *Annona crassiflora* (araticum), *Astronium fraxinifolium* (gonçalo-alves), *Brosimum gaudichaudii* (mama-cadela), *Bowdichia virgilioides* (sucupira-preta), *Byrsonima coccolobifolia* (murici), *Caryocar brasiliense* (pequi), *Connarus suberosus* (cabelo-de-negro), *Curatella americana*

(lixadeira), *Dimorphandra mollis* (faveira), *Erythroxylum suberosum* (fruta-de-pombo), *Hancornia speciosa* (mangaba), *Hymenaea stigocarpa* (jatobá-do-cerrado), *Kielmeyra coriacea* (pau-santo), *Lafoensia pacari* (mangava-brava), *Machaerium acutifolium* (jacarandá), *Pouteria ramiflora* (curriola), *Qualea grandiflora* (pau-terra), *Qualea multiflora* (pau-terra liso), *Qualea parviflora* (pau-terra roxo), *Roupala montana* (carne-de-vaca), *Salvertia convallariaeodora* (bate-caixa), *Tabeluia áurea* (ipê-amarelo), *Tabeluia ochracea* (pau-d'arco), *Tocoyena formosa* (jenipapo-do-cerrado).

Outras espécies arbóreas frequentes, segundo Ribeiro e Walter (1998), são a *Anacardium occidentale* (caju-do-campo), *Byrsonima crassa* (murici), *Diospyros hispida* (olho-de-boi), *Enterobium ellipticum* (vinhático-cascudo), *Guapira opposita* (Maria-mole), *Miconia ferruginata* (jacatirão), *Ouratea hexasperma* (cabeça-de-nego), *Piptocarpha rotundifolia* (coração-de-negro), *Plathymenia reticulata* (vinhático), *Salacia crassifolia* (bacuri), *Scheffera macrocarpa* (mandiocão-do-cerrado), *Simarouba versicolor* (simaruba), *Sclerolobium aureum* (carvoeiro) e *Vochysia rufa* (pau-doce). As espécies arbustivas mais frequentes são a *Casearia sylvestris* (café-do-mato), *Davilla elliptica* (lixairinha), *Duguetia furfuracea* (imbireira), *Manihot sp* (manicoba), *Palicourea rígida* (bate-caixa), *Parinari obtusifolia* (fruto-de-ema), *Protium ovatum* (breu-do-cerrado), *Syagrus flexuosa* (coco-do-campo), *Syagrus petraea* (coco-de-vassoura), *Vellozia squamata* (canela-de-ema), *Zeyheria digitalis* (bolsa-de-pastor), *Anacardium humile* (caju), *Campomanesia pubescens* (gabirola), *Cochlospermum regium* (algodão-do-campo), *Esenbeckia stipularis* (pau-marfim), *Sabicea brasiliensis* (sangue-de-cristo), *Annona monticola* (araticum), *Annona tomentosa* (araticum), *Kielmeyera coriacea* (boizinho), *Lychnophora ericoides* (arnica), *Chamaecrista orbiculata* (brauninha), *Sipolisia lanuginosa* (veludo), *Scheffera vinosa* (mandiocão).

Nas herbáceas, destacam-se conforme Felfili et al. (1994) e Filgueiras (1994), a *Echinolaena inflexa* (capim-flexinha), *Loudetiopsis chrysotrix* (capim-do-cerrado), *Paspalum sp* (capim-forquilha, capim-imperial), *Schizachirium tenerum* (capim-do-campo) e *Trachypogon polymorphus* (macega-dos-campos). Nas áreas antropizadas, pode-se encontrar espécies de plantas invasoras como *Brachiaria decumbens* (capim-brachiaria), *Elephantopus mollis* (capim-elefante), *Heliotropium indicum* (borragem, crista-de-galo), *Hyparrhenia rufa* (capim-jaraguá), *Hyptis sp* (mata-pasto), *Melinis minutiflora* (capim-gordura) e *Triumpheta semitriloba* (carrapicho). Algumas delas são exóticas, na visão de Teixeira (2002).

Ainda, entende-se por mata de galeria a vegetação florestal que acompanha os rios de pequeno porte e córregos dos planaltos do Brasil Central, formando corredores fechados –

galerias – sobre os cursos d’água. Localizam-se nos fundos de vales ou nas cabeceiras de drenagem, cujos canais definitivos ainda não foram escavados. Sua fisionomia é perenifólia, mesmo durante a estação seca.

Quase sempre é circundada por faixas de vegetação não florestal em ambas às margens e, em geral, ocorre uma transição brusca com formações típicas de cerrado e formações campestres. A transição com matas ciliares, matas secas e cerradões é quase imperceptível, segundo destacou Gomes (2008).

As árvores, predominantemente eretas, variam, em altura, de vinte e vinte e cinco metros, com alguns poucos indivíduos emergentes alcançando trinta metros ou mais. As espécies típicas são predominantemente caducifólias, com algumas sempre-verdes, conferindo à mata ciliar um aspecto semidecíduo. Como espécies arbóreas frequentes, podem ser citadas a *Anadenanthera* sp (angicos), *Apeiba tiboubou* (pau-de-jangada, pente-de-macaco), *Aspidosperma* sp (perobas), *Celtis iguanaea* (grão-de-galo), *Entolobium contortisiiliquum* (tamboril), *Inga* sp (ingás), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Sterculia striata* (chichá), *Tabebuia* sp (ipês), *Trema micrantha* (trema, crindiúva) e *Triplaris gardneriana* (pajeú). Podem ser encontradas, ainda, espécies como *Cecropia pachystachya* (embaúba) e *Attalea speciosa* (babaçu) em locais abertos, tais como clareiras. Encontram-se, também, espécies da família Orchidaceae, todas epífitas, como a *Ecyllia lineariforlioides* (ecília), *Oncidium cebolleta* (oncídio), *Oncidium fuscopetalum* (oncídio, chuva-de-ouro), *Oncidium macropetalum* (oncídio-grande) e *Lackhartia goyazensis* (orquídea-goiana). Próximo dos leitos dos rios, em locais sujeitos às enchentes, pode haver o predomínio de espécies arbóreas como *Celtis iguanaea* (grão-de-galo), *Ficus* sp (gameleira), *Inga* sp (ingá-da-mata) e *Trema micrantha* (trema), e gramíneas de grande porte.

Ainda a vereda é a fitofisionomia com palmeiras arbóreas *Mauritia flexuosa* ou *Mauritia vinifera* (buritis) emergentes, em meio a agrupamentos mais ou menos densos de espécies arbustivo-herbáceas. As veredas de chapadas na sua maioria são circundadas por campo limpo, geralmente úmido, e os buritis não formam dossel como ocorre no buritizal, caracterizando-se por altura média de 12 a 15 metros e cobertura variável. Há textos literários belíssimos sobre ele.

Já o que se denomina amplamente como cerradão é uma formação florestal com aspectos xeromórficos, caracterizada pela presença de espécies que ocorrem no cerrado em sentido restrito e também por espécies de mata. Do ponto de vista fisionômico, é uma floresta; mas floristicamente é mais similar a um cerrado.

Apresenta dossel predominantemente contínuo e cobertura arbórea que pode oscilar em torno dos 70% com altura média do estrato arbóreo variando entre 8 e 15 metros, propiciando condições de luminosidade que favorecem a formação de estratos arbustivos e herbáceos diferenciados, com espécies de epífitas reduzidas.

Ainda, as matas secas são formações florestais caracterizadas por diversos níveis de caducifolia durante a estação seca, dependentes das condições químicas, físicas e, principalmente, da profundidade do solo. Não possuem associação com cursos de água, ocorrendo nos interflúvios, em solos mais ricos em nutrientes, geralmente os argissolos, segundo Teixeira (2009).

Em função do tipo de solo, da composição florística e, em consequência da queda de folhas no período seco, a mata seca pode ser de três subtipos: mata seca sempre-verde, mata seca semidecídua, a mais comum, e mata seca decídua. Em todos esses subtipos a queda de folhas contribui para o aumento da matéria orgânica no solo, mesmo na mata seca sempre-verde.

Ainda o Campo limpo, na avaliação de Teixeira (2009) é uma fitofisionomia predominantemente herbácea, com raros arbustos e ausência completa de árvores. Pode ser encontrado em diversas posições topográficas, com diferentes variações no grau de umidade, profundidade e fertilidade do solo. Contudo, é encontrado com mais frequência nas encostas, nas chapadas, nos olhos d'água, circundando as veredas, e na borda das matas de galeria.

Gomes (2008) destaca que Campo rupestre é um tipo fitofisionômico predominantemente herbáceo-arbustivo, com presença eventual de arvoretas pouco desenvolvidas de até dois metros de altura. Abrange um complexo de vegetação que agrupa paisagens em microrrelevos com espécies típicas, ocupando trechos de afloramentos rochosos.

Campo sujo, na definição de Teixeira (2009) é um tipo fisionômico exclusivamente herbáceo-arbustivo, com arbustos e subarbustos esparsos, cujas plantas, muitas vezes, são constituídas por indivíduos menos desenvolvidos das espécies do cerrado em sentido restrito.

Com uma formação datada de cerca de 60 milhões de anos, no período Terciário Médio, o Cerrado é um dos mais complexos biomas (conjunto de seres vivos) do Planeta. Já foram listados 1 mil 576 diferentes espécies de animais, entre aves, mamíferos, répteis e peixes, além de uma enorme variedade de plantas frutíferas e medicinais ainda não estudadas cientificamente. O Cerrado é um laboratório destruído antes mesmo de ser completamente estudado.

A preservação ainda é o único caminho. Terra Ronca, Serra dos Pireneus e Altamiro Pacheco são os três parques estaduais goianos. Em Terra Ronca, no município de São Domingos, no Nordeste goiano, está o complexo espeleológico mais importante da América do Sul.

Mas, o Cerrado sempre foi visto com desdém, até hoje, infelizmente, conforme destaca Aragão (1993, p. 180):

Os campos do Cerrado sempre foram tratados com desdém: não serviam para a agricultura – os milagres do calcário e do arado na ohaviam chegado aqui -, suportavam poucas cabeças de gado, sobretudo na seca, o que os levava adquirir mais terras, expandindo seus domínios à dimensão dos latifúndios ou então simplesmente ocupando às largas.

Mas, tempos depois se descobriu que o Cerrado constituía fronteira agrícola a ser explorada e tudo se precipitou. Como ele não “valia nada”, podia ser destruído em dimensões gigantescas e assim o foi. E, a ação do Estado na capitalização da região beneficiou setores ligados ao capital, oportunizando o incremento da produção e produtividades agrícolas.

Provocou, conseqüentemente, mudanças na estrutura fundiária e produtiva na região, a partir de uma especialização em alguns produtos agrícolas, especialmente grãos, e mudanças nas relações de trabalho, em que a mão-de-obra temporária passou a predominar.

Mas, o Cerrado sempre foi visto de maneira diversa. Visto superficialmente ou não visto pelo habitante, desprezado por esse motivo, inserido no cotidiano sem significado e muitas vezes visto pelo turista como meio de recreação indiscriminada e destruidora, visto pelo historiador como herança cultural, o ecólogo o considera como paisagem natural, ou seja, cada qual o recria na ideologia que possui.

Só com a criação dos parques as áreas em risco foram preservadas de desaparecerem de nosso meio pela incúria humana.

Criado em julho de 1989, o parque convive com a ameaça da depredação de turistas que para lá afluem em época de romaria. Há, ainda, a ameaça da exploração de calcário e de árvores madeiríferas, como a aroeira. A reserva possui 15 mil hectares.

Nos anos de 1920, as terras goianas começaram a ser demarcadas oficialmente, conforme atesta o documento abaixo.

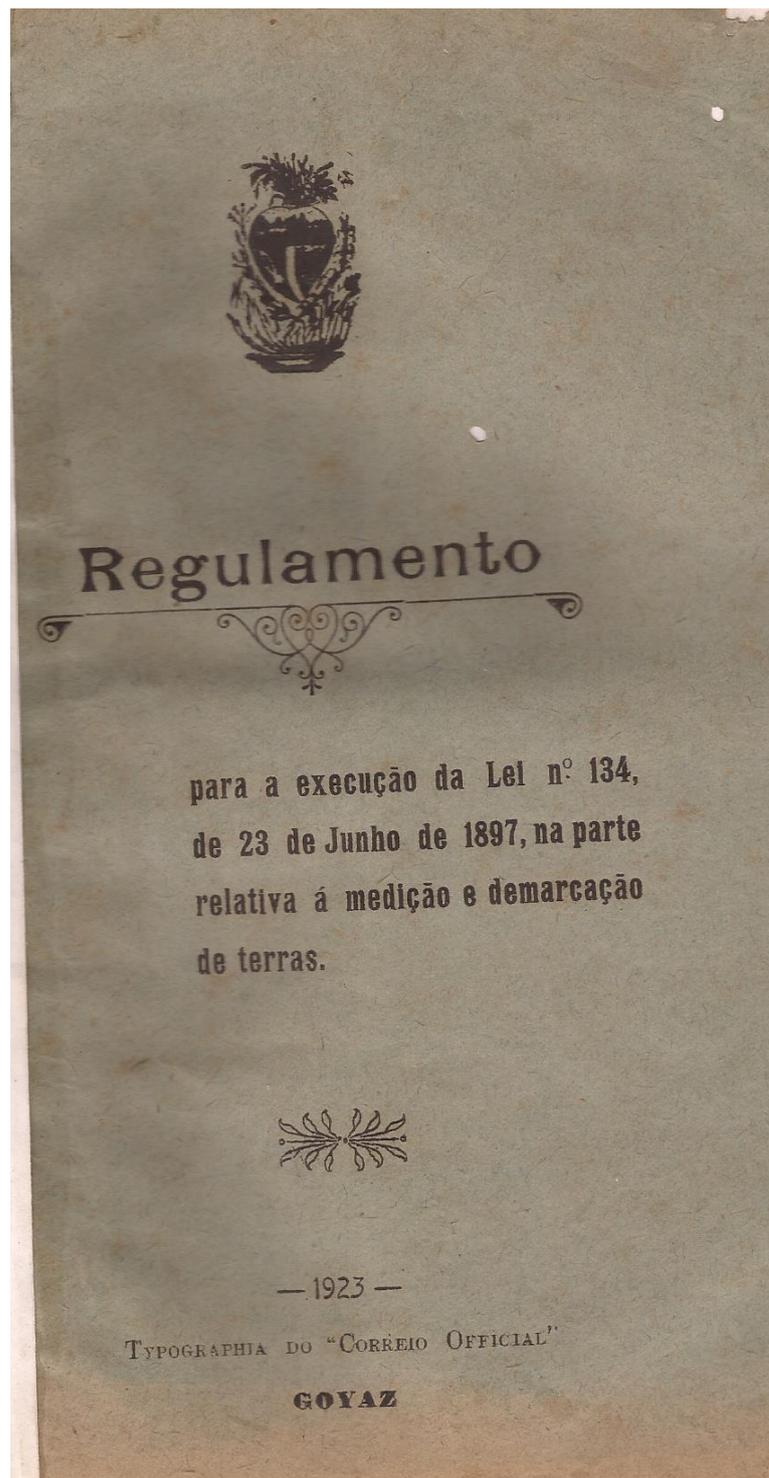


Figura 30 – Demarcação das terras goianas nos anos de 1920, oficialização do espaço. Acervo de Bento Fleury

O Parque dos Pireneus, a 32 quilômetros de Pirenópolis, é importante pela riqueza da vegetação de plantas exóticas e raras e por ser um platô do Planalto Central, onde nascem o Rio das Almas e o Rio Corumbá. O parque tem também valores históricos e culturais. Ali

encontra-se o Monumento Nacional aos Bandeirantes, criado em 1937, e também celebra-se, todos os anos, a tradicional Romaria dos Pireneus, em louvor à Santíssima Trindade.



Figura 31 - Antiga estrada carreira na zona rural de Trindade, mato grosso goiano, região chamada de Barro Branco, fazenda do agropecuarista Antero Batista de Abreu Cordeiro (Doca).

Criado em 25 de setembro de 1970, no município de Caldas Novas, está o Parque Estadual da Serra de Caldas. Conta a história que Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o Anhanguera, ao procurar ouro na região, em 1722 encontrou um córrego de águas quentes e cristalinas, batizando-o de Caldas Velhas. Hoje se encontra no local a Pousada do Rio Quente. Martinho Coelho da Silva, em 1777, encontrando as águas quentes, batizou o local de Caldas Novas, em oposição a Caldas Velhas. A área do parque é de 12.315.358 hectares, totalmente demarcados.

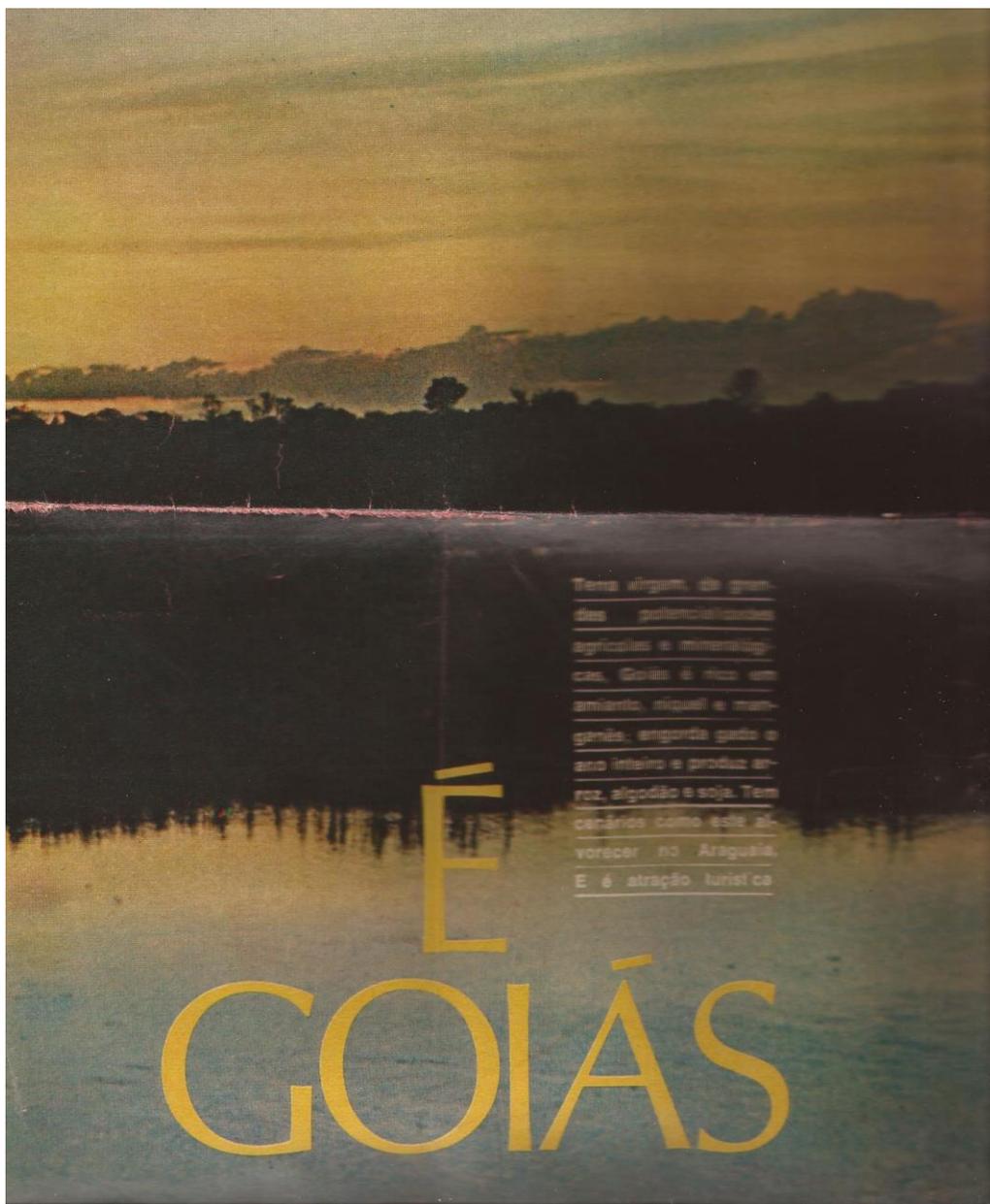


Figura 32 – Cartaz de Goiás no anos de 1960. Incipiente turismo centrado na caça e pesca do Araguaia. Acervo de Bento Fleury.

A vegetação, típica de cerrado, é classificada, atualmente, de savana arbórea aberta, onde predominam o murici, lixinha, barbatimão, jatobá-do-campo, ipê, entre outros. A Serra está inserida na bacia do Paraná e sub-bacia do Paranaíba, com o Rio Quente e Ribeirão Bagre, córrego Santo Antônio e córrego Fundo. Tem dois coletores principais: o Rio Piracanjuba e o Rio Corumbá. A grande importância dessa reserva é a preservação das nascentes das águas termais, responsáveis pelo fluxo de turistas em Caldas Novas e na Pousada.

O mais novo parque goiano foi criado em 1991 e fica a 20 quilômetros da Capital, entre os municípios de Goiânia, Nerópolis e Goianópolis. São 400 alqueires quase intactos de floresta semidecídua do planalto do Centro-Oeste. Na região estão diversas nascentes, como as dos córregos Cana Brava, Macaúba, Carapina e Tamanduá, que formam a bacia do João Leite.

Inúmeras espécies de árvores de mais de 20 metros fazem parte dessa biodiversidade, como a aroeira, canela-de-velha, jatobá, barriguda, ipê, macaúba, Maria-preta e angico. Essa abundância de verde e água serve de refúgio para animais quase em extinção, como a jaó, joão-congo, araras, caititus, veados, tatus e segundo moradores da região, até onça.

Mas, o que constitui a maior riqueza dessa extraordinária amostra de cerrados, desafiando a argúcia de botânicos, biólogos, ecologistas, agrônomos, naturalistas, cientistas, economistas, políticos, além de benzedeiros, médiuns, raizeiros ervateiros, parteiras, curandeiros, feiticeiros (cada um com sua maneira diferente de fazer ciência), é a sua grande diversidade biológica de espécies, realmente rica de ‘plantas medicinais’, plantas ornamentais, plantas industriais, plantas tóxicas, plantas aromáticas, plantas aquáticas, plantas carnívoras, frutos comestíveis, cosméticos, condimentares, numerosas forrageiras onde o capim-de-campo sobressai, madeiras e outras tantas matérias-primas onde os vegetais tintoriais, por exemplo, bastante conhecidos das tecedeiras goianas e de grande importância econômica – já são mais de 40 espécies catalogadas e conhecidas. Foram os itinerários da história do homem cerradoeiro em nosso Estado.

Assim, na Geografia dos incertos caminhos, nasceria Goyaz!

1.3. O povo Cerradeiro –a solidão em meio ao bravo chão de outrora

Nas solidões geográficas do sertão de Goiás, abertas em campos, matas, cerrados, planaltos, estradas sertanejas soltas nas imensidões dos tempos de outrora se inserem as marcas de nossa gente, povo da roça e da lida, de lutas e de labutas.



Figura 33 - Ruínas da Igreja de Trahyras ainda nos anos de 1960. O desamor do povo a um patrimônio rico e extraordinário marcou o fim de uma opulenta cidade do ciclo do ouro em Goiás. Acervo de Bento Fleury.

Solidões, sob a tardia égide romântica, também lembradas nos versos do poeta Arlindo Costa (1880-1928), do Arraial de Nossa Senhora de Santana das Antas, hoje Anápolis, em 1907, em seu livro *Lyrrios do valle*:

Como são belas as plagas
Da minha terra formosa!
Que lindas são as palmeiras
Que relva tão perfumosa!
Há muitas flores bonitas
Pelas campinas gigantes...
Há tantos, tantos, tão vastos
Buritizais sussurrantes...

Assim, nos mistérios do chão de Goiás, o povo cerradeiro constituiu uma maneira específica de viver longe dos grandes centros, integrado à natureza bravia e inóspita.

Era o idário de um Brasil dividido em dois, cada um completamente diferente do outro, um de costas para o outro, negando o atraso e a miséria, como destacou Lambert (1978, p. 101)

Entre o velho Brasil e o novo existem séculos de distancia... Existem dois países, entre os quais é difícil distinguir o verdadeiro; na fazenda do interior, o homem do

campo trabalha de enxada e transporta uma colheita insignificante em carroças rangentes que precisam ser puxadas por três ou quatro juntas de bois, porque a roda maciça não gira sobre o eixo; na cidade de São Paulo, a cada hora termina-se um prédio e, para sustentar um arranha-céu muito pesado que começa a inclinar-se, congela-se o solo.

A vida rural goiana é carregada de lirismo e de poesia. Nada mais belo que a simbiose ente o homem, a natureza e os animais, ao sabor de uma vida calma e tranquila que os anos não trazem mais.

O povo Cerradeiro de Goiás se criou, vivenciando as experiências incomuns de um Lugar distante, longe, esquecido e largado, mas também sofreu bruscas mudanças em pouco tempo; o que gerou um profundo desajuste, desarticulação e injustiça social ao longo das últimas décadas, conforme frisa Pietrafesa (2011, p. 53):

A região dos cerrados destaca-se pelas grandes transformações ocorridas desde o início do século XX, onde começa a se delinear sua função econômica com sua incorporação ao sistema produtivo nacional. Condições geográficas, como proximidade do eixo econômico do sudeste e as condições naturais existentes, tais como área de matas, pastagens e solos agricultáveis, associadas ao fato de haver uma vasta área de terras facilmente apropriadas, livres ou de baixo preço, foram importantes na transformação da região, seja no desenvolvimento da agricultura ou através da criação de gado.

Não havia, naquelas ditosas eras, o orgulho, a vaidade e o consumismo tão comuns nos dias de hoje. Vivia-se na roça, às vezes meses, sem mesmo chegar à cidade, dar uma “voltinha na rua” como era costume dizer. Era o tempo de muito trabalho em que até as crianças tinham as suas pequenas obrigações como tratar das criações e zelar do quintal. Mas, no campo já havia algumas escolas pioneiras para ensinar crianças.

Eram as aulas multisseriadas em que as professoras ou os mestre-escolas constituíam-se em mestres que ensinavam de forma reunida, todas as séries, separadas por carteiras. Essas salas mostravam a didática e conhecimento do professor no sentido da manutenção da orde, utilizando também todos os recursos disponíveis em meio à região. Em grande maioria, os prédios eram construídos pelos fazendeiros. Era grandes prédios espalhados pelo Cerrado, na imensidão dos campos ou nas rebaixas de serras.



Figuras 34 /35 – Escolas rurais pioneiras em Piracanjuba e Curralinho- Itaberaí. Acervo de Bento Fleury

Dessas bruscas mudanças destacou Gomes (2008, p. 302), ao relatar a ênfase na modernização territorial nas modificações dos lugares, notadamente em Goiás:

Uma das ideias mais realçadas concernentes a esse problema é que o processo de modernização territorial implicou – e está implicando – uma pulverização das identidades culturais, impactando não apenas os sujeitos e o seu processo de vida, mas a sua representação cultural e, especialmente a sua relação com os lugares.

Tudo isso era importante para a qualidade de vida, para a sequência do próprio tempo, que corria calmo, sem o estresse dos dias atuais, sedimentado em valores essenciais que hoje estão se diluindo.



Figura 036 – Colhendo fruto no cerrado – cotidiano do povo. Foto: Acervo de Bento Fleury

O conceito de sustentabilidade a esta gente cerradeira era e continua sendo, sobretudo, a garantia de um futuro, de economia limpa, de consumo moderado e boas condições de trabalho que não sejam pautadas na destruição, pois segundo Pietrafesa (2011, p. 23)

a sustentabilidade está relacionada à capacidade de submissão aos preceitos de prudência ecológica e ao uso da natureza, sob o ponto de vista do que ele denomina de socialmente incluyente, ambientalmente sustentável e economicamente sustentado, que envolve empregos decentes, isto é condições de trabalho e remuneração dignas, considerando as necessidades crescentes das populações diante de um contexto globalizado em constante expansão.

Uma das opções da sustentabilidade do Cerrado está no turismo, como forma de desenvolvimento sem agressão direta ao meio, inclusive, servindo a proteção a estemesmomeio, como forma de lucro e parmanência do povo Cerradeiro em suas localidades, na preservação da identidade, conforme ressalta Castro (1986, p. 161):

Quais são as opções, possíveis, para proteger os Cerrados? O turismo pode se firmar como estratégia de desenvolvimento socioeconômico? É uma alternativa para sustentar esse patrimônio natural e cultural do cerrado na região do Nordeste Goiano? São os questionamentos feitos por Gisélia Lima Carvalho.



Figura 037 - Os banhos nos rios e córregos de nossa região, lazer natural que hoje tem um gosto de nunca mais. Acervo de Bento Fleury.

Mesmo os adultos também tinham suas diversões pobres e felizes como o uso da bicicleta que eram enfeitadas com gosto e possuíam uma parafernália de acessórios, usados e abusados, servindo de companheiras de fotografias para a posteridade, como o caso de Manoel Gomes Arantes (Manezão) com sua alemã, tendo ao fundo a imagem de Trindade.



Figura 038 - Manoel Gomes Arantes e sua bicicleta toda enfeitada, numa época em que esse meio de transporte para as pessoas da roça e do interior goiano era motivo de status e orgulho, merecendo inclusive uma fotografia para a posteridade. Acervo de Bento Fleury

Há, também, uma Geografia sentimental para as casas de Goiás. Casas que, da terra foram brotadas e são como relicários que recontam uma história singular de nossa formação social. Em casa cidade goiana, há, senão, uma rua com algumas dessas construções antigas que sobraram da fúria iconoclasta do presente e que legitimam o nosso jeito de viver em épocas passadas. Foram elas levantadas em dias antigos, na força descomunal dos escravos de outras eras, que, carregando pedras, levantam nossa verdadeira sociedade.

As casas não eram esconderijos, como caixotes uns sobre os outros, em que não se conheciam os vizinhos e que a fuga da convivência era algo completamente desconhecido. Como hoje as casas e apartamentos são gaiolas de medo e solidão em meio à multidão!



Figura 039 – A destruição das matas, desde os anos de 1920, com o corte acelerado de madeiras, como expressa a figura da *Revista Informação Goyana*, de 1920. Acervo de Bento Fleury.

Há um mapeamento para as casas antigas goianas. Construções singelas, rústicas, que utilizavam a matéria prima da própria terra. Paredes levantadas em taipa de pilão, sobre alicerces de grandes pedras tapiocangas; com o barro socado junto ao esterco de gado; ligaduras com arames ou tabocas, ripamento com madeiras retiradas em santa lua. Aroeiras que se eternizaram em esteios, caibros e vigamentos resistentes à inclemência destruidora das eras. Pinturas com a cal ou ocre, seguindo o alinhamento de um tempo já esquecido.

Era o sentido de se fixar residência, conforme destaca Gusdorf (1978, p. 27):

O *universo*, tal como o descreve a ciência moderna, é um espaço indefinido, reduzido à obediência das coordenadas da geografia matemática. Mas o homem real

não vive no universo; ele existe num *mundo*, isto é, no espaço habitado, orientado, segundo a escala da presença humana. Este espaço tem um centro e uma periferia, um horizonte próximo o horizontes distantes que delimitam o quadro da vida; a casa, o quarteirão, a vila, a cidade, a província representam conjuntos de lugares, e de espaços em que o homem estabelece sua habitação.

E assim elas eram feitas, grosseiramente, sem muita ciência ou planejamento, mas com segurança, em portas e janelas descomunais para a entrada e saída de homens tenazes e mulheres destemidas na luta e labuta pela sobrevivência num tempo de tantas adversidades. Tudo era longe, era distante, era difícil. Aqui era o fim do mundo, onde o Judas perdeu as botas, lonjura, oco de mundo, de muita “sozinhez”.



Figura 40 – Abandono era o lema de Goiás no passado, com as vilas se perdendo entre a vegetação nativa. Arraial de Ouro Fino em 1911. Acervo de Bento Fleury.

Como cantou Fernando Perillo: “Goiás é solidão/até por tradição”.

É a visão do habitar, do apropriar, como ressaltou Bachelard (2000, p. 149):

E todos os habitantes dos cantos virão dar vida à imagem, multiplicar todas as nuances de ser do habitante dos cantos. Para os grandes sonhadores de cantos, de ângulos, de buracos, nada é vazio, a dialética do cheio e do vazio corresponde apenas a duas realidades geométricas. A função de habitar faz a ligação entre o cheio e o vazio. Um ser vivo preenche um refúgio vazio. E as imagens habitam. Todos os cantos são frequentados, se não habitados.

E no traçado urbano das cidades antigas, em ruas, vielas, larguinhos, praças, becos, travessas, as casas foram brotando do chão. Algumas de dois lances, grandiosas, sobrados com porões sombrios e escadarias; outras mais simples, recortadas na paisagem dos goiases. Janelas e mais janelas espiando as ruas calçadas de pedras, subindo e descendo ladeiras, em águas centrais, como vias romanas.

Os quintais eram pequenas chácaras com suas privadinhas, bananeiras, cisternas e hortas, na largueza do chão parado.

Na paisagem goiana, os telhados patinados pelo tempo emergiam do fundo verde dos laranjais, das bananeiras e das cajazeiras dos quintais cercados por muros de terra socada, ou de taboca; onde debruçavam jasmims ou os bracinhos pretos das jabuticabeiras ofertando seus frutinhas. Poeticamente, assim eram as ruas goianas num tempo a muito passado.

Há uma Geografia para o espaço da intimidade, neste, Bachelard (2000, p. 207), destaca:

Parece, então, que é por sua “imensidão” que os dois espaços – o espaço da intimidade e o espaço do mundo – torna-se consoantes. Quando a grande solidão do homem se aprofunda, as duas imensidões se tocam, se confundem. Numa carta, Rilke se inclina, com toda a sua alma, para “essa solidão ilimitada, que faz de cada dia uma vida, essa comunhão com o universo, o espaço numa palavra, o espaço invisível que entretanto o homem pode habitar e que o cerca de inúmeras presenças”.

E na consciência do Lugar como ponto de referência da identidade, na categoria geográfica da permanência do homem em seu espaço, as casas goianas foram sendo tecidas pouco a pouco, formando a mancha urbana de tantas vilas, arraiais, distritos ou cidades; cada qual a seu tempo, a seu formato, a sua dimensão, conforme assevera Almeida (2008, p. 140):

O lugar é um produto das relações humanas e entre o ser humano e a natureza, construído por relações sociais que se realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são produzidos pela história e pela cultura de uma dada sociedade, constituindo identidade, uma vez que é nesse espaço que o homem se reconhece porque é o lugar da vida.

No Arraial de Santana de Goiás, depois Vila Boa de Goyaz e mais tarde, em 1818, a Cidade de Goiás, as casas foram construídas sustentadas umas nas outras, agarrando-se no subir e descer de ladeiras, em torno do Rio Vermelho, dividindo-se em dois distritos, do Carmo e de Santana. No traçado desigual de Vila Boa, as ruas marcavam contornos diferentes e eram conhecidas por denominações populares: Rua da Pedra, Rua da Água, Rua das carroças, Rua Direita, Rua da Cambaúba, Rua do Moreira, Beco do Vila Rica, Beco da Cachoeira, Beco do Cisco. Denominações que vieram de tempos imemoriais.



Figura 41 – A montaria, a vida rural e o registro da vegetação do Cerrado e os animais de custeio. Vida do chão goiano. Acervo de Bento Fleury.

Na Geografia de Goiás há, ainda, um espaço para os hábitos alimentares de nossa gente, desde os tempos de antanho. Os sabores, cheiros, temperos, comidas, tradições nas mesas e nos lares, em formas específicas evidenciam o Espaço e eternizam o Território; propiciam ressonância ao Lugar e estão inseridos no contexto da Região, por suas

especificidades; enfim, articula-se em todas as Categorias Geográficas, na identidade e peculiaridade de um determinado povo.

Os estudos sobre a culinária goiana já são antigos, e os mais conhecidos estão nos trabalhos de Henrique Silva, Antonio Americano do Brasil, Divina Pelles, Bariane Ortêncio, Jacy Siqueira e Regina Lacerda. Também, se fazem presentes nos velhos livros de receitas, engordurados, nas antigas cozinhas das fazendas e pelo interior goiano. São os registros e as marcas de nosso povo, nos saberes e comeres pelo Território. Há, sim, uma Geografia peculiar das comidas goianas.

No Cerrado, há plantas que enfeitam a terra, alegam a vista, recriam cheiros, sustentam as criações e os bichos soltos, curam os homens, engrandecem as artes e o folclore, fartam os famintos, dão meios de sobrevivência aos pobres, enchem panelas com coloridos e sabores. Assim é o Cerrado.

Dentre os sabores mais autênticos, mais ligados ao sentimento de chão e de pertencimento está nosso pequi.

Desde os tempos mais remotos da história brasileira, o pequizeiro já se fazia conhecido e apreciado pelos povos brasílicos, além dos animais silvestres e as formigas saúvas, grandes apreciadoras de sua polpa. Uma das primeiras referências ao pequizeiro, árvore da família das cariocariáceas (*cariocar brasiliensis*), foi escrita em 1587, por Gabriel Soares de Souza, ao relatar que apreciava roer a polpa do pequi, mas crua. Naquele tempo, o hábito do cozimento do mesmo ainda não se verificava. Era roído como se roia qualquer fruta do mato, na hora da fome. Também, aparece nos relatos do Padre Francisco Soares, em 1594.

Encontrado em áreas de Mata Atlântica e no Cerrado, no Norte, Nordeste, Sudeste e Centro Oeste do Brasil, o pequizeiro se distribui amplamente no território brasileiro. É possível se fazer, inclusive, um mapa da presença do pequizeiro na Geografia brasileira; fato que daria um interessante estudo.

No Cerrado, seu porte é médio, de mais ou menos seis metros de altura, tronco de casca rugosa, folhas grandes, ásperas e belas flores e frutos amarelados, que, ao caírem se abrem em dois caroços.

Há, neles, esse cheiro muito característico, que não se compara a nenhum, que atrai animais diversos e o próprio homem. Cozidos, são fuxiqueiros e anunciam a todos a iguaria em casa. Não dá para comer pequi escondido!



Figura 42 - Flores e frutos do cerrado. Fotografia de Bento Fleury

A origem semântica do termo pequi vem do tupi *py-quí*, conforme ressaltou o pesquisador Teodoro Sampaio, havendo a etimologia do vocábulo alcançado as expressões: *pequi, piqui, pequií, piquy, pequei, peqii, pikiy e piki*, grafado tantas vezes por nossos primeiros estudiosos e lingüistas e nos curiosos de nossa fauna pelo Brasil afora.

No *Dicionário Prático Ilustrado*, de Jaime de Séquier aparecem expressões distintas como *pequi, pequim e piqui*; Cândido de Figueiredo, em seus estudos, denota *piqui*. Os léxicos contemporâneos assinaram a versão oficial: pequi, nome de cidade, de rio, de região, de restaurante e eternizado nas páginas literárias, com uma belíssima lenda escrita pela contista goiana, Marieta Teles Machado em seu livro *Os frutos dourados do pequizeiro*. Câmara Cascudo, o grande estudioso de nosso folclore e de nossas lendas sempre usou o termo *piqui*.

O seu uso culinário foi muitas vezes controverso. Usado antes como ingrediente de sabão, depois de licor, só mais tarde ao que se sabe, passou a ser utilizado em “comida de sal”, principalmente no frango e no arroz. No Nordeste, usavam sua manteiga em substituição ao toucinho no preparo de alimentos.

Em Goiás, seu óleo também foi usado para iluminação em candeias nos tempos mais remotos. O cheiro da fumaça, segundo relatos, era mais agradável que o azeite de mamona, também de difícil extração.

Segundo os antigos, os mais velhos, a “gente sagaz e dominante” no dizer de Cora Coralina, o pequi era comida “reimosa” que podia abrir perebas pelo corpo, “comida quente”, que podia dar diarreia e podia virar “istracnina no bucho”, se ingerida misturada, principalmente com caldo de cana. Era comer e morrer! Por esse motivo, as crianças

iniciavam o uso do pequi com cuidado, ainda mais pelos espinhos de dentro do caroço. Era preciso “ciência” para saber comer pequi.

Mas, o pequi, conforme Gomes (2008, p. 421), está associado a um sentido mais profundo, já que é uma das espécies mais comuns no Cerrado, possuindo uma distribuição praticamente contínua em suas diferentes formações. “É também uma das espécies mais importantes, muito utilizada pela população. A polpa da semente (putâmen) retirada dos frutos maduros é utilizada como condimento, dando um sabor especial a pratos regionais. Trata-se, provavelmente, da fruta nativa de maior comercialização da região”.

As origens do uso culinário do pequi em Goiás não são inteiramente confirmadas, haja vista a falta de documentação específica. Uns atribuem aos portugueses e bandeirantes, outros aos mineiros e, alguns, aos maranhenses, que desceram pelo antigo norte, trazendo o gosto do uso do fruto lá por suas regiões, geralmente pobres e difíceis. Outros já destacam a influência indígena pelo uso dos frutos do mato. Na verdade, não há fonte segura e oficial.

A alimentação está associada à Geografia pela definição de uma identidade com o Lugar, conforme assevera Morais (1972, p. 49):

A própria utilização dos alimentos animais ou vegetais, ligados às condições ecológicas e geográficas, se relaciona aos valores objetivamente cultivados. Sabe-se que determinadas sociedades interditam certos alimentos por motivos religiosos ou de preconceito. Do mesmo modo, o tipo de alimentação de que se serve uma dada sociedade pode vir de fora, em grande parte, quando dadas condições a isso favoreçam. Inclusive o fato está ligado a vários fatores, como atraso da sociedade em questão, de um lado, ou a grande facilidade de intercâmbio ou comunicação com outras sociedades, do outro.

Na *Chorographia Brasílica* de Aires de Casal, escrita em 1817, traz referência ao *Pikiy* como fruto de uso para a fabricação de velas nas Províncias do Maranhão e Pernambuco (vela com sebo de pequi?!). Relata ainda o escritor, que na província da Paraíba, a iguaria era comida assada.

O pequi é alcunhado de “ouro” do Cerrado, ou também a “paixão regional”, entrando mesmo para o linguajar goiano, quando se enfatiza algo feito à revelia: “É pra acabá com os pequi de Goiás”, tanto a sua difusão. Mas, a destruição do Cerrado o atinge largamente.

O pesquisador Francisco de Oliveira Barbosa destacou em *Notícias da Capitania de São Paulo, da América Meridional*, escrita em 1792, que na Vila de Cuiabá, o pequi era fruta comum, roída como qualquer outra, mas sem uso na cozinha. Já Francisco Adolpho de

Vernhagen em *História geral do Brasil* destacou o uso do pequi pelos nordestinos que dele retiravam o óleo usado para frigar e temperar o comer e fazer pão.

No livro *História da missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão*, escrito pelo padre Claude d'Abbeville, em 1614, classifica o que chama de *pequei*, e mostra o seu uso como fruto aferventado e comido, isso há 400 anos!

Com a derrubada do Cerrado, em Goiás, para as grandes lavouras de soja, cana, algodão e outros, os pequizeiros foram levados pelo tempo. Sobraram aqueles nos pés de serra, nas matas preservadas, em locais muito distantes. Mas, nas feiras, por época de temporada, o pequi é o colorido, com seu cheiro a apetecer os goianos, a abrir lembranças agradáveis dos antigos fogões de roça, com seus panelões abarrotados dos frutos, cozidos no arroz amarelinho ou no frango bem temperado.

Hoje, há um grande marketing em torno dos sabores do Cerrado. Os picolés e sorvetes de Araçá, araticum, pequi, mangaba, brejaúba, buriti, gabioba, cagaita, cajá, jatobá e outros são encontrados e apreciados largamente no mercado goiano, e até do Brasil. São mais de 40 sabores articulados. O problema, hoje, é encontrar a matéria prima, pois a destruição do Cerrado tem sido rápida e em larga escala. Ações predatórias do Bioma têm avançado de maneira vertiginosa.

Uma das práticas salutares sobre o Cerrado tem sido o turismo, conforme assevera Oliveira (2010), que vem crescendo vagarosamente, ao deixar a franja litorânea para a redescoberta do interior. Turismo sustentável seria uma das fontes de preservação do pouco que restou.

Na maneira de morar, na forma de comer, as muitas nuances do povo Cerradeiro se derramando pelo chão de Goiás.

Assim, nesse inventário, por meio do olhar geográfico que vê o Cerrado e a Literatura acerca do mesmo, nos diferentes estilos e autores cronologicamente separados, será possível registrar a participação do escritor no processo cultural do Estado, evidenciando, principalmente, aqueles que foram relegados ao esquecimento. Registrar, documentar, analisar e divulgar o universo da participação desses escritores em suas produções acerca do Bioma-território Cerrado é uma das propostas dessa presente Tese, como já se mencionou.

No bojo das discussões acadêmicas e científicas o Cerrado está presente, em diferentes visões, conforme atestam as publicações de jornais e cartazes.



Figura 43 – *Jornal da UFG* expondo a SBPC que discutiu o Cerrado e a imagem de um papiro da Serra Dourada. Fonte: *Jornal da UFG*, julho de 2011. E, ainda, Cartaz sobre o Dia do Cerrado, 11 de setembro, expondo o buriti. Acervo de Bento Fleury

Centrados no fator do pioneirismo, buscamos selecionar em documentos históricos e em arquivos, as primeiras manifestações na arte literária em Goiás que, na busca de abertura de espaço para expressão, conseguiram extrapolar limites e contribuíram para a construção de um pensamento e de uma história até então sob expressão literária com nuances externos. Aos primeiros que buscaram o Lugar, a Região como tema, constitui o início dessa pesquisa

E no encerramento do primeiro Capítulo ressaltamos que, na visão do Cerrado em múltiplas facetas, foi possível descortinar sua importância no cenário de nossa economia, cultura e sociedade e assoprando essas brasas dormentes, uma grande chama aviva o calor que outrora aqueceu o ideário literário em Goiás e, na intensidade de labaredas cada vez mais intensas rubras, agora e no futuro, estará garantida a permanência do Bioma-território Cerrado no lugar de destaque, reconhecido por grandes autores, no seu valor como constituinte de um povo com suas tradições, usos e costumes.

Nas obras de arte, materiais de divulgação o Cerrado está sempre presente, como atesta o Calendário temático produzido por Evandra Rocha, na concepção artística do Bioma-território ao longo da história.



Figura 45 – Calendário das flores do Cerrado, em 2004, concepção da artista plástica Evandra Rocha. “Coleção flores do cerrado”. Acervo de Evandra Rocha.

É inegável o pensamento de que o Cerrado vai acabar. E dele mais nada restará, senão um sentimento de prejuízo incalculável, em nome dos jogos políticos e econômicos em nome de um questionável progresso, infelizmente. Há ainda tentando, no lodaçal das incompreensões, todo um grupo de pessoas e entidades que lutam, mas pouco conseguem fazer dado o poder concentrado nas mãos daqueles que destroem pela incúria e pela ambição.

Podem ser destacadas ações como a **Rede Cerrado - Rede de Ciência e tecnologia para a conservação e uso sustentável do Cerrado**, que foi criada no âmbito do MCTI do Meio Ambiente por meio da portaria 319, de 07 de maio de 2009. Visa estimular o intercâmbio de conhecimento entre instituições acadêmicas e diferentes setores da sociedade, aprimorando a governança socioambiental no Cerrado. Também, a Criação do **Dia Nacional do Cerrado**, com cartazes e programações todo ano, em 11 de setembro, além da **Ong Eco-**

Cerrado, criada nos anos de 1990, com o objetivo de difundir práticas sustentáveis do Cerrado. O início foi com a TV Brasil Central.

Podem ser lembradas, outras ações como a criação do **Fórum dos Secretários Estaduais de Meio Ambiente do Bioma Cerrado**, em 2011, englobando quatorze Estados, mas o maior é Goiás com quase todo o seu território coberto por Cerrado. A criação da **Carta do Cerrado** em 2012 na Rio + 20, que cobrou do Governo Federal a aprovação do Projeto de Emenda Constitucional que institui o Cerrado como Patrimônio. Também a criação do “**Projeto Malha**”, que busca reduzir os impactos de atropelamentos de animais do Cerrado nas rodovias que cortam o Estado, com um banco de dados preciso sobre o acesso desses animais e a tentativa de criar corredores meso perigosos para os bichos. Ainda na 63ª Reunião Anual da SBPC em Goiânia, de 10 a 15 de julho de 2011, o tema foi “**Cerrado: Água, alimento e energia**”, em que o foco foi na preservação do Cerrado.

Também, a criação dos parques municipais, estaduais ou federais possui muitas funções, ao permitir que a população urbana ou rural tenha acesso ao patrimônio precioso de uma cobertura vegetal, que em si tem características primordiais e iniciais de nossas florestas virgens de outrora, o que propicia a aprendizagem dos jovens estudantes em relação à formação botânica.

Ainda, pelo seu patrimônio genético, o que favorece também o estudo sobre sistemática, anatomia e fisiologia vegetal e pesquisa sobre palinologia, com as técnicas avançadas do presente, como caracteres moleculares, métodos de estudos de cromossomas, na classificação e conhecimento mais profundo das plantas.

Em Goiás, há diversos parques como: Parque nacional das emas; Parque nacional da chapada dos veadeiros; Parque Estadual Altamiro de Moura Pacheco; Parque Estadual da Serra de Caldas Novas; Parque Estadual de Paraúna; Parque Estadual dos Pirineus; Parque Estadual da Serra Dourada; Parque Estadual Telma Ortegá; Parque Estadual Terra Ronca.

Na Região Metropolitana de Goiânia há também diferentes parques e reservas como: **Bosque José Eduardo Nascimento** (Parque das Amendoeiras, Região Leste); **Parque Municipal Liberdade** (Setor Jaó, Região Norte); **Parque Municipal Taquaral** (Residencial Goiânia Viva, Região Oeste); **Bosque do Café** (Setor Santa Genoveva, Região Norte); **Parque Municipal Sabiá** (Parque das Laranjeiras, Região Sudeste); **Parque Municipal Flamboyant Lourival Louza** (Jardim Goiás, Região Sudeste); **Parque Municipal Beija-Flor** (Setor Jaó, Região Norte); **Bosque Boa Vista** (Bairro Boa Vista, Região Noroeste); **Bosque Bougainville** (Setor Parque das Laranjeiras, Região Sudeste); **Parque Municipal**

Fonte Nova (Jardim Fonte Nova, Região Noroeste); **Parque Municipal da Lagoa** (Parque Industrial João Braz, Região Oeste); **Parque Municipal Itatiaia** (Conjunto Itatiaia, Região Norte); **Parque Municipal Nossa Morada** (Residencial Nossa Morada, Região Norte); **Bosque Índia Diacuí** (Divisa dos setores Araunã 1 e Riviera Park); **Parque Municipal Carmo Bernardes** (Parque Atheneu e Jardim Mariliza, Região Sudeste); **Parque Municipal Cascavel** (Jardim Atlântico, Região Macambira/Anicuns); **Bosque das Laranjeiras** (Parque das Laranjeiras); **Parque Municipal Jerivá** (divisa dos Setores Vila Vera Cruz, Vila Fernandes e Centro-Oeste, Região de Campinas); **Parque Municipal Gentil Meirelles** (Conjunto Gentil Meirelles, Região Vale do Meia Ponte); **Bosque dos Buritis** (Setores Central e Oeste, Região Central); **Parque Municipal Botafogo** (Setores Central e Leste Vila Nova, Região Central); **Parque Municipal Sullivan Silvestre – Vaca Brava** (Setor Bueno, Região Sul); **Lago das Rosas/Parque Zoológico** (Setores Central e Oeste, Região Central); **Parque Municipal Areião** (Setores Pedro Ludovico, Marista e Sul, Região Sul); **Parque Municipal Leolídio di Ramos Caiado** (Setor Goiânia 2, Região Norte); **Parque Municipal Baliza** (Conjunto Baliza, Região Sudoeste); **Parque Municipal Vale dos Sonhos** (Residencial Vale dos Sonhos, Região Norte); **Parque Municipal Campinha das Flores** (Setor Campinas e Vila São José, Região de Campinas); **Parque Municipal Bernardo Elis** (Setores Celina Parque e Novo Horizonte, Região Sudoeste); **Parque Municipal Itaipú** (Setor Jardim Itaipú, Região Sudoeste); **Parque Municipal Curitiba** (Jardim Curitiba, Região Noroeste); **Jardim Botânico Amália Hermano Teixeira** (Divisa entre o Setor Pedro Ludovico, Vila Redenção, Bairro Santo Antônio e Jardim das Esmeraldas, Região Sul).

No interior há algumas reservas e bosques como em Anápolis com o Parque Ambiental Ipiranga bairro Jundiáí, ao lado da Av. Pinheiro Chagas e foi inaugurado em dezembro de 2010; Parque da Liberdade, inaugurado no início de 2013 bairro Dom Pedro II, no final da Av. Getulino Artiaga; Parque JK, localizado no bairro do mesmo nome; Parque Senador Onofre Quinan, também conhecido por Parque da Juventude, está localizado na bairro Nações Unidas; Parque Ambiental Cidade Jardim, localiza-se entre os bairros Cidade Jardim e Vila Santa Maria de Nazareth; Parque Antônio Marmo Canedo, conhecido como Parque da Matinha, localizado no Bairro Maracanã. Em Aparecida de Goiânia o Parque Municipal Serra das areias e outros em algumas cidades mais interessadas no desenvolvimento da políticas sustentáveis, o que não é muito comum.

Há, no Estado, diversas unidades de conservação federais, tais como: Área de Proteção Ambiental Meandros do Araguaia - São Miguel do Araguaia, Nova Crixás/GO, Cocalinho/MT e Araguaçu/TO; Área de Proteção Ambiental Nascentes do Rio Vermelho - Mambaí, Damianópolis, Posse e Buritinópolis; Floresta Nacional da Mata Grande - São Domingos/GO; Floresta Nacional de Silvânia – Silvânia; Reserva Extrativista Lago do Cedro - 17.337,61 hectares – Aruanã.

Em nível de Estado há também algumas unidades de Conservação Estaduais como: Parque Estadual de Paraúna – Paraúna; Parque Estadual do Araguaia - São Miguel do Araguaia; Parque Estadual da Serra Dourada - Mossâmedes, Goiás e Buriti de Goiás; Parque Ecológico da Serra de Jaraguá – Jaraguá; Parque Estadual Telma Ortegal - Abadia de Goiás; Parque Estadual de Terra Ronca - São Domingos / Guarani de Goiás; Parque Estadual Altamiro de Moura Pacheco - Goiânia / Goianópolis / Teresópolis / Nerópolis.

Também há diversos grupos de Uso sustentável como: APA do Encantado – Baliza; Floresta Estadual do Araguaia - São Miguel do Araguaia; Área de Proteção Ambiental João Leite - Goiânia, Terezópolis de Goiás, Goianópolis, Nerópolis, Anápolis, Campo Limpo, Ouro Verde de Goiás; Área de Proteção Ambiental Serra das Galés e da Portaria – Paraúna; Área de Proteção Ambiental Pouso Alto - Alto Paraíso de Goiás/ Cavalcante/Nova Roma/ Teresina de Goiás/São João D’Aliança; Área de Relevante Interesse Ecológico Águas de São João - Cidade de Goiás (Distrito de São João); Área de Proteção Ambiental da Serra Dourada - Cidade de Goiás / Mossâmedes; Área de Proteção Ambiental da Serra dos Pireneus - Pirenópolis, Cocalzinho de Goiás e Corumbá de Goiás; Área de Proteção Ambiental da Serra Geral de Goiás - São Domingos e Guarani de Goiás; Área de Proteção Ambiental Serra da Jibóia - Palmeiras de Goiás/Nazário.

Há ainda Unidades de Conservação Municipal como: Parque Municipal Abílio Herculano Szervimskis - Alto Paraíso de Goiás; Parque Municipal do Distrito de São Jorge - Alto Paraíso de Goiás; Parque Municipal Ecológico Mata da Bica – Formosa; Parque Municipal do Itiquira – Formosa; Parque Municipal da Cachoeirinha – Iporá; Parque Municipal Cidade de Pedra – Ivolândia; Parque Natural Municipal das Orquídeas – Piracanjuba; Parque Municipal Lavapés – Cavalcante; Parque Municipal Serra da Areia - Aparecida de Goiânia; Parque Ecológico Jatobá Centenário – Morrinhos.

Há, também, o que se qualifica como Reservas Particulares do Patrimônio Natural – RPPN. Esta é área de domínio privado a ser especialmente protegida, por iniciativa de seu proprietário, mediante reconhecimento do Poder Público, por ser considerada de relevante

importância pela sua biodiversidade, ou pelo seu aspecto paisagístico, ou ainda por suas características ambientais que justifiquem ações de recuperação. Pode ser instituída em qualquer das esferas de governo.

Em Goiás, há: Sítio Estrela d'alva, na Cidade Ocidental; Reserva Ecológica Rio Vermelho, em Britânia; Biosantuário Trajeto Cerrado, em Colcalzinho de Goiás; Reserva biológica Serra Dourada, em Trombas; Reserva Pousada das Araras, em Serranópolis; Reserva Ecológica Cachoeira das andorinhas, em Aporé; Reserva Boca da mata, em Aruanã; Reserva João de Barro, em Santo Antoniodo Descoberto; Reserva Ponta do Jaburu, em Nova Crixás; Fazenda Cachoeirinha, em Padre Bernardo; Reserva Banana Menina, em Hidrolândia; Reserva itapuã, em Luziânia; Reserva Cachoeira das Pedras Bonitas, em Colinas; Chácara das Mangueiras, em Goiânia; Reserva Santa Mônica, em Corumbá; Fazenda Bom Sucesso, em Goianapolis; Fazenda Santa Branca, em Terezópolis; Fazenda Palmeiras, em Palmeiras de Goiás; Fazenda Jaguanês, em Paraúna; Fazenda Santa Luzia, em Itaberaí; Apa da Lagoa, em Planaltina; Fazenda Cachoeira do Profeta, em Planaltina; Fazenda Vale dos sonhos, em Alto Paraíso; Fazenda Varanda da serra, em Cavalcante; Fazenda Vaga fogo, em Pirenópolis; Fazenda Vereda do Gato, em Cristalina; além de outras.

Talvez do Cerrado vivo, reste apenas esses lugares, que num futuro distante, serão joias preciosas que ainda estarão no mundo; um mundo devastado e sujo na urbanidade. Outra boa iniciativa foi a criação do **Projeto Embrapa Cerrado** em que espécies nativas do Cerrado são reproduzidas e melhoradas na produção de mudas, notadamente o pequi; além do “**Mercado de flores silvestres do Cerrado em Goiás**”, criado pelo SEBRAE em 2009, no sentido de reproduzir para comercialização, as espécies de flores do Cerrado, em especial as orquídeas do mato. Também como o **Centro de pesquisa agropecuária do Cerrado (CPAC)** busca recuperar parte do saber popular regional sobre a biodiversidade.

A se pensar em iniciativas culturais em prol do Cerrado, foi criado o projeto “**Frutos do Cerrado**”, tema do 6º Festival Gastronômico da Cidade de Goiás em que foram montados pratos específicos apenas com os frutos do Cerrado e diversos outros. Em especial, pratos criados como “costela do porco ao perfume de mangaba”, “Crepe flor de ipê”, “Torta de chocolate meio amargo com recheio de cajazinho”, “Costelinha de porco confitada acompanhada com arroz com castanha de coquinho do cerrado dourada na manteiga e farofinha de banana da terra”; “Crips de frango em lascas, salsa, vinagrete refrescante e velouté de cajuzinho com pinga de mutamba”; “Galeto semidesossado, selado e assado, duxele de pequi”; “Frango na geleia de cagaita”; “Arraia grelhada com crosta de baru”;

“Cassoulet com feijão branco, guariroba, açafrão da terra”; “Porquinho de Goiás com manteiga de baru”; “Lombo suíno recheado com guariroba”. Ao que se noticiou, o mesmo foi um sucesso inusitado.

Outras iniciativas culturais a respeito da preservação do Bioma Cerrado ainda podem ser enumeradas como: Oficinas sobre “**Reaproveitamento do Cerrado**” “Feia Goiânia mostra Artesanato” no Grande Hotel da Avenida Goiás. O **Projeto Semeando o Cerrado, da Rede de Sementes do Cerrado**, com curso de capacitação para plantio, oferecido pela Faculdade de Agronomia da UFG, desde 2014, com o objetivo de reconhecer e plantar as árvores nativas retiradas. O **Projeto Alerta Cerrado**, instituído com folders e calendários com alertas sobre a destruição do Bioma. 1999. O **Projeto Folclore do Cerrado**, criado pelo Instituto do trópico subúmido da PUC-GO, dirigido por Horieste Gomes, com publicações diversas. A **Produção de óleos vegetais a partir de frutos do Cerrado** – Projeto implantado em 2011 pela ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás natural Biocombustível), com produtos a partir do Bacuri baru, buriti, jerivá, macaúba, manguba, fava de sucupira. A **Coopcerrado (Cooperativa mista dos agricultores familiares, extrativistas, pescadores, vazanteiros e guias turísticos do Cerrado)**– Cooperativismo, agricultura familiar e agroextrativismo.

Também o **Projeto ABCerrado**, desenvolvido no entorno de Brasília para a sustentabilidade e a **Matomática**, ensinando com os símbolos do cerrado; o **Projeto Pró-cerrado da prefeitura de Jussara** – Mudanças do cerrado nas escolas; **Projeto Pró-Cerrado** – Crianças em estágios nas empresas, ainda a **Cooperativa Bordana**, de artesanato têxtil, que reproduz as belezas do Cerrado. Radicada em Goiânia, assim como o **Projeto Cerrado Sustentável Goiás – PCSG** - parte integrante da Iniciativa Cerrado Sustentável, que inclui quatro projetos com o objetivo comum de conservar a biodiversidade do Cerrado, pelo fortalecimento das instituições ambientais, especificamente a Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (SEMARH), o Conselho Estadual do Meio Ambiente (Cemam) e o Fundo Estadual do Meio Ambiente (FEMA); o Goiás Gira arte – Cerrado – Ciranda da Arte; o Projeto pé de cerrado – Ceres; o Projeto Biomas – UFG – Engenharia florestal; Projeto Memórias do cerrado – SEDUCE; Projeto cerrado vivo; Projeto Pró-águas do cerrado; Projeto fruteiras do cerrado – Catalão; Projeto Cerrado que que te quero vivo – Diorama; Projeto Biodiversidade do cerrado – UEG; Proposta do Parque do Cerrado no lugar do Parque Agropecuário.

Quanto à produção artística, podem ser lembrados os livros infantis goianos, com temática do Cerrado, tais como: *Coração do Cerrado*, de Eunice Puhler . Editora do Brasil, 2002; *Menino do Cerrado* – Eunice puhler – Editora do Brasil; *Deu queimada no Cerrado* – Diane Valdez e ilustração de Lenice Marques – Cãnone Editorial – 2011. Essas obras, bem ilustradas, trazem curtas narrativas, infantis, sobre a necessidade de preservação do Bioma.

Há belos álbuns e livros de arte, pintura e fotografia, que bem preservam o ideário do Cerrado, como: **Livro *Ilustrando o Cerrado*** – Geni Alexandria – Publicado em 2009 pelo Iphan, em que a artista plástica ilustra 86 páginas sobre o Cerrado. Ela é paulistana, mas mudou-se criança para Goiás e passou a amar o Cerrado. O **Álbum fotográfico *Grande Oeste***, de Rui Faquini, fotógrafo profissional, natural de Morrinhos, publicado em 1999 pela LGE Editora de Brasília, com 120 páginas sobre o Cerrado, em papel Couchet, em formato álbum. O Livro/álbum **“Flores e frutos do Cerrado”**, em edição bilíngue, elaborada por Carolyn Proença, Rafael Oliveira e Ana Palmira Silva, todos, professores da UNB. Também o Livro/álbum **Cerrado – Vastos espaços**, de Salvador Monteiro e Leonel Kaz, publicado pelas Edições Alumbramento em 1993. Assim como o Livro/álbum **Estrada Colonial no Planalto Central – Uma viagem em baixa velocidade**, escrito e composto por Rui Faquini, Bismarque Villa Real e Victor Leonardi, publicado em 2006. Há belíssimas fotos do Cerrado e da região de Planaltina, Luziânia, Jaraguá, Formosa, Cidade de Goiás, Pirenópolis. E a obra ***Arborização urbana do Distrito Federal – História e espécies do Cerrado*** - Publicado pelo Senado Federal em 2008, em homenagem ao 50º aniversário da NOVACAP.

Há, também, o Livro/álbum **A vegetação da Cidade de Goiás e redondezas**, publicado por José Angelo Rizzo, com fotos e textos sobre o Cerrado da Serra Dourada e os morros que circundam a Cidade de Goiás. O livro/álbum **Goyaz e Serradourada**, de Luiz Augusto do Carmo Curado, que mostra fotografias do Cerrado, no começo do século, publicado em 1996; o livro/álbum **O jardim da vida**, publicado por Evandra Rocha e Carlos Rodrigues Brandão, sobre as belezas do Cerrado.

Outros tipos de manifestação artística também evocam o Cerrado, como o Calendário **“Flores do Cerrado”**, com desenhos da artista plástica Evandra Rocha, natural de Rio Paranaíba, Estado de Minas Gerais, patrocinado pela Viação Araguaína e Rápido Araguaia, no ano de 2004, com pinturas de 24 espécies do Cerrado e descrição e uso das mesmas; a produção do CD **“Segredos do Cerrado – Cantigas da Sombra e da claridade”**, do grupo da PUC-GO e ITS; assim como a **“Exposição itinerante Cerrado – Conhecer para**

preservar”, do artista plástico e ambientalista João Caetano. Também a exposição **As cores do Cerrado**, itinerante de Sanatan, (Gidel Alves Feitosa) artista que ama o Cerrado e o reproduz de forma veemente; bem como a **Exposição Fotográfica Parque Nacional das Emas em preto e branco** por André Monteiro e curadoria de Weimer Carvalho, no Ipê Shopping, de Mineiros, em 2014; a **Revista Cerrado**, publicada pela Ong Eco Cerrado em 1999.

Aparecem ainda o **Monumento Flor do Cerrado**, de Oscar Niemeyer, erguido em Brasília, como torre digital, lançada no governo Agnelo Queiroz, com 120 m construídos e estacionamento para 746 veículos. Lago Norte em Brasília; o **Arraiá do Cerrado**, que acontece todo ano na Praça Cívica em Goiânia; bem como o Grupo musical *Os passarinhos do Cerrado*, com direção de Lázaro Tuim, o **Projeto baque do cerrado** – música, bem como o **Jornal Cerrado em Rede**, publicado pela Coopcerrado.

São iniciativas benéficas que existiram e que existem e que são as únicas formas de preservação possível ao menos por enquanto, para que o pouco, o muito pouco do Cerrado real, ainda possa existir.

Geograficamente, o Cerrado se derramou em significados no passado e no presente. Lugares, regiões, ruas, cidades, bairros, distritos, povoados, eternizaram o Bioma. Ao menos assim, no futuro, quando o Cerrado original estiver apenas nos escritos, sobrarão os nomes para recordar. Há nomes poéticos, inspirados, nomes estranhos, inventados e até nomes exóticos para os Lugares, em Goiás, antigamente.

No Censo rural de 1920, feito em Goiás, aparecem as regiões que, naquele tempo, perpetuaram o Bioma. Eram, Regiões, os lugares das fazendas ou os nomes das próprias fazendas. Nelas, o Cerrado está derramado por inteiro: No município de **Anicuns**: Mata, Guariroba, Fundão, Olhos d’água, Boa vista da mata, São João da mata, Mata dos Gomes, Serra da Boa Vista, Catingueiro da água clara, Morro do chapéu Cachoeira de São José, jenipapo, Santa Maria do Mato dentro, Capoeirão da cruz, Ribeirão, Mato seco, Rio das pedras, Cachoeira, São Bento das Guarirobas, Mutum, Santa Cru do fundão, Cachoeira, Buriti, Ruibarbo, Cana brava do turbo, Fundoso. Córrego azul. Campo limpo das flores. No município de **Anápolis**: Barreiros, Guarirobal, São João das Antas, Campo largo, Capão grande, Matinha, Pedras, Lagoa formosa, Buracão, Pindobal, Retiro, Córrego da posse, Água branca, Serra verde, Córrego sossego, Capivara, Cabeceira da capivara, Córrego do meio, Coqueiros, Córrego da mumbuca, Tanque da capivara abaixo, Boa esperança da capivara, Rio

Meia Ponte, Córrego rico, Mata dos Gonçalves, Fazenda Cachoeira, Serra, Barra da cachoeira, Trahyras, Cedro.

No município de **Bela Vista de Goiás**: Vargem grande, vargem bonita, vau das pombas, mato feio, barro amarelo, areião, Barro do Conceição, Sussuapara, Gameleira. No antigo município de **Bonfim de Goiás**: Água clara, Tamboril do quilombo, Três capões, Morro feio, Poções, Chapadinha, Buritis, Terra vermelha, Córrego Fundo, Aroeiras, Mato dentro, Rio dos bois, Água suja, Rio preto, Mato grande, macaúba. No município de **Buriti Alegre**: Morro azul, Córrego bonito, Ribeirão do buriti, Vertente rica, Vertente rica do ribeirão, Coqueiros. Em **Caldas Novas**: Laje, Perdizes, Capão grosso, Papuã, Água quente, Bálsamo, Serrinha, Jacuba, Bocaina, Córrego da onça, Retiro alto. Em **Campinas**: Gameleira, Campinas, Fazenda Buriti do saltador, Arranca toco, Faveira, Caveira, Pau d'óleo, Angelim, Matado meio, Capão da lagoa, Boca do mato.

No município de **Campo Formoso**: Campo aberto, Saracura, Amoras, Areia de baixo, Água grande, Córrego do ouro. De **Catalão**: Mata preta, Cabeceira do riacho, retiro da margem, Vazante, Posse do riacho, Mata dos Felipes, Jucuba de Cambaúba, Pé de morro, Campos limpos, Lagoa, Córrego do sapé, Grotão, Buracão, Morro agudo, Cerradão, Boqueirão, Angical, Jambeiro, Santo Antonio do Rio Verde, Cabaças, Anta gorda, Riacho fundo. De **Corumbá**: Olaria das matas, Rasgão, Canela de ema, Deserto. Em **Corumbaíba**: Córrego do cerrado, Pindaíba, Travessão, Periquitos, Buracada, Serra negra, Cova funda, Cabeceira do muquém, Cabeceira das piteiras, Cabeceira do Pacu, Córrego seco, Serrinha, Taperão, Mata roxa.

No município de **Cristalina**: Esbarrancado, Marrecas, Cabeceira do São Firmino, Buriti grande, Brejo, Brejo d'água, Serra velha. Em **Currãozinho**: Barro amarelo, São João do barreiro, Capoeira do meio, Mata do Pará, Brejão, Pastinho, Brejo alegre, Borda da mata, Lagoa velha, João Congo, Mato dentro, Inumas, Brejo grande da Conceição, Sertãozinho, Serra da Conceição. No município de **Formosa**: Formiga, Cantinho, Vereda, Passagem do morro, Estreito, Limpo do pesqueiro, Mata verde, Pindaíba do Rio Preto, Mourões, Raiz, Buritivermelho, Cabeceirinha, Curral queimado, Água represada, Fatura, Riacho do pé, Sucuri, Quebradas, Saco do barreiro, Xixá, Caraíbas, Boqueirão da cana brava.

No município de **Jaraguá**: Estiva, Raizama, Calção de couro, Bebedor, Embira branca, Cascalho, Margem da cachoeira, Boa vista do fundão, Acaba vida, Sulapão, Cana do reino, Vertentes, Bálsamo da lagoinha, Cabeceira da lagoinha, Córrego comprido. Já em **Jatahy**: Jatahy, Pombal dos varões, Campo belo, perobas, Invernadinha, Picada. Em

Mineiros: Monte alto, Faveiro, Urtiga. Em Morrinhos: Macuco, Conta de lágrima, Detrás do morro, Araras, Cerradão, Várzea do campo, Cava dos marimbondos, Vargem das flores. E em **Palmeiras:** Vereda das dores, Caminho do Turvo, Vereda grande, Cabaça do Turvo, Quebra pito, Saltador do Turvo, Barra da capivara, Santo Antonio dos Poções, Morro agudo, Invernada, Desbarrancado, Imbé, Jatobá, Pedra de amolar.

Em **Pilar:** Grimpa, Mata do café, Lambedor, Bacaba, Sucupira torta. No município de **Planaltina:** Tucuns. Em Posse: Barriguda, Taboa, Pequizeiro, Assa-peixe. Em Pouso Alto: Terra quebrada, Roda cuia, Garapa, Água tirada, Três paus. Em **Pirenópolis:** Pau lavrado, Vargem querida, Piteira, Monte de pau. Já em **Rio Verde:** Rio verdinho. Em Santa Cruz: Córrego da chuva, Gerivá, Mata velha, Galhos, Cabaça de mel. Em **Trindade:** Terra podre, Barranco, Barro branco, Barro preto, Forquilha, Arrozal, Burgre, Fundão, Espigão, Vertente da mata. Em **Ypameri:** Moitas, Éguas de cima, Buriti saudoso, Mata do urubu. Em **Goyaz,** que era capital: Buriti queimado, Água espriada, Ponte do angico, Capim puba, Paredão, Serra do mergulhão, São Sebastião da Vargem grande, São Sebastião do Cerrado, Mato fresco, São Sebastião do rio do Peixe, Tatu, São João da água fria, Santo Antonio das grotas, São João do Amparo, Jacuba da vertente.

Os topônimos antigos de Goiás, também evocavam o Cerrado e os seus múltiplos significados. Muitos foram mudados. São exemplos emblemáticos: Cerrado (Nerópolis), São Sebastião do Ribeirão (Guapó), Pequizeiro, Pequi, Xixá, Campo formoso (Orizona), Inhumas, Catingueiro grande, Turvânia, Olhos d'água, Jandaia, Itaberahy, Itapirapuã, Papuã, Barro preto, Sussuapara, Piracanjuba, Mazargão, Campinas, Corumbaíba, Jatahy, Planaltina, Esplanada, Meia ponte, Rio verde, Santa Rita do Paranaíba, São José do Turvo, São João da Paraúna, São José do Duro, São José do Tocantins, Trahyras, Entre rios, Urutahy, Cumary, Água fria, Água limpa, Águas lindas de Goiás, Olhos d'água, Rio das antas, Sapezal, Chapada, Serra do caiapó, Campo limpo, Santana das Antas, Santana dos campos ricos, Rádio caraíba, Aparecida do Rio doce, Santo Antonio das Grimpas, Taboca, Bonópolis, Buriti alegre, Buriti de Goiás, Buritizinho, Córrego do ouro, Cabeceiras, Buritinópolis, Cachoeira alta, Cachoeira dourada, Cachoeira de Goiás, Torres do Rio Bonito, Caldas Novas, Campestre, Campinaçu, Campinorte, Campininha das Flores, Campo Alegres de Goiás, Campos Belos, Campo Limpo de Goiás, Campos verdes, Rio do peixe, Chapadão do céu, Córrego do ouro, São Sebastião dos Cristais, Gameira, Samambaia, Santo Antonio da Capoeirão, Gameileira, Serra da Matinha, Capim puba, Monchão do Vaz, Itauçu, Itarumã, Itapuranga, Lagoa Santa, Montes claros de Goiás, Trombas, Morrinhos, Mutunópolis, Barro

alto do vão dos angicos, Terra quebrada, Mateira, Barranca, Abadia doParanaíba, Rubiataba, Santa Rita do Pontal, São Miguel do Araguaia, São Miguel do Passa quatro, Esplanada, Serranópolis, Taquaral de Goiás,Boa Vista do Matão, Santo Antonio do Alegrete, Pau terra(Povoado de Minaçu), Pequi (Povoado de Mara Rosa), Cedro (Povoado de Trindade), São Sebastião do Salobro (Araçu), São Sebastião do Rio Claro (Jussara).

Muitos bairros de Goiânia também evocam o Cerrado como: Jardim do cerrado, Residencial recanto do bosque, Residencial brisas das mata, Residencial morada do ipê, Residencial ipê, Residencial recanto das garças, Residencial balneário meia ponte, Sítios ipês, Setor esplanada do Anicuns, Setor jaó, Setor campinas, Residencial vereda dos buritis, Residencial recanto dos buritis, Setor parque dos buritis,Residencial vale das brisas. Há uma variação, pois no Jardim Marilizia, todas as ruas são nomes de espécies vegetais do Cerrado. Em **Aparecida de Goiânia** há o Setor serra das brisas, Residencial caraíbas, Setor buriti sereno, Setor morada dos pássaros, Residencial Carajás.

E o Cerrado, mesmo agonizando, continua a ser eternizado em nome de estabelecimentos comerciais, como nos exemplos: Buriti antenas, Auto escola buriti, Balanças aroeira, Complexo vale do cerrado, O pequi – Design Comunicação visual, O pequi – Jornal em Senador Canedo, Cerrado imóveis, Buriti Shopping, Marcenaria jatobá, Restaurante flor do ipê, Restaurante aroeira, Beira da mata materiais para construção. Programa beira da mata, Programa República livre do cerradão, Restaurante flor do pequi, Flamboyant shopping center, Cerâmica tapuia, Cerrado tratores. Jornal *O buriti* em Buriti Alegre. **Shopping Cerrado**, em construção na Avenida Anhanguera, no Setor Aeroviário, além de muitos outros.

Há também centenas de ruas de Goiânia com os nomes de espécies de Cerrado como: Rua amburana, Rua angico, Rua arnica, aroeira, bálsamos, bacuri, babaçu, buriti, caraíba, copaíba, gabiroba, guapeva, guariroba, guatambu, imbaúba, imbuia, ingás, ipê, ipê amarelo, ipê roxo, jaburu, jacarandá, jaó, jatobá, jequitibás, juritis, mangaba, mogno, murici, mutum, paineiras, tamboril, araticum, além de muitas outras.

Assim, o Cerrado continua “visível” nos seus nomes e nas suas denominações, mas, ao mesmo tempo continua sendo tragado velozmente pela incúria e irresponsabilidade de tantos, no exagero pelo lucro e pelo dinheiro.

Este primeiro Capítulo intitulado “**Goyaz – Goiaz - Goiás – Expressões telúricas de uma terra imemorial, abrigada na placenta verde dos campos**” buscou destacar sobre a origem do Estado de Goiás, seus fundamentos históricos e geográficos e o

ideário de Lugar, ou seja, a estratificação da gênese da formação goiana e o entendimento da relação do homem com o seu meio; além da visão da ocupação do Cerrado pelos primeiros habitantes de Goiás, e o sentimento de identidade e pertencimento desse mesmo povo; suas evoluções ou não na perene caminhada de geração a geração, na formação da gênese histórica.

Dessa forma foram estudados os fundamentos históricos do surgimento da Capitania de Goyaz, depois Província de Goyaz e mais tarde o Estado de Goiás, com toda a sua gênese histórica, os primeiros tempos da colonização e ocupação e permanência no espaço, a identidade goiana, os limites geográficos, os ciclos do ouro e o agropecuário, o sentimento de pertencimento do povo, até as primeiras manifestações culturais que solidificaram, portanto, o ideário de goianidade; a ligação do goiano com a natureza, no caso específico o Cerrado, os primeiros usos e os abusos em relação ao uso dessa natureza; os primeiros mapas, hábitos, costumes, modismos, culinária, receituário, uso do Cerrado e a constituição de uma identidade goiana à luz de sua especificidade.

Assim, é possível perceber que a ficção não se nutre apenas de fantasia, ao contrário; ela depende dos lugares nos quais a ação se desenrola. Por mais que escritores inventem enredos, o espaço; quando real, é profundamente determinante. É perceptível e forte a força dos locais de verdade no universo volátil da ficção. Assim, Geografia e Literatura permutam experiências da história e da arte na compreensão do espaço, como será visto, pela ótica dos viajantes e pesquisadores, cronistas de viagem, no próximo Capítulo.

II - Literatura Informativa – Produção dos viajantes em Goiás nos primórdios do tempo



Figura 57 - O Cerrado no traço de Percy Lau. Ilustração do livro “*Geografia geral do Brasil*”.

Quando se pensa em configurar literariamente uma paisagem nacional esta se deriva de um ou outro modelo advindo do trabalho de uma obra feita por escritores cientistas ou poetas que a descreve. A descrição paisagística, desde sempre, ocupou lugar de destaque na literatura de todas as eras.

Desde a antiguidade clássica, em Aristóteles e Platão, há discussões sobre o relacionamento entre linguagem e realidade, como assevera Sant’Anna (1977). No passado, se tecia uma narrativa de espaço real na sua descrição verossímil com os fatos. Na modernidade já se alia o real com certa dose de ideologia ou contra-ideologia.

Em todas as descrições, o tempo a insuflar as diferenças e nuances de visões múltiplas. E, nesse aspecto, ao inventariar o tempo e o espaço, configura-se o ideário de morte ou de transformação; já que se modifica em vida os aspectos de produção e de uso do espaço.

Tempos desiguais derramados na imensidão de todos os territórios e no avançar das gerações. Tempo diluído na sensação de que, na caminhada humana, há fluxo e refluxo na velocidade: muita lentidão quando há amanheceres do bem, muita pressa quando se dilatam

os espaços dos sonhos e se agregam conflitos do homem. Território abalizado pela fluidez e pela aceleração. “Caminhar é nosso fadário” disse, um dia, Machado de Assis.

Relação que sempre foi permeada na dor, pois na dimensão espacial, na relação sociedade e espaço, o resultado foi equivocado, na planificação de papéis e atores diversos; no mando e obediência; engessamento de relações que perduraram séculos: poucos no poder, muitos no obedecer. “Gentinha regrada no chicote”, boicote ao progredir, pois nem todo mundo era feito da mesma fôrma, daí a grande massa d’agora, em castiço dizer.

Plano uno e diverso. Particular e coletivo. “nois tudo, junto e misturado”. “Nonada”, diria Guimarães Rosa, pois o mundo sempre caminhou assim, nunca igual, dor e desigualdade estiveram nas margens dos caminhos ásperos no *Grande Sertão: Veredas* das existências. Socavões e serras, vales e montanhas se alternam no relevo da caminhada da gente goiana.

Dor é emblema, como os ferrões nos lombos dos bois carreiros, nos cavalos dos engenhos, nas mulas das tropas e das boiadas. As bruacas cheias de sonhos no range- range das cangalhas, agora escangalhadas.

Percepção de mundos outros, a Geografia passa a se ater. Pulsações. Diferentes territorialidades simultâneas, mundinhos tantos nos tatos e contatos. Mundo desconstruído, descosturado, desamarrado. Mundo de veladas fronteiras cujas raízes, estão lá na Colônia. Mundo de submissão, mundo de diferenças, lugares, *lôcus* da imperfeição. Condição periférica no existir. Espaço descontínuo há no agora. Onde a linha fronteira em que todos se baseiam?

Tais raízes coloniais literárias, assegurou Bosi (1972) partem de um pressuposto não estético ou artístico, mas documental, ou seja, as narrativas são importantes porque traduzem o reflexo da visão do mundo e a linguagem que nos legaram os primeiros observadores da Colônia. Suas narrativas sobre as plantas, os índios, o solo, o clima, a sociedade, é possível captar as condições primitivas de nossa cultura. São testemunhos do tempo e são válidos como documentos de uma época.

Em se pensar em documento, o Inventário, nesse perfil, busca dimensionar, na linha do tempo e do espaço; morto ou transformado, a questão do olhar pelo viés da Geografia que, atenta, filtra-se no observar do literato, na busca de uma síntese da memória do Cerrado como unidade.

Assim, a Literatura é o registro em que incidem os olhares vários e os múltiplos do fazer artístico da palavra e, sob a visão geográfica, definem os sujeitos e seus olhares diversos em cada estilo, na linha do tempo.

A se pensar no mundo do Cerrado que se dilui, o ideário de agora tudo se resume em produção. Grãos e grãos, celeiro do País. Na visão de Arrais (2013), tudo se faz nesse cenário, nessa paisagem que se transforma pelo viés da economia, da urbanização e da metropolização. Tudo se transforma em cidade. O mundo é a cidade, agora.

E essa conquista do Cerrado, vem de muito tempo. Desde Mauro Borges, no seu governo deposto, o ideário de expansão, depois o Rio Formoso, de Ary Valadão, e a conquista por meio da pesquisa. O chão que era nada, transformou-se. Borges (1985) preconizou o seria a conquista do Cerrado, numa propositura para duplicar, a seu ver, a produção de grãos.

Multiplicidade territorial. Povo plural. Sentido epopeico da construção de todo um País, nos caminhos pesados de outrora, na força do animal e na animalização do homem. Ambos calados, seguindo o pó da estrada como incenso vermelho elevado aos céus. “Êi vida de gado/ povo marcado/ ei/ povo feliz!”

No intuito de se compreender Goiás, sua Geografia e sua História, é indispensável o mergulho nos relatos dos viajantes que, em séculos diferentes, estiveram estudando a fauna, flora, possibilidades econômicas e os costumes da gente goiana. Nessa imersão, será possível compreender o escopo da região, que, segundo Frémont (1980) constitui-se em espaço vivido, elaborado, pensado, constituído de significados tantos a cada um ou a um coletivo.

É um tipo de narrativa difícil de se enquadrar em específico gênero, conforme assevera Rodrigues (2013). É um misto de documentário, relatório, ficção, poema em prosa, tal a linguagem. E tal fato também dificultou enquadrar a produção desse tempo num cânone da produção nacional. Alguns críticos literários definem esse período como “Literatura informativa”, a exemplo de Massaud Moisés, Alceu Amoroso Lima e Afrânio Coutinho. Outros nem mesmo observam-no como literário.

Assim, as crônicas diferem-se literariamente do relato técnico dos viajantes. A primeira está centrada no aspecto emocional, lírico e subjetivo; enquanto o segundo concentra-se na sondagem física, anatômica e precisa do objeto; no caso o Cerrado e suas diferentes características no espaço goiano.

E, mesmo na visão do sujeito, este centra-se em óticas distintas. Enquanto na crônica, o sujeito cerradeiro é visto num enfoque telúrico, ingênuo e poético, no relato, é

dissecado e analisado à luz da ciência ou de uma visão europeizada e até certo ponto preconceituosa.

A própria crítica especializada em Literatura, associou a mesma à Geografia ao alcunhar de “áreas culturais”, certas distinções espaciais, certas produções distintas de específicos lugares. Teles (1964) definiu esse território de cultura em Goiás, entendendo que essa distinção na Geografia já acontecera no início do século XX, quando houve a transição da Geografia Positivista para a Humana. O conceito Geográfico para área é bastante amplo e só mesmo a dicotomia “área cultural” possibilitou um leque de outras formas de análise.

Teles (1964) também criou o termo “zona cultural” ao especificar em Goiás certas demandas ou divisas hierárquicas da cultura; havendo, por assim dizer, uma diferença entre o Sul de Goiás, o Sudoeste, o antigo Norte, em questão de desenvolvimento ou atraso cultural. Nesse quesito, o fator histórico tem preponderância, haja vista que a colonização foi diversa e isto propiciou uma fronteira dentro mesmo do Estado.

De certo modo, as referências culturais do antigo Norte goiano, hoje Estado do Tocantins, estavam mais ligadas ao Maranhão e Piauí, do que propriamente com o Sul de Goiás naquele tempo. Tal fato revelava um desnível temático inclusive, da produção cultural. Goiânia surgiu para redefinir esse papel e abrir novas possibilidades de fusão.

Mas, persistiu o ideário de Regionalismo na Literatura feita em Goiás, com dicotomia visível antes de 1930 e depois de 1930, com o advento de Goiânia, como asseverou Gomes (1968) em sua análise sobre o fazer literário em Goiás.

Muitos críticos chamaram de Regionalismo, definição um tanto quanto acanhada para a totalidade de textos em diferentes estilos numa mesma época. O comum entre todos era a busca de identificação com o chão, com a terra, desbravando pelas palavras o seu intrincado formato.

Esse Regionalismo no entendimento de Jubé (1978) preconiza que os limites da Região não são os mesmos estabelecidos pelos mapas físicos e geográficos. Há fusões e misturas que vão além dos limites impostos pelos mapas. E os escritores que seguiram essa linha de abertura como Bernardo Élis, Pedro Gomes e Hugo de Carvalho Ramos, em seus tempos, se consagraram. Mas foi um tempo eclipsado pelo “Regionalismo universal”, adotado por Guimarães Rosa, um “regional” sem uma “Região” específica.

Nesse relato do regional e do local, Barbosa (1967, p. 72), descreve: “É indispensável a Geografia, o conhecimento da distribuição e localização inter-relações das coisas. É de alta valia estar no chão, saber as esquinas, os endereços – é preciso conhecer os

mapas – os ondes, os quantos e os comos”. Assim, é imperioso ao escritor regional, aprofundar-se no cosmos do pequeno e do micro, para realizar uma grande obra, com a historicização do espaço, que se torna mais vivido, mais rico de informações reais, palpáveis. Instala-se, nesse escopo, uma autoridade do narrador para falar do que conheceu, viveu e sentiu. “Uma Literatura vivida”, como asseverou Gustavo Barroso, ao destacar as memórias de Maria Helena Cardoso em seu livro *Por onde andou meu coração*.

Mas, ao mesmo tempo, a mesma crítica chamou esta produção goiana, não só a primeira, em relatos, mas as demais, de provincianas, acanhadas, preocupadas apenas com a imersão no chão próprio; daí seu apagamento no âmbito nacional. Era distante e atrasada como o próprio Estado de Goiás, na visão de Jubé (1978). Teles já dimensionou o que se chamou de “ilhas de cultura”, heterogêneas no bojo do espaço brasileiro, formado por áreas culturais díspares, dentro de um mesmo contexto.

É o que a Literatura compreende como Literatura Informativa, na fusão entre realidade e ficção, na visão de muitos estudantes, pesquisadores e eruditos que, partindo para terras distantes, se destacaram na evocação de um mundo novo em transformação. Esse termo, como já se definiu, é muito criticado por pesquisadores da área.

Nos livros de crítica literária e história da Literatura feita em Goiás, de autoria de estudiosos como Gilberto Mendonça Teles, Nelly Alves de Almeida, Modesto Gomes, Álvaro Catelan, Augusto Goyano, Vera Maria Tietzmann Silva e José Fernandes há relatos de participação de diferentes autores e estilos, ao longo do tempo, na vida intelectual goiana, sem, contudo, destacar os pioneiros e suas produções por períodos, gêneros ou veículos de propagação, instigando-nos a rebuscar os arquivos de jornais literários goianos na busca do início da participação de autores a destacar o Cerrado em suas produções.

Dessa coleta nasceu o intuito de resgatar e documentar a produção literária (ou não) do passado, na tentativa de, pelo viés geográfico, no escopo do Cerrado, preservar da ação corrosiva e inexorável do tempo o pouco que chegou até as novas gerações, por meio do trabalho dos arquivos, institutos e museus que foram visitados na Cidade de Goiás e em Goiânia.

Foi realizada a coleta de dados em arquivos particulares de familiares dos escritores, em acervos de pesquisadores, colecionadores e arquivistas, farto material que foi útil na consciência desvendante de um tempo que, para muitos, caiu em total esquecimento.

Também para esse fim e cômicos da relevância de uma pesquisa com essa pretensão, foram realizadas pesquisas no Arquivo Histórico Estadual de Goiás, Arquivo Geral

do Estado, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Arquivo da Academia Goiana de Letras e Arquivo da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, buscando subsídios seguros para a descrição da luta pioneira em Goiás pela evocação do Bioma Cerrado. Pudemos abstrair de páginas amareladas, o esforço daqueles que ousaram ter voz, no tempo em que tudo lhes era negado, através de preconceitos arcaicos.

Outra problemática verificada diz respeito a uma crescente mudança de valores na atualidade no que tange à nossa memória cultural. Pelo atual processo social, verificamos que não cuidamos, como deveríamos, de nosso patrimônio e isso se comprova na simples lembrança de que, no pórtico do 3º milênio e do século XXI, é possível se observar uma sensação de angústia do tempo irreversível que vai tragando no seu transcurso os heróis, os povos, as civilizações.

Essa angústia se transmuta num afã pressuroso de resgatar do esquecimento ou da destruição todos aqueles valores aos quais se apegaram os antepassados. E nessa busca, se esbarra na escassez de documentos, no descaso a que foi relegado o acervo importante que comprova a luta de gerações passadas.

Desse modo foi possível coligir os dados sobre os precursores da Literatura feita em Goiás sobre o Cerrado, por meio de um substancial acervo de fotos, documentos, jornais e livros. Foi possível perceber, então, que existem poucas e dispersas pesquisas voltadas para a revivescência do labor literário pioneiro no Estado, assim se faz, desse fato, que gera uma injustiça histórica, a razão de nosso trabalho.

Centrada nas problemáticas da raridade de fontes e na necessidade de resgate das primeiras contribuições dos literatos, a pesquisa foi estabelecida como objetivo primordial a análise do processo histórico e literário goiano, no que tange aos precursores que fizeram o alicerce desse labor literário.

O *corpus* neste capítulo restringiu-se ao estudo das primeiras produções literárias e científicas sobre o Cerrado, no gênero relato de viagem e relatório de pesquisadores e memorialistas, na evocação de como era o Cerrado em eras primevas, assim como historiógrafos e memorialistas em várias épocas que utilizaram o Cerrado como tema ou o perfilaram em seus escritos em diferentes tempos.

No estudo dos nomes perfilados para análise, nosso critério seletivo ocorreu por surgimento dos pioneiros em cada gênero, por uma sequência de nomes que foram despontando no cenário literário, primeiramente em jornais de Goiás ou do Rio de Janeiro, marcando a gênese literária, deixando o ostracismo das velhas gavetas para o enfrentamento

de uma crítica rigorosa, conquistando, assim, lugares no espaço do cânone goiano e até brasileiro.

O que se pretende, conforme o objetivo estipulado, é assoprar as brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás, trazendo à contemporaneidade o legado que propiciou o ingresso dos autores na elaboração artística da palavra. Será feito, então, o resgate, a justiça de enumerar quem foi, quando foi, como foi, em que gênero foi e em que veículo foi que, em Goiás, acendeu-se a luz em torno do sombrio espaço outrora destinado apenas à cópia europeia.

A própria sociedade goiana nos primórdios era ainda nômade e instável. Tal fato observou muitos dos narradores, em especial Couto de Magalhães em sua *Viagem ao Araguaia*, ainda no século XIX. Mas foi em *O selvagem*, que teceu o melhor dos enredos para situar o Cerrado e no seu bojo, Goiás.

Havia muito equívoco no ideário do que era o coração da pátria “longe de todos os lugares”, como discutiu poeticamente Cora Coralina. Até mesmo no século XX, já no começo dos anos de 1920 houve a publicação de muitos livros didáticos em que Goyaz nem mesmo aparecia e quando aparecia era de forma lacônica e passageira.

Um desses livros intitulado *Através do Brasil*, escrito por Olavo Bilac e M. Bonfim, destaca o Estado de Goyaz como terra indômita, bravia, selvagem, inexplorada, e atribui sua vegetação, o que era Cerrado, a vegetação de caatinga, seca e irregular, sem o menor constrangimento de a igualar ao nordeste. E, nem mesmo abriu um capítulo especial para Goyaz, assim como fez a outros estados. Colocou Goyaz e Matto Grosso juntos como o grande oeste esquecido. Como se fossem coisa única.

Ledonias Franco Garcia em seu livro *Goyaz – Uma Província do sertão*, evoca o distanciamento do Estado em relação aos outros do Brasil e a busca por suas riquezas tidas por fabulosas: “O interior dos territórios tornou-se um chamariz. Nele, a natureza praticamente desconhecida prometia ser uma manancial de riquezas. Aparecia, permanentemente, nos relatos de viagem, em suas duas dimensões: a face idílica e a romântica e a do potencial de utilização”. (GARCIA, 2010, p. 65).

E em Goiás, pelo parâmetro histórico de nossa formação, a estrutura fundiária sempre foi diferenciada no sentido de se possuir, de se distribuir, de se vivenciar a própria terra, os seus domínios, ao se observar o constante jogo de poder, conforme desta Alencar (1993). Tal fato, ao que se sabe, é estudo profundo da Geografia em nosso Estado.

Buscava-se o sentido de uma Geografia do homem, esse ser que perambula pelos espaços, conforme destaca Gusdorf (1978, p. 31):

A terra dos homens não é uma extensão material, tal como pudesse descrevê-la uma geografia física. A geografia humana é uma geografia espiritual. Tradicionalmente, o homem tem necessidade de definir para sua residência um espaço e um tempo conformes às suas exigências íntimas.

Cada um desses viajantes, a partir de diferentes enfoques, à sua maneira, lançou um olhar sobre a paisagem, sobre os modos e sobre as gentes que aqui habitavam. Nem sempre foi um olhar generoso, mas marcado de diferentes preconceitos em relação ao atraso dessa gente em relação aos seus países de origem.

E muitos viajantes também enlouqueceram na visão do diferente, do chocante paradoxo de dois mundos. Becher (1990, p. 23), destaca essa assertiva: “Os trópicos enlouquecem. Como houve com o Barão Goerg Heinrich von Langsdorff que saiu da floresta, mas já não era o mesmo homem. Os trópicos enlouqueceram o barão russo”. Tantos fatos inesperados não foram possíveis de superar.

A maioria dos pesquisadores também atentou para a questão de inexistência de uma estrutura educacional regular, para eles, a causa imediata da situação na Província, além do que, a política perseguidora, tacanha, escravista era na concepção deles um entrave ao progresso, ao que tinham toda razão, já que, segundo Andrade (1987) é na região que se processa a polarização do desenvolvimento e este, por razões fundamentais, procede de conhecimento.

Os viajantes destacavam ainda sobre as distâncias entre os arraiais e vilas, os caminhos difíceis de serem transpostos, a natureza exuberante do cerrado; além de, no espaço urbano, buscar sempre a origem histórica de cada lugar. Era esse um caráter científico na visão do outro.

O que se percebe nesses autores é que os mesmos vieram carregados de uma visão de mundo excludente. Não pouparam nossos sitiados, tantos que os receberam com simplicidade, porém com afeto e respeito. Não pouparam as mulheres que lhes colocaram mesas e camas para descanso, na medida de suas possibilidades. Não pouparam as cidades que lhes renderam homenagens e prestaram serviços aos mesmos e aos animais cansados da viagem. Na verdade, ao que se percebe, foram ingratos e injustos com os goianos.

Assim, ao fazer uso das mesmas narrativas dos viajantes, quando tratam da sociedade goiana, foi de busca na leitura de seus textos, compreender o papel dos cidadãos em Goiás na primeira metade do século dezenove e como os mesmos foram definidos pelos viajantes a partir de uma visão endurecida e injusta.

O que se procurou foi fornecer outras significações, sob a égide geográfica, fazer uma reconstrução desses papéis exercidos pelos viajantes, na certeza de que não existe uma sociedade ideal brasileira para o século dezenove, mas muitas. No pensamento de Bertran (1988), esse ideário de um novo mundo com as suas surpresas, tecia-se na perspectiva daqueles que ousaram conhecer as terras novas do coração da pátria e seus infintos mistérios e prováveis riquezas, primeiro dos ciclos de economia, o ouro.

Tantas vão surgindo à medida que precisam enfrentar o cotidiano da vida na Província de Goiás. Muitas vezes em papéis não socialmente aceitos, não prescritos ou não valorizados na economia e sociedade goiana da época.

Essa sociedade é vista de forma crítica e impiedosa por parte dos viajantes, ainda mais numa visão estereotipada, aos moldes europeus, que queriam configurar à povo goiano.. Nesses relatos é possível perceber dois mundos em contraste dentro de um mesmo território, marcado, ainda, pelas eras primevas do desenvolvimento. Conforme asseverou Bourdin (2001), não havia, ainda, o entendimento da questão local, do intrínseco a cada lugar, com suas particularidades. Via-se com o olhar universal; o que consistia num erro, haja vista a evidente e abissal diferença de mundos.

Por esta visão sem foco, dolorosa e injusta, esses viajantes bem mereceram, doravante, a pecha de “gringaiada indecente” pelo povo insatisfeito de Goiás

Esses viajantes vieram, passaram e chegaram a viver por breves períodos na então sociedade goiana. Era um olhar europeu, tecido pelas filosofias de seus tempos, nascido das muitas incógnitas por parte deles do que realmente havia e ocorria nas colônias portuguesas.

Tal fato devia-se principalmente às barreiras colocadas pela Coroa Portuguesa para que os pesquisadores não ligados a Portugal tivessem acesso aos seus territórios.

Somente a partir de 1808 com a transferência da Família Real para o Brasil, que de imediato promove a abertura dos portos às nações amigas de Portugal. E por esse fato, vários pesquisadores, cientistas, exploradores que procuram conhecer cada detalhe das terras que pesquisam; cada particularidade dos rios, montanhas, fauna, flora e minerais. Era uma busca pelo viés da ciência.

Essa nova concepção de mundo vem das perquirições nascidas no “século das luzes” numa perspectiva de mundo cada vez mais laica. Acreditavam esses viajantes que só o conhecimento pelo viés geográfico e histórico possibilitaria uma visão mais completa, acurada e livre de superstições nascidas da concepção religiosa. O século XIX será todo ele marcado por esta investida no campo da experimentação e da visão in loco, das possibilidades.

Assim, os viajantes, geógrafos, cartógrafos e cientistas se lançaram ao experimento de viagens a mundos distantes para perceber novas fronteiras e formas diferentes de vida. Eles não vieram para descobrir, mas para redescobrir os detalhes das novas terras e novas gentes com costumes tão distintos.

Gusdorf (1978, p.109), assevera sobre esse movimento cíclico dentro do próprio homem, no entrechoque do homem com o meio e o ciclo natural da vida, associação à morte.

É somente dentro do mundo humano que o movimento cíclico da natureza se manifesta como crescimento e declínio. Estes, como o nascimento e a morte, não são ocorrências naturais propriamente ditas; não têm lugar no ciclo incessante e incansável no qual todo o reino da natureza perpetuamente evolve.

Para o Brasil no século XIX vieram os estudiosos: Karl Frederic Martius, Carl Philipp Von Martius (1817-1820), Augustin François de Saint- Hilaire (1816-1822), Georg Heinrich von Langsdorff, Alfred Wallace, Maximilian Alexander Philip de Wied-Neuwied (1815-1817), Burchel (1825-1830), Castelnau (1843-1847), Gardner (1836- 1841), Johann Emanuel Pohl (1817-1821), e muitos outros. Especificamente para a Província de Goyaz vieram: Sait-Hilaire, Johann Emanuel Pohl e os bávaros Johann Batist Von Spix e Karl Friedrich Von Martius.

Vinham eles com a mente carregada de ciência num mundo ainda domado pela natureza bravia e pelos costumes mais primários. Fazem eles considerações dolorosas carregadas de juízo de valor e preconceitos. A maioria deles possuía formação superior e nos fornecem um quadro muito bem escrito sobre a riqueza de detalhes nas observações sobre a natureza, a população, seu cotidiano, as festas religiosas, a descrição da imagem do espaço urbano e também rural, mas tudo tecido e temperado com a marca preconceituosa de homens doutos, relatando sobre pobres roceiros ou provincianos derramados na placenta verde dos campos. O ir e vir daria sentido de amor à terra, conforme destaca Gusdorf (1978, p. 54/55); ao asseverar sobre a quebra, aruptionadoespaço fechado e a pulverização da fronteira.

A destruição do espaço começa quando os homens cessam de se sentir ligados à terra natal, quando o horizonte não aparece mais como o limite de uma sabedoria doméstica, mas como a fronteira de um outro mundo e de uma outra vida, mais fascinantes do que a existência tradicional. Os estranhos, outrora hostis, se tornam atraentes; convidam à viagem por países fabulosos, que propõem aos audaciosos a aventura e a riqueza.

Era um velho mundo, carregado de ciência e aprofundamento intelectual na observação de um novo mundo, ainda nascendo, na luta bravia dos homens com a natureza exótica.

O que se percebe nos relatos desses viajantes é um estranhamento, uma crítica contundente aos nossos costumes, principalmente com as mulheres. Como se pode imaginar a vida de uma mulher em Goiás há mais de 250 anos?

Houve, porém, aqueles que vieram e ficaram e se integraram à nova terra com afinco e determinação. Foi o caso de Augusto Leverger, bretão cuabanizado, que do velho mundo, trouxe a experiência como estudioso e cartógrafo e fez importante trabalho para os sertões de Goiás e principalmente Mato Grosso.

O coração do Brasil, formado então por Goiás e Mato Grosso eram regiões completamente desconhecidas ainda no século XIX. Foi graças ao dedicado e custoso trabalho dos primeiros geógrafos e estudiosos que essa parte do grande oeste passou a ser vislumbrada pela Coroa Portuguesa, principalmente na perspectiva de possíveis riquezas auríferas.

E nesse âmbito, o que se busca entender no conceito de Lugar é a sua particularidade sob a visão do diferente, dos outros olhos que a viram. Na concepção de Breitbach (1988), há vários conceitos a essa Categoria; o que a coloca geograficamente num âmbito maior de plurissignificação a depender do tempo e das perspectivas de sua visão.

Ainda no Reinado de Dom João VI, foram realizadas duas viagens para a Província de Goiás, uma do Capitão Francisco de Paula Ribeiro, que vistoriou as fronteiras com o Maranhão em 1813 e outra do goiano, de Pirenópolis, João Caetano da Silva, que documentou caminhos, vegetação, rios e especificidades da região. No Norte, o trabalho pioneiro de Vicente Ferreira Gomes, Juiz de Direito de Palma, descreve o inóspito Cerrado de então, completamente desconhecido.

Os viajantes, tanto dos estrangeiros como os brasileiros e até os goianos espelham uma possibilidade de enxergar aquele tempo e a própria condição de se observar, pelos olhos deles e, da concepção de mundo dos mesmos, assim, avaliar a origem naqueles distantes tempos. Foram eles interlocutores daquela época e inventariaram geograficamente,

culturalmente e socialmente o goiano setecentista e oitocentista, clareando pontos obscuros para muitos pesquisadores.

Tais autores, em seus relatos, não seguem a uma gênero único, mas foram dinamizados no contexto da Literatura dos viajantes com o amplo painel descritivo que se notabilizou por confirmar o Cerrado pelo viés mais científico.

Numa busca em direcionar os autores desse Capítulo, será possível destacar os relatos oficiais de viagens, das crônicas de viagens, na referência de que ambos colocam em evidência o Cerrado. Seguir-se-ão as crônicas literárias, publicadas em jornais e em revistas, na esteira do tempo, sobre a temática cerradeira.

A síntese que justifica o inventário é que a cronologia de diferentes autores surgidos na esteira do tempo, com suas diferentes concepções acerca do Bioma-território Cerrado, na visão geográfica, constitui o ideário de Goiás.

2.1. O diário do Barão de Mossâmedes, visão setecentista do Cerrado



Figura 58 - Capa da edição impressa do Diário do Barão de Mossâmedes, publicado pela PUC-GO. Acervo do IPHBC-PUC.

Goyaz, 1772. Nesse ano, a 24 de julho, chegava à antiga capital, Vila Boa de Goyaz, o Governador da Capitania José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho que, futuramente, seria denominado o Barão de Mossâmedes. Ele foi indicado para este cargo por carta patente de 11 de outubro de 1770, mas somente saiu de Lisboa em 12 de setembro de 1771 e só no ano seguinte chegou a Vila Boa, há exatos 240 anos!

O Barão de Mossâmedes foi escolhido pelo Marquês de Pombal para governar uma das mais extensas e desconhecidas Capitânicas do Brasil, conhecida apenas pela ferocidade de seus animais, as selvas bravias e os índios indomáveis. Era um desafio governar Goyaz! Sobre sua trajetória e seu governo, escreveram os admiráveis historiadores Antonio Cesar Caldas Pinheiro, Gustavo Neiva Coelho, Amália Hermano Teixeira, Joaquim de Carvalho Ferreira e o próprio Americano do Brasil, além de outros.

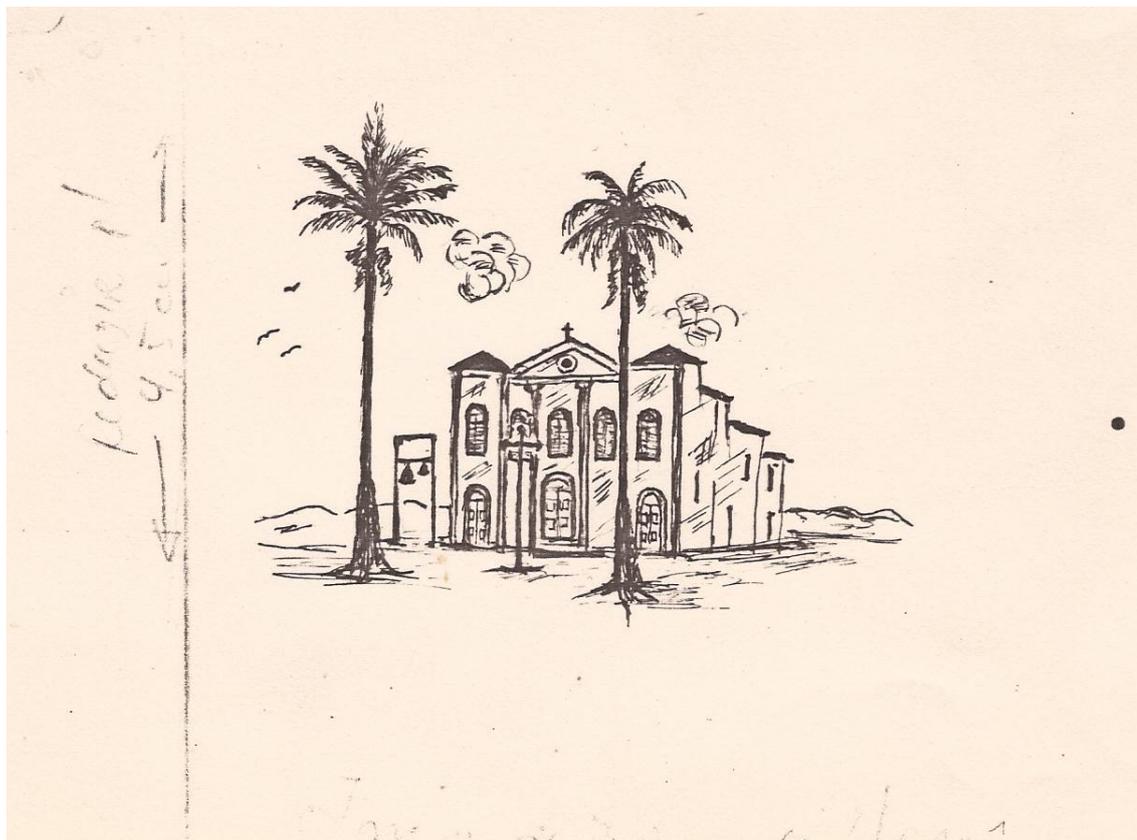


Figura 59 - Bico de pena da artista e escritora Célia Coutinho Seixo de Britto (1914-1994) que retrata a Igreja da Aldeia de São José de Mossâmedes, com mais de duzentos anos, obra encetada por José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho. Acervo de Maria Alice Coutinho Seixo de Britto Bezerra.

Esse desafio só aumentava em razão do alentado ouro goiano já ter desaparecido das bateias e a Capitania mergulhava num sombrio destino em que a debandada para outros lugares de garimpo era quase geral. O principal desafio do futuro governador era impedir a

evasão total dos habitantes, ao promover algumas melhorias urbanas nas perdidas vilas, na tentativa de segurar a população.

De fato, o obscuro era um chamariz, na visão de Garcia (2010). A natureza desconhecida prometia inigualáveis riquezas. Nisso carregavam seus idílios e romantismo da terra inóspita e obscura, provavelmente rica e cheia de perigos.

Geograficamente, a Capitania ia regredindo o nível populacional. O imenso chão ia aos poucos se tornando mais bravo e as distâncias aumentadas com o crescente número de taperas abandonadas pelos caminhos.

Rápido e expedito, o Barão de Mossâmedes promoveu a melhoria dos prédios públicos de Vila Boa, o calçamento de algumas ruas e vielas do centro antigo, a construção do Chafariz de Cauda da Boa Morte, no Largo da Casa de Câmara e Cadeia, na tentativa de sanar a dificuldade de acesso à água, vivida pelo povo vilaboense, principalmente do distrito de Santana; assim como a reconstrução de pontes sobre o Rio Vermelho que rodaram com a grande enchente de 1776.

Nesse âmbito o que fez o Barão de Mossâmedes ainda na desconhecida e bravia Capitania de Goiás, nos longes idos dos setecentos foi justamente um pensamento formador do ideário administrativo colonial em aliar o ver, o conhecer, o dimensionar, para comandar e apropriar economicamente, em consonância com o que admitiu Britto (1986), no que tange a política no espaço regional e as suas particularidades. Goiás, de fato, foi *sui generes*, assim como asseverou Castro (1986) sobre as dinâmicas várias sobre o Estado e a região e seus avanços ou retrocessos no âmbito da história.

Por razões estratégicas, o Barão de Mossâmedes preocupou-se com a questão do povoamento, ao buscar, no índio, uma possibilidade de aumentar o número de habitantes na Capitania. Para tal, criou aldeamentos indígenas na Ilha do Bananal e outro próximo à Vila Boa, que foi denominado Aldeia de São José de Mossâmedes, numa auto-homenagem, depois, contestada pelo rei. Nessas aldeias havia militares e religiosos que buscavam transformar o índio num branco e, o melhor, num braço a mais para o serviço. Essa aldeia é hoje a cidade de Mossâmedes, com sua belíssima igreja bicentenária.

Outro objetivo do Governador José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho foi conhecer *in loco* a extensão geográfica de seus domínios e a realidade vivida pelo povo. Nasceu desse projeto o *Diário*, escrito pelo ajudante de ordens, Thomás de Souza, que se constitui num precioso documento histórico e geográfico sobre o século XVIII em Goiás, por fazer o levantamento cartográfico da Capitania pelo mesmo Thomás de Souza em

dois mapas feitos nos anos de 1775 e 1778, sendo que este último trouxe a demarcação dos limites dos distritos de Vila Boa, Crixás, Santa Cruz, Santa Luzia, Meia Ponte, dentre outros.

Dividido em duas partes, o *Diário* traz a narrativa da viagem do dito Governador do Rio de Janeiro até Vila Boa, em companhia do governador de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres e, a outra parte, destaca o conhecimento que o mesmo fez no seu governo no roteiro histórico, geográfico e cultural que elaborou das vilas visitadas; além do primeiro esboço que se fez da localização geográfica da Capitania em relação às suas confrontantes.

O valor de seu *Diário* está, sobretudo, numa abordagem colhida pelo narrador Thomás de Souza sobre o cotidiano das pequenas vilas, dos aspectos militares, eclesiásticos, folclóricos, culturais, geográficos e sociais que antecedeu os estudiosos e pesquisadores que passaram pela Capitania no século seguinte como Saint-Hilaire e Pohl.

O título que abre o relato é definido por **Diário 1º da jornada, que do Porto e cidade do Rio de Janeiro fes o excellentissimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeyda de Vasconcellos de Soveral e Carvalho, para a Villa boa, capital do mesmo Governo, a constituir-se na posse delle. Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo referido.** Seguia-se a grafia da época.

Nessa primeira parte aparecem os relatos da saída do Governador da cidade de Coimbra, sua passagem pelo Rio de Janeiro e as ligações políticas e financeiras com a Coroa, em finos jantares e a nobreza de então. Narra, a partir de então, a saída dos dois governadores rumo aos destinos que os aguardavam em Vila Boa e em Cuiabá.

Segue a narrativa pela passagem de rios profundos e desconhecidos, alagadiços, serras íngremes, planaltos, chapadas, campinas, roças, taperas, fazendas, engenhos e os diferentes nomes dos pousos e lugares como Santo Antonio de Casa Branca, Matias Barbosa, Paracatu do Príncipe e Arrepêditos, este último, que era divisa com a Capitania de Goiás.

Em terras goianas, o Barão de Mossâmedes passou pelos rios Corumbá e São Bartolomeu, aos arraiais de Santa Luzia, Descoberto Novo de Santo Antonio, Meia Ponte, Jaraguá, Ouro Fino, Ferreiro e Vila Boa, descrevendo rios, serras, vales, montes, febres pelo caminho e todas as dificuldades daquela época.

A segunda parte do *Diário*, consta a partir da permanência do Governador em Vila Boa e os primeiros procedimentos deste para a melhoria da antiga capital goiana. Dentre seus projetos estava o conhecimento da realidade da Capitania, razão pela qual ele empreendeu viagem a alguns Julgados para verificar a situação do povo.

Ele saiu de Villa Boa, com destino a Pilar, no dia 02 de junho de 1773 numa marcha muito lenta, em que o cronista, Thomás de Souza relata as peripécias encontradas, o ardor do sol, as pesquisas, os tipos de vegetação, as fazendas e sítios com suas rotinas, o trabalho ou mesmo o ócio do povo.

Relata a descida do morro do Caracol, que, de muito íngreme, era preciso descer a pé para não cair do cavalo. Depois, a rotina administrativa em Pilar, o recenseamento dos habitantes, a pobreza do local, mas a apresentação de peças teatrais, inclusive ópera. Segue ainda para Trahyras, hoje Tupiraçaba, que, à época, era opulenta cidade. Relata as coordenadas geográficas do local. Ali, assistiu as Cavalhadas e recebeu até discurso em Latim!

De Trahyras passou para São Félix, onde também visitou São José do Tocantins, hoje Niquelândia e organizou as questões militares do local. No arraial, foi recebido com honras civis, religiosas e militares; despachou e organizou fatos administrativos. Dali passou aos prósperos arraiais de Natividade, Conceição, Arraias, Couros, Cavalcante, Santa Luzia, Meia Ponte e novamente Vila Boa.

Em todos, por meio do relato de Thomás de Souza, o Barão de Mossâmedes verificou geograficamente e historicamente a Capitania de Goiás, traçando o seu perfil, os seus pontos desconhecidos, mapeando os locais visitados, para, na situação de governo, oferecer o mínimo que se poderia, de serviços e bens públicos a um povo perdido pelo desaparecimento do ouro e que não sabia ainda como viver no alto sertão, retirando da terra o seu sustento.

E todos esses relatos mostram, de forma precisa e clara, um sertão entrecortado de tensões de toda ordem, segmentações, abandonos e conflitos.

Sobre a natureza goiana, a vegetação, destaca como os demais de seu tempo e do tempo seguinte, a pobreza do ambiente e a monotonia presente. Avalia bastante a questão dos rios, das passagens, da falta de pontes e do abandono da população, principalmente a do norte, perdida, a esmo.

Era como se promovesse, a seu pensar, uma nova visibilidade da região e do próprio regionalismo, como atentou Castro (1994), que esse próprio conceito foi sendo pouco a pouco amalgamado pelas diferentes narrativas, relatórios e estudos, ao longo dos séculos, até o que se observa agora, em forma de teoria. E quando se confronta região, nação e sertão, essa problemática se alonga, no pensar de Amado (1995).

Percebeu-se ao longo do tempo que a natureza, de uma maneira geral, é a imagem da situação do homem no mundo. E todo escrito, personifica a região, o lugar, o espaço enfim. A natureza é utilizada como experiências vividas no cotidiano. Nada se alheia, pois, da natureza, ou seja, enraizadas na vivência, como também afirma Fernandes (1982).

É lícito pensar, portanto, que a palavra também é o lugar. Chaveiro (2014), em suas palestras nas reuniões do *Grupo de Estudos Dona Alzira – Espaço e Existência*, por reiteradas vezes destacou esta assertiva. Falar é apropriar-se de um lugar, de um tempo, de um modo de vida. O texto transforma torna familiar o que era estranho.

O mais feio e preconceituoso conceito feito sobre o Cerrado goiano nasceu da pena de Lèvi-Strauss, já no século XX. Ao destacar sobre a velhice de Goiás, antiga capital, destacou sobre a mudança para a nova cidade, nascida nas campinas cerradeiras: “Encontraram-na cem quilômetros a leste, na forma de um planalto coberto unicamente de capim duro e de arbustos espinhentos, como se tivesse sido atacado por um flagelo destruidor de toda a fauna e inimigo da vegetação”. (LÈVI-STRAUSS, 1996, p. 117).

Desnecessário comentar a descrição do Cerrado do que viria ser Goiânia!

Era essa a gênese de uma Geografia de fixação do homem no território perdido e inexplorado de Goyaz!, visto como sertão, boca de sertão, no sentido mais grotesco e inicial dos colonizadores, aquele que designava algo longe e imprestável, distante e vazio de significado, ao se esticar os beiços e dizer, “lá, sertão, cafundó do Judas!”.

2.2. No mesmo território, o choque entre dois mundos: A argúcia de Auguste Cesar Provençal de Saint-Hilaire.

Os viajantes que percorreram Goiás no século XIX eram homens instruídos e capazes, doutos em suas áreas de atuação, mas profundamente marcados pelo olhar crítico em relação aos nossos costumes, como já se ressaltou.

Deixaram relatos de profundo preconceito sobre o jeito de viver da população provinciana e atrasada daquele período. Muitos passaram a odiá-los por conta de tais relatos, alcunhando-os de “gringaiada indecente”.

Eram mundos distintos dentro de um mesmo território em formação, abraçados pela placenta verde das matas. Era um chocante paradoxo em relação com o que viram em seus países de origem, tidos por civilizados. Na Europa já gestava a segunda Revolução

Industrial e Goiás, distante oco de mundo, vivia-se em práticas rústicas de sobrevivência que relembavam os tempos imemoriais de formação do mundo.



Figura 60 - Auguste de Saint-Hilaire, importante viajante do século XIX na Província de Goiás. Acervo de domínio público.

Então a concepção de Lugar em Goiás, segundo Garcia (2010) passou por duas dimensões: o Lugar mesmo; visto pelos moradores ou até despercebido e o Lugar visto pelo de fora, com olhar excludente e crítico. E o termo “deserto”, como “vazio de gente” é o mais utilizado pelos visitantes e pesquisadores.

Também muito se usou o termo “terra de ninguém”, a descrever os espaços indefinidos e vazios de população, ou aqueles habitados para os índios, que também não eram ninguém, sempre vistos e descritos como “hereges, infiéis, selvagens, vadios”, ou pior, quando classificavam um lugar por eles habitado como “infestado de índios”.

Para o mesmo, tudo em Goiás era parado, estagnado, morto, marcado pela preguiça e indolência de um povo passivo, ajustando-se à falta de estradas, escolas, modernidades e agarrados a uma tradição revoltante, segundo os relatos, que, segundo Chauí (1982) vinha impregnado de concepções culturais de um outro tempo e um outro meio, com um discurso centralizador num questionável ideário de democracia.

O território também é visto, segundo Garcia (2010) como Lugar de anarquia, de gente bárbara e indolente, gente agressiva, muitos utilizavam o termo como “seres desconhecidos dos homens e abandonados por Deus”. Havia uma ideia de segregação e de falta de pertencimento, o que coroou os discursos políticos, já no século XX, feitos por Americano do Brasil e Leopoldo de Bulhões e até mesmo nos relatórios de governo. Resvalavam para a Geografia, no sentido da necessidade de integração do território brasileiro, então disperso.

Auguste César Provençal de Saint-Hilaire foi o mais acirrado crítico entre os demais. Não poupou farpas à sociedade goiana e principalmente vilaboense. Como arguto repórter assinalou todos os detalhes dos locais onde passou; fatos mínimos, condições de vida, hábitos, costumes e modismos, mas todos costurados com aquela visão de cima para baixo, como se visse o esboroar de um mundo do qual o mesmo não fazia parte. Até se o povo tomava ou não o seu banho, o viajante descrevia. Sua língua era viperina.

Ele demonstra sempre o ideário de monotonia e continuidade da paisagem, como se fosse um jardim plantado, como assevera Almeida (2003, p. 77):

Impregnado de ideias românticas de sua época, Saint-Hilaire capta no meio do sertão relances de um jardim no molde europeu. E o olhar aventureiro e pejado de admirações projeta seus referenciais culturais sobre esses ermos exóticos. Para isso ele se utiliza de comparações e metáforas, recursos que o auxiliam, como testemunhas do que viu, a dar uma visualidade ao sertão. Um jardim “à inglesa” é uma forma de referir-se às árvores contrastes entre si, por seu formato e folhagem, imagem clara para o europeu conhecedor do citado jardim.

No início do século XIX, quando, aos 37 anos, o cientista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) deixou o Rio em direção a Goiás para fazer uma entusiasmada descrição da viagem no livro *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e Província de Goiás*, muito falou sobre a descoberta da Serra da Canastra (1819), um desvio na rota pré-definida do naturalista.

Nos últimos tempos, e passados quase 200 anos, a serra e sua cachoeira fantástica se transformaram em ponto turístico. O Cerrado continuou a ser incendiado como o cientista previra, mas boa parte das descobertas botânicas de Saint-Helaire, que viajou durante seis anos e recolheu 30 mil exemplares de plantas de sete mil espécies – sendo 4,5 mil delas até então desconhecidas -, ganhou destaque no campo da ciência.

Destaca o arguto pesquisador sobre alguns fatos comuns da vida rural goiana, nas práticas com o Cerrado, como a instabilidade do homem sobre o Lugar, o nomadismo inicial:

“Se alguma ordem pode ser mantida entre os exploradores de diamantes, uns sedentários, outros de arribação, pertencentes a populações diferentes”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 149).

Preocupado com a descrição científica, o pesquisador e estudioso busca registrar as espécies bem específicas do Cerrado, como o Papiro: “Entre as árvores enfezadas, que se vêem em meio às pedras amontoadas, há uma que merece ser citada; a que chamam, no país, árvore-do-papel, porque o seu córtex, perfeitamente branco, se compõe de várias camadas separáveis”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 100). Termos pejorativos como “árvores enfezadas”, ou seja, feias e sem atrativos, serão recorrentes não só nesse autor, como nos demais do período em Goiás.

Também, Saint-Hilaire (1975, p. 8) narra outras características de árvores nativas desse Bioma: “Árvore, também chamada barriguda, que fornece a paina. Não é tão pouco, pelo menos para todas as espécies, o retorno dos grandes calores, pois que as paineiras do campo e a caraíba tinham florido desde os meses de junho e julho, após a queda das folhas”.

Mas, há belos trechos poéticos, destacando a beleza selvagem da região, como destacado abaixo:

Depois de ter atravessado várias pequenas povoações muito mais belas do que todas as do interior de nossas províncias, mas que dia a dia se tornam mais desertos, cheguei a uma floresta muito diferente das florestas da costa, e que, medindo apenas 9 léguas de extensão, tem, entretanto, o nome de *mato grosso*, porquanto não se conhece na região qualquer outra maior. (SAINT-HILAIRE, 1945, p. 332).

Em seu relato, Saint-Hilaire vai passando por vilas como Santa Cruz, Meia Ponte, Jaraguá e destilando o veneno contra os hábitos boçais do povo. Somente em Santa Luzia (Luziânia) o mesmo se atém à figura do Padre João Teixeira Álvares, que, na sua percepção, foi o único inteligente e culto diante dos demais, até mesmo dos dirigentes em Vila Boa.

Destaca que o vigário falava várias línguas, tinha uma apreciável biblioteca e aconselhava o povo das fazendas a abandonar práticas rudimentares e nocivas de agricultura. Anota o viajante sobre os hábitos de vestuário:

Não há nenhum homem que não deseje ter um traje apropriado para os dias de festas, nenhuma mulher que não queira ter um vestido de boa qualidade, um colar, um par de brincos, um lenço de musselina, uma capa de lã, um chapéu de feltro. E a compra desses artigos, cujo preço ali é exorbitante, basta pra carrear para fora da região o pouco de ouro e de dinheiro que ainda circulam nela. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 27).

Por todo o seu trabalho como naturalista e pesquisador da flora brasileira, o cientista foi homenageado com o busto no Jardim Botânico do Rio de Janeiro por sua contribuição ao estudo das espécies vegetais brasileiras.



Figura 61 - Visita ao busto de Auguste Saint-Hilaire no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, com minha filha Maria Paula Fleury de Araújo Meirelles Lewergger. Janeiro de 2015.

Saint-Hilaire destaca, ainda, em pungentes descrições o arguto estudioso, ao enfatizar sobre a fruta do lobo, a subida cansativa das serras, a beleza nativa dos planaltos, o calor sufocante da região; revela a graça do buriti como a quebrar a monotonia da paisagem. Sua descrição é deveras lírica e poética, uma das primeiras em relação a esta vegetação cerradeira.

Descreve uma pequena aglomeração de casas, arremedo de vila, que se perdiam no alto sertão. Por esse relato se evidencia o quanto o Cerrado era, de fato, um oco de mundo:

Após subir a serra por alguns instantes, achei-me num planalto imenso, deserto e bastante regular, coberto ora de pastagens naturais salpicadas de árvores raquíticas, ora exclusivamente de gramíneas, de algumas outras ervas e de subarbustos. Quanto às árvores, registrarei unicamente um *Solanum*, de frutos grandes como maçãs, a que dão o nome de fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*, Aug. De S. Hil.), e várias Apocináceas, entre as quais a que é usada na região como purgativo e é chamada tiborna (*Plumeria drástica*, Mart.). Todas as plantas, ressecadas pelo ardor do sol, tinham uma coloração amarela ou cinza, que afligia o olhar. Já não se viam mais flores, e o aspecto da região fazia lembrar Beauce logo após a época da colheita. Unicamente o elegante e altivo buriti, elevando-se do fundo dos brejos, desfazia essa ilusão. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 22).

Continua a descrever o Cerrado e a evocação da terra frágil e fraca desse Bioma-território, assim como as observações negativas sobre as árvores tidas por frágeis e raquíticas, o solo de pouco valor, o terreno acidentado e uma fazenda a se destacar em meio a esta solidão. Como se percebe, geograficamente, os pequenos feudos das fazendas goianas do século XIX eram a única forma de manutenção da vida ante a inospidez do Cerrado daquele tempo:

Desci a serra no dia seguinte. Depois de percorrida cerca de cinco léguas o terreno começa a mostrar um certo declive, mas um pouco antes já se torna cascalhento e de um tom vermelho-escuro. Árvores raquíticas e de folhagem variada, com seus ramos entrelaçando-se no alto, estreitam o caminho que vai serpeando entre elas, lembrando as aléias de um jardim inglês. Depois de descer do planalto por uma encosta cascalhenta e bastante íngreme segui por um terreno ainda montanhoso e logo depois cheguei a uma fazenda aprazivelmente situada à beira do Riacho Frio, que é orlado de árvores. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 23).

Na descrição de Saint-Hilaire (1975, p. 24), suas vistas vão se extasiando diante da beleza imponente e estranha do Cerrado, com a sua vastidão de espécies nativas, mas por ele mostradas como monótonas haja vista o despovoamento da região. No caminho para o povoado de Santa Luzia narra sobre os campos incultos e estéreis na sua visão: “A vegetação

era sempre a mesma, a região igualmente despovoada, os campos igualmente incultos. Atravessei vários riachos, orlados por uma estreita fileira de árvores que ainda conservavam agradável verdor. Tudo o mais estava seco, e raras eram as plantas que ainda tinham flores”.

Discute ainda Saint-Hilaire (1975, p. 26) sobre os hábitos alimentares do povo cerradeiro, e do arraial de Santa Luzia o uso do marmeleiro e a agricultura de subsistência ainda persistindo: “Entretanto, seria inútil que os colonos plantassem milho, feijão e arroz em maior quantidade do que a necessária para alimentar suas famílias, pois, exceção feita das épocas de escassez – o que ocorreu no ano em que passei por lá – esses produtos não encontram comprador”.

A continuidade da paisagem e sua rotina mostram um observador arguto, atento às flores, ao capim, à queimada e a capacidade de regeneração das flores do Cerrado, mesmo diante do fogo. Nesse ponto fica evidente a força característica do Bioma-território Cerrado.

Os campos ora são quase que exclusivamente cobertos de capim, ora se mostram salpicados de árvores mirradas e retorcidas (tabuleiros cobertos e tabuleiros descobertos). Havia muito tempo que eu não encontrava o capim-flecha. Voltei a encontrá-lo ali, verde e viçoso, apesar da prolongada seca. As flores continuavam raras, mas vi um grande número delas num pasto recém-queimado. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 26).

E como pesquisador, Saint-Hilaire (1975, p. 30), explica o sentido científico da regeneração do Cerrado após a queimada e com isso, o aparecimento de espécies singulares de orquídeas pelos matos, com hastes menos alongadas:

Entretanto, um exame mais atento convenceu-me de que se tratava simplesmente de espécimes prematuros de outras espécies muito maiores, que florescem numa estação diferente. Durante a seca – época em que se ateia fogo aos campos – o desenvolvimento da maioria das plantas fica de certa forma interrompido, e suas hastes apresentam-se com aparência ressequida. Não obstante, deve acontecer ali o mesmo que sucede em nosso clima; nesse período de repouso as raízes provavelmente se fortalecem e se enchem de seiva para alimentar os novos rebentos. Temos disso um exemplo marcante no *Colchicum* e nas nossas orquídeas.

Na sequência de sua narrativa, Saint Hilaire (1975, p.31) destaca sobre os capões, numa analogia com a Província de Minas Gerais, citando a presença da palmeira indaiá, fazendo a descrição da mesma, com os pormenores típicos de um cientista:

Tive a satisfação de encontrar nessas matas a esbelta palmeira chamada indaiá, que já tinha visto no início de minhas viagens e já descrevi em outro relato. O tronco

dessa palmeira, na sua maior parte coberto de escamas, parece alargar-se da base para o alto, e suas longas folhas aladas, verdes de um lado e esbranquiçadas do outro, agitam-se a mais leve brisa. Seus cocos, do tamanho de maçãs, pendem em longos cachos, acompanhados de uma espata de formato semelhante ao de uma canoa.

E continua Saint-Hilaire a sua descrição e recolhida de material para estudo, ao falar sobre o arenoso terreno típico das “terras fracas” do Cerrado “com algumas árvores mirradas surgindo entre as rochas, nos lugares elevados, e o imponente buriti, fiel aos seus locais favoritos, enfeitando ainda as baixadas pantanosas” (1975, p. 33).

E no caminho para Corumbá de Goiás, destaca a presença de uma orquídea interessante aos seus estudos, pois “via-se em grande abundância uma Mimosácea, cuja haste, um pouco esfarinhenta e de uma tonalidade ruço-esbranquiçada, tem de 4 a 5 pés de altura. Seus numerosos ramos, carregados de flores cor-de-rosa, formam uma copa hemisférica” (1975, p. 35). Nessas descrições, casam-se o cientista e o literato na contemplação de um mundo completamente diferente aos seus olhos europeus.

Descreve o autor, em minúcias, os Pireneus de Meia Ponte, ao destacar a paisagem atingida pelo calor excessivo e a caída das folhas pelo chão. Revela em sua análise a estranheza da vegetação nua, de galhos erguidos para o céu, uma das características muito específicas do Cerrado, como se mortas todas as árvores estivessem: “Moitas de capim ressequido surgiam por entre as pedras que cobriam o solo, e não se viam flores em parte alguma. Nas matas muitas árvores ainda conservavam suas folhas, enquanto outras se mostravam inteiramente nuas. O chão estava juncado dos delicados folíolos de vários exemplares de *Mimosas*”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36)

Ao remeter sobre a indolência do povo sertanejo pela descrença daquele tempo, registra Saint-Hilaire (1975, p. 37), a questão da derrubada das matas e depois o abandono gerado pela prostração diante das dificuldades de uma luta insana pela sobrevivência no alto sertão. Tudo era capoeira, campo sujo e abandono: “As matas, abundantes nos arredores do arraial, favoreceram o trabalho dos agricultores. Foram derrubadas pelos antigos colonos e substituídas por plantações de feijão e milho. Atualmente abandonadas, essas lavouras cederam lugar às capoeiras”.

E na sequência, ao descrever as árvores do Cerrado, destaca sobre sua insignificância: “Subarbustos e árvores mirradas crescem muito próximas umas das outras no meio do capinzal que cobre o vale e as montanhas, pertencendo ainda às mesmas espécies que encontrei em todos os pastos”. (1975, p. 41)

Ao chegar a regiões marcadas por matas mais altas, o autor demonstra sua admiração diante do porte das mesmas em relação às “mirradas”, anteriores; já são chamadas de “extensas matas”, com análise dos tipos encontrados: “Não obstante, encontrei ali várias árvores de grande beleza. As lianas não são raras, mas não causam o mesmo e belo efeito das que encontrei nas vizinhanças da capital do Brasil. As únicas árvores em flor que notei no meio das matas foram as Acantáceas, que na região são encontradas exclusivamente nas florestas”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 41).

Ressalta Saint-Hilaire (1975, p. 43) ainda sobre os frutos do Cerrado que, a seu tempo também mitigavam a fome dos moradores pobres da Província, ao evidenciar desde então, as qualidades desses frutos e o seu uso corrente entre a gente do sertão, pobre, esquecida e desassistida: “Não obstante, vi vários pés de uma espécie de caju (*Anacardium curatellifolium*, Aug. De S. Hil.) que não me lembrava de ter visto antes. Seu fruto tem um sabor agradável e se torna maduro na época das chuvas, atraindo para a serra dezenas de pessoas pobres, que ali encontram também uma grande quantidade de bacuparis, uma Sapotácea de fruto igualmente comestível”.

Perto de Jaraguá, Saint-Hilaire (1975, p. 44) destaca sobre outros frutos até então por ele desconhecidos com a mutamba e o xixá. Destes, destaca o sabor e a variedade: “Vi só duas espécies em flor, e seria inútil procurá-las nas florestas virgens do litoral. A primeira tem o nome de *matomba ou mutombo* (*Guazuma ulmifolia*, Aug. De S. Hil.) e o seu fruto, embora lenhoso, tem um sumo que lembra o sabor do figo maduro; a segunda é o chichá (*Sterculia chichá*, Aug. De S. Hil), cujas sementes são muito saborosas que deveria ser cultivado nos pomares do litoral”.

Ainda próximo a Jaraguá, o autor destaca sobre o Cerrado, fazendo longa e importante descrição das matas mais compactas, ao evidenciar os vários tipos de formação desse Bioma, com suas diversidades e variedades de plantas:

Os grandes arbustos são aí mais numerosos e mais compactos do que nas florestas virgens propriamente ditas. Dir-se-ia tratar-se de uma vasta e antiga capoeira, no meio da qual tivessem sido deixadas de reserva algumas árvores primitivas. Algumas Acantáceas e duas Amarantáceas foram praticamente as únicas plantas que encontrei em floração ao percorrer as seis primeiras léguas. A parte final da mata apresenta uma vegetação muito mais bela que o resto. Ali as árvores, quase todas vigorosas e muito próximas umas das outras, se entrelaçam com arbustos e lianas formando um denso emaranhado de ramos, e em certos trechos os bambus, muito diferentes dos que vi antes de Jaraguá.(SAINT-HILAIRE, 1975, p. 44).

Com toques filosóficos, Saint-Hilaire (1975, p. 48) entremeia sua narrativa científica com solilóquios emocionais, literários, a evocar a tristeza e monotonia da paisagem a suscitar o valor das pequeninas coisas ali existentes: “E isso, naqueles monótonos sertões que eu tinha de percorrer sozinho, fazia com que eu lhe desse grande valor”.

E destaca, ainda, sobre a quebra brusca do cenário do Cerrado, ao passar de uma forma de vegetação para outra, causa de seu estranhamento: “Depois de deixar o Rancho das Areias de repente me vi a céu aberto, num campo salpicado de árvores raquíticas. A mudança se fez bruscamente, sem transição, como se fosse um cenário de teatro. E, no entanto, não me parecera que tivesse havido a menor alteração, nem na natureza do solo nem na altitude da região”. (1975, p. 49).

Como arguto observador da geografia dos lugares goianos, Saint-Hilaire (1975, p. 50) analisa a vegetação de Cerrado nas cercanias da Cidade de Goiás e a relata com toques literários sinestésicos, a comparar relevo e sentimento, numa percepção aguda do seu meio e do seu tempo:

A vila foi construída no fundo de uma espécie de funil, sendo inteiramente rodeada de morros de altura desigual, que fazem parte da Serra do Corumbá e do Tocantins. No entanto, a paisagem que a cerca nada tem de melancólica. Os morros não são altos, e as matas que os cobrem mantêm-se permanentemente verdes. Não sendo muito fechadas, elas não dão ao lugar a aparência tristonha e severa das regiões das florestas virgens.

Nesse aspecto, pode se entender com clareza a natureza entendida pelo viés do Romantismo ou pela visão romântica e idealizada da paisagem. Essa concepção de mundo idealista e metafísica, ao buscar a totalidade e unidade, é a forma do poder mitogênico desse período da história literária. Percebe-se uma concepção organicista da natureza, como se a mesma independesse do humano.

E, também, se percebe o ideário de poder concebido num espaço diferenciado, que, no pensar de Claval (1979), articula as diferentes posições dos atores no cenário econômico e social, como ocorreu em Goiás desde a sua formação. O poder pela posse, pelo domínio.

Ao deixar a Cidade de Goiás, Saint-Hilaire (1975, p. 59) relata sobre as características de raquitismo da vegetação, atacada inclementemente pelo fogo, assim como pelo excessivo corte da mesma pelos negros, no uso da lenha, assim como o processo de recomposição dessa mesma vegetação ao longo do tempo; o que não passa despercebido pelo autor:

Os troncos dessas plantas, entretanto, eram mais grossos, seus galhos mais retorcidos e suas folhas maiores. Um exame mais atento me fez ver que esses

arbustos eram os mesmos que constituíam a maior parte das árvores encontradas nos campos, os quais deviam provavelmente seu estado de degenerescência não só à natureza do solo pedregoso.

Discute ainda o autor sobre espécies exóticas do Cerrado como a Canela de Ema, com uma flor diferenciada, além do buriti e s fazendas abandonadas em plena decadência que vivia toda a Província, fato recorrente em sua narrativa:

Depois de Areias o solo continuou apresentar uma mistura de cascalho e areia. Viam-se grupos de árvores mirradas e retorcidas espalhadas aqui e ali. A *Vellozia* (canela-de-ema), amiga dos lugares elevados, crescia ali em abundância. Até então, a única espécie de palmeira de folhas digitadas que eu tinha encontrado era o buriti. Depois de ter feito 1 légua cheguei a uma casa em ruínas, mas que devia ter sido muito bonita. Pertencia na época à Fazenda Real e, como já foi visto, o fisco deixa ao abandono, ali em Minas, todas as propriedades que lhe caem nas mãos. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 60)

Destaca Saint-Hilaire (1975, p. 61) no alto da Serra Dourada sobre o papiro, espécie característica do local e que foi, por lei, a certo tempo, a árvores-símbolo de Goiás, por propositura da admirável botânica e orquidófila Amália Hermano Teixeira (1916-1991). O pesquisador analisa de forma mais abrangente esta diferente vegetação nascida nas pedras e contrafortes da Serra Dourada:

Entre árvores mirradas que brotam do meio das pedras há uma que merece menção e que no lugar é chamada de árvore-do-papel, porque sua casca, inteiramente branca, é composta de varias camadas destacáveis e muito delgadas, que têm a consistência do papel da China. Essa árvore, que atinge de 5 a 8 pés de altura, tem o tronco tortuoso, o mesmo acontecendo com seus ramos, que nascem a pouca distância de sua base. Eles crescem quase verticalmente, terminando num feixo de ramúsculos finos e curtos. Infelizmente, à época de minha viagem essa árvore se achava inteiramente despojada de suas folhas, o que me impediu de saber a que gênero pertencia..

Saint-Hilaire (1975, p. 70) relata o cotidiano dos índios Caiapós e destaca nos mesmos o uso peculiar do buriti para confecção de vários artefatos de uso diário como os jacunus, esteiras e travesseiros, a destacar a importância do Cerrado no cotidiano dos “filhos da terra”:

Os jucunus são feitos tomando-se duas folhas de buriti (*mauritia vinifera*) e dividindo-se em tiras finas os folíolos que as compõem e formam o leque. As tiras de uma folha são trançadas com as da outra, compondo uma espécie de cesta elíptica aberta dos lados, à qual é presa, à guisa de alça, uma trança comprida e flexível, também feita de buriti. Para se usar a cesta, introduz-se nela uma esteira pequena e

elíptica, enrolada como um cilindro. Quando a esteira fica quase cheia, coloca-se uma outra sobre ela enrolada da mesma maneira, e assim sucessivamente.

No alto da Serra Dourada destaca Saint-Hilaire (1975, p. 75) sobre os íngremes caminhos do passado; marcados por despenhadeiros e passagens perigosas. Nos lombos dos burros seguiam caravanas e tropas lentamente, na lentidão própria daquele século.

Era uma mostra do quanto a capital da Província ficava escondida e afastada de todo e qualquer possível desenvolvimento, fato que mais de cem anos depois foi a marca emblemática da mudança para Goiânia:

Em outros, o caminho era extremamente pedregoso, com troncos de árvores, ramarias e cipós obstruindo a passagem, e além do mais muito íngreme. Parecia-nos que a qualquer momento nos iríamos precipitar ao fundo de uma escura ravina. O aspecto da região é quase sempre o mesmo, na maioria das vezes montanhosos. Em geral, há grandes extensões cobertas de matas, mas de vez em quando vêem-se alguns campos salpicados de árvores enfezadas.

O ideário de solidão está sempre presente nas descrições geográficas e históricas do autor, ao evidenciar mudanças de paisagens, bruscas e inesperadas, além de uma infinidade de bichos e insetos a atormentarem os viajantes pelas terras do Cerrado, além dos nomes exóticos dos Lugares, nesse caso o “porco morto”:

Paramos no lugar denominado Porco Morto, à beira de um riachinho, num vale fundo e estreito rodeado de morros cobertos de matas. Grandes árvores formavam acima de nossas cabeças uma abóbora espessa, e aquela solidão parecia isolada do resto do universo. Entretanto, era-nos impossível desfrutar da beleza do lugar devido à infinidade de insetos de toda espécie que nos atormentava. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 76).

Relata Saint Hilaire (1975, p. 86) sobre a vegetação de Cerrado específica da região de Pilões, quase divisa com a Província de Mato Grosso, a relatar sobre espécies como a Caraíba e o Pau d’arco, o entrelaçamento e fechamento das matas mais densas, a dificuldade de passagem por esses caminhos orlados de grandes árvores, típicas da região hoje do Mato Grosso Goiano e os rios mais caudalosos e piscosos.

Quanto ao resto das árvores, a maioria eu já tinha visto em regiões semelhantes, como por exemplo a *Qualea*, a *Roupala* n° 820, o *pau d’arco*, as mesmas

malpigiáceas, etc. À época de minha viagem, a folhagem da maior parte dessas árvores estava seca e amarelada. Algumas, porém, como a *claraíba* e o *pau d'arco*, embora totalmente despojadas de suas folhas, estavam cobertas de flores. As paineiras-do-campo (*Pachira marginata*) já começavam a frutificar, apesar de ainda não terem folhas. O verde das matas era, pelo contrário, muito bonito, e em alguns lugares de um viço extraordinário. Uma profusão de arbustos forma, entre as árvores, uma espessa cobertura entrelaçada por grossos cipós.

Já naqueles tempos, o autor destaca sobre a inexistência de muitos bichos nas “vastas solidões” do Cerrado. Mostra a presença do lobo guará, dos macacos e da onça, temida até pelos animais de cativeiro. Eram membros de uma “soberba solidão”, como destacou Saint-Hilaire (1975, p. 88):

Surpreendeu-me muitas vezes encontrar tão poucos mamíferos nas vastas solidões que eu percorria. Mas poucos dias antes de chegar a Guarda-Mor, meus virmos vários cervos, tendo depois matado um macaco, cuja carne achei bastante saborosa. Finalmente, durante grande parte da noite que passamos em Mamoneiras ouvimos os uivos do guará (*Canis campestris*, Neuw. ex Gervais). Antes de chegarmos a esse pouso, nossos burros começaram a mostrar relutância em prosseguir caminho. Farejavam à direita e à esquerda, e pareciam inquietos e assustados.

Na região de Cerrado, nas cercanias da Cidade de Goiás, Saint-Hilaire (1975, p. 92) destacou sobre as queimadas, fato corrente naquele tempo, que se desenrolam até os tempos atuais. Relata literariamente sobre o fato, destacando a fumaça e o calor insuportável na velha capital goiana:

Começava então a queimada dos pastos, nos arredores da cidade de Goiás. Como já tive ocasião de dizer, o fogo que consome o capim tem uma cor avermelhada e avança geralmente em várias direções, formando linhas que vão serpeando pelo campo, entre as quais há o intervalo determinado pela distância que separa uma fileira de tufos de capim da outra. Os morros que cercam a cidade me ofereceram certa noite um espetáculo magnífico. Pareciam iluminados por fileiras de lâmpões dispostos em vários sentidos.

Continua o autor a relatar sobre as árvores secas, mirradas e raquíticas, recorrentemente frágeis, nas andanças pelo Cerrado. Destaca sobre o assa-peixe branco, típico da região, o calor, a seca prolongada, com vários córregos secos, a dificuldade para o uso dos monjolos no trabalho com a farinha e o capim das pastagens. Saint-Hilaire (1975, p. 96):

Na época de minha viagem uma parte das árvores da mata tinha perdido quase que inteiramente as folhas, e à exceção – creio eu – de quatro espécies de Acantáceas e da Composta vulgarmente chamada *assa-peixe branco*, nenhuma das plantas tinha flor. As hastes do capim-gordura estavam inteiramente secas, e como não há

ventilação nas clareiras rodeadas de árvores onde cresce esse capim, o calor que fazia ali era insuportável.

Relata Saint-Hilaire (1975, p. 100) a sua passagem pelo Engenho de Joaquim Alves, hoje a famosa Fazenda Babilônia em Pirenópolis, o conforto da residência e o fino trato de seus proprietários, além da inteligência do Comendador, homem fino e educado, pioneiro da imprensa goiana, com o jornal *Matutina Meiapontense*, em 1830:

Depois de tantas jornadas tediosas e cansativas através dos sertões, senti-me feliz por me achar numa casa que reunia todo o conforto que a região podia oferecer, onde eu gozava de inteira liberdade e cujo proprietário, um homem esclarecido, tinha por mim toda consideração. O tempo que passei na casa de Joaquim Alves foi muito proveitoso. Meus homens fizeram uma esplendida caçada nas margens de uma lagoa situada nas proximidades. Quanto a mim, passei para o papel uma parte dos dados que recolhera sobre vários assuntos e obtive novas informações em conversas com o meu hospedeiro.

Saint-Hilaire (1975, p. 110), entremeando suas narrativas literárias e científicas extravasa sentimentos quanto à permanência no sertão, ao fazer inclusive certas indagações sobre a bondade das pessoas, revelando sua inteligência e perspicácia no trato com o outro. Era sua visão do povo cerradeiro:

Gozava de perfeita saúde e me ia habituando cada vez mais às fadigas e privações de cada dia. Chegava quase a lamentar que esse tipo de vida em breve fosse acabar. A paz e a liberdade que eu desfrutava naquelas solidões seriam certamente um dia motivo de nostálgicas lembranças. As pessoas que eu conhecia, nem que fosse por poucos instantes, mostravam-se apenas o seu lado bom... E me assustava a idéia de me ver de novo numa sociedade onde as pessoas se acham tão próximas umas das outras que em todas as coisas que fazem, por menores que sejam, acabam sempre por se magoar; onde as paixões atingem o mais alto grau de exaltação e onde parece sempre haver alguém pronto a achar erros nos outros para prejudicá-los.

Destaca o autor sobre a presença de mosquitos e abelhas na região e a pobreza de Santa Cruz de Goiás, outrora opulenta cidade do ouro, e, nesta a dificuldade para organizar a sua coleta de plantas: “Durante o dia eram borrachudos e abelhas de várias espécies que nos atacavam, substituídos à noite por pernilongos. Os mosquitos são sempre mais numerosos nos trechos ainda desabitados”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 115).

Auguste de Saint-Hilaire destaca a presença de inúmeros mendigos e vadios perambulando pela Província, fruto talvez de tanta indolência que marcava naqueles tempos o itinerário dos cidadãos e a falta de oportunidades de trabalho. Havia muita miséria e pobreza.

O viajante não poupa as mulheres e identifica o homem goiano como autoritário e com muitas amantes e concubinas. Na concepção dos mesmos, a mulher vivia presa ao lar e eram as poucas que se podiam ver no espaço público. Viam também que as mesmas não tinham a menor possibilidade de conseguir escolher um marido.

Ao final, fala das misérias sempre renovadas da Província e o abandono em que vivia o povo do sertão. Com laivos melancólicos narra sua saída de Goiás: “Não tardei a alcançar as margens do Paranaíba, e pouco depois deixei para sempre a Província de Goiás”. (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 124).

Como um filósofo, Saint Hilaire (1975, p. 138) exorta a questão de amor à terra como elevação social:

Uma das causas da “imbecilidade habitual” que falava Luccock: como não há nobreza na terra, ninguém chega chamar um pedaço de terra como *meu tostão natal* ou *terra onde eu nasci* mas tendo cultivado ou prosperado uma terra se evadem dela tão logo tendo obtido seu sustento. O Brasil precisa de amor. Não o amor da patriotada de ontem ou dos nativistas de calcanhar sujo de hoje; mas do amor à terra. Não digo o amor à propriedade, mas à terra mesmo.

Auguste de Saint-Hilaire vivenciou as dificuldades nos caminhos do sertão, com seu ideário, sua concepção de mundo também fez história, que na visão de Correia (2001), esteve fundamentado num saber europeu, mas que propiciou oportunidades de se fazer conhecido o Goiás de então, abrindo campo a outras possíveis investigações.

2.3. Manuel Aires de Casal e sua Chorographia com destaque para Goyaz

O português Manuel Aires de Casal¹ foi um grande estudioso da Geografia lusitana. Redigiu sua obra nos sob ditames da Geografia clássica, na busca por descrever

¹**Manuel Aires de Casal**, popularmente conhecido como **Padre Aires de Casal** (Pedrógão, 1754 - Portugal, 1821), foi um sacerdote, geógrafo e historiador Português, que viveu durante muitos anos no Brasil, escrevendo o primeiro livro de edição brasileira em 1817. Os seus dados biográficos são escassos. Afrânio Peixoto afirmou que teria nascido em Cachoeira, na Bahia, em 1757. Após concluir os estudos primários em sua terra natal, cursou Teologia e Filosofia, tomando as ordens. Passou para o Brasil, vindo a exercer o cargo de Capelão da

com base em descrições e inventários, com pouca crítica ou fundamentos teóricos ou científicos, servindo mais como compilador de obras anteriores, haja vista que não esteve na maioria das Províncias descritas, conforme destacou Prado Junior (1955).



Figura 63 - Capa da **Corografia Brazilica** (1817). Acervo do exemplar pessoal.

Sua Chorographia está dividida em duas partes distintas, uma em que relata sobre a Colônia e outra em que as Províncias aparecem divididas em regiões que seguem os cursos dos principais rios. O Capítulo sete de sua obra é todo dedicado à Província de Goyaz, iniciando-se com a parte histórica, ao afirmar que, nesse ano, 1817, era ainda parte da Capitania de São Paulo.

Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro (1796). Exerceu a função de presbítero secular do Crato, na então Província do Ceará, em 1815. Aires de Casal retornou a Portugal com a Família Real Portuguesa em 1821, onde veio a falecer no mesmo ano; tendo se dedicado ao estudo da Corografia (Geografia e História) do Brasil.

Era a clássica divisão da Colônia, que seguiria séculos seguintes, conforme destacou Guimarães (1941) em seus estudos sobre a divisão e as causas da mesma, geralmente política e econômica.

Destaca Aires de Casal sobre a saga bandeirante, a presença de Bartolomeu Bueno, os índios da “nação Goyá”; destaca sobre a afluência de garimpeiros vindos de Cuiabá, na busca pelo ouro, na formação do Arraial de Santana. Sua preocupação é sempre ressaltar o conhecimento do branco em relação ao despreparo indígena.

Aparece desse âmbito o ideário de poder, de dominação, de raça superior, como destaca Lebrun (1999), no mito formador dos povos, das regiões, dos lugares, em dimensões diferentes, mas com o mesmo fundamento, o de sobrepor e comandar.

Ao destacar sobre a vegetação é enfático: “He quazi por toda parte cuberta de matto carrasquento, a que chamam catingas. O terreno só he fecundo, onde há bosques, dos quaes não he abundante, se exceptuarmos os districtos da capital, Meya Ponte, Pillar e Santa Luzia”. (CASAL, 1945, p. 319). Desde esse tempo o Cerrado é visto como carrasquento, feio, torto e imprestável.

Ao narrar as espécies nativas do Cerrado, destaca Casal (1945, p. 322) sobre aquelas então mais conhecidas e utilizadas:

Há variedade de plantas medicinais, diversidade de palmeiras; árvores que dam casca para curtumes; boa cinza para decoadas; conhecem-se os grandes jatubás, que suam a goma coppal; os angicos que dam outra aleambreada. (...). Por toda parte he conhecido o fructo do araçazeiro, e annanazeiro, da magabeyra, e do marmaladeiro.

No restante, Aires de Casal destaca cada arraial da Capitania de Goiás e as características peculiares dos mesmos, valendo-se de documentos de outros viajantes que por essas paragens estiveram, ao tentar criar o ideário de Região que, no pensamento de Haesbaert (1999), se abre na perspectiva abrangente, com suas diversidades, suas peculiaridades, suas culturas e se consolida com o pensar de Kayser (1980), no aprofundamento da categoria e suas múltiplas possibilidades. Mas, o pensamento de Casal ainda primava pelo ordenamento de informações, sem conduzi-las a um diapasão crítico mais acentuado.

2.4 .Joahnn Baptist Emanuel Pohl e a visão científica de um mundo novo em ebulição em meio à inospidez do cerrado



Figura 64 - Pohl, nome importante na descrição de Goiás no século XIX. Acervo de Bento Fleury.

Johann Baptist Emanuel Pohl (1782 - 1834), austríaco, foi um médico, geólogo e botânico de renome e tradição. Nasceu em Kanitz, na Boêmia, aos 22 de fevereiro de 1782 e se dedicou apaixonadamente à botânica, tornando-se professor desta disciplina na Universidade de Praga. Mas, tinha desejo em conhecer novas terras e descobrir novas riquezas minerais pelo mundo.

Este estudioso foi conservador do Real e Imperial Gabinete de História Natural do Imperial Museu do Brasil, em Viena. Integrou a Missão Austríaca ao Brasil entre 1817 e 1822, posterior ao casamento da arquiduquesa Maria Leopoldina de Áustria com o príncipe D. Pedro de Alcântara, futuro imperador D. Pedro I. Seu trabalho foi de grande importância para o conhecimento das espécies nativas do Brasil, inclusive do Bioma Cerrado.

Sua viagem ao Brasil foi com o intuito de ser o encarregado da parte de mineralogia, assumindo depois a de botânica. Desligou-se da expedição e empreendeu uma viagem de quatro anos pelo interior do Brasil, atravessando o Rio de Janeiro, Minas Gerais e

Goiás. Conheceu nossa Província tão afastada de sua terra natal e com costumes tão pitorescos e diferentes em meio à inospidez do Cerrado.

De sua viagem publicou "*Viagem no Interior do Brasil. Empreendida nos Anos de 1817 a 1821 e Publicada por Ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*" e uma obra botânica, "*Plantarum Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae*"

Também Johann Emmanuel Pohl relata sobre a indolência do povo, colocando tal fato como um costume brasileiro, aos moldes de Saint-Hilaire ao enfatizar a “tradicional preguiça brasileira”:

Dirigem a obra um feitor e vários inspetores, nenhum dos quais tem o menor conhecimento de mineração regular. Os últimos usam um bastão de cerca de dois metros de comprimento, que tem na ponta uma longa correia de cinco centímetros de largura. Com esse instrumento castigam os trabalhadores preguiçosos ou os que praticam desonestidades. Apesar desses meios punitivos, o trabalho é feito com a tradicional preguiça brasileira. (POHL, 1951, p. 148).

No mapa que segue na folha abaixo, aparece o roteiro da viagem de Pohl pela Província de Goiás e os diversos locais que estudou e visitou, procedendo importantes análises para a Geografia e para a História de Goiás.

No roteiro do mapa é possível perceber a entrada do pesquisador por Paracatu, chegando ao Registro de São Marcos, depois seguindo para o Povoado São Sebastião dos Cristais, indo ao Arraial de Santa Luzia e deste para Corumbá, seguindo para Meia Ponte, depois Vila Boa. Nessa capital, descansa e conhece a vida administrativa e social do lugar.

Segue a viagem, conforme o mapa, indo ao Arraial de Água Quente, deste para Pilar, depois Tahyras, deste até São Félix, de onde vai e volta de São João da Palma, seguindo para Porto Real e deste para São Pedro de Alcântara e, finalmente, Cocal grande, no ponto extremo da Província. De cada local ou nos trechos do caminho, muitos estudos sobre as particularidades do Cerrado.

Não um Cerrado visto em si mesmo, proém comparada a outros biomas-territórios em situação inferior, como se a característica vegetal do espaço goiano fosse imprópria ao florescimento do progresso e de melhores condições de vida. Como se o Cerrado em si só, já evidenciasse o fracasso e indolência da gente de então.



Mapa 009 - Mapa com o roteiro da viagem de Pohl pela Província de Goiás. Fonte: BURCHEL, Wilhoun, apud FERREZ, Gilberto, 1981.

Tem início, conforme o mapa, a grande viagem de retorno. Sai de Cocal Grande, passa por São Pedro de Alcântara, deste até Porto Real, desviando para Carmo e Natividade, depois Conceição, Arraias, Morro do Chapéu, Cavalcante, Cachoeira, novamente Trahyras,

um longo trecho até Jaraguá, deste a Vila Boa, depois Curalinho, Bonfim, Caldas Novas, Santa Cruz e finalmente Paracatu, saindo da Província de Goiás.

A população é descrita por esses viajantes como mista, eclética e promíscua, composta por brancos portugueses fugitivos e aventureiros, negros servis. Pohl retrata a soberba dos brancos em Vila Boa de Goyaz:

Os brancos são na maioria de origem portuguesa, em parte fugitivos e aventureiros e, no entanto, formam a primeira classe, o que se deve apenas à cor. Na maior parte são intoleravelmente altivos e soberbos, crentes dessa sua superioridade em relação às outras raças. Poucos melhoram o caráter, antes exibem a vulgaridade de sua existência anterior. O ócio é a máxima felicidade dessa gente... Com essa inatividade e preguiça, os brancos decaíram tanto que à maioria deles falta até o necessário para comparecerem decentemente à igreja aos domingos. (POHL, 1951, p. 141).

Assim como Saint-Hilaire, Pohl realizou uma série de estudos sobre a fauna, flora, relevo e características peculiares do Cerrado. Destacou sobre os tipos de vegetação, em especial a “árvore do papel”, da Serra Dourada: “Nessa planície encontrei algumas plantas raras, especialmente uma nova espécie de *Lasiandra*, uma antiga réxia, que denominei *Lasiandra papyrus*. O povo chama-a árvore-do-papel, por julgar que da película do tronco que quase desprende como a de nossa bétula, se possa fazer papel.” (POHL, 1951, p. 359).

Em seus relatos também, descreve o Cerrado sempre como algo pequeno: “O nosso caminho passava então por pequenas elevações cobertas de arbustos baixos, com lavras de ouro abandonadas, cujos detritos e cascalho dificultavam a passagem”. (1951, p. 16). Eram os restos da mineração que se espalhavam pela tristeza do chão perdido, parado e esquecido daqueles tempos de prostração.

O chão bravio de então não apresentava em meio ao Cerrado a certeza dos caminhos. Havia muita rota errada. O pesquisador Pohl (1951, p. 17) relata, com laivos literários e filosóficos, a eterna paciência de rever os caminhos em meio à agressiva natureza: “Viajar nestas estepes e campos ermos, inóspitos e monótonos não é tão atraente, que se pudesse considerar indiferente um tal extravio. Entretanto, nada havia que fazer; tínhamos de conformar-nos com o inevitável, com paciência e bom humor”.

A solidão no ermo goiano em meio ao “pobre” Cerrado é destacada e emblemática em toda a obra. O desprezo, a miséria, e o abandono também se fazem presentes no Goiás daquelas eras. Tal fato lembra os versos de Félix de Bulhões sobre a solidão das serranias da Cidade de Goiás: “De branco azul e fogo/e púrpura toucados/diziam contristados/tu só, sem mais ninguém”.

Esse sentimento de estar só num ambiente tropical assemelha-se ao pensamento de Wailbel (1958) sobre a brutal diferença entre os mundos e a visão que se tinha dos trópicos; o que resvalou mais tarde para o que disse Caetano Veloso: “Não existe pecado do lado debaixo de equador”. O mito do paraíso e da liberdade, mas do diferente e misterioso.

O vestígio humano estava se apagando e a natureza tomava conta de tudo novamente, segundo Pohl: “Consta de um engenho de açúcar muito grande, mas abandonado, e de várias cabanas de negros, desmoronadas. Toda a cercania apresenta um quadro de grandiosa solidão; todos os vestígios humanos estavam apagados; e o contraste que ofereciam os restos do edifício com o amplo e silencioso ermo circundante, enchia a alma múltiplas reflexões”. (POHL, 1951, p. 19)

Ao relatar sobre os caminhos, Pohl (1951, p. 26) entreabre a certeza de que se vivia no mais completo estado de segregação. Em muitos pontos não existiam caminhos ou estradas. O Cerrado era rompido a facão. Eram os restos das lavras abandonadas após a febre do ouro: “O mau estado do caminho é compreensível, pois há dez anos que esta lavra está abandonada, e erma, e a natureza, que aqui sempre se desenvolve e germina opulentamente, não era mais impedida de desdobrar a sua força vegetativa. Por mais de um quarto de hora, abrimos caminho a facão através de densos arbustos”. Segundo o autor, tudo era “monótono e desagradável” (1951, p. 30).

Também, descreve cientificamente o Cerrado com as suas espécies, em especial os buritizeiros e a descrição aos moldes literários da força vegetativa do Bioma e da capacidade de renovação do Cerrado em meio ao agreste mundo dos goyazes:

A nossa trilha passava frequentemente por pequenos mananciais, cujas margens eram orladas de renealmias e milhares de buritizeiros (*Mauritia vinifera*). Ainda não tinha visto tamanha quantidade delas reunidas. Apascentei os meus olhos na bela vista que apresentava o altivo crescimento dessas árvores de oito braços de altura, com coroas espalmadas e grandes folhas flabeliformes. Estavam todas em volta de um grande charco e superavam-se umas às outras a magnificência do crescimento e na plenitude da força vegetativa. (POHL, 1951, pp. 31/32)

Ainda com tons literários e laivos poéticos, Pohl (1951, p. 38) admira-se das plantas que cobriam os morros, dos muitos tons de verde do Cerrado, dos grandes blocos de pedras e também do incômodo dos mosquitos:

Nas elevações, frequentemente, grandes blocos de granito nos retardavam o avanço. Por outro lado os campos já estavam ressecados pelo calor. Só raramente aparecia

uma planta digna de atenção; entretanto, as matas que cobriam as serras, mesmo à distância, ofereciam uma vista pitoresca com suas altas cássias amarelo-douradas, com o cambiante vermelho-rosa de suas bombáceas. Sob o ponto de vista entomológico também não havia o que colher. Todos os insetos haviam desaparecido, menos os incômodos mosquitos.

Na estação da seca o Cerrado esturrica. Tudo se reduz a folhas secas, caídas pelo campo. Esta situação não passou despercebida do arguto pesquisador que a registrou: “Peregrinamos sobre colinas esturricadas, cheias de velosiáceas, *Manihot rotundifolia*. As árvores que víamos, estavam inteiramente desfolhadas, como entre nós, no inverno; a erva estava ressequida”. (POHL, 1951, p. 53).

E também o ideário de abandono das fazendas está na descrição desse estudioso: “o nosso caminho atravessava ermos e monótonos campos queimados. Pouco depois, passamos por varias fazendas em decadência e logo subimos a encosta de uma serra, do alto da qual podíamos observar, em seu belo conjunto, as serras que seguiam o rio Maranhão”. (POHL, 1951, p. 107). Estava ele na opulência da região de Trahyras, que depois decaiu totalmente, chegando a se tornar um pequeno povoado, hoje Tupiraçaba.



Figura 66 – Casa em Trahyras onde se hospedou Pohl. Estado atual. Acervo de Bento Fleury.

De sua chegada ao antigo Arraial de São José do Tocantins, hoje Niquelândia, Pohl (1951, p. 64), assinalou literariamente a descrição do belo vale, e, aos moldes românticos, colocou-o similar a um paraíso na terra: “Amargurou-se nos assim o gozo da vista do magnífico vale que ficava aos nossos pés como um paraíso aberto no enfeitado adorno da vegetação tropical. Afinal, vencemos essas dificuldades, descemos ao belo vale e penetramos no arraial de São José do Tocantins”.

Sobre o antigo norte goiano, com seu ouro outrora escavado nas serras, Pohl (1951, p. 79) analisa a região como devastada pela antiga mineração, com traços de abandono, miséria e desgraça, com a natureza retomando os rumos de todos os velhos caminhos auríferos:

A serra oferecia um aspecto inteiramente peculiar de abandono e devastação pelas inúmeras escavações feitas para as lavras de ouro. Em volta tudo estava esturricado e os troncos das velosiáceas desfolhadas, enegrecidas pela queima das ervas, também contribuíam para completar o quadro do ermo que nos cercava. Depois se subirmos o pedregoso caminho de quartzo desta desengraçada serra, alcançamos, na descida, uma lavra de ouro chamada Garo; há aqui oito choupanas de barro, onde vivem os negros que extraem ouro da argila vermelha desta região.

Com a recorrente descrição dos campos dos Cerrados como estepes, o autor mostra a natureza indomável, vadia, imponente, mesmo agredida pelo calor, recompondo-se naturalmente à força de sua inospidez e abandono, crescida à margem de tudo: “A região a que então chegamos, era cada vez mais estéril. Inteiramente desnudos, mesmo de árvores baixas e arbustos, crestados pelo ardor do sol, os campos, que se estendiam para o sul numa imensa planície, ofereciam a imagem da mais inóspita estepe que a fantasia possa imaginar”. (POHL, 1951, p. 81).

Mesmo assim, agredida e indócil, os bichos perambulavam pela mesmo, conforme, cientificamente, relata Pohl (1951, p. 83): “Ao notarem a nossa aproximação, passaram apressadamente duas emas (*Rhea americana*). Vários rebanhos de veados (*Cervus campestris*) também farejaram a nossa aproximação e fugiram timidamente pelos campos”.

Sempre a ressaltar sobre as mudanças bruscas da natureza, Pohl (1951, p. 97) relata sobre a vegetação típica das margens dos rios caudalosos e suas múltiplas variedades:

Desemboca, como os demais riachos que vimos nesse dia, no rio Paraná. O solo estava seco, mas encontramos os campos com grupos de árvores de quáleas, voquisiáceas, gônias, estiráceas, quielmeieras, lauráceas, réxias, cássias, bauínias, acácias, bombáceas, lafoênsias, anacardiáceas, luéias, etc., cujo desenvolvimento

vegetativo (encontramos algumas de três braças de altura) deve atribuir-se à conquista ulterior desta região e à cultura brasileira, isto é, à queima dos campos.

Durante o percurso, em meio a íngremes caminhos, atalhos, picadas abertas em meio a rios, brejos, atoleiros, cipoais, cerrado fechado, havia acidentes com animais e pessoas; o que atrasava a viagem em muitas horas e até dias, conforme assevera Polh (1951, p. 109):

Quando o atravessamos, era a sua largura de 250 passos e a profundidade de cerca de um côvado. – Nessa travessia sucedeu-nos um acidente: Um dos nossos burros não pôde resistir à corrente, caiu três vezes de seguida, caindo n'água as caixas de plantas e insetos que ele conduzia. Visto que a água já penetrara, tivemos de abri-las imediatamente para salvar tanto quanto possível as coleções de plantas conseguidas com esforços e privações e guardá-las em novos papéis. Esse trabalho, que teve de ser empreendido imediatamente, levou-nos a uma demora de três horas completas. Além disso, muitas plantas já estavam estragadas, o que para mim era uma perda irreparável.

Sobre o clima variável e difícil de suportar, o estudioso narra o perigo do abandono de seus camaradas de serviço, além da indesejável presença dos ciganos durante os poucos; que sempre trazia problemas com roubos:

Esse frio causou à minha gente impressão muito desagradável, despertando-lhe perigoso espírito de insubordinação. Diziam abertamente que se o frio não cedesse, não continuariam a viagem e abandonar-me-iam. Na manhã desse dia (8 de maio), voltaram ao nosso acampamento os cavaleiros, acompanhados de uma horda de ciganos, e começaram a entoar as suas canções. Para livrarmo-nos deles, tivemos de fazer-lhes repetidos presentes; partiram depois e, em agradecimento, nos surrupiaram uma cilha. (POHL, 1951, p. 228).

Descreve Pohl (1951, p. 231) ainda a beleza das veredas muito presentes no Cerrado e os campos e colinas da região de Piracanjuba e Jurubatuba, grandes rios da época, mostra a mudança da vegetação de simples arbustos para matas de grandes árvores: “Havia uma vereda serpeante e confusa. – A região conservava o caráter dos trechos de caminho já percorridos. Campos e colinas. Só nas depressões dos riachos aparecia a floresta, que, depois de percorrida légua e meia, se estendia diante de nós com bastante largura”.

Pohl morreu no Brasil e toda a sua obra foi editada pelo Império. Além de observador cientista, foi fiel e ferino ao retratar psicologicamente a gente brasileira em cada região que passou, mas, como os narradores de seu tempo, Pohl não atentou para o saber local e a cultura do diferente, que, segundo Geertz (1999) tem profundo significado nos estudos

atuais. Era ainda no século XIX e o conhecimento tornava-se sempre hierarquizado e europeizado, visto de cima para baixo. O saber era um degrau na hierarquia social e no mundo do trabalho.

2.4.1 Joahan Baptist von Spix e Karl Friedrich Phillipp von Martius – Do velho mundo para o Cerrado



Figura 68 - Estudiosos alemães que pesquisaram as espécies nativas do Brasil e do Cerrado. Imagens de domínio público.

A mentalidade de que a cultura e o saber devem vir depois do progresso material aparece claramente na obra de Spix e Martius², evidenciada pelo desempenho notável na classificação da flora, fauna, orografia, estratigrafia do Brasil daquele tempo. Diferentemente dos demais, em sua obra não aparecem apenas aspectos fisiográficos e fauno-florísticos da vegetação brasileira, mas um estudo mais profundo com certeza.

Há, na obra de Spix e Martius, um grande apuro literário e filosófico antes de tudo. Além do trabalho científico há uma preocupação com a linguagem e com os efeitos da mesma na narrativa. Instigam, também, uma avaliação sobre a política do Império de então, numa visão do índio não como coitado, mas fruto de um determinismo do meio e do tempo. Eles o observam não como um bicho, um animal, mas como um homem no estado primitivo do que se coloca como parâmetro a questionável “civilização”.

²**Johann Baptist Von Spix (1781-1826).** Filósofo, médico e estudioso alemão. Fez estudos na França, Itália e Suíça. Aprofundou seus conhecimentos em botânica e zoologia. Karl Friedrich Philipp Von Martius, também alemão, médico e pesquisador, apaixonado pela botânica. Ambos vêm ao Brasil em missão e realizam importante trabalho na área da botânica ainda no Império.

Assim como os outros viajantes que passaram pelo sertão, Spix e Martius destacaram uma imagem romantizada da natureza. Esta era vista com sublimidade e oferecia sensações distintas e paradoxalmente opostas como “indizível tranquilidade e harmonia”; ao mesmo tempo, composta de uma “melancolia deprimente”. Esse chocante paradoxo pode ser notado ainda pelas rápidas mudanças na paisagem do Cerrado.

Aludem ao termo Savana, que, no pensar de Ferreira Junior (1998) foi concebido cientificamente na Venezuela, para distinguir os campos cobertos por graminóides e entremeados por plantas lenhosas. Ao longo do tempo, sofreu inclusive subdivisões como savana florestada, savana arborizada, savana parque e savana gramíneo-lenhosa.

Assim, a imagem de uniformidade de uma densa mata semidistrófica logo passaria à diversidade das paisagens pitorescas como o Cerradão e o campo sujo. (SPIX e MARTIUS, 1972). Ao relatarem o percurso da viagem, os cientistas colocariam a mata alta ou o cerradão como “tenebrosas martas virgens”, carregadas de perigos e medos, ou mesmo as reflexões de tristeza ou alegria delas advinda, numa percepção vitalista da natureza.

O que os autores não percebiam é que a vegetação do Bioma-território Cerrado, considerado em seu *lato sensu* não possuía uma fisionomia única em toda a sua extensão, ao contrário, ela era bastante variável e diversificada, às vezes abruptamente; o que causava o estranhamento, passando do simples estrato lenhoso, constituído de árvores e arbustos, para o estrato herbáceo, composto de ervas e subarbustos.

A natureza equatorial na visão dos estudiosos alemães era tributária de um novo mundo que se abria e a ida ao *interland* significa algo precioso para o desenvolvimento da humanidade, mesmo sofrendo as dificuldades “dantescas” de uma região aniquiladora, quente e fadada à preguiça e ao cansaço. Tudo estaria tributado ao contato: “Tudo em volta de nós se destacava distintamente como uma ressonância, como um ato grandioso do drama do mundo” (SPIX e MARTIUS, 1972, p. 27).

O destaque entre o local e o nacional não diverge. Ao passarem pela região goiana, imaginaram o local com o ideário nacional. A concepção de Categoria Geográfica ainda não se consumaria para ver, observar, pensar e conceber Goiás, no ideário de pertencimento ou identidade.

Em diferentes momentos da narrativa dos autores pelo Cerrado goiano, há uma descrição onisciente dos viajantes, eivada pelo ideário do Iluminismo, instiga sobremaneira a chocante realidade caótica ou esmagadoramente abandonada de nossos sertões. (SPIX E MARTIUS, 1972, p. 69):

Na solidão da viagem, entregando-me a estas considerações, despertou o voto para que já, sem demora, se iniciou estas investigações da terra fecunda, antes não transformadora do homem, tenha obstruído ou desviado o curso da natureza. Só poucos séculos ainda disporá a ciência de completa liberdade de ação para este fim e os subsequentes investigadores, não mais obterão os fatos na sua pureza das mãos da natureza, que já hoje, pela atividade, desse país em vigoroso progresso, está sendo transformada em muitas.

Os viajantes Spix e Martius (1977, p. 89) assim parecem ao mesmo tempo inebriados pela natureza e sua força pujante e misteriosa ao temor da transformação dos tempos e assim os fez com os encantos literários e os artifícios poéticos da linguagem: “Aquela majestosa natureza nos rodeou de todo o seu encanto particular, com o ligeiro sussurro dos leques das palmeiras, o canto delicado dos pássaros remotos, a solene escuridão do firmamento estrelado, sob o qual a folhagem do arvoredado se destacava dando serenidade à alma”.

Martius (1972, p. 109-110) relata alguns aspectos do Cerrado, percebidos a partir das paisagens por onde sua expedição passou, como a diferença do capão baixo de outro tipo de mata, própria da região:

As regiões situadas mais altas, mais secas, eram revestidas de matagal cerrado, em parte sem folhas, e as vargens ostentavam um tapete de finas gramíneas, todas em flor, por entre as quais surgiam grupos espalhados de palmeiras e moitas viçosas. [...] Do outro lado do pequeno arroio, o Borrachudo, deixamos a formação calcária, e encontramos solo granítico avermelhado, com pequena porção de mica.

Para os autores não passaram despercebidas as dificuldades advindas da enorme extensão do espaço brasileiro, notadamente em Goiás em que apareceriam imagens do caos: solidão, abandono, pontes caídas, gente preguiçosa, homens rudes, néscios, indolentes, pouco afeitos à metódica do trabalho cotidiano, muita vagabundagem pelos caminhos, população escassa, rareada, sumida em meio ao Cerrado, rios imensos, caudalosos e de difícil passagem, pouco comércio, pouca agricultura, pouca coragem, pouca vontade do governo. Visto sob o ideário do “século das luzes”, aqui era a escuridão da ignorância, segundo o olhar europeizado dos viajantes.

Assim, em sua rápida passagem pelo território goiano, no século XIX, Spix e Martius tecem profundas considerações sobre a natureza e o grau de “civilização” do povo goiano

2.5. Luiz D’Alincourt – De leste a Oeste, a visão da Província de Goyaz



Figura 69–Vila Boa com seu casario e suas pontes. Uma capital perdida no chão do Cerrado. Acervo de Bento Fleury.

O engenheiro português Luiz D’Alincourt³ foi outro estudioso das coisas brasileiras que esteve na Província de Goiás no ano de 1818, cortando-a de Leste a Oeste, e tecendo os seus comentários críticos, históricos e geográficos de grande relevância, principalmente na obra *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá*.

As considerações desse pesquisador e estudioso da engenharia foram importantes a respeito, inclusive, da navegação do Rio Araguaia, com seu valor geo-estratégico, tema defendido também por Couto de Magalhães.

O autor se concentra na descrição dos rios, desde a entrada na Província de Goyaz. Destaca sobre o Rio Veríssimo e também o Campo limpo que “tem suas cabeceiras dentro da Província de Goyaz, a leste da serra da Marcella” (D’ALINCOURT, 1975, p. 82) e fala, ainda, da irregularidade do terreno que “vem findar junto à estrada, pela direita um

³**Luiz D’Alincourt** (Oeiras, Portugal – 1787 – Espírito Santo – 1841). Era Praça da Artilharia da Academia Militar Portuguesa. No Brasil, quando aportou com a Família Real, participou de diferentes comissões de estudos na Bahia, Goiás, Pernambuco, Mato Grosso e Espírito Santo. Publicou diversas memórias sobre a corografia brasileira e assuntos militares, como *Memória sobre a viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, *Notícias sobre a parte meridional de Mato Grosso*, *Estatística da Província de Mato Grosso*, *Reflexões acerca da Província de Mato Grosso*.

comprido e mui fechado capão, com alguns coqueiros ou buritis, um pouco mais adiante, à esquerda, inicia um atalho que dá melhor e mais curto caminho”. (Op. Cit., 1975, p. 83).

E mostra, pouco a pouco, o caminho irregular dentro da então distante e desconhecida Província de Goyaz, com seus íngremes atalhos, cordilheiras, serras inominadas “passa por um outeiro, a que chamei de Longa Vista, por se divisar do seu cume, em todos os sentidos, grande extensão do terreno” (D’ALENCOURT, 1975, p. 83). Era o ideário de quem se via fazendo a história e compreendendo o espaço ainda inexplorado aos olhos do homem “civilizado”.

Ao relatar sobre a vegetação dessa região no Sul da Província de Goyaz, o pesquisador vai enfatizar, como os demais, as oscilações pelas quais passava o Bioma Cerrado: “De um lado se observam dilatados campos, montes e vales, todos calvos, e inteiramente incultos, e só de grandes distâncias aparecem pequenos bosques, por baixo dos quais correm alguns ribeiros; do outro lado o painel é igualmente belo; ao longe notam-se altos montes, mais perto apresentam-se viçosos capões e capoeiras”. (D’ALENCOURT, 1975, p. 84).

E como um fotógrafo da paisagem goiana daquele tempo, quase duzentos anos, o estudioso nos mostra a rusticidade da terra goiana, os arraiais de Bonfim, Pouso Alto, Curralinho, Vila Boa, Meia Ponte, saindo depois para a Província de Mato Grosso até Cuiabá, na mesma intenção de registrar e apontar as peculiaridades do então distante sertão bravio do Brasil.

Os lugares nomeados pelo pesquisador são, no mínimo curiosos, como o mapeamento feito pelo mesmo, sendo que deste itinerário, praticamente todos os nomes foram mudados, exceto apenas do Paranaíba, Piracanjuba e Catalão: Do Paranaíba aos Olhos d’água; dos Olhos d’água aos casados; dos Casados a Catalão; do Catalão ao Pé do morro; do Pé do morro ao Campo dos buritics; do Campo dos buritics ao Campo limpo; do Campo limpo ao Veríssimo; do Veríssimo ao Campo do Silva; do Campo do Silva ao Braço do Veríssimo; do Braço do Veríssimo ao Britto; do Britto ao Palmital; do Palmital ao Pedro da Rocha; do Pedro da Rocha ao Rio Corumbá; do Rio Corumbá ao Brejo; do Brejo ao Campo alegre; do Campo alegre ao engenho de Miguel Ribeiro; do Engenho de Miguel Ribeiro ao Manuel Dias; do Manuel Dias ao Bazílio; do Bazílio ao Arraial do Bonfim; do Arraial do Bonfim ao Engenho de São Domingos; do Engenho de São Domingos ao Engenho de Piracanjuba; do Engenho de Piracanjuba ao Tenente Borges; de Tenente Borges à Forquilha; da Forquilha ao Abrantes; do Abrantes às Furnas; das Furnas ao Arraial de Meia Ponte; de Meia Ponte ao

moradores do Taquaral; do Taquaral ao Arruda; do Arruda ao Jaraguay; do Jaraguay ao Rio dos Patos; de Rio dos Patos ao Secury; de Secury às Lages; das Lages ao Curralinho; de Curralinho aos Coqueiros; dos Coqueiros a Santo Izidro; de Santo Izidro à Cidade de Goyaz.

2.6. Raymundo José da Cunha Mattos e sua *Chorographia Histórica de Província de Goyaz*



Figura 70 - Raymundo José da Cunha Mattos, incentivador do progresso goiano e grande estudioso do Cerrado. Foto do livro *Chorographia histórica da Província de Goyaz*.

Há quase duzentos anos a Província de Goyaz eram uma região inóspita e desconhecida no coração geográfico da pátria. Poucos eram os aventureiros e corajosos que investiam numa viagem para o grande sertão, temendo dificuldades ou perigos que jamais poderiam ser vislumbrados nas cidades da costa brasileira, principalmente a capital Federal, Rio de Janeiro.

Dentre os poucos destemidos que ousou conhecer as terras de Goiás, teve destaque o General Raymundo José da Cunha Mattos⁴, que, por seu espírito investigativo,

⁴**Raimundo José da Cunha Matos** (Faro, 2 de novembro de 1776 — Rio de Janeiro, 1839). Militar, historiador, geógrafo, político influente. Combateu a Revolução Pernambucana. Inspetor arsenal no Rio de Janeiro. Nomeado comandante das Armas de Goiás em 1823. Deputado pela Província de Goyaz. Autor da *Chorographia*

quis registrar geograficamente a Província em sua importante obra *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*.

Raymundo José da Cunha Matos nasceu na cidade de Faro, em Portugal em 2 de novembro de 1776, filho de Alexandre Manuel da Cunha Matos e Isabel Theodora Cecília de Oliveira. Aos 14 anos já era soldado da Companhia de Armas do Regimento de Artilharia, na luta contra a França revolucionária na Península Ibérica.

Aos 21 anos seguiu para as Ilhas de São Thomé e Príncipe, onde foi graduado a Capitão. Em 1814, há 200 anos, visitou o Rio de Janeiro na condição de Tenente Coronel. Em 1817 lutou na Revolução Pernambucana.

A partir de 1817 permaneceu no Brasil definitivamente. Em 1823 foi nomeado Governador das Armas da Província de Goyaz, quando chegou a Vila Boa de Goiás no dia 15 de julho de 1823, há 190 anos passados.

Por seu rigor militar, Cunha Matos organizou administrativamente o Palácio Conde dos Arcos, o que lhe granjeou muitos desafetos na cidade. Mas, se impôs com seu caráter limpo e correto, gerenciando os assuntos de toda ordem. Mas não foi frágil, impôs prisões, advertências administrativas, ensinamentos, organizou as milícias, aumentou o número de soldados, construiu fortalezas militares e principalmente impôs disciplina quanto o erário público tão desacreditado então.

Por suas ideias avançadas para a época e a sua conduta ilibada, passou por diversos transtornos. Em 1826 foi eleito Deputado por Goiás e reeleito em 1830, quando retornou ao Rio de Janeiro.

Deixou obras como cartas geográficas, ensaios políticos e filosóficos, mapas itinerários, relatórios de viagem e a *Chorographia Histórica da Província de Goyaz*, escrita em poucos meses na extinta cidade de Traíras, contendo informações geográficas e históricas sobre Goiás.

Em seu trabalho, Cunha Matos fez uma pesquisa sobre a Província de Goyaz, com a descrição corográfica, as comarcas, as cidades, vilas e povoados, a descrição topográfica da

Histórica da Província de Goyaz, importante obra para a Geografia e para a História de Goiás. Obras: *Corografia Histórica da Província de Minas Gerais*, 1837. *Carta histórico-política militar*, 1822, *Corografia histórica das Ilhas de São Tomé, Príncipe, Ano Bom e Fernando*; *Ensaio histórico-político sobre a origem*; *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas províncias de Minas Gerais e Goiás*; *Memória da campanha do sr. D. Pedro de Alcântara, ex-imperador do Brasil, no reino de Portugal*; *Repertório da legislação militar, atualmente em vigor no exército e armada do Brasil*.

Província e de cada localidade. Descreve ele em minúcias a Cidade de Goiás, com sua topografia irregular, as ruas, os rios, a situação urbana com a falta de água, os chafarizes e todo o cotidiano vilaboense.

Cunha Matos cai estudando aos arraiais e suas particularidades como Curralinho, Meia Ponte, Anicuns, Arraial da Barra, Arraial da Capela, Arraial de Anta, Arraial de Santa Rita, Arraial de Ouro Fino, Arraial do Ferreiro, Arraial de Campinas, Arraial de Rio Claro, Arraial de Jaraguá, Arraial de Corumbá, Arraial do Rio do Peixe, Arraial de Santa Cruz, Arraial de Bonfim, Arraial de Catalão, Arraial de Santa Luzia, Arraial de Couros, Arraial de Pilar, Arraial de Crixás, além de outros. Descreve ele os rios e o relevo da Província.

O pesquisador avalia a vegetação, a destacar o desmatamento e as queimadas como prejudiciais ao meio, estragando a cobertura natural do Cerrado: “A falta de polícia a respeito da derrubada das matas e das queimadas dos campos tem de tal forma estragado as terras da comarca, que antigamente era um contínuo bosque” (MATOS, 1979, p. 61)

Destaca Matos (1979) sobre o capim catingueiro e o rabo de raposa, dos campos, a sua queimada excessiva, na inutilização das capoeiras então abundantes e das matas virgens. Sobre o Cerrado propriamente dito, ressalta o autor sem prévio conhecimento sobre a pouca qualidade da terra e a necessidade da escassa mão de obra na Província: “Uma grande parte do terreno está coberto de um arvoredado baixo a que chamam caatinga ou cerrado: dizem que não é bom para a agricultura, mas não é bom porque requer trabalho para cultivar, e é isto que o povo evita quando pode”. (1979, p. 62)

As descrições sobre o Cerrado aparecem eivadas de uma análise científica, mas com certas confusões conceituais sobre as reais características inerentes ao Bioma-território; equívocos estes nascidos da ausência de estudos nesse setor, naquela época.

2.7. Willian John Burchell, botânico e artista e seus desenhos sobre a terra goiana

O botânico inglês **William John Burchell**, em 1828, em sua viagem pelo interior do Brasil (1825/1829), documentou, em desenhos, todo o roteiro utilizado por ele, entre as cidades do Rio de Janeiro e Belém, no Pará. Burchell foi o primeiro naturalista inglês a visitar Goiás, sendo precedido em sua viagem pelo francês Auguste de Saint-Hilaire, pelo alemão, Johann Emanuel Pohl, ambos em 1819, e pelo português Cunha Mattos, em 1823.

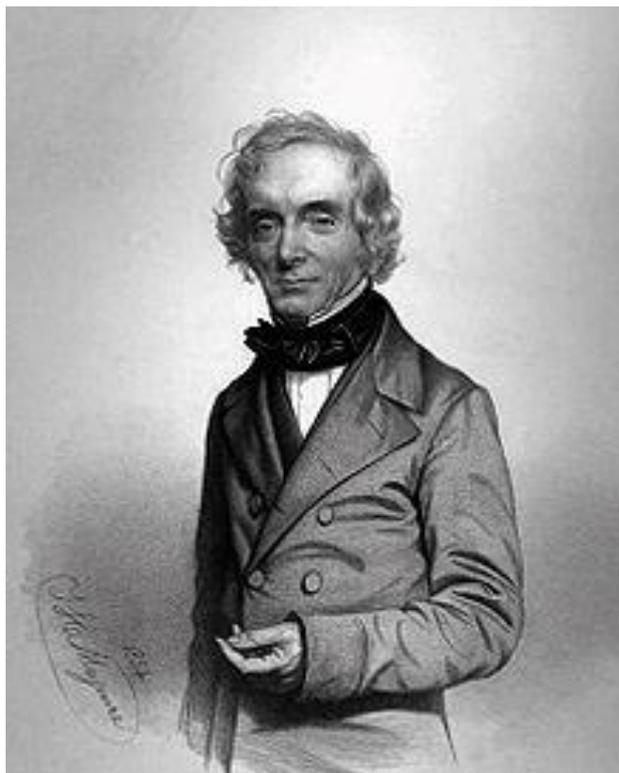


Figura 71 - William John Burchell, naturalista, botânico e artista que retratou Goiás. Acervo de domínio público.

Acrescentando sobre sua passagem pela Província de Goyaz, são de grande valor os desenhos que deixou, como uma considerável fonte de informações sobre a Vila Boa oitocentista, com a elaboração de 22 desenhos, sendo dois deles vistas panorâmicas, amplamente detalhadas. Tais desenhos evidenciam a paisagem, o casario, o relevo e as peculiaridades de vários pontos por ele visitados.

Tais desenhos resultam num modo peculiar e artístico de observar a paisagem goiana daquela época. Desde cedo, na Inglaterra, Burchell já se aperfeiçoara em desenho, com especial predileção pelo desenho de elementos da botânica e da paisagem de sua terra natal. As expedições seriam em sua vida um prolongamento vivo dessa aprendizagem que tanto o fascinava. De 1805 a 1810 passou ele na África do Sul e de 1825 a 1830, no Brasil, recolhendo grandes conhecimentos que lhe valeram por toda a vida. Fez também, mais tarde, esporádicas incursões à Europa.

Este estudioso incluía uma relação recíproca entre ciência e arte, com seu talento, ao intercalar observações por escrito com desenhos, Burchell criaria, de maneira espontânea, uma poética singular, na qual os ambientes são apresentados com o máximo de concisão e com beleza expressiva.

Em Goiás, a coleta, a seleção e a organização de seu herbário, de suas coleções da fauna e de artefatos etnográficos, demonstraram a observação, imersão, o registro e a representação artística de ambientes naturais e paisagens culturais, vistos por um ângulo sutil.

O objetivo do estudioso era criar um inventário ambiental das regiões novas, desconhecidas e profundas dos países, numa tentativa em vivenciar conjuntamente toda a diferença do estilo de vida inglês com os demais povos do mundo. Seus primeiros trabalhos, feitos entre 1797 e 1804, destacam seu apreço pelos detalhes, numa sensibilidade palpitante e romântica. Em Goiás, terra distante e inimaginável, retratou os pequenos detalhes da natureza e das cidades, vilas, povoados e arraiais imersos em meio ao inóspito Cerrado.

Representou o mesmo em nossa Província, a topografia da região, os detalhes do relevo, as plantas, os aspectos rurais e urbanos, flora e fauna, com profunda acuidade visual e delicadeza de artista.

No desenho em que representa o antigo Arraial de Meya Ponte, hoje Pirenópolis, aparecem ao fundo a natureza exuberante do Cerrado que até hoje, quase duzentos anos depois, circunda a cidade. As espécies nativas, conservadas representam uma das áreas de preservação hoje do Bioma. Aparecem ainda a Matriz de Nossa Senhora do Rosário e alguns casarões da Vila. A natureza se destaca como uma moldura do Cerrado a cercar o lugarejo naquele distante tempo.



Figura 72 - Arraial de Meya Ponte- Goyaz. Fonte: Acervo do IHGG.

No desenho seguinte, fruto da observação diária do artista e naturalista, aparece o chafariz da Carioca, distante do centro da Cidade de Goiás, imerso ao meio ao Cerrado florescente na embocadura do morro, ao lado do Rio Vermelho. Em estilo colonial, até hoje existindo, garantia a sobrevivência de pessoas que se dedicavam à profissão de carregar água e vender.



Figura 73 - Chafariz da Carioca – Vila Boa de Goyaz. Acervo do IHGG.

Em seus estudos da botânica, Burchel, assim como os demais, caracterizou plantas nativas do Cerrado goiano, em destaque os ipês floridos no tempo da seca, os jatobazeiros, os cajueiros do campo, as flores silvestres, tecidas literariamente como representante da beleza agreste e quente dos trópicos, causando admiração no botânico pela expressividade e profusão de cores e variedades em meio ao Cerrado brasileiro.

2.8. Francis Castelnau: Observações do sertão e do Cerrado, nas letras e no desenho

Francis Castelnau, naturalista e pesquisador, foi o chefe da expedição enviada pelo governo francês ao Brasil, com intuito de estudar nossas riquezas e nossas peculiaridades. Uma nova terra e um novo mundo. Sua expedição aportou na Província do Rio de Janeiro em 17 de junho de 1843 e permaneceu no país até março de 1847.

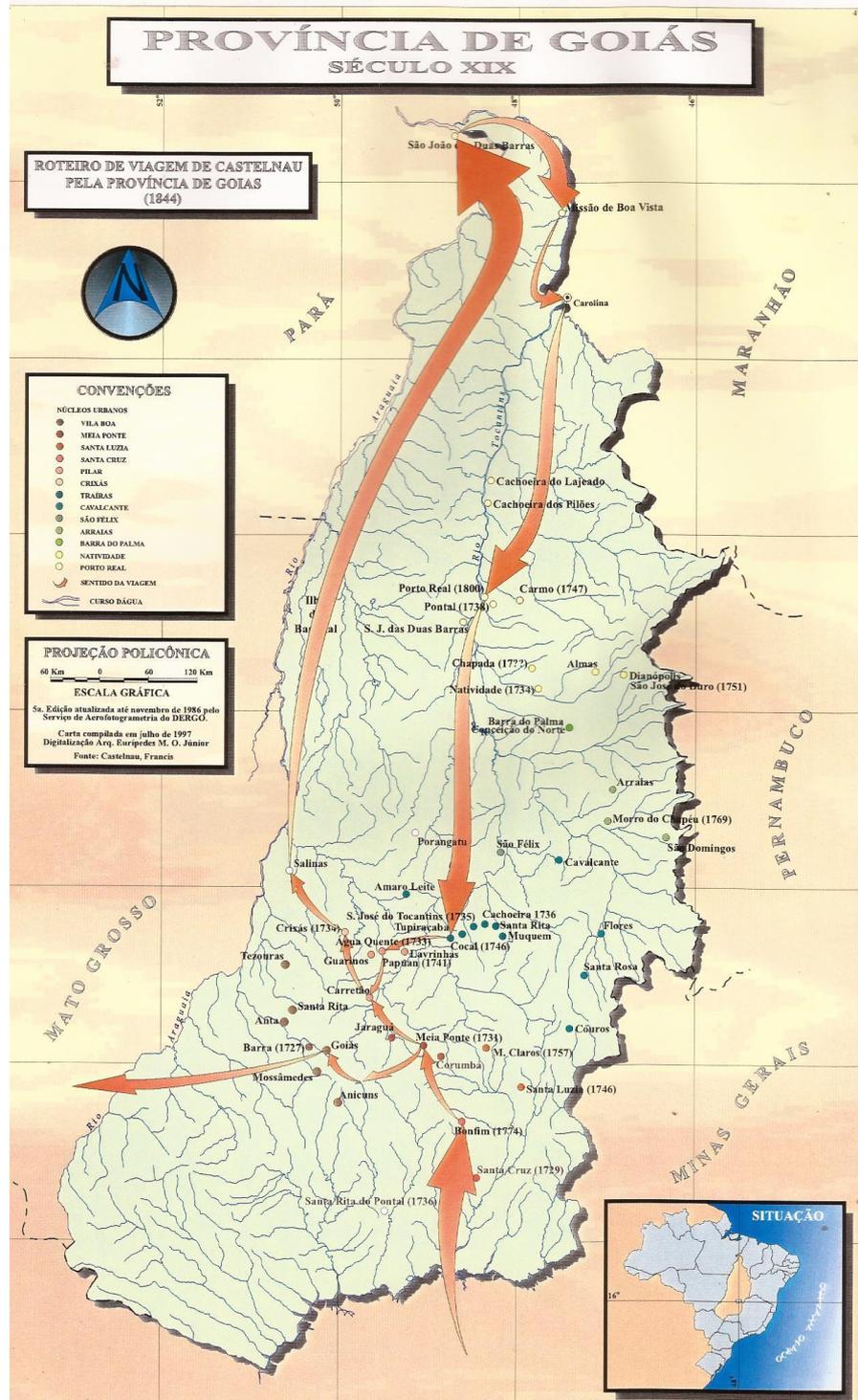


Figura 74 - Castelnau, inteligência a serviço das terras incógnitas. Acervo de domínio público.

Pelo tempo de sua estada na Província de Goyaz, os membros de sua expedição se ocuparam em realizar excursões botânicas, estudos geológicos, zoológicos e meteorológicos. Nessa Província, ao centro do Império brasileiro, ele permaneceu de fevereiro a dezembro de 1844. Além da Província do Rio de Janeiro, sua expedição percorreu e explorou as de Minas Gerais e Mato Grosso.

Inicialmente, o naturalista passou pela Vila de Catalão, desceu pelo rio Araguaia e subiu pelo Tocantins; quando realizou um estudo minucioso de descrição da região: população, história e comércio, riquezas naturais, fauna e flora; além de desenhar parte do que observou cuidadosamente.

Por essa mapa, que aparece abaixo, é possível perceber a entrada do naturalista pela Província de Minas Gerais, seguindo até o Arraial de Santa Cruz, depois Bonfim de Goiás, seguindo até Corumbá e Meia Ponte, deste até Carretão, depois Guarinos e Água quente; num longo percurso até Crixás e, deste, margeando o Araguaia pelo sertão bruto até São João das duas Barras, retornando à missão de Boa Vista, Porto Real, Trahiras, Cocal, Papuan, Carretão novamente, Jaraguá, Meia ponte, Anicuns, Goiás e por Mossâmedes até alcançar a Província de Mato Grosso, percurso este em que pode aquilatar tanto no sul quanto no norte a grandeza do Cerrado com suas variadas espécies e diferentes qualidades, embora feio e “enfizado”.



Mapa 010 - Mapa do roteiro de Castelnaud, de 1844. Acervo do IHGG.

Depois, o viajante andou pelas regiões do Paraguai, Bolívia e Peru, explorando ainda o rio Paraguai, quando navegou até Assunção, e de Vila Bela viajou para a Bolívia, pelo Potosi, chegando a La Paz, local de onde viajou até Lima, lá ficando algum tempo, e do qual partiu rumo à Província do Pará descendo pelo rio Amazonas em extenuantes e duras jornadas de perigosos caminhos.



181. Acampamento no Araguaia
Francis De Castelnau

Figura 75 – Acampamento no Araguaia – desenho de castelnau.

Assim como os outros estudiosos Castelnau fez estudos e descrições das regiões percorridas. Suas análises geológicas, geográficas e históricas são relevantes. Sua visão era sutil na percepção da alteridade, movido por uma cosmovisão própria dos europeus; inerente de seu tempo e de sua origem. E, assim como os demais, foi etnocêntrico e não poderia ser diferente. Artista do traço, tal qual Burchell, dedicou-se à pintura da paisagem goiana, como uma das primeiras da Catedral de Santana em Vila Boa de Goyaz.



Figura 59 - Castelnau – Largo da Matriz de Vila Boa de Goyaz em 1844.

Seu estilo cristalino e quase literário vem marcado pela descrição do exotismo do ambiente goiano, notadamente a região do Cerrado, quando se apaixonou pelo diferencial das árvores, ramos, flores, relevo, frutos próprios da região central do Brasil. Sua narrativa permite construir uma identidade regional para a Província de Goyaz, já caminhando para uma efetivação, haja vista já haver a imprensa, desde 1830, e dois anos seguintes já teria o Lyceu de Goyaz, o segundo estabelecimento de ensino secundário do Império.

Conhecer o nome dos lugares, das plantas, dos bichos, das diferenças era uma preocupação científica desses estudiosos. Eles se valeram de fontes orais e documentos oficiais, de observações científicas e acuradas análises. Ao encontrarem a Província de Goyaz em profunda decadência, e o estado lastimável do povo, inferiam que as causas eram a preguiça e a indolência dos moradores.

Suas visões capitalistas reverberavam que a falta de iniciativa e a prostração em que viva a população, contribuía para a miséria geral. E, também, os surtos de doenças tantas, eram analisadas pelas condições sanitárias indesejáveis, a água e a alimentação fraca, a base de mandioca e carne.

Quanto ao Cerrado, assim como os demais, fez descrições de plantas próprias da região, inferiorizou o Bioma-território com suas árvores tortas e “enfezadas”, assim como a monotonia dos longos espaços, de planícies sem fim ou serras altaneiras, marcadas por pedras físcantes e plantas raras, como o papiro, por exemplo.

2.9. George Gardner e sua viagem pelo sertão do Brasil – um pouco do antigo norte goiano

O botânico inglês George Gardner⁵ chegou ao Brasil em 1837, aportando inicialmente no Rio de Janeiro, em busca de coletar espécies diferentes e exóticas do Brasil para seus estudos e sua coleção.

Como estudioso do seu tempo, dedicou-se á criteriosa análise dos lugares e das gentes por onde passou do Rio de Janeiro até a Província do Maranhão, cruzando a Província de Goyaz no antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, passando pelos arraiais de São José do Duro, Almas, Arraial da Chapada, Natividade, Arraial de Conceição; Palma; Arraias,

⁵**George Gardner** (1810-1849). Botânico inglês que visitou o interior do Brasil para pesquisas e coleta de plantas. Enviou ao seu país, mais de seis mil espécies diferentes de plantas brasileiras. Faleceu aos 39 anos de idade.

São Domingos, Riachão, Posse, com detalhadas descrições do Cerrado, dos rios, usos e costumes da gente nortense de então.



Figura 76 - George Gardner, botânico inglês curioso pelas variedades exóticas do Brasil. Fonte de domínio público.

Quando chegou ao Rio de Janeiro, Gardner gastou vários meses explorando e pesquisando as matas da Tijuca e da Serra dos órgãos; locais onde coletou vasto material de suas pesquisas. Depois seguiu viagem passando pelas Províncias de Pernambuco, Bahia, Piauí, Maranhão, Goiás, Alagoas, e depois retornou à Europa com um herbário com mais de seis mil espécies de plantas. Seu tempo completo de viagem foi de 1837 a 1841.

Em Goiás, descreve a Serra do Duro, com sua típica vegetação, a população composta mais de negros e mulatos, servis e pacíficos; a quebra do coco pela população para uso e venda; as caçadas, a presença dos índios e as queimadas na serra. Descreve ligeiramente alguns hábitos da população.

Descreve a boa pastagem da região e a presença dos veados-mateiros: “Atravessamos uma bela região de montes e vales, em grande parte de pouca mata; algumas zonas altas, de campos abertos, devido às chuvas recentes, se haviam coberto de grama nova, de um pé de altura, na qual nenhum animal pastava, exceto uns poucos veados-mateiros”. (GARDNER, 1975, 150).

Em almas, pequena povoação nortense, dedicou-se ao estudo do mel ali oferecido e os variados tipos de abelha. Ali também coletou várias espécies de plantas, sempre se molhando na travessia dos rios caudalosos. Destaca o pesquisador Gardner (1975, p. 155) a variedade grande da Mangaba do morro, ali encontrada:

Não devo deixar de mencionar que, em nossa jornada de Duro a Natividade, encontramos grande abundância de um delicioso fruto silvestre, espécie de mangaba (*arconia pubescens*, var. *Gardineri*, Alph, DC), diferente da que cresce tão profusamente nas províncias de Ceará e Pernambuco. O fruto tem duas vezes o tamanho do outro e é ainda mais saboroso. Encontramo-lo a primeira vez na Serra do Duro, onde lhe chamam de Mangaba do morro; mas é também abundante nas chapadas, na planície em baixo e, como o de outra espécie, só é bom de comer quando bastante maduro para cair da árvore.

Descreve Gardner (1975) a velha Natividade, com seus hábitos, sua população e seus costumes, principalmente os alimentares, pois ali só se comia farinha e carne seca salgada. No alto da serra, o pesquisador coloca em evidência o Cerrado, ao destacar as árvores em meio ao solo cascalhento e as pedras luzidias: “Começando a ascensão da parte mais elevada da serra, coberta de poucas e pequenas árvores, mas abundante em *vellozia*, bem como de diversas espécies de erva ordinária, chegamos ao pico”. (GARDNER, 1975, p. 159). Mais adiante, esta planta é descrita como parte da vegetação das serras, com largas raízes e resina, e as flores brancas e purpúreas. Segundo o botânico, pertenciam à classe das Monocotiledôneas.

Em tons literários, confessa sua grande façanha de alcançar lugares jamais imaginados por outros pesquisadores estrangeiros: “Eu havia agora chegado ao ponto mais setentrional do Império do Brasil, jamais visitado por qualquer naturalista; nem Pohl, nem Burchell haviam levado suas excursões além de Natividade.” (GARDNER, 1975, p. 159).

Ressalta o estudioso ainda em Natividade sobre a Palmeira flor de coco, batizada com o nome de *Agaricus Gardneri*. Era usada como archote pelos meninos nativitanos e pelas pessoas nas procissões por sua resina de fácil combustão. Nativa do Cerrado era largamente encontrada na região.

No caminho para o Arraial de Arraias, descreve Gardner (1975, p. 162) a vegetação pequena do Cerrado e a presença de flores e orquídeas nativas: “A região é toda uma planície baixa, de grandes campos abertos, pântanos, e tractos de terra escassamente cobertos de árvores. Alguns belos arbustos floridos e umas poucas orchídeas terrestres foram colhidas nessa jornada”. Em outros caminhos, pela mudança brusca da vegetação, mostra o

viajante naturalista: “Atravessamos pequeno regato, que tinha em suas margens grandes e numerosas árvores, principalmente jatobás”. (Op. Cit. 1975, p. 164).

Mais adiante, destaca o naturalista sobre a vegetação florida dos campos: “Às vezes percorríamos alta planície relvosa, ligeiramente coberta de *Vellozia e Diplusodon*, sendo este último um belo arbusto que produz, profusamente, pequenas flores cor de rosa”. (GARDNER, 1975, p. 165). Relata, ainda, presença da perdiz e da arara; além da sucuri, que havia engolido um cavalo. Relata ainda a presença nos campos de melhor qualidade de terra, uma bela árvore da espécie *Mimosa*, chamada de angico, comuns nas matas cerradeiras.

Relata sobre a palmeira dos campos úmidos e pantanosos, com grandes cachos de pequenos cocos, depois alcunhados de buritis, alimento de pessoas e de macacos. Já no alto das serras pedregosas, anuncia o naturalista a “espécie vegetal de figueira silvestre, um grande *Cactus* espinhento, uma *Trixis* arbustiva, uma begônia pequena e uma *Loasa* picante”. (GARDNER, 1975, p. 167).

Perto de Arraias, destaca no campo do cerrado limpo, as espécies de flores nativas: *Kielmeiyera rósea*; *Lisianthus*, com suas flores azuis, , *Callopisma*, além da “Sicupira” e caju do campo e a abundante espécie *Mimosa*, ou o nosso belo angico. Em São Domingos, o naturalista colheu várias espécies de flores do campo cerrado como a variedade de orquídea nativa *Eriocualon*, a seu ver, diferente das britânicas ou “as urzes de minha terra natal”. (GARDNER, 1975, p. 179).

Nota-se grande interesse desse naturalista pelas flores exóticas do Cerrado, deixando poéticas descrições das mesmas pelos campos por onde passou.

2.10 - Visconde de Taunay, romancista e historiador do Cerrado

O escritor e romancista brasileiro, Visconde de Taunay⁶ foi um apaixonado pelo sertão do coração do Brasil. Foi um dos primeiros a dar destaque a regiões esquecidas como Goiás e Mato Grosso, notadamente numa época em que a parte central do País era uma incógnita.

⁶ Alfredo Maria Adriano d’Escagnolle Taunay (1843-1899). Engenheiro militar, político e escritor. Possui um estilo literário sóbrio e fundamentado nos paradigmas do Romantismo brasileiro. Dedicou um livro a Goyaz e teve grande preocupação com nossa história e Geografia. Obras: *A Retirada da Laguna*, *Inocência*, *A mocidade de Trajano*, *Lágrimas do coração*, *Dias de guerra no sertão*. Em *Mato Grosso invadido*, *Memórias*, *Goyaz*. Seu livro *Inocência* transformou-se em filme de grande sucesso.



Figura 77 - Visconde de Taunay, grande nome de nossas letras e um estudioso sobre o Cerrado. Acervo de Bento Fleury.

Esse escritor e romancista possuía um estilo literário integrado ao nacionalismo que imperou no Brasil Imperial, na tentativa de se construir uma identidade nacional. Pela pesquisa, pelo conhecimento da história brasileira e pela participação na Guerra do Paraguai, deixou obras que foram importantes nesse período.

Taunay (1974, p. 8) descreve com verve literária várias passagens relativas ao Cerrado. Em seu romance intitulado *Inocência*, demonstra a beleza em descrições poéticas, típicas do Romantismo Brasileiro: "Ando por estes fundões curando maleitas e feridas brabas". Segue, ainda, no ideário de distanciamento, de alheamento e de isolamento do sertanejo: "Há doze anos que moro nestes sovações, e palavra de honra, até o presente não me

tenho arrependido”.(TAUNAY, 1974, p. 82). O Pereira, sertanejo rude, orgulha-se de estar no alto sertão, longe da perniciosa modernidade do litoral, principalmente do Rio de Janeiro.



Figura 78 - As obras *Em Matto Grosso invadido* e *A Retirada da Laguna*, Visconde de Taunay registra passagens importantes dos sertões de Mato Grosso e Goyaz daquela época, colocando em evidência essa parte importante do Brasil, esquecida naqueles tempos.

Prossegue ainda o romancista em seu primeiro capítulo “O sertão e o sertanejo” a descrever a beleza do sertão de Minas e Goiás, como regiões desconhecidas da Costa brasileira. Novamente, como nas descrições de Pohl e Saint-Hilaire, o Cerrado aparece como enfezado, feio, torto, mas com sua beleza peculiar. Ele foi um dos poucos a se dedicar no Romantismo brasileiro a relatar o coração do Brasil.

Ora, é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou quando regadas pela linfa dos córregos, contudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor, e mostram na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora, são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora, sucessões de luxuriantes capões, tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos; ora, enfim, charnecas meio abauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso. (TAUNAY, 1974, p. 20).



Figura 79 - Outras obras desse grande estudioso, suas *Memórias*, em que registra a passagem por Goyaz e *Dias de Guerra no sertão*, em que analisa todo o processo da Guerra do Paraguai e suas consequências para a região sertaneja. Acervo de Bento Fleury.

Em outras obras de Visconde de Taunay, aparecem descrições exóticas do Cerrado. Em sua obra intitulada *Goyaz*, o autor estuda o Estado sob diferentes nuances, sobretudo sobre o Cerrado ao destacar sobre algumas espécies como o guarubu: "O pau-roxo, conhecido logo pela cor especial. Em algumas províncias, é chamado guarubu, em outras, buxinho." Taunay (1988, p. 43).

Também, destaca sobre o pau d'arco, madeira de lei que era abundante na região do Cerrado: "O pau-d'arco, do gênero *Tecoma*, também chamado ipê, ipê-uva ou simplesmente peúva, como é mais conhecido no interior." (1988, p. 44).

Seguindo na análise das espécies nativas do Cerrado, observa e descreve o jatobá, na época abundante, uma espécie hoje ameaçada e bem rara em nossas matas: "O jatobá, do gênero *Himenxa*, que encerra muitas espécies, das quais é a mais frequente a curbaril, d'onde provém a gomma-copal. Árvore abundantíssima em todo o Brasil, conhecida também por jataí." (TAUNAY, 1988, p. 45). Ainda destaca uma variante no Cerrado que é o jatobá do campo, de frutos saborosos e carnudos: "As mostras expostas eram de jatobás da mata de folha larga, e jatobá-do-campo, este último com cerne vermelho carregado." (1988, p. 46).

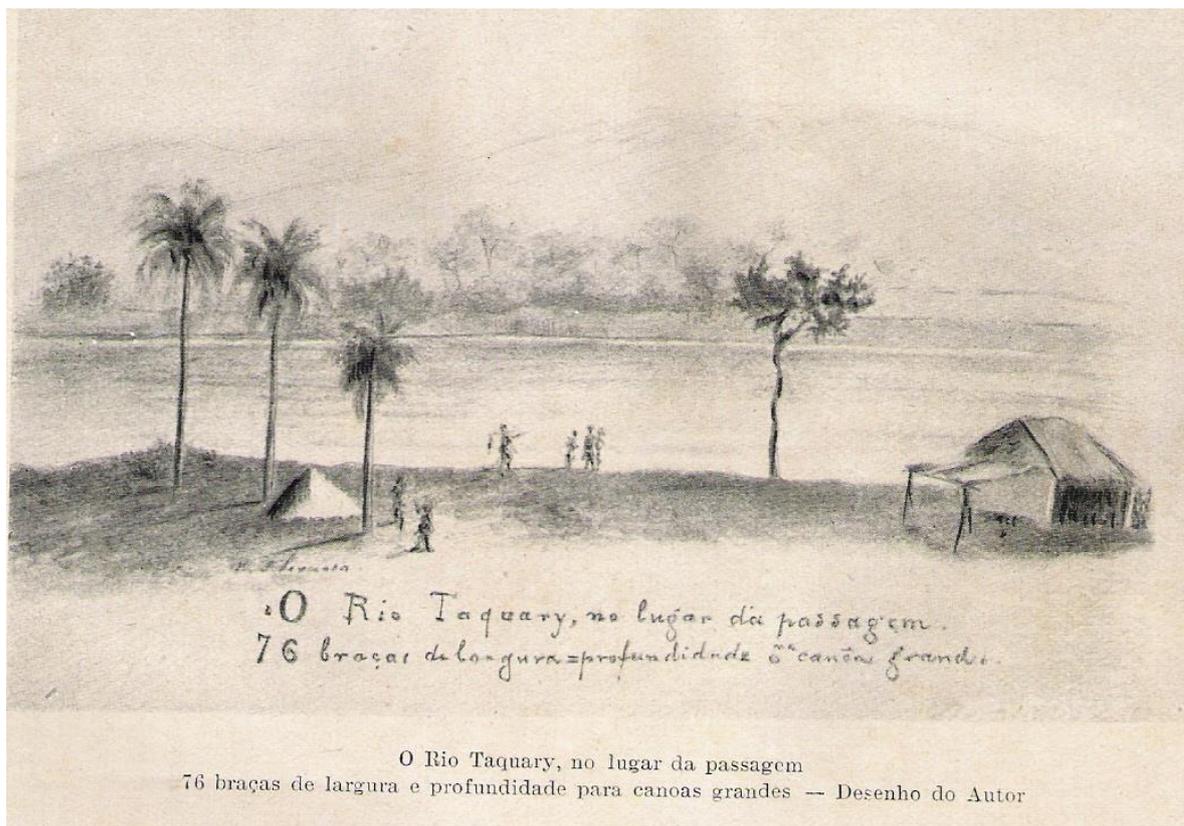


Figura 80 - Desenhos de Visconde de Taunay sobre as fronteiras geográficas e os limites entre Goyaz e Mato Grosso. Acervo de Bento Fleury.

Preocupado com a descrição de nossas riquezas vegetais, Taunay em seu livro *Goyaz*, registra ainda outras espécies nativas do Cerrado, em especial o landi, árvore gigantesca das margens do Rio Araguaia, de cuja madeira são confeccionadas as embarcações indígenas, notadamente ubás dos Carajás: "O landi ou lantim ou olandi. É árvore possante, da qual escorre uma resina balsâmica dotada de qualidades terapêuticas." (TAUNAY, 1988, p. 45).

Destaca, ainda, sobre outras espécies: "Sambaíba; sembaíba; simbaíba • lixeira-miúda Lixeira da folha miúda, a lixeira-miúda (dileniácea) de ótima aplicação nas orchites..." (TAUNAY, 1988, p. 50), além das propriedades da borracha, principalmente da mangabeira: "Muitas províncias expuseram borracha de mangabeira, árvore que não desmente a família Apoeynea, pois deita abundante suco leitoso, mal seja ferida." (TAUNAY, 1988, p. 51).

Em suas *Memórias*, Taunay (1951, p. 140), aborda sobre as dificuldades dos dias vividos no sertão de Goiás e Mato Grosso e as peripécias vividas no período da Guerra do Paraguai, além da passagem pelo Arraial de Abóboras, hoje Rio Verde:

Cortando os belíssimos campos da zona sul de Goiás que tentei descrever em livros meus, especialmente *Inocência, Histórias brasileiras e Céus e Terras do Brasil*, fomos indo devagar, sempre na direção média O., e já a lutar com falta sensível de mantimentos e com escassa distribuição de carne de vaca. Aqueles lugares centrais não estavam em condições de ministrar amplo fornecimento à coluna, de mais de três mil pessoas, que os estava atravessando. A 1º de novembro de 1865 entrávamos na paupérrima aldeola de Nossa Senhora das Dores do Rio Verde, pomposamente adornada com o qualificativo de vila, a que acrescentavam, no sertão, o prosaico apelido de Abóboras.

Descrevendo ainda os dias da Guerra, Taunay (1929, p. 63) enfatiza o auxílio de Goyaz no tempo bélico, com a ajuda em víveres, apesar de incompletos, para o abastecimento da tropa, tudo vindo das terras do Cerrado. Tal fato garantiu a vitória do Brasil.

De Goyaz nunca poderia vir o abastecimento completo, exigido n'um momento dado em vista dos fracos recursos de que dispõe. Apesar dos poucos meios de que pôde lançar mão a Província de Goyaz foi ela, contudo, quem salvou a força expedicionária dos horrores de uma fome prolongada que traria ou o aniquilamento total da columna ou a sua dispersão obrigatória. Não podemos deixar de prestar aqui uma homenagem de profunda gratidão ao seu presidente de então o Exm. Sr. Dr. Ferreira França, a cujos esforços, diligência e energia se deveu aquelle resultado, serviço público do mais alto alcance e que infelizmente não foi nem elogiado, nem remunerado. Sirvam estas linhas escriptas por mão imparcial de testemunho de reconhecimento para com aquelle digno administrador.

Como observador da Geografia de Goiás, Taunay (1929, p. 104) repassa coordenadas exatas para a época, da localização e do deslocamento da tropa na fronteira entre Goyaz e Matto Grosso; destaca, além dos aspectos físicos, a narrativa sobre os buritizais, plantas palustres, o início do Pantanal e o encontro com o Batalhão dos Voluntários da Pátria, que tinha saído de Goiás:

No dia 17 deixamos a margem direita do ribeirão Claro e seguimos, por $\frac{1}{4}$ de légua, ao rumo S. S. O., d'onde passamos a S. S. E., encontrando pouco antes de completar $\frac{1}{2}$ légua uma várzea atravessada por um córrego, cujas cabeceiras se acham uma légua mais ou menos à direita da estrada e que, correndo a O. N. o., vai lançar-se no ribeirão Claro: conta de largura 2m,64 e 0,44 de profundidade, 0,33 de velocidade; suas margens são baixas e cobertas de fileiras de buritys.

Mesmo como relator técnico, Taunay (1927, p. 54) não abandona os laivos literários de sua verve poética ao descrever o sertão de Goiás naqueles duros tempos de Guerra: “Atravessando belíssimos campos da zona sul de Goyaz, que tentei por vezes descrever, fomos indo devagar e a lutar já com a falta de viveres e escassa distribuição de carne de vacca”.

Ao destacar sobre a marcha da tropa rumo á luta contra os paraguaios, Taunay (1928, p. 81), continua, como geógrafo, a dimensionar as coordenadas; ao mesmo tempo, a evocar, também, o Cerrado por meio de seus frutos como o murici e a hidrografia goiana na descrição das afluentes do caudaloso Paranaíba:

Ás 6 horas da manhã deixou-se o pouso do Pimenta e no rumo N. O. passou-se o córrego da Posse, cujas margens baixas consentem sempre livre transito. A 440 ms, d’este passa-se o segundo córrego da Posse, que tem largura de 4m,40, 0m,22 de profundidade e velocidade de 0m,33 por segundo; na direcção S. S. O. faz junccão com o primeiro. Sobre sua margem esquerda, à direita da estrada, acha-se uma fazenda. Nos campos começam a apparecer grandes grupos de *myrtaceas*, principalmente a *uvalha* (*eugenia uvalha*), cujos frutos amarellados são de um adocicado agradável, quando bem maduros, e muitas *guabiobas*, várias *malpighiáceas*, como o *mureci*.

Mais uma vez, como literato e observador, Taunay (1928, p. 87) destaca os “campos cobertos de prado”, numa romântica alusão aos modos dos poetas daquele tempo, do ciclo nacionalista, como Gonçalves Dias; ao evidenciar particularidades do Cerrado como as mangabeiras, as flores singulares do campo, as chuvas, a qualidade do solo. Sua obra é uma rica evocação à Goiás:

Segue esta por terrenos argillo-arenosos de época terciária entre campos cobertos de cerrados em que abundam *mangabeiras* (*hancornia speciosa*). Pelo verde tapete de prado que se estende luxuriante crescem amarellas *synanthereas*, *amarantáceas* e *saudades* (*scabiosa*) que se recommendam pela fragancia especial. As pastagens que as campinas apresentam, de um lado e de outro caminho, são excellentes: resultado das chuvas que começavam a cair depois da deposição dos saes alcalinos e terrosos que as queimadas espalham sobre os terrenos.

Mais adiante continua sua descrição do Cerrado, com as variações entre o que se chama de Cerradão e a floresta semidistrófica, na evocação dos tipos de árvores, os emaranhados, as araras e as águas do Cerrado. Mais uma vez misturam-se os traços do cientista e do poeta:

As mattas que o vão seguindo ostentam vegetação vigorosa que contrasta agradavelmente com a que distingue os *cerrados*. De facto, muitos e bellos exemplares de arvores de construcção estendem frondosos ramos sobre a corrente, protegendo outras de menor porte que se agrupam compactamente a seus pés e sustentando elegantes *cipós* que se desempenham emmaranhadamente ou formam curvas flexuosas – balanços aéreos, em que as *araras* pousam gravemente aos pares, a reflectirem nas águas a plumagem azulada e o peito cor de ouro. Observamos também algumas d’essas aves, todas de cor azul tão fechada que de longe parecem ter plumagem negra, pelo que as chamam *araraúnas* ou araras pretas. (TAUNAY, 1928, p.89).

Ao destacar sobre o Cerrado e as campinas “esfaltadas de flores”, Taunay (1928, p. 90) não poupa uma linguagem mais literária para descrever, naqueles tempos a paisagem dadivosa do Cerrado que parecia unir-se com o céu, na moldura dos buritis. É um texto primoroso que precisa ser conhecido das gerações do hoje:

Às 6 horas e 30 minutos partiu a força, marchando até o pouso do Bom Jesus, aos *cerrados*, ora lindas campinas descobertas, esfaltadas das flores que já brotavam depois das primeiras águas, e que mais para adiante vimos cobrir vastas extensões a modo de jardins imensos. De vez em quando, uma quebrada de terreno ou suave e prolongada rampa abre horizontes vastos de campos que se fundem no azul do céu, até onde alcance a vista, com verdejantes capões aos lados e fileiras de esbeltos buritys.

E mais ainda, ao evocar uma infinidade de espécies do Cerrado, Taunay (1928, p. 92), evidencia as gabiobas, as cássias, o capim barba de bode, os cajueiros do mato, as plantas medicinais, as plantas rasteiras, a destacar, pelo estudo, as belezas selvagens perdidas naquele pedaço esquecido da Província goiana há mais de cem anos:

As *maspighiaceas*, já o dissemos, abundam nos cerrados de Goyaz, conjuntamente com *myrtaceas* (guabiobas e outras) *apocineas*, *cássias* em quantidade, muitas *terebinthaceas*, etc. Pelo chão entre os rebentões de *capim* barba de bode, crescem infindos pés de *cajuis* (*Anacardium humile*) carregados de frutos tão apreciados como o caju (*anacardium occidentale*), muitas plantas medicinaes que já indicamos perfunctoriamente, e das quases nos occuparemos ainda, e flores delicadíssimas, de cores brilhantes que nos encantavam as vistas, e cuja obtenção e cultura augmentariam de muito as bellezas dos nossos jardins.

No conjunto de sua obra, a destacar sobre as viagens pelo sertão do século XIX, Taunay (1921, p. 51) mais uma vez transborda em poesia a relatar o sertão e o Cerrado próximo a Rio Verde:

Transpondo o Rio Verde a nado, seguimos para o Ranchinho por entre cerrados fechados, onde aparecem muitas *melastomáceas*, e chegamos ao pouso depois de seis léguas de viagem monótona e incommoda, não só pelo ardente calor do dia, senão pelos contínuos zig-zags de caprichosa estrada que alongam as distâncias sem razão da procura de declives.

Quem viaja pelo sertão, como nós o fazíamos, deve tratar d’esses cuidados indispensáveis; cada qual toma sua cota de trabalho, e o camarada é um auxiliar que não se pode acabrunhar de serviço. N’esse dia nossos animaes chegaram já sobre tarde. Só pelas 9 horas pudemos comer a modesta pitação de arroz com carne secca, conchegados ao fogo que brilhava alegre na escuridão d’aquelles ermos, protegendo-nos, mais contra o frio do que contra os animaes ferozes.

Nessa página literária, traça minúsculos detalhes dessa terra, com sua beleza singela e rústica, nos detalhes, notadamente a descrição da noite no campo, em meio ao

Cerrado, página antológica, desconhecida de um modo geral e que merece divulgação tanto importante para a Geografia, para a História e para a Literatura.

2.11 - Augusto Leverger – O Barão do Melgaço: Geógrafo e historiador dos sertões imensuráveis

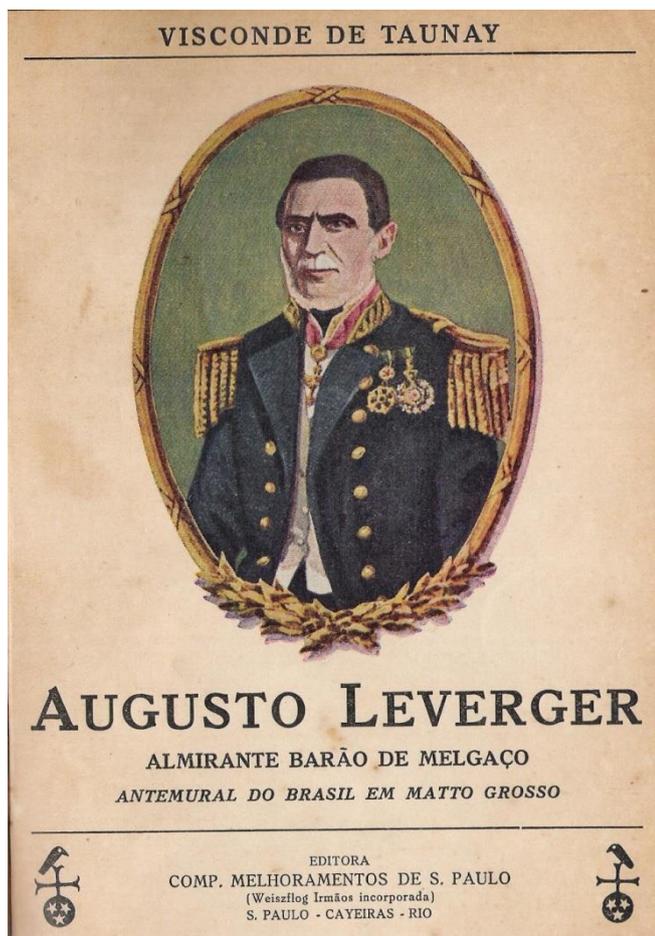


Figura 81 - Capa do livro biográfico sobre Leverger, escrito pelo Visconde de Taunay, da Editora Melhoramentos, publicado postumamente nos anos de 1920.

Augusto Leverger, nascido na Bretanha em 1802 e falecido em Cuiabá em 1874 foi também um estudioso do Cerrado e do Pantanal, realizando notáveis trabalhos na área da Geografia, da História e principalmente da Cartografia. Político, Presidente por duas vezes da Província de Mato Grosso e militar, foi herói da Guerra do Paraguai, defendendo a cidade de Cuiabá do ataque paraguaio; o que lhe valeu o título de Barão de Melgaço.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro desde o Império, muito escreveu sobre os limites entre Goiás e Mato Grosso. Deixou Leverger as seguintes obras: *Observações sobre a Carta Geral do Império; Apointamentos do Capitão de Fragata Augusto*

Leverger sobre o Rio Paraguai; Apontamentos Chronológicos da Capitania de Matto-Grosso; Apontamentos para o Diccionário Chorografico da Província do Mato Grosso. RIHGB. Rio de Janeiro: Tomo XLVII, Partes I e II, 1884. p. 307-504; Apontamentos sobre Eleições na Província de Mato- Grosso; Diário Privado do Chefe de Esquadra Augusto Leverger relativo aos meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1865; Breve Memória relativa à Corografia da Província de Matto-Grosso; Breve Resumo da Vida do Barão de Melgaço, Quanto à Parte Econômica, Escrita por ele mesmo; Carta Chorográfica do Distrito de Miranda, na Província de Matto-Grosso; Carta Geográfica da Província de Matto-Grosso; Apontamentos Avulsos; Carta Hidrográfica do Rio Sepotúba; Carta de um Reconhecimento no distrito de Miranda, na Província de Matto-Grosso; Carta e Roteiro da Navegação do Rio Cuiabá desde o Salto até o Rio São Lourenço e deste último até a sua Confluência com o Paraguai; Condições Administrativas da Província de Matto-Grosso, Apresentadas em Relatório de 13 de Janeiro de 1852 ao Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império; Derrota da Navegação Interior, da Vila de Porto Feliz, de São Paulo, à Cidade de Cuiabá; Diário do Reconhecimento do Rio Paraguai desde Assunção até o Rio Paraná; Diário e Roteiro de Viagem feita desde a Cidade de Assunção no Paraguai até Baía Negra; Dicionário Geográfico de Matto Grosso; Documentos Officiais Portugueses e Espanhóis relativos a Limites do Império na Província de Matto-Grosso; Esboço Hidrográfico, em Grande Escala, desde a Foz do Rio Miranda até o Paraguai; Esboço do Rio Cuiabá desde a Confluência do Rio São Lourenço até à Cidade daquele nome, Capital de Matto-Grosso; Exame de um parte do Rio Paraguai, entre a Foz do São Lourenço e o Paralelo 17°.35' e das Lagoas Uberava e Guaíba; Índios da Província de Matto-Grosso; Informação Prestada ao Ministro da Marinha em 1851, sobre as Matas de Madeira de Construção Naval; Mapa da Fronteira Sul da Província de Matto-Grosso; Mapa Geográfico, Chronológico e Estatístico da Província de Matto-Gross; Memória sobre o Rio Paraguai, desde Nova Coimbra até Assunção; Notícia sobre a Província de Matto-Grosso; Observações sobre a Carta Geográfica da Província de Matto-Grosso; Planta Hidrográfica das Lagoas Uberava e Guaíba e da Porção do Rio Paraguai até a Foz do Rio São Lourenço; Roteiro da Navegação do Rio Paraguai, desde a Foz do Sepotuba até o Rio São Lourenço; Roteiro da Navegação do Rio Paraguai desde a Foz do São Lourenço até o Paraná; Tabelas de Latitudes e Longitudes de Diversos Lugares da Província de Matto-Grosso, determinadas por Observações Astronômicas.

O almirante Leverger notabilizou-se também na história de Mato Grosso que foi homenageado ao denominar duas cidades daquele Estado. Tal fato deveu-se ao mandar erigir uma trincheira fortificada nas colinas de Melgaço, no período da Guerra do Paraguai, à margem do Rio Cuiabá, para conter tropas paraguaias que estariam para invadir a capital mato-grossense. Não ocorreu a invasão, mas houve a movimentação militar levergeriana de resistência.

Na *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, aparece Leverger, em 1882, como sócio falecido daquele importante sodalício. Este representava Mato Grosso e Goiás se fazia representado por Antonio de Pádua Fleury, *in memoriam*.

Também a questão dos litígios de Mato Grosso, estudados e defendidos por Leverger, foram mais tarde estudados pelo Conde Afonso Celso em 1921, valendo-se dos estudos feitos pelo Barão de Melgaço quase cem anos antes, demonstrando a antevisão de futuro do grande homem da história do Mato Grosso.

Na sua explanação em 1865, Leverger defendia os interesses da nação, quanto às terras frágeis do Cerrado, que, ao seu ver, tanto poderiam ser de Mato Grosso ou de Goiás: “Terras fragilizadas por um solo ressequido e pedregoso. Imprestáveis à agricultura, com madeiras de escasso valor, estas terras da Província em litígio pouco importam ao povo de minha Província de Matto Grosso. São apenas cobertura vegetal de campo sujo, sem grande valor ou utilidade”. (LEVERGER, 1865, p. 64).

Desaparecido ainda no Império, Leverger tornou-se símbolo de denodo e altivez e o profundo amor pela história e Geografia de Goiás e de Mato Grosso, esquecidas províncias do Coração do Brasil.

2.12 -Couto de Magalhães – Descrição do Cerrado, dos índios e a navegação no Rio Araguaia

José Viera Couto de Magalhães⁷ foi um pesquisador e militar brasileiro. O General Couto de Magalhães foi um literato e um cientista que apreciava as distâncias, os lugares ermos, a gente simples, as cantigas e os cantares do povo brasileiro.

⁷**José Viera Couto de Magalhães** (1837-1898). Nasceu em Diamantina, Província de Minas Gerais e faleceu no Rio de Janeiro. Político, militar, sertanista. Formou em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Presidente das Províncias de Goiás, Minas Gerais, Pará e São Paulo. Historiador. Literato. Seu principal livro, *O Selvagem*, a mando do imperador Pedro II, figurou na Exposição da Filadélfia. Lutou pela navegação do Rio Araguaia. Fez belas descrições do Cerrado goiano. Foi homenageado como nome de cidade.



Figura 83 - General Couto de Magalhães, estudioso do Cerrado e das potencialidades econômicas da Província de Goyaz. Acervo de domínio público.

Ele não foi somente um soldado, mas, também, um estadista, administrador, industrial, banqueiro e escritor, acima de tudo, um colecionador de obras a favor do Brasil. Ele escreveu trechos sobre o Araguaia, vendo-o ou pensando nele, como no pedaço abaixo:

Daqui eu fico pensando no Araguaia, um rio destamãhã, a beleza se mostrando. Fico pensando no Araguaia, fazendo-se poesia na hora em que o céu recebe a madrugada, aquele quadro divino. Fico pensando no Araguaia assim de tardinha, no morre-não-morre do sol, os olhos se dando beleza, tanto como a gente quiser. (MAGALHÃES, 1975, p. 65).

Ele nasceu em Diamantina, em novembro de 1837. Estudou no tradicional Colégio do Caraça onde aprendeu Latim, Inglês, Alemão, Espanhol, Grego e Sânscrito. Em São Paulo, no mosteiro de São Bento, formou-se em direito, mas ampliou os seus conhecimentos em zoologia; botânica, mineralogia, geologia, antropologia, medicina e astronomia e, na esfera militar, dedicou-se à artilharia.

Aos 23 anos, em 1860, tornou-se secretário da Província de Minas Gerais, atendendo ao que se chamou de “teocracia brasileira” ou o “governo dos moços” do Segundo

Reinado no Brasil Imperial. Foi presidente de quatro importantes províncias no Brasil do século XIX: Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Em nosso Estado seu plano de governo pelo eixo navegacional, no aproveitamento da correnteza do Araguaia, buscando articular a foz do Amazonas à do Pará.

Couto Magalhães tinha o desejo de transferir a velha urbs goiana da Cidade de Goiás para Santa Leopoldina, à margem do Araguaia e por isso, ganhou a hostilidade do povo vilaboense.

Por causa disso passou em 1864 à Presidência da Província do Pará onde realizou em trabalho de mérito administrativo, o mesmo ocorrendo a partir de fevereiro de 1867 quando assumiu, em plena Guerra com o Paraguai, a Província de Mato Grosso, substituindo o militar Augusto de Leverger, o lendário Barão de Melgaço, que já assumira a Província em 1851 ficando por sete anos no poder. Em Mato Grosso, o general lutou contra epidemias, contra a fome, contra a invasão paraguaia.

Seu grande feito foi a questão da navegação do Araguaia, instalando uma oficina em pleno sertão, e o navio Araguaia foi em 28 de maio de 1868 o primeiro a sulcar o berocão dos Carajás. Mais tarde, o vapor Colombo também foi uma de suas realizações.

Como escritor, Couto Magalhães deixou importantes obras como: *Os Guianas*, *Revolta de Felipe dos Santos*, *Viagem do Araguaia*, *Anchieta e as Línguas Indígenas* e *O Selvagem*.

Seu nome se perpetuou em Escolas, avenidas até nome de Cidade (pela Lei nº 4597 de 01/10/1963), como os outros importantes goianos como Americano do Brasil, Senador Canedo e Leopoldo de Bulhões, Padre Bernardo, Jussara, Nazário, Pedro Afonso, Pires do Rio e Brazabrantes.

Em sua obra principal, *O Selvagem*, Couto de Magalhães delinea, desde o início, antropologicamente, sobre a formação do homem, o aparecimento do mesmo na Terra, o homem americano, até o estágio do fogo. Destaca sobre o surgimento do homem pré-histórico no Brasil, o período pastoril, os primeiros vestígios humanos em nosso País.

Segue analisando os índios, as línguas indígenas, a classificação morfológica das línguas indígenas, com uma breve bibliografia tupi. Estuda em seguida as “raças selvagens”, as raças mestiças, o plano de catequese e os cruzamentos étnicos que formaram o povo brasileiro. Continua na análise dos agrupamentos familiares indígenas e a nomenclatura dos deuses selvagens.

Geograficamente, Couto de Magalhães evidencia o que chama de “grande sertão interior”, em que investiga a região dos selvagens em nosso País, a região do Prata, a região do divisor das águas e a região amazônica. Nessa divisão da águas, esclarece que a “parte mais desconhecida é o divisor das águas, na extensão de cem léguas que medeiam entre Cuiabá e o Rio Araguaia” (MAGALHÃES, 1975, p. 98).

Descreve, ainda, a mitologia zoológica na família Tupi-Guarani, as lendas tupis; dedicando a elas grande encanto pela singularidade das mesmas, valendo-se de seu aprofundamento etnológico e linguístico acerca dos fatos da região do Araguaia.

Na sua obra *Viagem do Araguaia*, Magalhães destaca sobre as aves da região e a singularidade do ambiente, relatando sobre a inhuma, com o seu canto característico e as lendas a seu respeito entre os índios e os nativos da região:

Já que toquei na inhuma escreverei que sobre ela correm mil prejuízos e superstições do povo, superstições das quais não são isentas muitas famílias daqui que se têm em conta de gente civilizada. Matamos uma destas aves no dia em que chegamos ao Porto da Piedade, e, a propósito dela, originou-se uma disputa entre a tripulação. Tratando de inquirir da causa, soube que era devido a querer cada qual um osso da ave: este desejava uma espécie de unicórnio que elas trazem sobre a cabeça; aquele queria um esporão; outro, o osso da coxa esquerda, e, como eram muitos, cada um alegava seu direito, sem que ninguém tivesse razão.. Magalhães (1975, p. 157).

No aspecto literário é o que se pretendia buscar a originalidade e a identidade brasileira a qualquer custo. Era a imagem que se pretendia impor de um País com as suas singularidades.

Só com muita boa vontade se podem lobrigar aqui sinais dessa diferenciação que nos mostrem formas, aspectos, caracteres autênticos, saídos da nossa própria alma, do nosso próprio ambiente. Em literatura, mais do que em política, mais do que nos costumes, mais do que na vida, ainda fora possível, contudo, frisar qualquer dessemelhança de cor, de tom, de sensibilidade. Mas essas muito pequenas em suma, porque dizem com circunstâncias exteriores e não com a essência nuclear dos intuitos, com as concepções, com o espírito. Não há o espírito sul-americano, como há o espírito norte-americano. E o *espírito brasileiro* só se pode referir quem tenha uma imaginação excessiva capaz de tirar realidades do nada absoluto. Criar esse *espírito brasileiro* deve ser a obra das novas gerações, o esforço do Brasil independente.

As narrativas eram, segundo Amado (1971, p. 166), a busca da ambientação do homem ao seu meio, com suas crenças e valores, na elevação do que se chamou de “espírito brasileiro”, na obra literária, como mesmo ressaltou o autor de *O selvagem*, na identificação

da gente goiana de outrora. O próprio título do livro já instiga o sentido de não civilizado ou longe da civilização. Do ermo, do distante e inatingível.

2.13 - Os apontamentos de viagem do Presidente Joaquim de Almeida Leite de Moraes pelo Cerrado goiano



Figura 84 - Leite de Moraes, apontamentos históricos e geográficos do Cerrado goiano. Acervo de domínio público.

Joaquim de Almeida Leite de Moraes foi advogado, político, professor, jornalista, liberal, escritor. A viagem, de São Paulo a Goiás e depois a Belém do Pará, começou no fim de 1880, quando o mesmo foi nomeado para o cargo de Presidente da Província central, de acesso muito difícil naquela época.

A sua missão consistia em presidir as eleições de acordo com a nova lei eleitoral, conhecida na história como Lei Saraiva, que modernizou e liberalizou a legislação, estabelecendo o voto direto por distritos. Imbuído dessa missão, sofreu muitos revezes pelo caminho.

No início de sua narrativa, com tons literários, analisa o tempo e o relevo, assim como a vegetação: “Nem um acidente, nem uma contrariedade, a não ser ou chuva torrencial, ou sol ardentíssimo. Atravessamos sempre uma campanha sem termos, avistando à esquerda e

à direita serras e cordilheiras que se estendem além, cobertas de matas azuladas”. (MORAES, 1995, p. 12).

Como advogado, jurista e lutador pela implantação da Lei Eleitoral, Leite Moraes se viu obrigado ao sacrifício de abandonar sua família e ficar um ano no alto sertão brasileiro para fazer cumprir a Lei. Saindo de São Paulo, viajou a cavalo a partir de Casa Branca, numa viagem penosa de mais de trinta dias cheios de contratempos e perigos, com um desconforto que hoje parece impossível, coisa de ficção, mas que acontecia cotidianamente, dada as dificuldades desse tempo.

Ao deixar o governo, preferiu voltar de maneira surpreendente, descendo o Araguaia e o Tocantins até Belém do Pará, onde tomou o vapor que o trouxe ao Rio de Janeiro. Nessas duas partes da narrativa, Leite Moraes conta, com grande teor narrativo, amparado no sentimento penetrante da natureza, notadamente o Cerrado e na capacidade de registrar de maneira expressiva fatos e costumes.

Nasce um diário, uma descrição minuciosa, um relato que põe a imaginação do leitor na chuva e no sol, no desconforto mais agudo e na hospitalidade tosca do sertão, em meio a animais tresmalhados e embarcações que quase vão a pique. Tudo é descrito com verossimilhança e atitude, numa literatura mais vivida que imaginada.

Leite de Moraes é avô materno do grande escritor paulistano Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*. Acompanhava-o nessa missão, o pai do autor de *Lira paulista*, Carlos Augusto de Andrade.



Figura 85 - Carlos Augusto de Andrade, pai de Mário de Andrade, sofreu com o sogro as peripécias da viagem pelo Cerrado goiano. Acervo de domínio público.

Alguns críticos literários e estudiosos da obra de Mário de Andrade consideram que o diário de seu avô, com peripécias pelo sertão, foram incentivo para as narrativas de *Macunaíma*, já que o “filho noite e do medo” fez o trajeto, na narrativa, entre os rios Araguaia e Tocantins, chegando ao Pará, mesmo trajeto de Leite Moraes.



Figura 86 - Mário de Andrade, inspiração nas narrativas do avô sobre Goiás para escrever *Macunaíma*. Acervo de domínio público.

Literário, lírico e rico em imagens, Moraes (1995, p. 86), assim como seria o neto no século seguinte, traz evocativas narrativas sobre a natureza goiana, principalmente os descampados do Cerrado:

Um sol abrasador substitui a chuva com que saímos; os campos continuam como os antecedentes, e assim as matas; o terreno, porém, já é diferente; aqui e ali excessivamente pedregulhoso; o leito da estrada e o campo são cristalizados... As ferraduras dos animais retinem no cristal e arrancam faíscas cintilantes de fogo. Ver de longe um desses *descampados* cobertos ou forrados de cristal, iluminado aos raios de um sol ardente, é contemplar um oceano de luz que ofusca e deslumbra a vista humana...E o campo é verdejante e as matas são frondosas!

Sobre os caminhos difíceis, de chapadões extensos, monotonia da paisagem invariável, Leite de Moraes (1995, p. 92) faz referências às dificuldades das estradas: “Sol ardente, continuação do precedente; a estrada tortuosa, rodeando as cabeceiras das águas alastradas de cristais. Entramos num chapadão de léguas, sem água e sem uma sombra! As

mesmas paisagens de todos os dias; caminhos sem moradores, campos sem reses, aqui e ali um atoleiro de engolir toda a caravana!”.

Recorta o autor a questão dos desvios e atalhos que enganava no Cerrado: “E subimos pelo campo e cerrado, e depois de quase meia légua, quando contornávamos a cabeceira, avistei uma estrada de carro e disse logo ao meu guia: - Ora, senhor alferes, nem este desvio o senhor conhece!” (MORAES, 1995, p. 94).

O excesso de pedras nas regiões montanhosas tornava mais quente o ambiente: “O sol sempre ardentíssimo. Viajamos sobre um terreno cristalizado; o vapor que sobe do reflexo do sol sobre os cristais e o que desce através de uma atmosfera límpida e pura *assam* o viajante”. (Op. Cit., 1995, p. 96). Era calor abrasador do Cerrado.

Ao descrever a Serra Dourada demonstra a nudez de seus cumes de pura pedra: “Temos à nossa frente a notabilíssima Serra Dourada, que nos embarga o passo; admiramos ao longe as suas encostas descarpadas, despidas de árvores e sem os seus dourados, porque a chuva impedia que o sol refletisse os seus raios naquelas pedras colossais a sumirem-se nas nuvens de um céu tempestuoso”. (Op. Cit., 1995, p. 101).

Sobre o desenvolvimento, Leite de Moraes destaca a ferrovia a cruzar Goiás, como símbolo do progresso. Destaca o ideário da Província como “terra do que já foi”, aludindo a questão do ouro desaparecido:

E no dia em que assim pronunciar-se o povo goiano pela iniciativa e pelo trabalho e houver um governo que o auxilie, fornecendo-lhe braços e transporte fácil e barato; quando a locomotiva dobrar a serra Dourada e cair no vale do rio Vermelho; quando uma via férrea ligar o baixo Tocantins ao alto Araguaia, salvando as suas famosas cachoeiras, então a capital de Goiás não será a *terra do que já foi*, senão a mais rica e próspera cidade do futuro, o empório comercial de muitas províncias, cujos interesses ali se cruzarão na passagem para Mato Grosso, Pará, Maranhão, Bahia, Minas e São Paulo. (MORAES, 1995, p. 115).

Também alude Moraes (1995, p. 122) sobre a espécie banana do Araguaia e suas variedades: “Conheci no seu pomar a *banana do Araguaia*; é uma árvore semelhante à pintagueira, bem copada e alta, e as suas frutas são parecidas com as uvaías, mas a cor e o sabor são da nossa banana; algumas sementes que eu trazia ficaram no Pará, ou no Ceará, conjuntamente com muitas outras, e algumas mudas de variadas e lindíssimas palmeiras do Araguaia e Tocantins”. Perto da capital destaca encontrar a baunilha cheirosa e sobre ela faz menção.

Descreve de Moraes (1995, p. 125) sobre os buritizais e palmeiras e, como um poeta, decanta essa vegetação cerradeira com propriedade e linguagem carregada de sentidos:

E no dia 13, às cinco da manhã, seguimos viagem e longo atravessamos o ribeirão Lambari e uma linda várzea que o margeia, completamente arborizada de buritis, a palmeira que mais prende a atenção e provoca a admiração do viajante pela sua altura e pelas suas palmas, que se ostentam como que inflexíveis, desafiando os tufões e as tempestades. Ao atravessarmos este bosque de palmeiras, uma orquestra enorme, imensa, de milhares de pássaros verdes saudou-nos na passagem.

E o autor chega às raias da contemplação extasiada diante da natureza, como um verdadeiro santuário a ser preservada e amada: “Esplêndido espetáculo! O viajante pára instintivamente, esquece da sua espingarda e como que dobra o joelho diante da natureza que o deslumbra com as suas maravilhosas magnificências, e no santuário da sua consciência levanta altares a Deus!”. (MORAES, 1995, p. 126). E ainda continua na descrição exaltada e lírica: “A mudez das solidões, o silêncio dos desertos, mistérios tenebrosos de uma natureza selvagem... eis o mundo em torno do nosso bote!” (op. Cit., 1995, p. 145).

E ao final de sua narrativa continua a transbordar encantamento pelo Cerrado goiano ao mostrar as variedades vegetais da Ilha do Bananal há mais de cem anos: “À direita a ilha do Bananal, sempre coberta de matas extensas, altas e escuras, entrelaçadas com as palmeiras; à esquerda, campos, cerrados, brejões, planícies sem termo.” (MORAES, 1995, p. 168).

2.14 - Afrânio de Melo Franco – Estadista e literato sobre o Cerrado de Goyaz e Minas



Figura 87 - Afrânio de Melo Franco, estadista, político, literato e historiógrafo sobre o Cerrado. Acervo de domínio público.

Seu nome impunha respeito pela ascendência e austeridade: Afrânio Camorim Jacaúna de Otingi de Melo Franco. Este nasceu em Paracatu, Província de Minas Gerais, em 25 de fevereiro de 1870 e faleceu no Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1943, aos 73 anos de idade.

Afrânio de Melo Franco foi também historiógrafo e memorialista, literato e pesquisador. Deixou belas impressões literárias sobre as formações vegetais do Bioma Cerrado, nas Províncias de Goiás e Minas Gerais, assim como seu filho Virgílio Alvim de Mello Franco.

Em sua produção literária *Viagens pelo interior de Minas Gerais e Goiás*, no ano de 1888, destaca as belezas do Cerrado, os frutos, as árvores, os nomes científicos, o folclore, as tradições, os usos e os costumes que caracterizaram essa importante região do Brasil, em especial ao Arraial do Príncipe de Paracatu, hoje Paracatu, também centrado em pleno Cerrado.

Sua narrativa vai além da trivial amostragem cinematográfica da paisagem. Vai no que conceitua Besse (2006), de se ver e pensar, sentir e adentrar na paisagem como parte integrante da mesma. Estar na paisagem, inserido e vivenciando a experiência empolgante dos sentimentos. É o que se denomina “sujeito da paisagem”. (BESSE, 2006, p. 230).

Assim, fixou ele, nuanças do Cerrado brasileiro. Franco (1888, p. 3) ao ressaltar esse desejo de se explorar o coração da pátria, em busca de respostas, das quais pouco se teve até a época.

O interior das nossas grandes províncias é relativamente desconhecido. Os que o conhecem, ou têm viajado pelos sertões, ou não sabem descrevê-lo, ou são avaros do seu saber, de modo que não temos quase nenhum trabalho sobre esse importante assunto, a não ser o que ficou de alguns estrangeiros ilustres como Martius, Saint-Hilaire, d'Eschwege, Pohl, Agassis e outros.

Esse ideário de distância, isolamento, tristeza, vastidão, indolência será sempre um tema recorrente na descrição do Bioma-território do Cerrado em estudiosos tanto estrangeiros quanto brasileiros no século XIX.

2.15 - Oscar Leal e suas viagens às terras goianas: Descrições e anotações sobre o Cerrado



Figura 88 - Escritor português Oscar Leal que visitou o Estado de Goiás em 1890, e que deixou suas impressões acerca da política e economia em seu livro *Viagens às terras Goyanas* que foi publicado em Lisboa.

No ano de 1890, o viajante Oscar Leal, em suas viagens pelas terras goianas, como repórter, registrou fatos interessantes do já Estado de Goiás, na República, sendo ele o último viajante estrangeiro do século XIX a pisar as terras de cá.

Este autor tenta deixar nítido que Goiás era uma região sobre a qual pouco se havia dito, ainda naquele tempo e atenta para as suas possibilidades econômicas e como centro irradiador para todo o País.

Vislumbra Leal (1980, p. 62) a necessidade de mudança da capital como única forma possível de abertura de consciência e de desenvolvimento numa terra rica de oportunidades, mas presa num vale sem condições de crescer. Atribui o atraso à mesquinhez de poucos habitantes da velha cidade do Anhanguera e vaticina o futuro de Leopoldina, hoje Aruanã, fato que não ocorreu, graças à mudança da capital para Goiânia nos anos de 1930 e a troca do ciclo ferroviário pelo rodoviário:

A mudança da capital goiana pra Leopoldina no Araguaia, como lembrou há anos o Dr. Couto de Magalhães, há de ter seu dia, pois não é possível que por mesquinhos e egoísticos interesses de uns, sofra a população inteira. Leopoldina, que queiram quer não, deve vir a ser o empório de todo o Estado pela sua posição geográfica. Deixem

já chegar a locomotiva e verão. A navegação e o caminho de ferro não tardarão a encontrar e em poucos anos.

Como de costume em todo viajante, Oscar Leal culpa a própria terra o atraso de seu desenvolvimento, a “pobreza” do chão do Cerrado, impróprio à agricultura, a vegetação “rústica e feia”, a decadência da economia insuflada pela preguiça e indolência do povo, em estado de total abatimento, além da política corrompida: “A culpa de seu estado desolador e do abatimento em que jaz pertence, é duro dizê-lo, a seus filhos e politicagem vil que os corrompe”. (LEAL, 1980, p. 87).

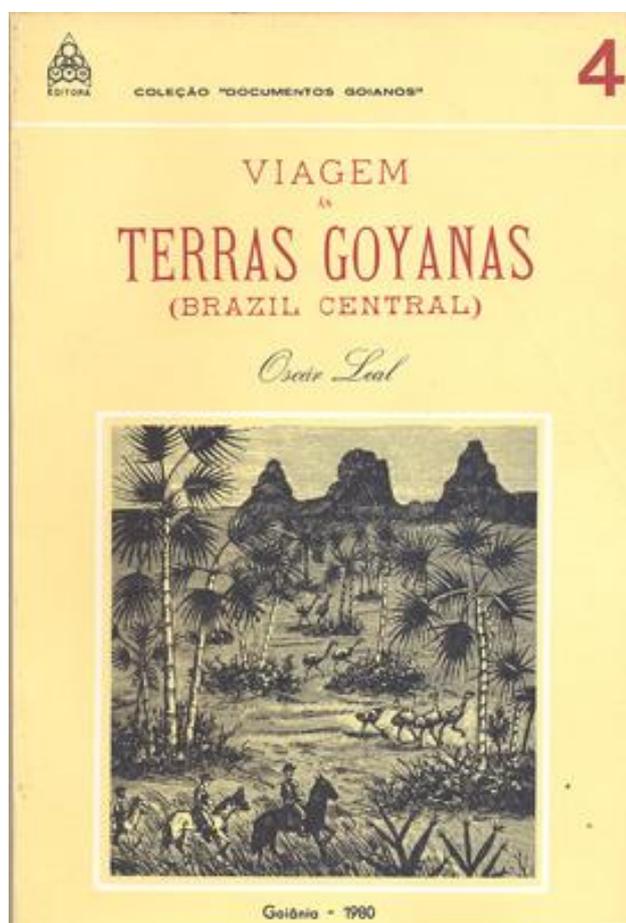


Figura 89 - No desenho do alcunhado “Pastor”, há belas cenas do Cerrado goiano, nesse, a passagem da tropa pelos pirenus, próximo ao arraial de Meia Ponte. Acervo de Bento Fleury.

Há, também, em Oscar Leal, em relação ao ambiente bucólico do Cerrado, certas verberações românticas e saudosistas de “paisagens infinitas e desertas”, a abrir campo para indagações filosóficas, numa atitude típica de contemplação dos poetas e narradores do

Romantismo brasileiro, no que Besse (2006) também definiu de olhar doce e ao mesmo tempo curioso da paisagem.

No seu caso poético e literário, a paisagem se recupera por meio da linguagem como algo passível de reconciliação entre o ser e o mundo; um apaziguamento, revelação nostálgica das coisas, no existir dos fatos, como se revelasse traços da eternidade. Tudo isso é Literatura.

O que se percebe neste autor, assim como na maioria dos demais, a ênfase dada sobre a natureza, motivada pelas pretensões dos geógrafos com interesse na relação homem/natureza, com descrições resvalando do pitoresco ao sublime ou um discurso naturalista no que se refere a um projeto de nação, tanto no Império quanto no início da República. Era uma imagem doo nacional consoante aos interesses europeus , num pseudo projeto de integração nacional impossível aos moldes de então. Por muitos anos ainda haveria o grande fosso divisor dos dois brasis.

Oscar Leal fixa o ideário de Cerrado como Bioma-território menor; embora reforce a beleza singular de suas diferentes plantas e espécies, numa simbiose com o meio. Mas não deixa de ressaltar a terra fraca, o solo ressequido, o clima árido, o povo cerradeiro rústico e atrasado, com suas manifestações singulares, mas toscas, como foi seu relato sobre a então Romaria da Santíssima Trindade do Povoado do Barro Preto, hoje Trindade.

Quando realizou a viagem, Oscar Leal tinha 20 anos de idade e pouca maturidade intelectual, mas mesmo assim, conseguiu captar situações importantes da vida goiana daquele tempo. Parte ele de São Paulo às cinco horas da manhã do dia 13 de março de 1889 por via férrea até o ponto final da Estrada de Ferro em Uberaba. Daí já segue a cavalo o resto do triângulo mineiro até a passagem de Santa Rita, hoje Itumbiara, quando entrou em Goiás.

Sobre a região, destaca os rios caudalosos onde havia o banho coletivo dos cidadãos de bem de Santa Rita do Paranahyba. Ali já descreve poeticamente o local: “Há uma abóbada de verdura, de cipós e liames entrelaçados nos ramos das árvores, que vegetam em uma outra margem e se estendem nas leziras ao longo do rio. Com pequenos claros, o resto do solo sobre-se de de gramíneas e capim gordura”. (LEAL, 1980, p. 28). Ao relatar sobre a manhã de sua saída do pequeno vilarejo, expande-se em poesia flutente: “Eis a hora em que tudo desperta na natureza, há lá nada que se possa comparar ao esplendor de uma manhã nos sertões?”. (LEAL, 1980, p. 34).

Continua a exaltar o Cerrado, Leal (1980, p. 34), com toda a magnitude das palavras nascidas de seus epírito literário e afetivo, ressalta a alegria da manhã, com pincelas

românticas, o caminho entre Sana Rita do Parnahyba e a Vila de Nossa Senhora do Monte do Carmo de Morrinhos:

No meio d'aqueles bouquets de verdura que esmaltam os campos e chapadões, as frescas brisas matutinas agitam as copas convexas das palmeiras e uma atmosfera deliciosa oferece-nos os mil aromas das plantas odoríferas dos câmpuans. Os pássaros que se occultam entre as espessas ramagens durante as horas de aior calor, saltitam agora de ramo em ramo, de arbusto em arbusto, as flores endireitam nos caules e todos ouvem os ruídos e cantares que so terminam quando o sol somme no occaso.

Ao descrever a mata, o autor relata a pujança de suas riquezas em espécies, principalmente o jatobá: “A mata era espessa e sombria. Haviam ali numerosos jatobás ou jatahys, da família das Leguminosas, espécie (*Hymenoclea stilbocarpa*) de cujo tronco tira-se um licor que usada a miúdo, fortalece e engrossa a voz, dando a ella maior volume e beleza de tom”. (LEAL, 1980, p. 37).

Já no caminho para o Arraial de Nossa Senhora da Abadia de Piracanjuba, descreve o Cerrado em suas oscilações de vegetação: “Os aspecto phisico do terreno continua a ser o mesmo. Ora campos cobertos de fogo, lançando aos ares nvens de fumaça, ora por outros lados, pequenos câmpuans, e lindos buritysaes”. (Op. Cit. 1980, p. 41). E os viajantes sempre entregues ao martírio do chouto, lento e indeveçável.

Passou com as mesmas descrições por Bela Vista, Campinas, Barro Preto e Alemão. Descreve as punjantes matas do Mato Grosso goiano, cujas copas das árvores “entrelaçava-se dentre em poucouma vegetação crytogamica formando o mais inexplicável labyrintho que se pode conhecer. Os raios de sol, com difficuldade penetravam atravez dos alvoredos que nos offereciam innumeras e belas parasytas”. (LEAL, 1980, p. 49).

Em Antas, hoje Anápolis “sepultada no meio do deserto”, Oscar Leal descreve a natureza do Cerrado do sul de Goiás, descreve a miséria da vila e seu incerto futuro: “A povoação de Antas surge às vistas do forasteiro depois que se desce a chapada, em extenso vale, cercada de um mutismo tão bello e seductor que seria o bastante para alli fundarem um estado os peotas da antiga Babylonia”. (Leal, 1980, p. 52).

Na floresta adiante, caminho de Meia Ponte, encontrou um bando de macacos e descreve a riqueza da natureza da mata: “Da floresta o aspecto era imponente, e, para qualquerlado que se estendesse nossas vistas só encontrava a força e a vitaldiade”. Depois descreve a vereda através dos matos. (LEAL, 1980, p. 59).

Outras vezes, destaca a solidão dos caminhos: “Algum pássaro solitário atravessa os ares, pouzando nos ramos das plantas seccas e de troncos enegrecidos pelo fogo, esparsas ao longo dos cerrados”. Destaca o autor em tom confessional: “É triste, muito triste viajar-se n’estes sertões”. (Op. Cit., 1980, p. 69).

Relata Leal (1980, p. 65) sobre Meia Ponte e sua pujança cultural, a Cidade de Goiás com seu relevo e sua posição geográfica, depois Currealinho com sua beleza tropical e destaca como poeta e como narrador admirável, a beleza do Cerrado ao amanhecer, a relva, as plantas e os bichos e perfeita simbiose:

A madrugada estava deveras excelente e a frescura da brisa offerencia-nos magnífica consolação em paga do forte calor que soffremos na vespera. À proporção que caminhávamos, Venus, a formosa Vênus, radiante e linda como nunca, erguia-se pouco a pouco acima do horisonte. O céu de azul marinho e sobre a relva dos campos que atravessamos principiou a brilhar o orvalho. D’entre as folhas das mangabeiras e cajueiros, desprendiam-se os sons harmoniosos dos pássaros em seus gorgeios matutinos. Então como um hymno fez-se ouvir e a passarada começou a pullular de ramo em ramo, sobre a relva desbotada dos campos ou sobre a areia da estrada. Era o romper da aurora.

Nos pireneus, o autor destaca a vegetação típica dos morros, numa variação do cerrado em altitudes singulares: “Nos altiplanos havia uma planta pouco ramificada, quase nua denominada ‘canela de ema’(...) era um retrahydo valle cercado de moros áridos e soturnos, onde uma vegetação enfezada se divisa atravez dos sucessivos penedos. (LEAL, 1980, p. 95).

Descreve as veredas de buritis dos câmpuams, assim denominados pelo autor: “Não fataria alli além d’isso o famoso licor que se extrahe dos burity, pois uma fila d’essas palmeiras, accompanhava a água que perto de nós brotava do solo aos borbotões e corria silenciosamente por entre a relva”. (LEAL, 1980, p. 100). Relata ainda que, sentindo sede a noite, busca a proximidade de um buritizal para buscar água: “Ao approximar-me de um burity, rouco murmúrio de agua brotava da terra”. (Op. Cit., 1980, p. 101).

Descreve ele a beleza do luar em pleno cerrado goiano: “A luar continuava a sorrir no espaço, asmaltando com o seu brilho as encostas e os campuãms, e entre a espessura do bosque parecia descobrir na obscuridade, dois pontos luminosos. (LEAL, 1980, p. 104). E segue, embevecido, tal poeta, a cantar a beleza da manhã no sertão: “Despertei com o dia que já vinha clareando as ermas cabeceiras. Brizas matutinas começavam a desfazer o tenue vapor branco que a noite estendera ao londo dos buritysaes, elevando em níveos flocos sobre as copos das formosas palmaceas”. (Op. Cit. 1980, p. 104).

Nos pireneus, Leal (1980, p. 105) descreve ainda como poeta, os motivos naturais belíssimos do Cerrado goiano, a servir de inspiração para qualquer artista da palavra ou do pincel:

É que as moutas de buritys, ashervas e as flores de carayba e resedá, com os seus perfumes, a aurora vermelha e risonha, e o sol nos seus primeiros raios, o cheiro penetrante de almecega, a canção do sabiá, o zumbido dos insectos, o coachar dos batrachios, o canto interrompido da seriema, os flancos encarpados das penedias, as mil cores, os mil aromas, os mil ruídos, a natureza n'uma palavra era sympathica ao seu amor próprio. Era o fundo do quadro, era a moldura dourada pelos raios do sol nascente.

Como admirador da natureza, Oscar Leal no final do Império e nas proximidades da república, colocou Goiás em evidência, principalmente a exuberante riqueza do Cerrado, que, em contemplação junto ao Rio Corumbá, em uma de suas narrativas, expõe o pensamento filosófico da força da natureza e do meio físico em relação ao homem, tão efêmero, fugidio e fugaz na elevação de todas as coisas.

2.16 - Luiz Cruls e a Comissão Exploratória do Planalto Central: Vistas políticas do Cerrado



Figura 90- Luiz Cruls, engenheiro belga encarregado do relatório no âmbito do Cerrado. Acervo de Bento Fleury.

No ano de 1892 saiu do Rio de Janeiro, então Capital Federal, uma comissão de 22 técnicos, entre eles astrônomos, médicos, farmacêutico, geólogo, botânico, mecânico, auxiliares e militares com destino a Uberaba pela linha férrea da Companhia Mogyana. Depois desse trecho esta comissão viajaria em lombos de cavalos, burros e mulas para o Planalto Central, adentrando em Goiás em 11 de julho do mesmo ano, passando por Catalão, rumando por Piracanjuba, chegam a Meia Ponte.

Destacam em seus estudos geográficos não ser o pico dos pireneus o ponto mais alto do Brasil, assim como passam pelas ruínas das Minas do Abade, históricas e fazendo as primeiras descrições não só históricas como também geográficas acerca do local, assim como as árvores enfezadas como sempre e mirradas do Cerrado, próprias dos lugares altos e pedregosos. Usaram as mesmas descrição que Brandão (1978, p. 38) usara em *Almanach da Província de Goyaz*, em 1886: “O território da Província é muito desigual, em parte coberto de mato carrasquento e outros de altivas florestas de grande fertilidade”. Assim era o Cerrado, tido por “carrasquento”, traduzindo: feio.



Figura 91 - O carrasquento Cerrado na fotografia da Comissão Cruls. Acervo do IHGG.

A comissão ao retornar para Pirenópolis, no dia 9 de agosto de 1892, preparou-se para partir em busca do quadrilátero de 14.400 km². Luis Cruls, o chefe da Comissão, diretor do Laboratório Astronômico Brasileiro, determinou a formação de 2 turmas: uma, chefiada

Rico em detalhes, o relatório da Comissão Cruls destaca a beleza da região: “Há um aspecto pitoresco na região, isso devido à vegetação, rica em palmeiras, que circundam a lagoa”. (CRULS, 1984, p. 69).

Alerta a comissão sobre o desaparecimento contínuo das matas em virtude das queimadas: “As mattas vão desaparecendo rapidamente em todo Estado de Goyaz, devido ao systema das queimadas e apenas resiste à vegetação em torno dos rios e ribeirões, cuja humidade a protege contra o incêndio” (CRULS, 1984, p. 154).

Mesmo sendo um relatório técnico e científico, relata Cruls (1984, p. 157) com certa dose de literariedade na descrição do ambiente e do Cerrado em seus contrastes entre campo limpo e cerrado:

Apesar das fortes pancadas de chuva que nos apanham, admiramos o aspecto gracioso d’esta região coberta de mattas cortadas de verdes campinas onde pasta muito gado. Desde que saímos de Jaraguá, penetramos na zona chamada de ‘Mato grosso’, por conter verdadeiras florestas que contrastam com a raridade de árvores grandes dos campos do resto de Goyaz meridional.

Ao proceder a análise da riqueza florestal e botânica do Planalto Central do Brasil, a comissão avalia os tipos existentes. Analisa as espécies distintas e ainda não faz distinção entre Cerrado e Caatinga. Mas, sempre o termo “vegetação enfezada e garranchosa”:

Em Goyaz, além das espessas mattas que acompanham seus cursos d’água e das que algumas vezes se encontram nas encostas das serras, existe uma faixa florestal, que passa entre Pyrenópolis e a capital, com a largura variável de 80 a 100 kilometros e o comprimento excedente de 4000. É o Mato Grosso de Goyaz. (...) constituindo aqueles quase todos os capões das cabeceiras e estas grandes porções de superfície lavrada. (...)É o que em geral se chama no sertão – vem a ser a vegetação dos cerrados ou catinga e a dos campos. (CRULS, 1984, p. 250).

Destaca ainda o relatório os trechos dedicados ao Cerrado mostrando a capacidade descritiva do autor: “Sobressahindo-se a maioria pela belleza, brilho e colorido das flores, que, muitas vezes, com pequena haste delicada em que ostentam, forma a planta inteira”. (CRULS, 1984, p. 250). A variedade modificada abruptamente no Cerrado, não passou despercebido da comissão: “Isso mostra em alguns pontos a passagem insensível da vegetação dos campos para a dos cerrados e d’estes para as mattas ou para os capões das cabeceiras”. (Op. Cit.1984, p. 150).

Fala a comissão das florestas extensas da região do Mato Grosso Goiano em espécies como aroeira, jacarandá do campo, o jatobá, o bálsamo, o tamboril, as plantas

medicinais, pequenas e grandes, os “buritysaes nas nascentes brejosas, e palustres”, o solo pantanoso e as nascentes junto a estas espécies como “oásis dos desertos arenosos ou ilhas do oceano”. (CRULS, 1984, p. 151).

Este relatório até hoje se constitui em manancial histórico a todos que desejam conhecer a região Sul de Goiás e suas riquezas minerais, vegetais e culturais de outrora.

2.17 - As publicações e desenhos de Johannes Eugenius Bulow Warming sobre o Cerrado



Figura 92 - Warming, publicações e desenhos sobre as espécies do Cerrado em 1895. Acervo de domínio popular.

Warming foi um dos pioneiros da ecologia no mundo e justamente esse pioneirismo se alia ao Cerrado. O biólogo dinamarquês Eugen Warming foi o primeiro autor de um livro de ecologia no mundo, no ano de 1895. No Brasil, ele iniciou sua carreira, quando adentrou pelo Cerrado. As centenas e exsiccatas que coletou até hoje encantam pesquisadores do mundo todo.

Durante os anos de 1863 a 1866 esteve ele estudando o Cerrado a partir de Lagoa Santa, em Minas Gerais, passando por todo o triângulo Mineiro até Catalão em Goiás,

seguindo a rota de Lund e Richel, de 1833/1835, passando desde o Rio de Janeiro até Barbacena, Sabará, Lagoa Santa, Curvelo, Paracatu, Catalão Uberaba, Franca, Campinas, São Paulo, Sorocaba, Santos. Suas pesquisas e seus desenhos foram importantes para o conhecimento do Bioma Cerrado no Brasil e em todo o mundo.

Warming tinha 22 anos quando aportou no Rio de Janeiro a caminho de Lagoa Santa e lá ficou por três anos pesquisando, coletando, classificando e depois de sua publicação em Copenhague, no ano de 1895, só em 1908 seria traduzido para o português. Sua obra é uma das mais importantes para a análise e conhecimento do Cerrado brasileiro. Sua extensa pesquisa combinou sistemática, taxonomia, morfologia e biogeografia, que foram a gênese da ecologia, até então desconhecida de uma maneira geral. Ele é considerado o pai da ecologia vegetal e fundador da ecologia dos trópicos.

O material iconográfico de Warming consta de fotografias das regiões visitadas, desenhos de paisagens e de plantas do cerrado, desenhos de orquídeas e exsicatas de plantas, estudos sobre cada espécie do Cerrado e as anotações desse importante estudioso.

Nas páginas de seu diário, as anotações técnicas de cada planta, cada espécie coletada, num custoso mosaico de extraordinário valor. Ele foi, de fato, o primeiro cientista a estudar cientificamente o cerrado brasileiro, e, seus desenhos demonstram a visão particularizada do Bioma, com sua vegetação baixa, torta, mas carregada de singela beleza, que não passou despercebida do artista, misto de cientista, literato e desenhista.



Figura 93 - O Cerrado com seus campos, a vegetação baixa e torta, na visão de Warming em 1895.

Foram apresentados até esse trecho da pesquisa da presente Tese os relatos oficiais, crônicas de estudiosos e viajantes acerca do Bioma Cerrado e de Goiás. A partir dos

que se seguem no mesmo Capítulo são crônicas de viajantes e estudiosos, sem o caráter científico dos primeiros, embora, muitos abordem características físicas do Cerrado e, também, analisam sob o enfoque literário, com linguagem mais rebuscada e eivada de sentimentos e de poesia, notadamente nas crônicas de autoria feminina.

2.18 - Diário de uma senhora ilustre nos caminhos do território goiano de outrora



Figura 94 - Augusta de Faro Fleury Curado (1865-1929) narrou em seu diário de viagem em 1896 sobre as peripécias que era a trajetória entre o Rio de Janeiro e a Cidade de Goiás naqueles tempos difíceis nos estertores do século XIX. Acervo de Bento Fleury Curado.

As viagens no século XIX eram plenas de dificuldades. Se para os homens afeitos à vida difícil da lida com as peripécias dos ermos caminhos, para uma mulher então, ainda não afeita à vida rural, transformava-se numa epopeia. A grande dama de nossa literatura, Augusta de Faro Fleury Curado narrou num diário de viagem, o cotidiano de uma trajetória entre a então Capital Federal, Rio de Janeiro e a Cidade de Goiás em 1896, anotando, além das dificuldades, muitos fatos relacionados à sociedade e também ao meio em que esteve.

Em 23 de agosto de 1896 partia da Central do Rio de Janeiro, então Capital Federal, com destino à Cidade de Goiás, o jovem casal, Dr. Sebastião Fleury Curado e Augusta de Faro Fleury Curado, acompanhados dos dois filhos (Maria Paula e André) ainda bastantes crianças.

Dr. Sebastião Fleury Curado, homem público no império e principalmente na

República, advogado, formado pela famosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco na Capital Paulista, deputado à Constituinte de 1891, retomava à sua terra natal, a antiga Capital de Estado, trazendo sua jovem esposa Augusta de Faro Fleury Curado, literata, educada em Paris que, da difícil viagem ao sertão de Goiás deixou um diário intitulado *Do Rio de Janeiro a Goyaz 1896 – A viagem era assim*, publicado mais tarde por sua filha, a escritora Maria Paula Fleury de Godoy.



Figura 95 - Augusta de Faro Fleury Curado no tempo em que realizou a difícil viagem para Goiás. Acervo de Bento Fleury Curado.

O jovem casal seguiu de trem até Araguari, onde a viagem continuaria a cavalo, ocasião em que não faltariam peripécias e sofrimentos, todas suportadas com bom humor e determinação de Augusta Faro, feliz em seguir seu destino junto ao adorado marido. Em 11 de outubro de 1896 pernoitaram no arraial do Barro Preto, que Augusta de Faro assim definiu:

Sáimos de Santo Antônio em companhia de um carro de bois carregado de toucinho e de um tocador de porcos. Estávamos a 32 léguas de Goyaz. Então, era um gosto ver um querer passar na frente de outro para chegar primeiro à Capital. Pousamos no meio do campo no lugar denominado Barro Preto – bem merecido nome, lama preta. O carro de bois já estava descansando, os poucos ficou ainda muito tempo atrás. Choveu bastante durante a noite...

Sobre Campininha das Flores, em seu diário, Augusta de Faro Fleury Curado assim se expressou:

...Quando saímos, o Carro de Bois fazia ouvir o chiar das rodas, já bem distante. Alcançamo-la junto a uma ponte meio estragada, que ele não podia transpor sem perigo. Nós passamos bem e eles, os boiadeiros, ficaram arranjando outra ponte e nunca mais nos alcançaram. À tarde, entrávamos no arraial de Campininha das Flores. Um arraial de 50 casas, no meio do Largo está à igreja com seu campanário triste, não há capelão, porém perto há um convento de frades. Para irmos ao rancho, tivemos que dar uma volta ao Largo; fazia vontade de rir ver o povo todo nas janelas e nós parecíamos um grupo de gente de circo fazendo reclame por ali. Nós não ficamos no rancho, porém, porque lá nos foi buscar um senhor que conhecia Sebastião de nome e nos levou para a casa dele. Tratou-nos a vela de libra, lençóis de babado de rendas, fronhas de crivo, colchas de largas ramagens...

O diário de Augusta de Faro Fleury Curado contém, no conjunto de informações, o cotidiano do interior brasileiro nos primeiros anos República.

Augusta de Faro Fleury Curado utilizou-se de um velho caderno para anotar passo a passo os percalços de sua viagem desde o Rio de Janeiro até a Cidade de Goiás. Esse caderno, com manuscritos na caligrafia da autora, foi mais tarde compilado por sua filha Maria Paula Fleury de Godoy e publicado no Rio de Janeiro pela Editora Pongetti em 1961, a sua segunda edição saiu pela gráfica da Universidade Católica de Goiás no ano de 1985 e a terceira em 2006.

A linguagem de Augusta de Faro Fleury Curado é marcada pelo requinte, impregnada de termos franceses e também de conformismo diante dos fatos e dos acontecimentos que pululavam então, reflete o pensamento feminino goiano, assim como o brasileiro, desse período.

Em vários trechos das crônicas de Augusta de Faro vamos perceber como era comum a preocupação da mulher com os seus deveres de esposa e mãe, com os diversos afazeres do marido, guardando consigo, muitas vezes, certos temores que não eram repartidos com o esposo, como o medo de enfrentar uma cidade nova como Goiás, de costumes diferentes do Rio de Janeiro, de saber-se aceita ou não pelos parentes do esposo ou mesmo o de enfrentar as dificuldades de uma viagem tão cheia de percalços com duas crianças ainda pequenas.

As crônicas de Augusta de Faro iniciam-se na central do Rio de Janeiro, então capital Federal, em 23 de agosto de 1896, e terminam no Cais do Rio Vermelho, na Cidade de Goiás, em 20 de outubro do mesmo ano, ponto de chegada de sua família.

Como observadora, a cronista descreve a movimentação do Rio de Janeiro no final do século XIX, dando-nos a 265angu do desenvolvimento que explodiria na próxima década, mas que não resolveria as contradições marcadas, no relato, pelo transitar de carroças, ao lado de bondes, desafio colocado aos poetas modernistas, principalmente Oswald de Andrade na primeira fase do Modernismo (1922-1930) em que fala da disparidade do Brasil anacrônico em termos de modernidade científica querer igualar-se, na época, aos moldes da escrita francesa.

O Rio de Janeiro cosmopolita com carroças e bondes, imprensa, energia elétrica, empregados movimentando-se, é mostrado em sua rotina da estação da central de trem numa “madrugada triste” do final do século XIX, na partida para Goiás – um ermo distante e desconhecido, destino da jovem esposa que viria definitivamente para a terra do marido.

Augusta de Faro registra peculiaridades dos espaços e também volta o olhar para as pessoas que ocupavam esse lugar, descrevendo as cenas dos imigrantes italianos (fato recente então no Brasil daquela época) brigando por trabalho na pátria para a qual haviam sido chamados; com promessas de terra, trabalho e esperança em vida melhor. Percebe-se no relato da autora o senso crítico e observador, característica importante no exercício de escrita do cronista:

Só se esbarra em italianos, que perseguem os viajantes para conduzir-lhes as cargas. Buena 265ang signore, date me 265a sua bagagem. No, no, data a me, signore. Cane diavolo. E por ai vão, brigando por quem será escolhido e acabam em tapas e pontapés. (CURADO, 2006, p. 29).

A visão que a cronista Augusta de Faro passa é a de um certo incômodo gerado pelo grande contingente de italianos, vindos para o Brasil substituir a mão-de-obra escrava, nos quais “se esbarra” e que “perseguem os viajantes”, “brigando por quem será escolhido”. Tal visão está impregnada daquele conceito de mundanidade, de progresso cosmopolita que se verificava na então Capital Federal.

Augusta de Faro, em detrimento ao que é nacional, valoriza sobremaneira a qualidade de vida das grandes cidades, o conforto da vida citadina e a cultura francesa, superior às demais no pensamento daquele tempo, marcado pelo anseio do requinte e do luxo, e esse aspecto passou a fazer parte do fazer literário. A literatura brasileira passa a se inspirar diretamente em fontes culturais francesas e inglesas, particularmente naquelas, inaugurando um extenso período de influência estético literária sob os auspícios da cultura gaulesa.

E tudo para a autora, de balde o sofrimento da viagem, ou pelo provincianismo que vai percebendo ao afastar-se do Rio de Janeiro, tem sabor especial, porque segue com seu

marido e filhos:

Graças a Deus, porém, hoje tenho minha vida ligada ao único homem que soube tanger meu coração a suave melodia do amor, puro, santo e eterno. E consola-me lembrar que o amo, que sou amada e tenho meus dois filhos, 266angu sem preço, alegria nas dores, encanto de meu lar. Curado (2006, p. 30).

Chegando a Uberaba, ponto terminal da Estrada de Ferro de Goiás, a autora já sente os primeiros impactos do que seria a viagem daí por diante, sertão adentro, enfrentando o atrasado estado central do Brasil, fato notado na diferença dos “dois brasis” por Jacques Lambert e Euclides da Cunha; mostrando o Brasil litorâneo e intelectualizado aos moldes europeus em contraste com o Brasil pobre e esquecido, analfabeto e desprezado do sertão. Notória, também, é a descrição enxuta e concisa da cronista.

Uberaba é uma bela cidade, bem grande com bonitos prédios, carro e muito luxo. Só se anda com vestidos de seda, embora as ruas não sejam calçadas e o pó vermelho se agarra à roupa de modo detestável. Curado(2006, p. 34).

Seguindo viagem de banguê e nos lombos dos burros, a autora mostra um fato histórico: a inauguração da estação de trem da cidade de Araguari, fato que a cronista registra, ao falar da ignorância do Brasil sertanejo. Digno de nota é a sutil ironia da autora:

Inaugurou-se a Estrada de Ferro durante a nossa estada em Araguari. Imaginem que barulhada. Veio da roça não sei quanta gente para ver o bicho que lança fogo e tem partes com o diabo. Houve mesas de doces, brindes, muita cerveja. As senhoras em grande toalete, na estação, esperando a máquina que vinha toda enfeitada de bandeiras. Quando, porém, ela apitou, foi uma corrida por ali afora. Mulheres tiveram ataques, homens velhos juraram que nunca se serviriam de semelhante coisa, que urra feito bicho e tem fogo no corpo. Os moleques corriam de pavor, derrubando os tabuleiros de biscoitos. E enquanto isso a máquina entrava triunfante na pequena estação de Araguari. Durante muitos dias só se falou na tal invenção do capeta. Curado(2006, p. 41).

Descrevendo detalhes, como narradora de uma situação, Augusta de Faro captou o instante histórico em Araguari e fez o registro não somente com a preocupação de historiadora, mas como participante daquele fato solene, observado sob sua fina ironia de mulher civilizada diante da rusticidade do sertão e provincianismo de sua gente.

De fato, o texto de Augusta de Faro, revelador de uma visão crítica das abruptas diferenças de desenvolvimento do Brasil, não era para ser publicado, somente veio a lume depois da morte da autora em 1929, compilado, como dissemos, por sua filha Maria Paula.

Aliás, o único livro publicado em vida pela autora foi *Devaneios* no ano de 1891, quando ainda residia em São Paulo.

Em suas crônicas durante a exaustiva viagem para Goiás, Augusta de Faro descreve com lirismo e acentuados traços românticos os pousos sertanejos, destacando termos até então bastante presentes na literatura, como “lunar”, “crianças”, “lanternas mágicas”, expressões notadamente líricas, até mesmo o fato do casal estar sentado num toco de árvore ao luar, esquecidos a conversar.

É a postura romântico-literária da cronista:

No paiol, a lua entrava mansamente, indo brincar nos cabelos dos meus filhinhos e dourar espigas de milho, atiradas a um canto. Nos lençóis que pusemos nos paus do paiol, formando biombos ela fazia surgir estranhas figuras, como as que fazem as lanternas mágicas e que tanto nos encantam quando crianças. Sebastião e eu passamos muito tempo ao luar; esquecemo-nos a conversar, sentados num toco de árvore. Curado (2006, p.47).

Durante trinta e dois dias em pleno sertão, de Araguari à Cidade de Goiás, a cronista foi relatando peculiaridades por onde passou e as dificuldades enfrentadas em todo o percurso, como chuva, sol forte, sereno, espinhos, animais peçonhentos, travessia de rios, sede, cansaço.

E esposa resignada, vê-se recompensada, ao final do diário, na chegada à Cidade de Goiás, com a alegria do marido. E nesse último relato, percebemos o atraso da então capital goiana em relação ao Rio de Janeiro, na viagem terminada num rústico banguê com gente curiosa indagando sobre os viajantes.

Vemos ainda a situação geográfica desfavorável da cidade que a fazia ficar perdida entre as serras, longe da modernidade ou mesmo da possível chegada do trem, fato que realmente nunca aconteceu e que insuflou a mudança da capital para Goiânia mais de três décadas depois.

O banguê quase vira ao entrarmos na cidade. Já estava escuro quando atravessamos as ruas. Muitos curiosos perguntavam quem ia no banguê; se era gente doente. O prazer que tive em ver meu marido abraçar sua boa mãe compensou os sacrifícios que, porventura, houvesse feito. Dormimos um sono invejável, em boa cama macia, com alvos e frescos lençóis. A Cidade de Goiás é toda cercada de morros. No centro está um vale atravessado pelo Rio Vermelho. E entrada é linda, mas a cidade perde muito pela situação. Agora, até a volta, e que Deus nos proteja. Curado (2006, p. 69).

Também, Augusta de Faro Fleury Curado faz descrições do cenário em torno e das constantes mudanças da paisagem. Alguns nomes até evocam o Cerrado como “Cabeceira do Cedro”, denominação de um dos pousos, assim como “Cachoeira das Araras” onde a narradora descreve o cenário em torno, do Cerrado: “É uma paisagem africana: altos coqueiros em renque, palmeiras, desdobrando-se aos grandes leques, maciços de terra cobertos de capim novo. De um lado, um pantanal coberto por caniços que se balançavam graciosamente e por grandes flores roxas em haste”. (CURADO, 1961, p. 41).

Em outras passagens a nobre senhora destaca a monotonia da viagem: “Era maior parte do tempo um chapadão, uma estrada sempre em terreno plano, onde as árvores são raras e há pouca água”. (CURADO, 2006, p. 44). Outras vezes a autora pinta poeticamente a paisagem pelos Cerrados ou pelas matas mais altas:

Não se pode imaginar a beleza do nosso solo: Árvores de uma altura descomunal, à beirado riacho mil florinhas de cores vivas, os leitos dos córregos cheios de pedrinhas alvas e tantas borboletas de lindas cores a esvoaçarem como ramalhetes alados. (CURADO, 2006, p. 46).

Segue ainda a autora na visão das grandes matas do solo goiano: “Árvores tão copadas que não se lhe viam os troncos; pássaros de plumagens variadíssimas, flores mimosas, o céu azul, muito azul, de uma pureza inalterável; o sol, qual lâmpada, espargia seus raios, dava vida e calor a tudo aquilo”. (CURADO, 2006, p. 46).

Na região do Mato Grosso Goiano, entre os arraiais de Campininha das Flores e Goiabeiras, Curado (2006, p. 62) descreve o cenário impressionante das grandes matas, densas e profundas, típicas da região, outrora:

Saímos cedo: manhã linda, mil flores cobriam os prados. Havia uma então, tão mimosa que prendia a vista; parecia um pouco com o lírio, porém cor de rosa pálido; tão frágil dir-se-ia de biscuit; na corola brilhava uma gota de orvalho; outra, em forma de cacho de florzinhas miúdas, roxas, presas com uma palma. Às oito e meia entramos no Mato grosso, que é afinal, centro de matas virgens; sobre nossas cabeças, teto de verdura: dos lados as árvores são tão chegadas que não há lugar para passar a mão. Ali há cobras e onças.

Naquele tempo, portanto, se viajava do hoje bairro de Campinas, região metropolitana de Goiânia, até Inhumas sem se ver o sol, apenas em meio às matas sombrias. Por esse relato se percebe o quanto em, cem anos, o homem conseguiu destruir a natureza que a tudo circundava.

2.19 - Eurydice Natal e Silva, as notas de uma viagem ao araguaia e o cenário do cerrado goiano



Figura 96 - Eurydice Natal e Silva (1883-1970), publicações pioneiras sobre o Cerrado e sobre o Araguaia. Acervo de Bento Fleury.

A participação feminina nos relatos históricos de Goiás data de 1904, quando Eurydice Natal e Silva (1883-1970) publicou *Notas de uma viagem ao Araguaia*, seguidas de um conto intitulado *Ecide*, nas oficinas gráficas do jornal *A República* dirigido por Luiz Gonzaga Jayme, mesmo ano em que foi fundada a “Academia de Letras de Goyaz”, que teve a jovem contista aclamada como presidente.

Essa entidade foi fundada solenemente em 12 de outubro de 1904 e contou com a participação de outros nomes da cultura goiana como Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, Augusto Rios, Godofredo de Bulhões, Marcelo Silva, Luis do Couto e Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Em 1906, Eurydice Natal casou-se com Marcelo Silva e foi residir em Niquelândia e com a sua ausência, a entidade se dissolveu.

A Academia de Letras de Goyaz representou o auge do sucesso literário e intelectual para seu tempo e seu meio, sendo exemplo para o restante do país, ao mostrar que a velha capital não era preconceituosa em relação ao talento feminino, ao contrário da Casa de Machado de Assis, Academia Brasileira de Letras, do Rio de Janeiro que somente mais de 50

anos depois, aceitou um elemento feminino em seu meio. Goiás não só aceitou, como a aclamou presidente em apoteótica festa no Palácio do Governo, como esclarece Nelly Alves de Almeida:

Na época, o governo era o de José Xavier de Almeida, grande incentivador da instrução e da cultura. Escolhido o local para a sessão solene – O palácio Conde dos Arcos -, toda a cidade vibrou de entusiasmo com o auspicioso acontecimento. E Eurydice Natal, então apenas com dezenove anos de idade, foi aclamada Presidente. O baile em sua homenagem realizou-se na rua da Pedra, na residência do Dr. José Netto, notável médico e grande homem público (ALMEIDA, 1984, p.36).

O seu livro *Notas de uma viagem ao Araguaia*, publicado depois em 1939 pelas oficinas gráficas de *O Popular*, enfeixando o conto *Ecide* que fora publicado num pequeno livreto em 1904, revelou o tom biográfico e histórico, descrevendo em minúcias as belezas do Rio Araguaia e da região inóspita daqueles ermos, então desconhecidos de uma maneira geral, o Cerrado alcunhado de feio e agressivo.

Numa linguagem simples, aproximando-se do coloquial, Eurydice Natal, como num diário de viagem, vai descrevendo os acontecimentos, as pessoas, os fatos triviais, preocupada em fazer uma amostragem completa do cenário e dos seus tipos, porém atendendo à unidade dramática e unidade de ação que é característica importante no conto:

Hoje, partimos cedo. Desejávamos alcançar a praia do Gado, com tempo de assistir a passagem de uma boiada do nosso primo Vigico. Não o conseguimos, apesar da boa vontade dos zingueiros. Pouco abaixo dessa praia, divizamos, ao longe, uma ubá veloz, que se dirigia para nossa igarité. Incomodado com a nossa demora, o primo Vigico, que bem conhecia as dificuldades da subida, mandara-nos em reforço um latagão, conhecido no Araguaia pela sua força prodigiosa e grande prática do rio, em cujas margens nascera e crescera, e um outro, franzino de corpo, mas agilíssimo e que supria, com a presteza dos movimentos, a inferioridade em força em que se achava em relação ao gigante, seu companheiro. Silva(1938, p. 28).

É perceptível no trecho do relato de Eurydice Natal, a preocupação da linguagem rápida, incisiva, marcando uma sequência de fatos que convergem para a descrição da viagem no Rio Araguaia, pois é no conto, segundo Massaud Moisés (1976, p.21) que “a existência de um único efeito, duma única história, está intimamente relacionada com essa concentração de efeitos e de pormenores”.

Numa relação explícita com o título, as “notas” da autora vão perfilando situações e costumes e, de maneira graciosa, rememoram hábitos de moças e rapazes nas águas remansosas do Araguaia, naqueles dias de 1904:

Ao se aproximar a ubá, para ela saltaram os rapazes tomando um bom zingueiro: mas faltava-lhes um remo, que os da igarité lhes raram-se do melhor de nossos remos. Não lograram o intento, porém: para se vingarem, dobraram de esforços e, em poucos minutos, a veloz ubá deixava atrás a nossa igarité e os rapazes nos davam estrondosa vaia, a que respondíamos com uma descarga de carabina, que não deixou de assustá-los. Às 4 horas da tarde, chegamos ao Dumbá. Fomos ao banho e, ao voltarmos, o Sr. Alexandre nos surpreendeu com esplêndido jantar. Pernoitamos ali. No dia seguinte, após duas horas de marcha, chegamos à Leopoldina. Silva (1938, p.28).

A autora, em seu relato, evidencia acontecimentos característicos daquela época, destacando-se a chegada a Leopoldina, hoje a cidade de Aruanã, depois de brincadeiras de jovens, fatos estes que eram comuns naquele tempo.

A autora, compartilhando das técnicas narrativas na época, com grande preocupação com as descrições, evidencia algo pouco usual dentro dos costumes de moças de famílias tradicionais e de severos costumes goianos em se resguardar a honra das filhas, que foi essa viagem descrita como uma aventura da qual participaram “moças de família”. Daí, o significado emotivo e social do reencontro entre mãe e filhas:

Aguardava, no porto, à nossa chegada, anunciada pelos rapazes que nos havia precedido, a prima Ernestina, que, muito comovida, via chegarem as filhas – era a primeira vez na vida que se tinha ausentado delas três dias. Sinhá e Nenê choravam de alegria e, ao abraçarem-se mãe e filhas, se debulharam em lágrimas. Silva(1938, p. 28).

Eurydice Natal e Silva fez sua literatura centrada nas impressões pessoais e na observação da vida cotidiana de seu tempo. Nada de digressões psicológicas ou atavios de perquirição intimista, e, sim, textos em que narra de forma simples o cotidiano de seu tempo e suas impressões de mundo.

Observando-se a unicidade de espaço, percebe-se que o relato de Eurydice é restrito, revelando apenas um curto trajeto do Rio Araguaia para, em seguida, destacar o efeito da chegada ao porto de Leopoldina. Abolindo os pormenores, a narradora sucintamente relata pequenos detalhes para precipitar-se ao final.

Observando o relato pela unicidade de tempo, percebemos que a narrativa de Eurydice Natal e Silva passa-se no período de três dias, tempo da viagem do grupo de jovens pelas belezas do Araguaia.

Percebe-se haver no pequeno relato uma harmoniosa estruturação que leva ao desfecho, propiciando ao leitor o entendimento da situação familiar daquele tempo e da vida

cerceada que levavam as jovens, pois apenas três dias de ausência já era caso para se “debulharem em lágrimas” no regresso ao porto.

Outra parte interessante no relato citado de Eurydice Natal é a associação de ideias que a narradora faz entre uma peculiaridade das ariranhas e a ideologia socialista. Vejamos:

Alimentam-se de peixes que, à proporção que apanham, vão depositando na praia. Depois de reunida a quantidade necessária à refeição do rebanho, reúnem-se todas que o compõem, para a divisão das rações, o que se faz no meio de um alarido infernal. Isto nos contou o sr. Alexandre. Achei curioso. Bem mais simples seria que cada um tratasse de si, mas não é esse o regime dominante entre as ariranhas; cada indivíduo trabalha para a comunidade. São socialistas. Silva (1938, p.60).

A frase “são socialistas”, num relato do início do século passado, chama logo a atenção, principalmente na escrita de uma mulher, normalmente alheia às coisas políticas. Tal conhecimento está totalmente atualizado com as preocupações europeias que culminaram na revolução de 5 de outubro de 1910 que em Portugal pôs termo à Monarquia e implantou a República; na Revolução Russa de 1917, que derrubou o regime czarista e a dinastia dos Romanov; assim como na Alemanha com a Revolução Alemã de 1918, que depôs os Hohenzollern. Eurydice Natal mostra-se intelectualizada e coerente com as modificações políticas que estavam em ebulição no primeiro decênio do século XX.

Descrição interessante para a sua época e o seu meio, o relato é fruto do espírito intelectual da narradora, criada num ambiente político e social, discutindo assuntos que estavam bem acima dos comentários de uma mulher, como dissemos, naquela época. Seu pai, o ministro Guimarães Natal¹, sempre procurou proporcionar à filha mais velha todo o conhecimento que estava acima das possibilidades de uma cidade como Goiás. Desse entrosamento com o pai, escreveu Rosarita Fleury, na biografia que fez de Eurydice Natal e Silva, sua patrona na Academia Goiana de Letras.

Percebemos ser grande sua identificação com o pai, cuja vida acompanhou dia-a-dia, mesmo quando entre suas presenças físicas havia a enorme distância de Goiás ao Rio de Janeiro e dificuldade natural da época para comunicação escrita (FLEURY, 1979, p.23).

³⁹ Guimarães Natal – foi político no período republicano em Goiás e ministro do Supremo Tribunal Federal no Governo de Campos Sales.

O nome de Eurydice Natal e Silva merece destaque porque, mesmo depois de casada e com vários filhos, continuou dedicando-se ao trabalho intelectual, auxiliando seu filho, professor Colemar Natal e Silva na fundação da Academia Goiana de Letras, em 1939.

Ao narrar sobre o Cerrado, Eurydice Natal destaca as queimadas, descritas em tom bem literário, utilizando-se da sinestesia, como se as árvores tivessem sentimentos humanos: “As árvores completamente despidas defolhas, umas meio carbonizadas, outras, devido às queimadas, apresentam o aspecto de esqueletos, com os braços erguidos, como que implorando ao Criador, menos barbaridade da parte dos homens”. (SILVA, 1938, p. 5).

Nas beiras dos córregos nas cercanias ainda da Cidade de Goiás, em 1902, narra sobre o Cerrado junto aos regatos: “Muito pitoresca a rancharia! A praia forma aí um vasto salão, forrado de alvíssima areia, tendo por tecto a folhagem entrelaçada das gigantescas árvores e por mobília, enormes blocos de pedra”. (SILVA, 1938, p. 7).

Em outras, mostra a desolação: “A serra do Lambari tem estrada quase plana, com ligeiras ondulações de terreno, ladeada por um cerradão todo queimado”. (Op. Cit., 1938, p. 9). E continua a explicar sobre o cerrado: “E só pudemos encontrara água num buritizal bem longe do pouso”. (SILVA, 1937, p. 10). Depois extasia-se em plena poesia: “Bem se vê que estamos no vale do Araguaia. Ao longe se divisam as lindas palmeiras de buritis, tremulantes ao vento”. (Op. Cit. 1938, p. 39). Todo o Cerrado é mostrado com um ideário idílico e de encantamento, próprio das descrições de um tardio romantismo da autora.

No seu labor, escreveu ainda os dados biográficos de seu pai, o ministro Guimarães Natal e fez tradução do romance *Um idílio na savana* de Herick Siewicz que publicou em 1937. No fim de sua vida, participou da fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, mas não tomou posse porque faleceu a 31 de agosto de 1970, três meses antes da solenidade.

2.20 - Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Professor Ferreira no ano de 1910.

Nascido em 1875 e falecido em 1942, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo foi o dicionarista goiano e autor do *Anuário*, que tanto sucesso fez no começo do século XX pela agudeza de seus escritos e o acerto de suas pesquisas, inclusive geográficas; o que era incomum àquele tempo.



Figura 78 - Historiador, geógrafo e professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, escreveu sobre o Cerrado em 1910. Acervo de Bento Fleury.

Engenheiro do Estado de Goyaz daquele tempo, organizou ele a carta Geográfica importante para os estudos posteriores dessa ciência. Foi professor de Geografia e Matemática no Lyceu de Goyaz. Foi professor da Escola Normal Oficial e, também, do Colégio Santana da Cidade de Goiás.

Foi ainda Deputado Estadual, Diretor do Lyceu por vários anos e da Escola Normal Oficial. Mas, antes de tudo era um pesquisador. Deixou as importantes obras: *As datas do descobrimento da América e do Brasil, segundo o calendário gregoriano*, em 1897; *Anuário Histórico, Geográfico e descritivo do Estado de Goiás*, em 1910; *Páginas Áridas*, em 1913; *Considerações gerais sobre as quantidades negativas*, em 1919; *Dicionário histórico, geográfico e etnológico do Brasil*, em 1921; *Dicionário analógico da língua portuguesa*, em 1950 (póstumo).

No ano de 1910, professor e escritor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (Professor Ferreira) publicou o *Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goyaz*, pioneiro do gênero, impresso pela Livraria Século XX de Uberaba em Minas Gerais, com “ilustrações e várias gravuras, além de uma carta geographica”, conforme aparece estampado em sua folha de rosto.

Foi também engenheiro do Estado, função na qual viajou por todo o rincão goiano realizando levantamentos de plantas topográficas, o que redundou na publicação da Carta Geográfica de Goiás, uma das pioneiras no gênero.

Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo elegeu-se ainda Deputado Estadual em 1909, mas não prosseguiu nessa senda, seu ideal era o magistério. Escreveu ainda *Páginas Áridas*, *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*, ambas com grande apreciação nacional, inclusive pela Academia Brasileira de Letras.

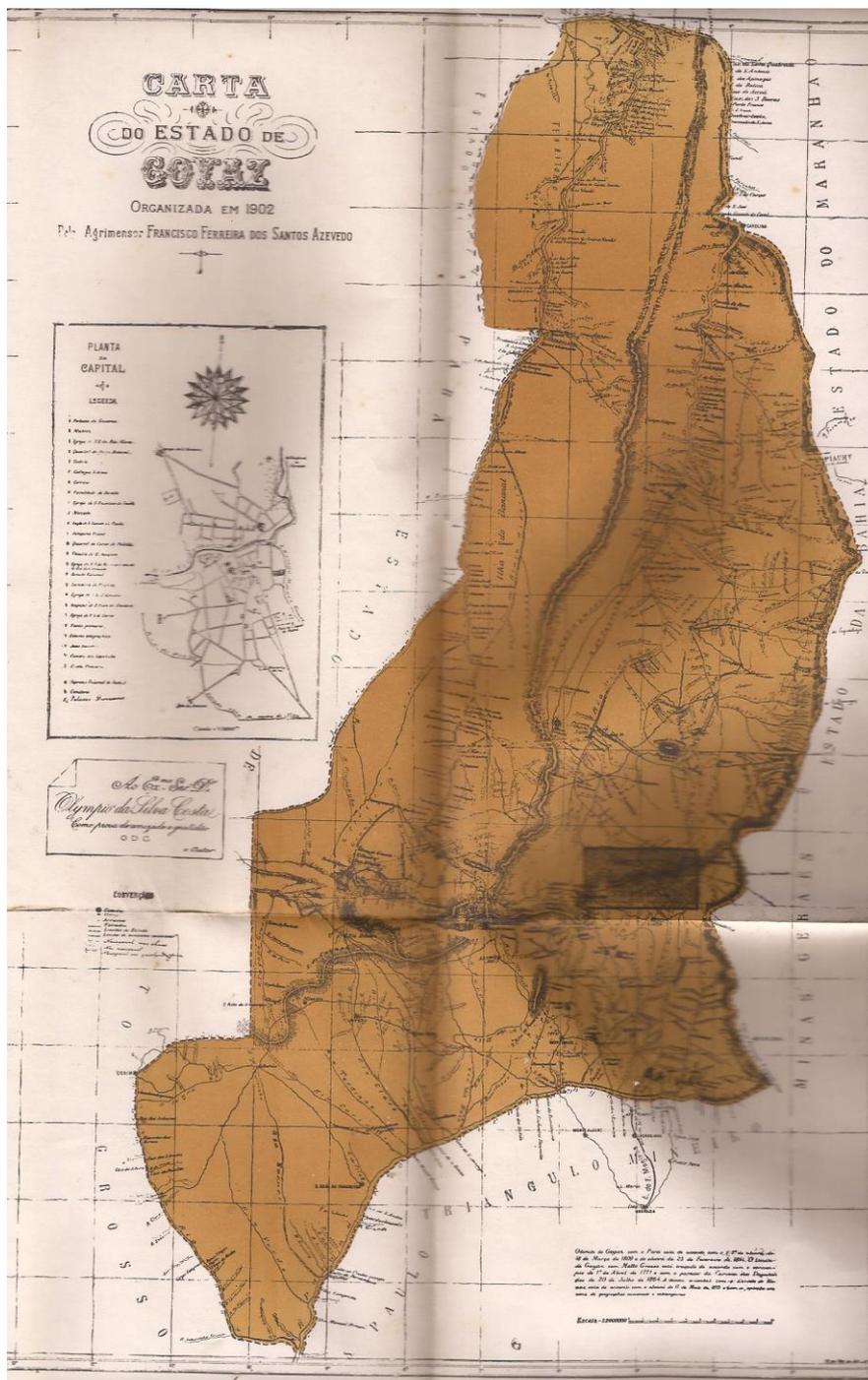
No seu *Annuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goyaz*, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo inicia sua obra destacando os feitos heróicos de Joaquim Xavier Curado, criador do Exército Brasileiro, o maior de todos os goianos em nível nacional naqueles tempos. Segue com a “Folhinha Brasileira” com todos os santos e todas as datas de nosso país, conforme deve ser todo almanaque que se preze, é claro.

Na sequência, Professor Ferreira delinea toda a estrutura administrativa do então governo goiano, liderado por Urbano Coelho de Gouveia, Presidente do Estado de Goyaz e José Netto de Campos Carneiro, Prefeito da Cidade de Goyaz, além de médico renomado.

A partir de Alencastre, o competente Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo faz uma síntese histórica da fundação do Estado de Goiás, passa à geographia geral, da qual era mestre indiscutível. Nesse contexto, analisa a situação não só física, como administrativa e social de nosso Estado, os edifícios, a situação dos índios e as principais cidades goianas e sobre a vegetação nativa, inclusive destacando sobre o Cerrado.

Na parte denominada “Geographia geral”, o autor destaca a posição astronômica, os limites do Estado, o aspecto físico, as grutas notáveis, a patamographia; estuda os rios Tocantins e Araguaia, do qual destaca os estudiosos anteriores como Castelnau, Couto de Magalhães, Ehreureich, Baggi de Araújo, Frei Jacinto Lacomme e muitos outros a destacar suas belezas e utiliza termos épicos e literários como: “Um rio majestoso, soberbo, de aspecto amazônico, ora espalhando-se floresta a dentro, ora inundando buritisais e campinas misteriosas, até sumir-se no horizonte longínquo numa desoladora amplidão”. (AZEVEDO, 1910, p. 75).

A Carta Geográfica realizada pelo Professor Ferreira apresenta grande diversidade de informações que foram úteis naquele tempo e que se utilizou nas aulas de Geografia do Lyceu e das escolas públicas de Goiás.



Mapa 11 - Carta de Goyaz, elaborada pelo agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, presente em seu *Anuário*.

Na “Parte Litterária” Professor Ferreira analisa a formação de nossa literatura, destacando os nomes mais notáveis da cultura de Goiás, abrindo campo para jovens talentos como Cora Coralina que escreve um texto em prosa “Tragédia na roça”, marcando sua estréia como narradora.

Interessante e digna de nota é a parte dos anúncios de grandes magazines e comerciantes, como o Grand bazar parisien, Elixir de Nogueira, Colégio Abílio, Livraria Século XX, gerenciada em

Goyaz por Alencastro Veiga, o gabinete photographico de Alencastro Veiga, a Casa Standard, Os charutos cruzeiro e a Casa Fretin, além de outros. Ao final aparece a Carta Geográfica de Goiás, elaborada pela pesquisa e interesse do professor na área da Geografia.

2.21 - Henrique Silva, defensor do Cerrado e de Goyaz, com sua *Revista Informação Goyana*



Figura 98 - Henrique Silva (1865-1935), pioneiro dos estudos sobre o Cerrado na imprensa goiana. Acervo de Bento Fleury.

A história da imprensa no Estado de Goiás passa indiscutivelmente pelo crivo dos historiadores Braz Wilson Pompêu de Pina e José Mendonça Teles, que demonstraram a origem com o *Matutina Meiapontense* de Pirenópolis, em 1830, e, logo em seguida, o *Correio Oficial* da antiga Capital do Estado, Cidade de Goiás, os jornais foram pouco a pouco se difundindo no Estado, principalmente durante a oligarquia intelectualizada da família Bulhões, no final do século XIX.

Pelo que se tem notícia, porém, a primeira revista a surgir no Estado de Goiás foi a 99 anos atrás, chamava-se *Informação goyana* e iniciou sua circulação em 15 de julho de 1917 pelo empenho do grande goiano e profundo pesquisador de nossas riquezas, Major

Henrique Silva, natural de Bonfim, hoje Silvânia em homenagem aos seus ascendentes, que fundaram a cidade.

Esse militar teve atuação cultural na antiga capital do país, Rio de Janeiro, e, foi um dos primeiros a divulgar o então distante e atrasado Estado de Goiás para outros rincões, já que esta revista circulava no Rio e em todo país.

A revista *Informação goyana* era eclética, possuindo reportagens de todos os assuntos relacionados ao Estado de Goiás e sua relação com o resto do país. Tinha colaborações de Dr. Antonio Americano do Brasil, outro grande goiano que até é também nome de cidade, que foi barbaramente assassinado em Luziânia em 1932.

Participaram também da revista o Dr. Hélio Seixo de Brito, Agenor de Castro, Cora Coralina. Breno Guimarães, Marcelo Silva, Colemar Natal, e muitos outros. Seus assuntos iam de geologia, geografia, história, sociologia, folclore, literatura, costumes, faunas e flora, índios, os rios, as lendas, as riquezas de todas as espécies.

Henrique Silva persistiu por 18 anos fazendo circular mensalmente para todo Brasil a *Informação goyana* até 1935 quando veio a falecer, morrendo também, o sonho e a determinação da primeira revista feita no Estado de Goiás, que ficou ainda mais isolado, até o surgimento de Brasília quase trinta anos depois.

A revista *Informação Goyana* surgida em 15 de agosto de 1917, nasce com intuito de integração e divulgação do Estado de Goiás no cenário nacional, para propagar a existência e sustentação do Brasil Central no cenário das discussões da então capital federal. Era uma divulgação das potencialidades de Goiás.

Henrique Silva, a alma viva da revista era o que mais escrevia nela. Ao todo foram 247 matérias ao todo, e como o divulgador, o incentivador, o sonhador, coordenava a edição com muita rigidez, portanto, não havia um conselho editorial. Colaboradores e artigos poderiam ser cortados pelo crivo do diretor. Todas as suas matérias versavam sobre Goiás, sua gente, costumes e principalmente o Cerrado e as riquezas.

A revista criticava o atraso a que Goiás era relegado, sua extensão territorial e desqualificação profissional da população, assim como a necessidade de ocupação. Tida por apolítica a *Informação Goyana* teve suas origens no grupo xaviesta, devido ao parentesco. Depois seguiu com um hiato até os Ludovico.

Foram 213 números divididos em 19 volumes de uma produção mensal, que nunca ultrapassou 500 exemplares de tiragem, e, mesmo assim cumpriu o seu papel histórico.

As principais matérias de Henrique Silva para Informação Goyana foram: A vegetação e a fertilidade do solo goyano; As mil e uma noites do sertão; O Rio Araguaia; Chapada de Mangabeira; A árvore de papel; A palmeira buriti; Pelos campos agrestes; Plantas leitosas e gomíferas úteis de Goiás; Curiosidades da natureza; Ilha de Sant'Ana ou do Bananal; Frutas indígenas dos campos e matas do Brasil Central; Catálogo das espécies ictiológicas encontradas em Goiás; O Jequitibá rei das plantas do Brasil?; Geógrafos de gabinete; A palmeira macaúba; Catingueiro ou capim gordura; Ipê florido; As paineiras do Brasil Central; O sertão; Os campos nativos de Goiás; O indigenato das nossas plantas úteis; Coco da palmeira babaçu; Horto botânico de Goiás.

Destaca o autor sobre as flores do campo e os frutos do Cerrado, a recordar e a destacar esses desconhecidos nomes para o resto do Brasil por meio de sua revista.

Marmelada-de-areia Variedade de marmelada silvestre: "Aqui vai uma relação dos nomes indígenas ou vulgares, de algumas de nossas frutas por assim dizer, ainda desconhecidas: fruta-de-jacu, marmelada-de-areia, bananinha-do-mato, marmelada-do-campo, cabo-de-machado e muitíssimas outras cujos nomes triviais não nos ocorrem neste." (SILVA, 1932, p. 11)

Silva (1918, p. 16) escreve sobre o ipê, um dos mais legítimos representantes da beleza do Cerrado, num trecho da antiga *Revista Informação Goyana*, no original, com a linguagem da época e os toques de sutil romantismo ao evidenciar o ipê e os seus múltiplos significados, numa página típica da literatura romântica tardia qual ocorreu em Goiás ainda no princípio do século XX.

2.22 - Americano do Brasil e a análise profunda sobre Goiás, o Cerrado e a história.

Antônio Americano do Brasil foi um, misto de poeta, historiador, conferencista, jornalista, médico, advogado, homem público, administrador, folclorista, historiógrafo, pesquisador, professor, filósofo.

Nascido na antiga e poética Bonfim de Goiás, hoje Silvânia, no ano de 1892, Antonio Americano do Brasil era filho de Antonio Eusébio de Abreu (Nico Eusébio) e Elisa Maria de Souza Abreu. Nasceu e viveu seus primeiros anos praticamente dentro de uma sala de aula porque seu pai, era um fundador de escolas e lecionava na própria casa, isto em várias cidades por onde andou e plantou o conhecimento.

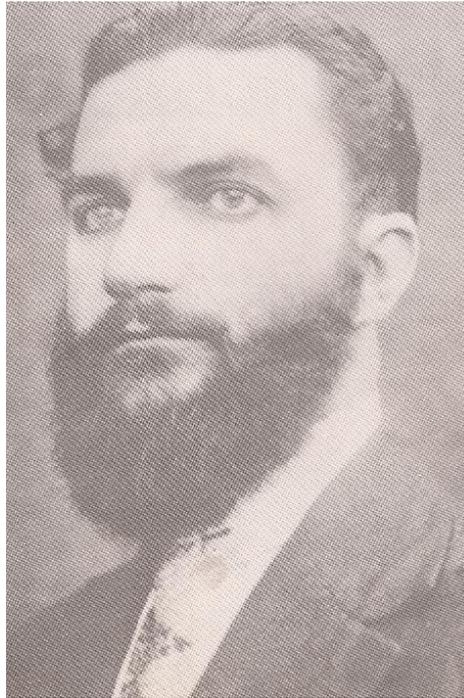


Figura 99 - Dr. Antonio Americano do Brasil (1892-1932) nome fulgurante entre os vultos de Goiás de todos os tempos. Acervo de Humberto Crispim Borges.

Antonio Eusébio de Abreu, além das qualidades no magistério daquele tempo foi, também, autor da letra do primeiro Hino de Goiás feito ainda no começo do século XX e de uma *Gramática Popular da Língua Portuguesa*, escrita em 1923. À sombra do conhecimento e valores do pai, Antonio Americano do Brasil aprendeu as primeiras letras até a adolescência quando também passou a lecionar e ajudar o genitor no sustento da casa. Vida de professor naquele tempo também não era compensadora. Conhecimento nunca teve prestígio ao que se percebe.

Adolescente ainda, Antonio Americano do Brasil seguiu para o Rio de Janeiro para fazer o exame de admissão no curso de medicina na Praia Vermelha, seu grande sonho. Na antiga capital federal também lecionou para custear sua permanência na cidade grande, sabendo das imensas dificuldades do pai na sua antiga Bonfim, perdida nos sertões goianos. Aprovado com brilhantismo, fez o curso com notoriedade, sendo o orador da turma.

Em 1917, juntamente com seu parente e conterrâneo Henrique Silva fez circular a importante revista *Informação Goyana*, que até 1935, a duras penas, foi o veículo maior de propaganda do Brasil Central no Rio de Janeiro. De volta a Goiás, em 1918, Americano do Brasil foi nomeado Secretário de Interior e Justiça do Estado, no governo do Desembargador

João Alves de Castro. Sua atuação foi tão inovadora que dois anos depois foi eleito Deputado Federal em razão de seu talento e dinamismo na administração da coisa pública.

Na Câmara Federal foi defensor da mudança da capital para o planalto, o que ocorreria quarenta anos depois. Defendeu, também, o reconhecimento das potencialidades econômicas goianas e a questão dos limites com os outros Estados, principalmente Mato Grosso. Orador, tribuno e conferencista nato, chegando, inclusive, a ser escolhido para fazer, na tribuna, o elogio fúnebre ao escritor brasileiro Lima Barreto, que faleceu em 1922. Nesse tempo publicou *Pela terra goiana*, coletânea de estudos e artigos no seu período na Câmara Federal.

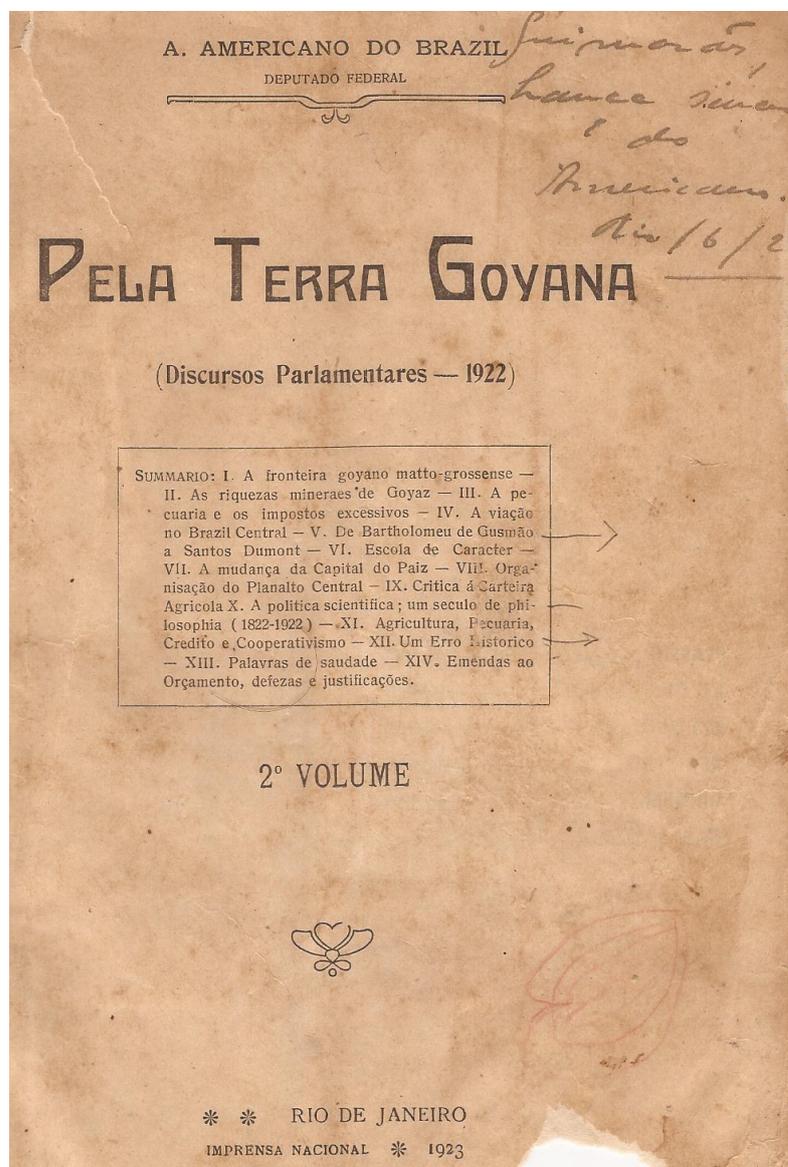


Figura 100 - *Pela terra goiana*, publicado em 1922 pela Imprensa Nacional. Original autografado, acervo de Bento Fleury.

Assim, apresentou um Projeto de Lei à Câmara Federal incluindo entre as comemorações do centenário da Independência, o lançamento da Pedra Fundamental da futura Capital do País no Planalto Central. Houve total aquiescência à feliz iniciativa. Dessa forma, o então Presidente da República, Epitácio Pessoa, baixou o Decreto 4494, de 18 de janeiro de 1922 em que determinava o assentamento da Pedra Fundamental, quando designou para essa nobre missão o engenheiro Balduino Ernesto de Almeida, então diretor da Estrada de Ferro Goiaz, que era sediada em Araguari.

No dia 07 de setembro de 1922, data exata do centenário da Independência do Brasil, junto a uma caravana composta de cerca de quarenta pessoas, era assentada a Pedra Fundamental no Morro do Centenário, na Serra da Independência, que se situava a nove quilômetros da histórica cidade de Plantaltina. A localização era a 1033 metros de altitude e 40° e 30° de latitude, a oeste do Rio de Janeiro. Em Plantaltina no Distrito Federal, o Obelisco histórico tem, ainda hoje, a forma piramidal de base quadrada, com faces orientadas pelos pontos cardeais.

Americano do Brasil foi jornalista e panfletário, polemista intransigente quando o assunto era a defesa de Goiás. Colaborou com a imprensa brasileira em diversas revistas acadêmicas e também no *Correio Oficial* de Goiás. Além de tudo, foi poeta inspirado, deixando o belíssimo livro intitulado *Nos rosais do silêncio*, lindo até no título. Era um misto de romântico, parnasiano e simbolista, na medida exata. Em alguns versos telúricos, fez o canto lírico da pátria goiá.

Foi também historiógrafo de uma vasta cultura geral que o tornava um historiador que compreendeu os acontecimentos e lançou luz na gênese da formação do povo, do ciclo do ouro e do desbravamento. Como folclorista, recolheu farto material em fonte primária sobre o cancionero e trovas populares; um dos primeiros em nosso Estado a se preocupar e a valorizar a cultura popular.

Suas obras em grande maioria versaram sobre a pesquisa da história goiana: *Súmula da história de Goiás, Pela história de Goiás, Pela terra goiana, Cancioneiro etrovas do Brasil Central*, além de centenas de artigos e estudos publicados em jornais e revistas. Teve excelentes biógrafos como Humberto Crispim Borges, Ney Teles de Paula, José Dillermendo Meirelles, Basileu Toledo França, Victor de Carvalho Ramos, José Lobo e Henrique Silva.

O conjunto completo de suas obras assim pode ser definido: *A Doutrina Endocrinológica*: (1917) Tese de doutorado da Faculdade de Medicina da Praia Vermelha no

Rio de Janeiro – RJ; *No Convívio com as Traças*: (1920) Em polêmica com o tenente Marco Antônio Félix de Sousa, por questão genealógica, nasce à obra que esclarece os laços de sangue do general Joaquim Xavier Curado com Francisco Soares de Bulhões, irmãos uterinos; *Questão de Limite Goiás – Pará*: (1920) Estudo que refuta a coerência do delegado do Pará, Dr. Palma Diniz, no Congresso de Limites Interestaduais; *Pela Terra Goiana*: (1922) discursos; 05. *Pela Terra Goiana II*: (1923) discursos; *Puericultura e A Cultura Nacional*: (1923); *Cunha Matos em Goiás (1823 – 1826)*: (1924) Memória – Escritos entregue ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; *Cancioneiro de Trovas do Brasil Central*: (1925) editado por Monteiro Lobato. Este livro foi motivado por uma palestra assistida na Biblioteca Nacional, proferida por João Ribeiro sobre o sentimento folclórico brasileiro; *Súmula de História de Goiás*: (1931) Trabalhou na adaptação da História de Goiás ao programa da Escola Normal que lhe foi mandado, nascendo a obra, que foi oferecida ao Estado sem nenhuma remuneração. Esta obra foi editada em 1932, após a sua morte; *Nos Rosais do Silêncio*: (1947) poemas; *Romanceiro Trovas Populares*: (1979) edição crítica de Basileu Toledo França; *Mil Trovas Luzianas; Goiás – Província; Pela História de Goiás*: (1980) A editora da UFG lança a obra com crônicas históricas de sua lavra, selecionadas pelo escritor Humberto Crispim Borges. Na manhã de 21 de abril de 1932 foi barbaramente assassinado na cidade de Luziânia, no Estado de Goiás, vítima da intriga das pequenas cidades.

De estilo profundo e de uma linguagem mais polida, Americano do Brasil descreve, em tons épicos, a terra goiana, a lembrar os escritos da antiguidade clássica, pelo uso do português castiço e medieval, de uma profundidade mais de uma epopeia que exatamente o lirismo, estilo este hoje completamente abolido na literatura:

Goyaz, onde, sob um céu de louras pepitas, nas tonalidades ao entardecer, se distende, como um crótalo verde ondulante, a balsâmica floresta de Alencar, a clórea arossaia das páginas de A neta do Anhanguera, morrendo nas serranias do Congo, frondando orgulhosa, imitando a clâmide de um Deus pagão apaixonado pela clorofila das selvas seculares, imitando uma imensa meliponida esverdeada com os tentáculos cravados no coração da rosa aberta, assim se fez. (BRASIL, 1922, p. 51).

Muito de sua produção sobre a natureza goiana, o Cerrado, as fontes de riqueza estão enfeixadas em artigos esparsos em jornais e podem ser reconhecidas também no *Jornal Voz do povo* e na *Revista Informação Goyana*, com títulos sugestivos como: A vegetação e a fertilidade do solo goiano, Pelos campos agrestes, O Brasil e a antropogeografia, Das margens do Araguaia, Zona do Mato Grosso goiano, O desbravador dos sertões, Questões de limites de

Goiás e Pará, Pela terra goiana, A pujança das matas goianas, O problema florestal em Goiás, Quando a tarde agoniza, Folhas que passam, A Geografia e a Literatura, além de outros de igual importância, principalmente a estudar e a divulgar o esquecido Goiás de cem anos passados.

2.23 - Moisés Santana, o jornalismo e a literatura como combate



Figura 101 - Moisés Santana (1879-1922) numa fotografia aos 35 anos de idade. Foto: Acervo de Bento Fleury.

Moisés Santana era filho de Joaquim José de Santana, comerciante, professor e escrivão e Bárbara Augusta de Santana, nasceu na velha Cidade de Goiás em 07 de fevereiro de 1879. Em 1892, entrou ele para o Seminário de Santa Cruz, sendo aluno de notáveis mestres. Mais tarde, 1894, assentou praça no 20º Batalhão de Infantaria, pretendendo seguir carreira militar, mas no ano seguinte, por uma insubordinação diante de uma injustiça, foi desligado do Curso Preparatório da Escola Militar da Praia Vermelha e removido para Maceió como Praça. Em 1896, retornou para a Escola Militar e novamente não obedeceu aos comandos por não aprovar a conduta superior, foi desligado e seguiu para Recife e combateu em Canudos, ocasião em que, findo o conflito, deu baixa em novembro de 1898.

Moisés Santana iniciou o curso de Direito em São Paulo, mas, saudoso da família, retornou para Goiás. Trabalhou como Escrivão de Polícia e Procurador das Partes na Vila de Santana das Antas (Anápolis). Nessa cidade, em 1901, casou-se com Cassiana Alves de

Souza. No ano seguinte, de forma interina, Moisés Santana assumiu a intendência daquela que seria a próspera Anápolis.

Nesse tempo, iniciou a sua colaboração no jornal *Lavoura e Comércio* de Uberaba com uma seção denominada “Vida goiana”. Em 1904, foi eleito Deputado Estadual, mas, pelos choques políticos da época com as lideranças de Antas, não foi reconhecido ao cargo. Contrafeito e desgostoso retornou a residir na velha capital goiana.

Ele mesmo datilografou o manuscrito abaixo, de nosso acervo particular, peça literária, eivada de sentimento e de linguagem rebuscada.

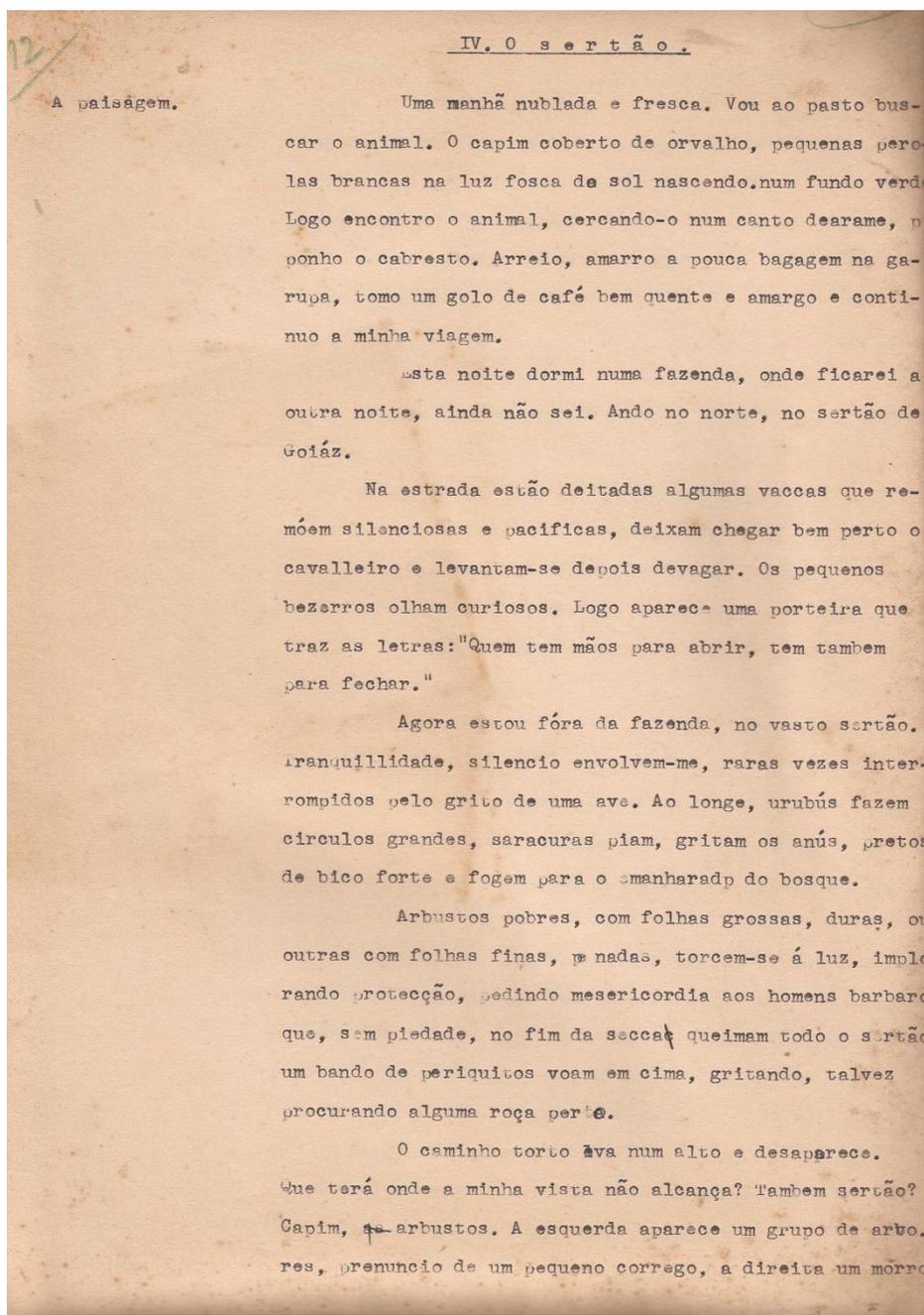


Figura 102 – Trecho original do texto de Moisés Santana sobre o sertão.

Em 1907, transferiu residência para Catalão onde lançou o jornal *Sul de Goyaz*, de cunho político e por isso não se fixou no local. Voltou novamente a Goiás onde trabalhou como secretário de polícia. Nesse tempo, ocorreu a chamada Revolução Branca que derrubou o governo e mudou o cenário político. Em 1911, Moisés editou o jornal *O Estado de Goyaz*, abrindo campanha contra o governo de Urbano Coelho de Gouveia.

Nessa luta insana, conseguiu ainda trabalhar como professor da Escola Normal Oficial de Goiás, como Promotor Público na Cidade de Goiás e como jornalista, auxiliando João Teixeira Álvares no Jornal *Brasil Central*. Adoecendo gravemente, buscou recursos médicos em Uberaba.

Depois desse período, transferiu-se para Barbacena, no Estado de Minas Gerais, onde fundou o jornal *Mútua Cosmopolita*. Mais tarde, residiu em São Pedro de Uberabinha, hoje Uberlândia, onde editou o jornal *Paranaíba*, que teve vida efêmera. Mais uma vez decepcionado, mudou-se para o Rio de Janeiro onde colaborou em diversos jornais; mas, inquieto como sempre, residiu em vários lugares como Barbacena novamente, Livramento, Barra do Piraí e Catalão, nesta última fazendo circular o jornal *Sul de Goyaz*.

Ao entrar em choque com o juiz de Catalão, Moisés Santana passou a residir em Uberaba, trabalhando no jornal *Goyaz e Minas* e em Ribeirão Preto no *Diário da Manhã*, isto no ano de 1917. Residiu também por certo tempo em Sacramento. Em 1918, mudou-se para Santa Rita do Paranaíba, hoje Itumbiara, onde fundou uma “Sociedade Goiana de Geografia e História”, colaborou com a Revista *Informação Goiana* no Rio de Janeiro e editou em 1919 a *Revista Paranaíba*.

Em 1920 passou a residir em Inhumas, antiga Goiabeiras, onde continuou escrevendo seus livros de história de Goiás, passou depois a Bonfim (Silvânia) e Campo Formoso (Orizona), plantando ideias e jornais; seguiu depois para o Rio de Janeiro onde trabalhou com afinco em história e genealogia.

Em 1922 passou a residir em Uberaba novamente, quando começou a lecionar e, também, a trabalhar no jornal *Lavoura e Comércio*, além de advogar. Foi nomeado bibliotecário da Câmara Municipal de Uberaba, mas nem chegou a assumir o cargo, sendo ferido a tiros pelo então presidente da Câmara daquela cidade, João Henrique Sampaio Vieira em 20 de maio de 1922, vindo a falecer no dia seguinte, 21 de maio de 1922; depois de uma longa e dolorosa agonia, acompanhada por toda a população de Uberaba.

Em 1980 teve uma biografia publicada pelo escritor goiano, Humberto Crispim Borges, intitulada *Moises Santana, vida e obra*, reconstituindo o seu legado e o seu valor para

a cultura e para a história de Goiás. Em 1979, foi festivamente louvado na Academia Goiana de Letras pelo seu centenário de nascimento.

Na imprensa goiana e mineira, ele escrevia uma série de artigos que depois transformava em livros. Nem todos foram possíveis pelo pouco tempo que viveu. Em relação ao Cerrado, deixou uma série de artigos enfeixados com o título de “Coisas do meu sertão”, e, também, outra série denominada “Flores do sertão, ou árvores de flores”, com dezenas de belos artigos sobre as árvores específicas do Bioma Cerrado. Deste, aparece a bela descrição literária desse combativo jornalista.

Estão em flor a aleluia, a barriguda e o ipê roxo;vão florir dentro de dois meses, o ipê amarelo e a caraíba; surgirão depois, abertas, em flor, a taipoca e o cambará (...)Taipoca, como é bela, no seu florir, esta espécie vegetal, que Deus criou erva e a terra do Brasil elevou a árvore de tronco e galhos inclinando-se para o céu! (SANTANA, 1919, p. 13).

Mais adiante, o narrador sublima a união das árvores como o ideário de família, na antropomorfização da árvore como pessoa: “Ninguém a vê insuflada; uma árvore aqui, outra mais distante, outra perdida para além. Ama a comunhão das árvores, dentro da comunhão de sua família” (SANTANA, 1919, p. 24).

Ao destacar o cenário com a paisagem do Cerrado, Santana (1919, p. 21) concebe a profusão de espécies próprias do Bioma-território na região do Mato Grosso Goiano, a riqueza das grandes árvores de rijas madeiras, a disputa quase humana de poder e seiva, a pujança e a qualidade da madeira,; o entendimento divino da existência da mata e o papel ocupado, como num palco, por cada espécie:

Aqui, ali e acolá, a aroeira ostenta o seu poderio, como a quintessência das forças vegetais, e o Gonçalo Alves, colosso de grandeza, parece mais pujante que todos os de sua espécie, e lograria a palma, se o jatobá, o tamboril, o bálsamo, o cedro, o angico lhe não enfrentassem a seiva, possuídos do mesmo desígnio. Em toda a mata, a guariroba se multiplica, e o acuri, postado em vários pontos é o marco com que Deus assinalou as terras boas. Lá embaixo, ao contato com o córrego, ergue-se o estirão do palmito, num comprido aldeamento a deitar seus cachos verdes e ruivos, concorrentes com o açai dos paraenses.

E segue o autor a delinear a beleza dos rios da região, como o Córrego das Lages, o Rio dos Bois, o caudaloso Meia Ponte, e as matas ciliares com suas espécies gigantescas, comprovando a qualidade da terra, descrevendo a fileira delas como “procissão de virgens das cidades sertãs, como taipoca aberta em flor”. (SANTANA, 1919, p. 23).

No trabalho “Árvores de flores”, dividido em vários números e publicados nas cidades de Catalão, Campo Formoso e Santa Rita do Paranaíba, Moisés Santana destaca sobre a seca, o “sofrimento” das árvores, como se humanas fossem: “Em pleno sertão, faz dó o ver-se como sofrem as árvores, nas nossas florestas e nos nossos campos e cerrados, nos meses que decorrem de junho a setembro. Há em todo Brasil Central, um imenso esforço devastador. O sofrimento de nossas árvores é secular”.

Em seguida, destaca sobre a prática nociva da queimada, chamando de “malignos” os que ateiam fogos criminosos na pastagem seca. Destaca sobre o fogo que “da roça passa para as capoeiras e para os capoeirões e para as matas vizinhas. Meses em fora, a obra continua...”. (SANTANA, 1921, p. 42). Já destaca o autor, em 1921, sobre o desaparecimento de madeiras nobres no Cerrado, pela incúria humana, daí se observa o adiantado espírito de amor à natureza de Moisés Santana há 95 anos passados: “Há árvores que tendem a desaparecer: a aroeira, o bálsamo, o cedro, a cangerana. Muitíssimo abundantes ontem, hoje rareiam, assustadoramente”. (Op. Ct. 1921, p. 43).

O autor faz uma apologia à espécie cedro, destacando o seu valor e a necessidade de sua preservação. Quando faz alusão ao jatobá e ao jequitibá, cheia as raias da eloquência poética: “São mais distintos o jatobá e o jequitibá. Nasceram para seculares, como o destino das epopeias. Têm o ideal das alturas e são para os céus”. (SANTANA, 1921, p. 43). Faz uma alusão às mulheres como muito fartas, ao destacar sobre a peroba: “A peroba é como as mulheres: muito cheia de variedades e muito encontradiça”. (Op. Cit., 1921, p. 43).

Moisés Santana personifica as árvores do Cerrado, tais quais seres humanos elas fossem: O Gonçalo Alves é o senhor portentoso; o bálsamo é pobre de formas; a canjerana é falsa; a pororoca é regateira; o angico é bom e calmo; a piúna é valente; o jacarandá é o coronel mandão; o tamboril é o obediente e mole; o ipê é vaidoso; as palmeiras são fofoqueiras, aventureiras; o mulungu é o esquisitão; a barriguda é a mulher grávida; assim cria sentimentos destoantes para cada espécie, espécie de fábula do sertão e do Cerrado.

2.24 - Derval Alves de Castro, o Cerrado e as suas dolentes e evocativas páginas do sertão.



Figura 103 – Derval de Castro, pesquisador sobre Goiás. Foto: Acervo de Bento Fleury.

Derval Alves de Castro foi um poeta, contista e historiógrafo goiano, destacado por sua preocupação, na época, com a evocação do Cerrado, das espécies nativas, com a devastação, num tempo ainda que tais fatos pareciam absurdos e a natureza goiana inabalável ante a ação depredadora do homem.

Nasceu este escritor na Cidade de Goiás, antiga capital do Estado, em 28 de abril de 1896, filho de Augusto Alves de Castro e Delfina Maria de Castro. Estudou com a mestra Inhola, além do Lyceu de Goiás. Também estudou no Ginásio Diocesano de Uberaba, diplomando-se mais tarde na Faculdade de Engenharia de Juiz de Fora e ainda depois, em 1936, em Direito, em Goiás. Trabalhou em Pernambuco e foi funcionário da Estrada de Ferro Goiás. Pertenceu à Academia Goiana de Letras e faleceu no Rio de Janeiro em 1952, aos 56 anos de idade. Escreveu os livros *Anais da comarca do Rio das Pedras e Páginas do meu sertão*.

Neste último, em grande parte do mesmo, evoca, com singeleza e lirismo, os elementos constituintes da cultura cerradeira, os costumes, hábitos, modismos, folclore, fauna e flora sertanejas, com destaque para as flores e as orquídeas nativas. A começar pelo próprio título, o autor configura o sertão encerrado na literatura em páginas de admiração e singularidade, com a pena a serviço da análise da paisagem goiana num tempo em que se começava, ao certo, a exploração desenfreada dos recursos naturais e o sertão ia aos poucos saindo do ideário do sonho e do fabulário, para se constituir, economicamente, como celeiro do país.

Até mesmo singularidades de certas plantas foram destacadas: “Dentre eles o cipó-d’água, o mata-sede que é preciso conhecer e saber aproveitar, pois se cortado em baixo terá toda a sua seiva benéfica e refrigerante imediatamente sugada no alto.” Castro (1925, p. 79).

Ainda sobre o cipó, d’água, Castro (1925, p. 32) evoca com singeleza e romantismo, próprios do texto literário, ao propiciar características singularmente humanas aos seres de outra categoria, fato possível apenas na ficção. Há beleza e singularidade ao destacar sobre a planta:

As flores, com o findar da primavera, vão perdendo a coloração. De rubro-vivas que são, passam, a roxo-violáceas, para depois murcharem numa lassidão fúnebre de poesia morta. Agora, ei-lo a mitigar-nos a sede com a água salda do tronco sinuoso. São lágrimas que verte como que pranteando a primavera que o verão enterrou, num esplendor de luz e athermasia. E a gente, então, tem pena do cipó-d’água.

Mas, não só de lirismo exacerbado e romântico viveu o narrador. Também Castro (1925, p. 104) evocou a vida difícil do homem do campo com suas mazelas, abandono sofrimento e tristezas, ao fazer uma comparação com a guariroba: "Razão tinha, dizia seu Bino, o Moisés Santana, em afirmar que o sertanejo é um ser essencialmente sofredor e que não só come a margosa guariroba, como suporta pacientemente os amargos da vida”.

Derval de Castro (1925, p. 5) destaca ainda em sua obra antiga e desconhecida das atuais gerações goianas sobre os cheiros, perfumes e essências das plantas do Cerrado que, infelizmente, são bem mais raras nos dias atuais, dada a crescente destruição desse importante Bioma: “marmelada-cachorra Marmelada-de-cachorro: "Bem perto desse campo, escondida pelas moitas das marmeladas-cachorras, entrelaçadas pela ramada verde-negra de baunilhas recedentes”.

Derval de Castro é um nome singular para a Literatura Goiana, no que tange ao regional e ao local, numa produção eivada pelo lirismo e pela linguagem rebuscada, propiciando uma descrição das variedades e da riqueza do Cerrado no tempo do ontem.

E o regional se constitui como uma tríade dimensional, em que aparece apenas com nuances geográficas, telúricas e universais; a saber, a dimensão e o desenvolvimento ao longo do tempo, na recriação dos conceitos humanos. No caso específico de Derval de Castro, se configurara como o telúrico. Não havia, naquele tempo, o destaque universalizante.

2.25 - Zoroastro Artiaga, estudos, mapas, livros, geologia e o escopo geográfico e histórico do Cerrado



Figura 103 - Zoaroastro Artiaga, nosso ilustre historiador e geógrafo, autor de diversos livros. Acervo de Bento Fleury.

Zoroastro Artiaga foi um nome na Geografia de Goiás. Pesquisador, deixou uma obra que ainda hoje auxilia os estudos dessa ciência. Natural de Itaberaí, destacou desde cedo em seus estudos realizados na antiga capital, Cidade de Goiás, tornando-se um pesquisador. Trabalhou nos Correios e Telégrafos e, mais tarde, como telegrafista; oportunidade em que conheceu diferentes realidades.

Fixando-se em Catalão, ali fundou jornal e iniciou suas pesquisas e foi escrivão do crime por oito anos, mudou-se de Catalão novamente para a Cidade de Goiás. Continuou como pesquisador, como funcionário público e como jornalista. Deixou na imprensa goiana estudos sobre as possibilidades históricas e geográficas de nosso Estado. Foi um dos primeiros a estudar, também, profundamente o Bioma-território Cerrado.

Era, também, advogado; fundou a Associação Goiana de Imprensa e a Academia Goiana de Letras, como autêntico pioneiro. Na área da Geografia deixou os seguintes livros: *Geologia Econômica de Goiás*; *Dos índios do Brasil Central*; *Riqueza Vegetal do Planalto Central*; *Contribuição para a História de Goiás*; *Monografia Histórica e Geográfica da Nova*

capital; Geografia Econômica; Dos minérios de Radium de Goiás; História de Goiás, em 5 volumes; *Revolução de 1909; Etnologia Goiana e Rios Araguaia e Tocantins*.

Durante sua trajetória, o historiador passou por fases distintas, chegando inclusive a fundar em sua terra natal, o periódico *O Repórter*, que pouco durou. Envolvido com a história, seus dados biográficos registram passagens por funções bem distanciadas como escriturário, telegrafista e professor de direito, profissão que abraçou em 1929, data em que formou-se na Faculdade de Direito de Vila Boa.

Uma pessoa atuante que tinha um interesse especial pela geologia. Por isso, em 1933, Zoroastro Artiaga acabou por ser co-fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

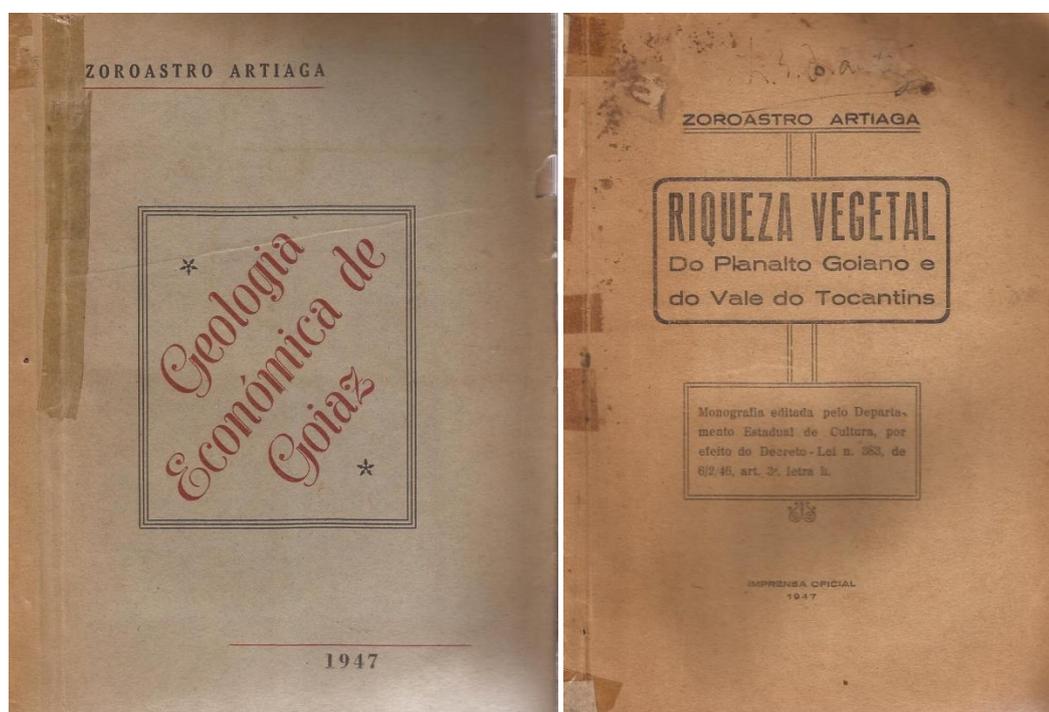


Figura 104 - Duas importantes obras para a Geografia de Goiás, produzidas por Zoroastro Artiaga; a *Geologia Econômica de Goiaz* e *Riqueza mineral do planalto goiano e do vale do Tocantins*. Mostram sua preocupação, também, com o Cerrado goiano. Acervo de Bento Fleury.

Zoroastro Artiaga colaborou com 37 órgãos, entre jornais e revistas, no seu processo de vivência. Deixou inéditas obras como: *História de Goiás, III, VI e V; Origem dos índios do Brasil Central, Caçadas e Pescarias, Usos e costumes de Goiás, Minérios e minerais de Goiás; Fauna Ictológica de Goiás, Valor e heroísmo do soldado goiano; Vida de Dom Eduardo Duarte da Silva em Goiás, Influências civilizadoras do clero e da Igreja Católica nos primórdios de Goiás*.

Como geólogo, Zoroastro Artiaga conseguiu enumerar varias jazidas dentro das

fronteiras goianas. Um homem múltiplo, que exerceu funções dispares, como suplente de delegado de polícia, em algumas cidades do interior goiano.

A obra de Zoroastro Artiaga em todo o seu conjunto de significados, muito representa para a história da Geografia em Goiás. Num trabalho de resgate da memória goiana e de suas potencialidades econômicas e geográficas foi o grande acervo desse pesquisador e também geógrafo.

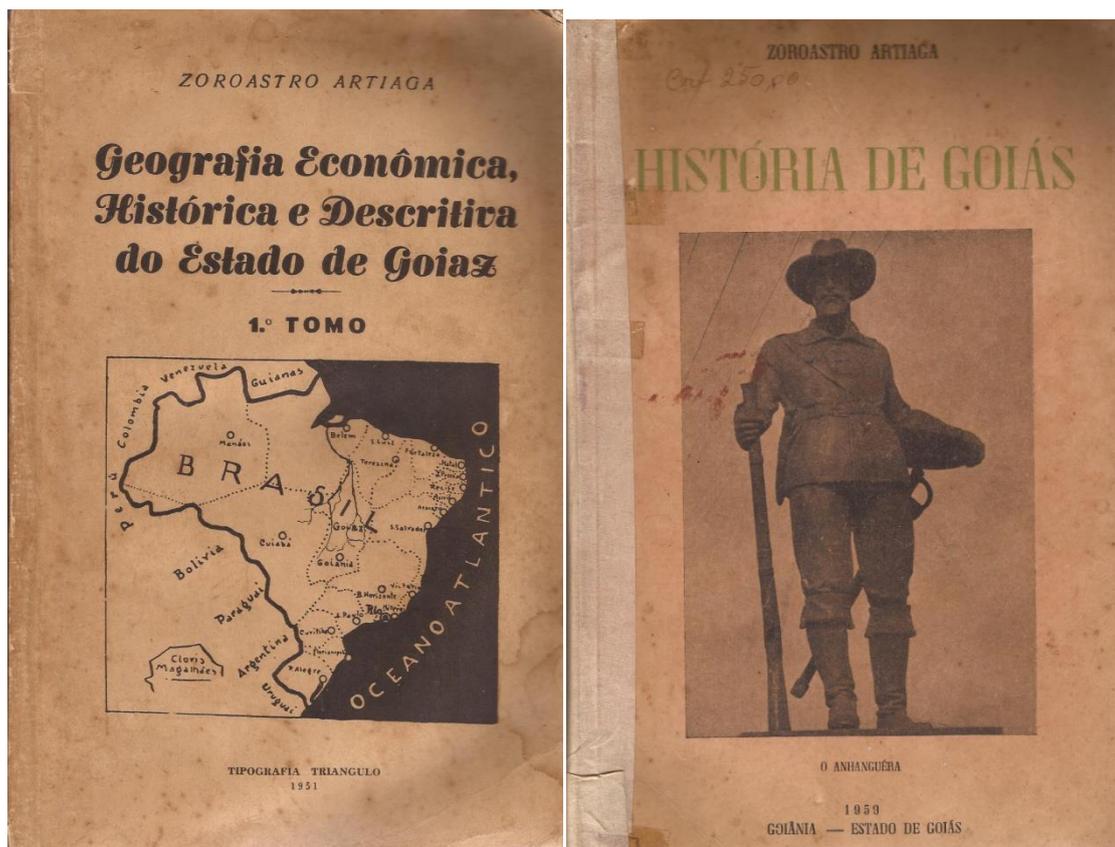


Figura 105 - Duas outras obras de valor do acervo de Zoroastro Artiga. Fonte:Acervo de Bento Fleury.

De sua lavra, podem ser destacados trabalhos que, ao longo do tempo em relação ao Cerrado, como a destacar o valor medicinal de nossas madeiras e nossas florestas e campos cerradeiros: “Grande é a nossa riqueza e essências florestais. O revestimento florístico é variadíssimo e contém inúmeros indivíduos que ocorrem nas mesmas latitudes do outro lado da terra com caracteres diversos devido às suas condições mesológicas”. (ARTIAGA, 1951, p. 5).

Zoroastro Artiaga (1951) enumerou as plantas medicinais existentes no Cerrado do Brasil Central, catalogou e estudou as mesmas ao bem da medicina e da Geografia em todo o mundo: Amarelinha, alecrim, almécegas, arnica, açafraão, Azedinha, amaro leite, amaranto, arruda, amendoirana, avenca, articum, algodãozinho, almecegueira, artimígio, baunilha,

amburana, barbatimão, batatinha, bico de urubu, beldroegas, cânfora, cardamomo, cana de macaco, copaíba, canela de ema, coroa de frade, caroba, carrapicho, chá de mineiro, congonha, catuaba, cagaiteira, cipó carijó, caraíba, cotócotó, caracaxá, cordão de frade, cambará branco, calunga, douradinha, capeba, cainça, crista de galo, cidreira, caraíba branca, capim navalha, funcho, fícus, fava, fumo, genciana, genipapo manso, goabeirinha do campo, gengibre, gravatá, erva andorinha, erva benta, erva de bicho, erva de passarinho, erva de rato, conta de lágrimas, hortelã, imbaúba, inhame, jatobá, joá, jurubeba, jalapa, laranjeira do campo, lixeira, lixinha do campo, leite vermelho, losna, malva, manacá, mostarda, Mangerona, marcela, mangaba, marapuama, mandioquinha do campo, mandioca brava, mata pasto, manjeriço, milhomes, melissa, mentrasto, ovo de pomba, ora-pro-nobis, olho de santa Luzia, perpétua roxa, purga de lagarto, poaia, plumeira, purga de pinhão, panaceia do mato, pimentinha, parreirinha, pé de perdiz, resina de jatobá, ruibarbo, samambaia, sassafras, sulfato do campo, suma, salsaparrilha, sucupira, tomba, tiborna, timbó, tamarindo, torruda, tucum, tripa de galinha, tacarí, urucum, unha de boi, velame, vassourinha.

De todas essas plantas, ainda no ano de 1947, Zoroastro Artiaga estudou cada uma, enumerou seus dados científicos, sua área de concentração no Cerrado, os usos medicinais e os dados terapêuticos. De fato, um trabalho de fôlego.

Também Zoroastro Artiaga (1951) enumerou e classificou as “madeiras existentes em Goiás, nos revestimentos florísticos de cobertura, de cerradão e matas”, como assim determinou: Aroeira vermelha, aroeira branca, areoeirinha, Angelim, angico branco, antambu, amburana, baru, bálsamo, breu do campo, barbatimão, braúna, caparosa branca e amarela, cega machado, cedro, cangica, carijó, canela amarela, canela preta, carvoeiro do mato, carvoeiro do campo, cascudo, capitão do mato, coração de negro, capoeirão, cazil, folha de bolo, gencelim, genipapo do mato, ingá, garapa, calumbi, chapada, conde do mato, casco de anta, cabiú, caraíba, faveira, gameleira, goibeira, invira, ipê, imbirussu, imbaúba, jacarandá, jatobá, jacaré, jangada, louro, landi, lixeira, limoeiro, mutuqueira, Moreira, Maria preta, marinheiro, mutamba, mandiocão, nó de porco, óleo pardo, pau d’óleo, olho de cabra, pau de areia, pau Brasil, pau d’alho, pau roxo, pau ferro do mato, pau de sassafras, pau rosa, papyrus, paineiras, pitangueira, pindaíba, piqui, piuna, peroba, pau terra, quina, Santana, sucupira, sapucaia, tamboril, vinhático do mato, vinhático do campo, vaqueta.

Em todas, o autor enumerou, classificou cientificamente, destacou as qualidades, o uso econômico e até histórias de algumas, com curiosidades e folclore. Em algumas ressalta inclusive o surgimento.

Em seguida, Artiaga (1951) ressaltou a relação das palmeiras existentes nos matos e cerrados de Goiás como dendê plassava, rasteira, sagu do Cerrado, palmito do brejo, bacaba, palmito de mata virgem, guariroba ou gueroba, maquine, gerivá, babaçu do mato, babaçu do campo, coqueiro catarro, macaúba, indaiá, ariri, tucum do mato, acuman, buriti de gaiola, espinho de agulha.

Assim, o autor ressalta sobre cada qualidade de plantas do Cerrado, com o intuito de informar, preservar e elucidar sobre suas histórias, num misto entre ciência e literatura.

2.26 - Hermano Ribeiro da Silva os índios e instigantes cerrados nos sertões do Araguaia

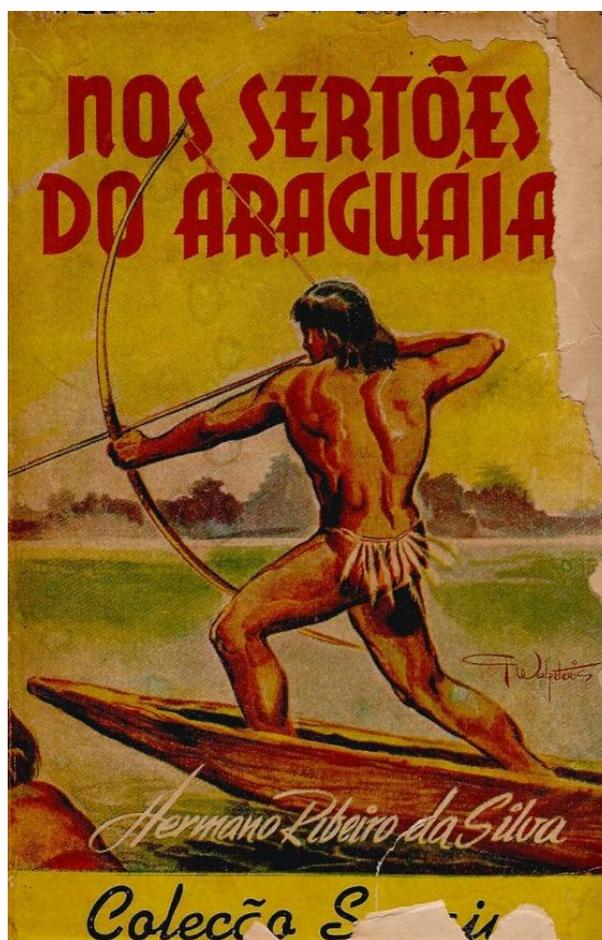


Figura 106 - Capa do livro *Nos sertões do Araguaia*, de Hermano Ribeiro da Silva, publicado nos anos de 1940 pela Editora Saraiva, no Rio de Janeiro. Imaginário de um mundo de selvageria no ambiente do cerrado goiano. Acervo de Bento Fleury.

Jornalista na capital de São Paulo, mas nascido no ano de 1902 em Ribeirão Preto, Hermano Ribeiro da Silva foi um notável escritor e defensor dos índios e dos povos do

Cerrado. Fez estudos sobre os usos e costumes dos povos cerradeiros, sendo um pioneiro nesse ramo.

Formou, nos anos de 1930, uma expedição para penetrar no território dos então temidos índios Xavantes. Seu livro *Nos sertões do Araguaia*, foi um dos primeiros a desvendar os mistérios do grande Oeste, região bravia então. A obra teve repercussão nacional e serviu para abrir ao litoral brasileiro, o ideário de sertão, até então equivocado e sobre as peculiaridades do Cerrado.

Hermano Ribeiro da Silva faleceu em plena expedição no dia 24 de novembro de 1937, aos 35 anos de idade, em Cocalinho, sendo sepultado em Leopoldina, hoje Aruanã.

A narrativa do livro *Nos sertões do Araguaia*, escrito nos anos de 1930 pelo escritor paulista Hermano Ribeiro da Silva, coloca o Cerrado em destaque em suas longas descrições, em especial o Araguaia de outros tempos, a partir da perspectiva geográfica do Porto de Leopoldina, hoje Aruanã.

Sua narrativa recheada de tons e nuances literárias, conta sua chegada a Aruanã com um amigo, a compra de uma canoa velha que foi calafetada, a viagem até a Ilha do Bananal com descrições da vegetação da região, a desistência do amigo paulista nesse trecho da viagem e a chegada a Santana do Araguaia.

Daí em diante, Hermano segue num batelão conduzido por índios conhecedores da região, que se divertem jogando cascas de banana no chão para o viajante cair. Identifica, na descrição, o Cerrado, as plantas altas vistas a partir do batelão, as árvores das matas ciliares, os frutos de jatobá, caídos no rio, outros frutos dos campos também descritos pelos índios no uso cotidiano; toda a riqueza do Cerrado goiano, destacada por meio de um jogo de perguntas e respostas com os índios.

Hoje se identifica, historicamente, que a maior parte dos povos indígenas do Cerrado concentra-se no Parque Indígena do Xingu. Com 26,4 mil quilômetros quadrados no norte do Mato Grosso, na transição entre o Cerrado e a floresta Amazônica, o parque foi criado, em 1960, graças aos irmãos sertanistas Villas Bôas, e abriga 16 povos.

Silva (1930), também narra sobre alguns bichos do Cerrado, diferentes, em especial o lobo guará, que naquele tempo era comum nas matas e campos goianos e também de Mato Grosso. Narra o mesmo que este animal deveria ser símbolo do Cerrado, destacado como um ser solitário, diferente, esquivo, arredio, sem bando, que só se aproximava cautelosamente dos humanos na busca de comida e nem assim. Foi também descrito por

Carmo Bernardes como “um cachorrão natural dos campos gerais, responsável, com seu urro bufado, pela melancolia das noites geralinas” (BERNARDES, 1994, p. 29)

O autor lembra o projeto de Couto de Magalhães no século XIX sobre a navegação do Rio Araguaia, e o princípio de imensas erosões, ainda naquele tempo, há 85 anos, que começavam a se formar, fato também descrito mais tarde por José Mauro de Vasconcelos em seus romances sobre os índios e os costumes da região do Araguaia, assim como Leolídio Di Ramos Caiado.

São as imensas voçorocas de hoje, que chegam a mais de cem, cada qual com quilômetros de extensão e dezenas de metros de profundidade. Tudo fruto da ganância humana em desmatar as margens na construção de pastagens ou lavoura. E ainda é um problema natural, pois a região, segundo Gomes (1988), é do período Quaternário e tem um problema de dejeção de areia de baixo para cima.

O autor, em 1930, ainda destaca sobre o perigo do desmatamento sucessivo e do mal uso da terra, com o perigo de desaparecer o Cerrado. Não imaginaria ele a verdade de seu relato, já que, hoje, 86 anos depois, o Cerrado parece condenado, já que foi quase totalmente destruído pelo recente avanço da cana-de-açúcar que acelerou ainda mais o desmatamento nos dois estados de Mato Grosso, além de Goiás, Tocantins, Piauí e oeste da Bahia, quando a expansão poderia perfeitamente acontecer em áreas de pastagens, em que o índice de degradação está em torno de 70% do total. A produção de carvão para siderúrgicas é outro sério problema. Tudo isso concorre para a perda da biodiversidade, com devastações terríveis a começar pelo clima e pela água.

E, talvez, todo esse drama silencioso e sem alarde do fim do Cerrado venha do ideário de inutilidade do mesmo, como paisagem triste, árvores feias, cascudas e tortas; vegetação inútil e desagradável, campos sujos, macega, capoeira; no pensamento de que, não servindo para nada, pode ser dizimado.

A narrativa de Hermano Ribeiro da Silva serve, a seu tempo, como alerta ao fim de uma geração, de um povo e de uma cultura.

2. 27 - A Expedição Histórica nos sertões de Goyaz, de Guilherme Ferreira Coelho e os cerrados do antigo norte goiano

Guilherme Ferreira Coelho, nasceu em 1895 na Cidade de Goiás, filho de Joaquim Ferreira Coelho e Antonia Ludovico de Almeida. Formado em Direito, advogado, realizou viagem pelo antigo norte goiano no ano de 1937, quando narrou as peripécias da mesma em um diário, publicado no mesmo ano, em que, em certos momentos, realça os detalhes da paisagem do Cerrado nesses perdidos rincões.

Inicialmente, o narrador delinea historicamente o Estado de Goiás de então, seus limites geográficos, sua posição no Brasil. Em seguida, destaca sobre o Rio Araguaia distante, ao evocar sua solidão até então perene, entrecortada pelo barulho das embarcações numerosas que o singram: “Na actualidade, já não é só o barulho das águas e o roçar da briza nas ramagens que põem termo ao silêncio da solidão, daquela estrada em movimentação. No seu leito, velozes singram, várias embarcações”. (COELHO, 1937, p. 14).

Ao ser destacado juiz municipal de São José do Duro, hoje Dianópolis, Estado do Tocantins, Guilherme Ferreira Coelho enfrentou mais de novocentos quilômetros de viagem sertão adentro, ocasião em que narrou as peripécias e as paisagens por onde passou. É um importante relato sobre o antigo norte goiano de quase cem anos passados, já que a viagem teve início no dia 30 de julho de 1918.

Nos seus cismares ao sair de sua terra e enfrentar a inospidez dos sertões em pleno conflito – era tempo do “Barulho no Duro” – revolução que houve no antigo norte goiano, narrada no romance *O tronco*, de Bernardo Élis, o autor evoca a natureza rústica para narrar seus pensamentos conturbados: “Pus-me a ouvir o marulhar das águas de um rio e a observar, distante, as grimpas da Serra Dourada, já clareadas pela lua. Junto a uma árvore, que o estio lhe arrebatara a folhagem, em atitude de meditação, pus-me a scismar”. (COELHO, 1937, p. 35).

Ao relatar sobre a seca no sertão e nos cerrados, Coelho (1937, p. 45) ressalta sobre a força da natureza a suportar a canícula dos dias ensolarados, ao dotar as árvores de sentimentos humanos, fato típico dos textos literários ou ficcionais:

Quando em transito, na manhã seguinte, da grimpa da serra negra, contemplamos os primeiros clarões do sol que trazia ressequida a terra. Os galhos dos arbustos despidos das roupagens que lhes dão as folhagens, voltados para cima, pareciam implorar ao Todo Poderoso, a vinda do líquido precioso, que lhes traria, as que o estio lhes tomara, e, jogadas ao solo, motivavam a superfície cobrir-se de lucto, com o desaparecimento da baixa vegetação, consumida pelo fogo lançado por mãos impiedosas.

Continua o narrador com seus toques poéticos dos antigos campos hoje destruídos: “As cigarras entoavam os seus primeiros cantos. E na várzea da baixada contígua, na fímbria da serra, os pássaros, contentemente, saudavam aquele bello amanhecer, com harmoniosos piados”. (COELHO, 1937, p. 45).

Na passagem do Rio Maranhão, Coelho (1937, p. 46) destaca a beleza das matas que ainda existiam nas margens dos rios de então: “No porto, às margens desse lindo rio, alvas praias se alongavam sombreadas, aqui e acolá, pelas ramagens de velhíssimas e frondosas gameleiras e outras seculares árvores. A montante e a jusante dessas mattas cobrem os terrenos marginaes, attestando mais a sua inigualável riqueza”. É a visão do autor, em relação à natureza intocada até então, quando as margens dos rios eram preservadas e não havia tanta destruição como se acelerou, infelizmente nos últimos cem anos pela incúria humana.

Cumprindo sua missão, Guilherme Ferreira Coelho descreve todo o norte, abrindo um apêndice para narrar o conflito em São José do Duro, hoje Dianópolis, assim como para evocar a beleza do sertão no norte, tão longe e esquecido, como uma parte apagada do Brasil daquele tempo.

2.28 - Os estudos sobre Goyaz e os usos e costumes, na visão do padre e pastor Victor Coelho de Almeida.

Victor Coelho de Almeida é carioca, nasceu em 8 de setembro de 1879, filho de Aristides de Melo Moraes e Maria Noelina Coelho de Almeida e Silva. Estudou ele no Lyceu de São Cristóvão, seguiu para Paris, onde estudou numa escola presbiteriana.

Numa mudança brusca, ao voltar para o Brasil, matriculou-se no Seminário Santa Cruz, da velha Vila Boa, onde se ordenou padre em 1895. Viajou para Roma onde estudou no Colégio Pio Americano. No Rio de Janeiro foi Reitor do Seminário e cônego da Catedral Metropolitana. Numa nova mudança, em 1914, largou o celibato, se casou e teve uma filha.

Transferindo-se para Salvador, voltou a frequentar a Igreja Batista, passou a ser pregador, fundando no Rio de Janeiro uma igreja Presbiteriana. Numa nova mudança, passou a ser católico novamente e em 1928 voltou a Goiás, passando a residir em Anápolis, depois Silvânia, eleito Deputado Estadual, professor, escritor e fundador da Academia Goiana de Letras. Faleceu em Campinas, bairro de Goiânia, em 1944, aos 65 anos de idade.

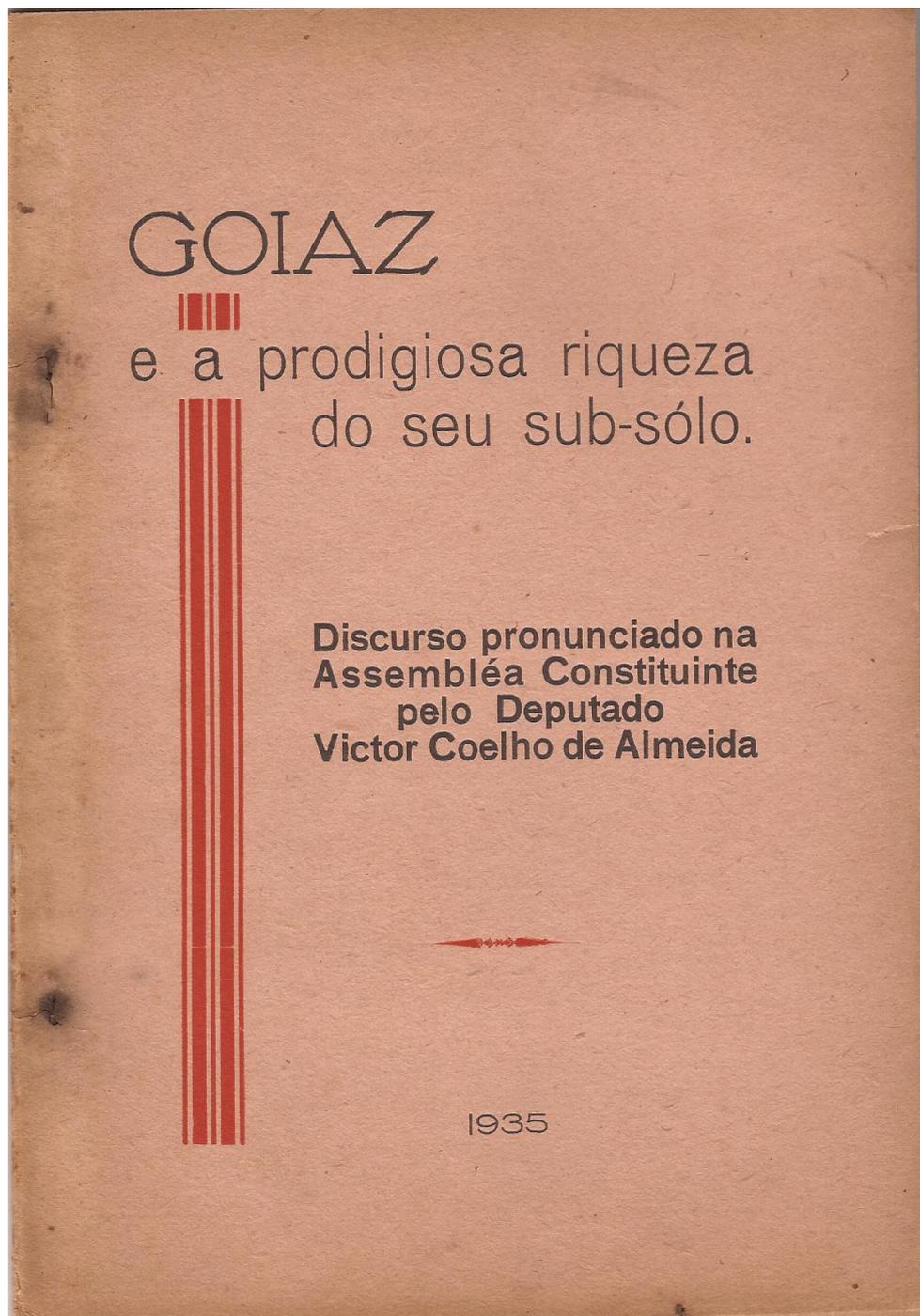


Figura 107 – Discurso de Victor Coelho sobre a terra goiana. Acervo de Bento Fleury

No ano do Batismo Cultural de Goiânia, 1942, Victor Coelho de Almeida publicou seu livro *Goyaz, usos, costumes, riquezas naturais – Estudos e impressões pessoais*, com o selo da Livraria Revista dos Tribunais de São Paulo, com a chancela do governo do Estado, Pedro Ludovico Teixeira. Na capa do mesmo, a efígie da Pedra Goyania, símbolo geológico maior do Estado, de insuperável equilíbrio, na Serra Dourada, crimosamente

destruído mais tarde. No ideário do autor, a mesma representava o coração da terra doando ao mundo o nome de Goyaz.

A obra inicia-se com a revivescência histórica da formação do povo goiano, depois o relato de uma viagem em 1892 em que Goyaz era “semideserta região, selvagem, com índios bravios ou mansos cruzando os sertões, com onças e bichos” (ALMEIDA, 1944, p. 8), além de descrições de vilas como Abóboras, Alemão, Crixás; a descrição dos costumes sertanejos, a dança do catira, os reinados, reisados, folias, cavalhadas, a velha Vila Boa, a demografia e os aspectos urbanos da antiga capital.

Na viagem de 1892, além das descrições técnicas e científicas dos lugares, Almeida (1944, p. 44), como literato e poeta, descreve o cenário sertanejo e a paisagem rural, com indescritível lirismo e cadência de uma linguagem derramada em plurissignificação:

Para o viajante em suas longas jornadas cálidas através dos chapadões, o buriti anuncia o oásis, em que, certamente encontrará um manancial de água potável. Essa palmeira só vegeta em lugares frescos, nas cabeceiras e no percurso dos córregos, formando de ordinário extensas e belíssimas veredas, franqueadas de prados virentes. Numa dessas veredas, entre os rios Verdinho e Turvo, avistamos ao longe, um cervo branco, pastando. O cervo totalmente branco é considerado grande raridade.

E destaca ainda o autor sobre o buriti, seu valor para a região, não somente com as suas veredas de rara beleza, como, também, suas variedades e o potencial econômico. Poético ainda, destaca o mesmo como “uma das mais formosas palmeiras de Goyaz com caule erecto, reto, ligeiramente cilíndrico desde a sua base, com rica folhagem bem distribuída, tendo cada folha uma haste de mais de metro e meio, terminada em duplo leque amplo e muito elegante”. (ALMEIDA, 1944, p. 44).

O buriti tem destaque na literatura nacional. Belíssimas descrições foram feitas por Afonso Arinos em *O buriti perdido*, em que os evoca como se fossem “uma tribo de índios em marcha”, tal alinhamento apresentam na planura do Cerrado, ou como o escritor Pequeno (1966), em seu livro de memórias, os evocou como buritis em fila, caminhantes dos ermos, tal a beleza sugestiva que apresentam, ou como cantou o poeta José Bonifácio, o velho: “Ainda restam sobreviventes buritis, como guerreiros de emplumados elmos”. (BONIFÁCIO, 1911, p. 20).

Páginas seguintes, destaca Victor Coelho de Almeida sobre o valor das plantas como remédio no sertão, como o gengibre, o açafraão, a lixeira, jatobá do Cerrado como planta medicinal, a congonha que “vegeta nos cerrados e nos campos. Logo se destaca pelas suas

folhas grandes, grossas e enrugadas, quebradiças e barulhentas, dando-lhe também o nome de bate caixa”. (ALMEIDA, 1944, p. 50). Relata ainda sobre a cortiça, a arnica, o mate do mato, a baunilha, a poaia e o barbatimão. Fala ainda das árvores das matas mais altas, dos campos e dos arbustos do Campo sujo.

Poeticamente, destaca também Almeida (1944, p. 182) sobre o canto da acauã, sonoro e triste, nos campos e cerrados de Goiás:

Acauã. A mais barulhenta das aves do sertão. Vive em pequenos bandos, pousada em altas árvores, perto de desbarrancados ou dos matos. Dali, em coro, o bando solta sons estrídulos, como de pranto ou de brados de socorro. O povo supersticioso tem-na por ave agourenta. O acauã, contudo, é benéfico, mata e come cobras.

A obra de Victor Coelho de Almeida se destaca pelo estudo sobre a flora do Cerrado e a investigação das peculiaridades sertanejas numa época já bastante remota e esquecida.

2.29 - Leolídio Di Ramos Caiado, o sertanista das terras goianas e o seu vale das caraíbas.



Figura 108 - Leolídio Caiado em palestra na Academia Trindadense de Letras. Acervo de Bento Fleury. Presentes José Maria de Alencastro Perillo Pelles, Marilda de Godoy Carvalho e Bento Fleury.

Nascido na Cidade de Goiás em 1921, Leolídio Caiado era filho de Leão Caiado e Illydia Maria Perillo. Formado em Direito, foi também aluno do Ginásio Anchieta de Bonfim, integrando-se na Aeronáutica, onde chegou ao posto de Sargento; cedo iniciou a luta pela natureza, tanto nas suas ações, quanto nos seus diversos livros. Membro da Academia Goiana de Letras, participou de várias expedições no sentido de conhecer Goiás, o sertão, o Cerrado e os índios.

Também foi secretário de meio ambiente de Goiás, transformou-se em nome de Comenda da área ambiental e nome de um parque na região do Setor Goiânia II, na capital, próximo à Avenida Perimetral Norte e da ETE de Goiânia. Faleceu nesta cidade em 2011, aos 90 anos de idade.

Deixou Leolídio Caiado diversos livros sobre o estudo do Cerrado, da fauna e da flora de Goiás e principalmente sobre o Rio Araguaia. Em 1955 publicou o livro *Expedição sertaneja Araguaia-xingu*, premiado pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, seguido de *Dramas do Oeste*, em 1950, depois *Curichão da Saudade*, em 1963, ainda *Araguaia, o rio da vida* e por último, *O vale das caraíbas*. Em todas as obras, a grande tônica é a preocupação ambiental, o sentido e os valores do Bioma Cerrado.

Ao destacar sobre os bichos do campo e dos rios, Caiado (1963, p. 11) tem um tom é poético e evocativo, digno de um acadêmico de Letras e Linguística. Ao narrar sobre a inhuma, que habita nossos campos e nomeia a antiga goiabeiras, hoje Inhumas, destaca;

Ave do brejo, preta, maior que o urubu e que emite gritos estrondosos. As suas peças servem para satisfazer supersticiosos. Por exemplo, quem puser um pé seco de anhuma abaixo da cama do ser amado (que o despreza) o possuirá: jaós, azulonas, mutuns, anhumas piavam, gemiam e cantavam por todos os lados.

Ao se referir sobre o macuco, também é enfático na descrição de sua posição: “À margem esquerda, encontramos certa variedade de macuco ou azulona em grande quantidade”. (CAIADO, 1963, p. 40). E, ao se referir sobre a buritirana, complementa seus valores para o mundo cerradeiro: “Coqueiro semelhante ao buriti, porém de menor porte. Os cocos, apanhados verdes e socados, depois coados, fornecem um leite que, adoçado e fervido, assemelha-se ao leite de vaca e num macegal envolvido por espessa folhagem de buritirana, finalmente estava o vestígio bem fresco do monstro.” (CAIADO, 1963, p. 62).

Ao se referir sobre as moitas, macegas e campos sujos do Cerrado, Caiado (1963, p. 27) destaca sobre as chamadas empucas: “Moita onde se escondem bichos perseguidos e eilos que surgem de arma em punho, à boca da empuca, alertados, prontos à resistência. Em outras ocasiões, em duras pelejas dentro das empucas, haviam enfrentado o canguçu traiçoeiro e sanguinário”. Ressalta, ainda, sobre os ranchos dos povos cerradeiros espalhados na paisagem, a criticar o abandono dessa gente desconhecida e esquecida de um modo geral: “Entre paus-terras, sucupiras, lixeiras, estavam inúmeros ranchos de palha de indaiá, abandonados”. (CAIADO, 1963, p. 129).

Esta ligação dos campos com os sentimentos também se percebe na narrativa de Teixeira (1979, p. 185), quando da escolha do local para a construção de Goiânia em plena campina: “Alto chapadão ou planalto. Aqui estamos, em pleno coração do Brasil; coração imenso, que ora parece pulsar, tranquilo, na planura dos araxás pré-históricos”.

Sobre a beleza da paisagem das matas e a vivência dos bichos, Caiado (1945, p. 26) ressalta em tons literários e poéticos: “Vagueava entre mognos gigantes, figueiras copudas, najás e jacaratiás, ombreando as terras entre bananeiras bravas que ocultam enormes buracos de tatu-canastra”. E ainda, liricamente, o canto das jaós ao anunciarem um novo dia: “As jaós, com os seus pios ao longe, e emitindo sons plangentes, anunciavam a alvorada.” (CAIADO, 1945, p. 29).

Sobre o cotidiano do povo ribeirinho, Caiado (1950, p. 48) destaca sobre o trabalho deste junto à natureza bravia e inóspita:

Contou-nos que mais distante, lá nos recônditos da floresta, próximo a um lago muito extenso, em cujas beiras frondosas ciscam mutuns e em cujas águas se banham as capivaras, ele trabalhava certo dia, com Iraci, empenhados no fabrico de possante ubá da sólida e durável madeira landi, a fim de prestar relevantes serviços à família nas pescarias do próximo verão.

Ao destacar sobre as árvores do Cerrado, Caiado (1963, p.124) as descreve além do científico, também de forma literária e medicinal, no caso específico, a lixeira:

Atravessaram o capão da mata que circulava a lagoa e descambaram por um cerrado alto de cajueiros, lixeiras, paus-terras e alguns tabocais. Lixeira é árvore do Cerrado, cujas folhas são ásperas como lixas e que tem propriedades medicinais. Sua entrecasca torrada serve como analgésico na ferroadada da arraia. Há a lixeira da folha larga e a lixeira da folha miúda: Lixeira é uma planta de porte quase arbustivo. Como o seu próprio nome sugere, tem folhas que se utilizam muito bem como lixa. São folhas do tamanho das de parreira, fibrosas e flexíveis, apresentando grande

aspereza numa das faces. É a lixa, com ela se limpa fundo de panela e se areia tacho. E, é claro, trabalha-se madeira.

Também ao destacar sobre o exótico da natureza no Bioma-território Cerrado, Caiado (1963, p. 94), relata sobre as abelhas e o mel:

Outras vezes, estão espalhados pelos campos, cerrados e capões, tirando o mel da marmelada, abelha muito abundante em toda a região. Certa vez, procurava, num cerrado alto, a abelha-marmelada, de suculentos favos de mel, acompanhado de sua mulher. No momento em que acabava de tirar o mel do oco de um pau-terra e colocado os favos da inseparável cabaça, ouviu latidos de cachorro.

Assim, toda a obra de Leoldio Caiado há uma evocação ao Cerrado, como um brado veemente a favor de sua preservação. O conjunto de sua obra seria a antologia das mais interessantes páginas já escritas sobre esse Bioma-território, que se apaga pouco a pouco diante de nossos olhos.

2.30 - Eduardo Guedes de Amorim, o Cerrado e as evocações históricas de Santa Leopoldina e do rio Araguaia de outrora

De ascendência portuguesa, Eduardo Guedes de Amorim, comerciante e memorialista, deixou impresso o livro intitulado *Aruanã*, publicado em 1973, em que evoca o Cerrado, a região da hoje cidade de Aruanã e os costumes indígenas e sociais. É uma obra para se construir um ideário sobre a paisagem e a região goiana, no avançar do tempo. Sua narrativa se concentra no ano de 1909.

Sua obra é tecida ao fio das recordações de um tempo ou de varias épocas. Em todas elas, o autor relata sobre o Cerrado em suas diferentes manifestações, como campos, matas ou campos sujos. É recorrente em sua obra o termo “selvagem” para qualificar os campos, no sentido de distanciado, longe, esquecido, desconhecido. Ao relatar sobre as matas altas, destaca Amorim (1973, p. 195):

Viajando pelos rios Araguaia e Tocantins ou nas regiões do Cerrado de meu Goiás olhava admirado e assombrado as grandes e fechadas florestas virgens de suas margens. Andando a pé e a cavalo, léguas e léguas dentro delas, em demanda dos seringais, parecia estar num mundo estranho, no tempo de sua criação. As árvores gigantescas e lá no alto de suas copas, o colorido de flores amarelas, brancas, rosas, roxas e tão unidas que escondiam o sol, e cá embaixo uma penumbra constante. Andava-se pisando o chão fofo de folhas apodrecidas, entre cipós e raízes enormes e por toda a parte, pendendo dos troncos, orquídeas lindas.

Ao relatar sobre as árvores do Cerrado, de forma lírica e literária, Amorim (1973, p. 196) destaca enfaticamente os sentimentos humanos no existir das árvores podadas ou cortadas:

Já plantei muitas árvores, que vi crescerem, darem flores e frutos, e, com tristeza, vejo, das feridas abertas nos troncos cortados desapiedadamente escorrer a seiva, quais lágrimas silenciosas, ante a ingratidão daqueles a quem deram tanta beleza com suas flores e benéfica sombra.

Sobre o decantado buriti, Amorim (1973, p. 100) destaca a utilidade, a parte comestível, o surgimento, as histórias e as lembranças que o Cerrado evoca na alma das pessoas que viveram em seu meio as diversas fases da vida. Nesta evocação, o autor também utiliza a sinestesia com a espécie vegetal:

Palmeira encontrada nos terrenos úmidos de Goiás, também conhecida como palmeira de espelho, por viver sempre perto d'água. As suas folhas secas (palhas) cobrem casas e fornecem seda para tecer redes e fabricar caroças; o seu tronco serve de pinguela e para fazer bicame, além de produzir uma seiva muito apreciada como vinho de buriti; dos talos de suas folhas fazem-se boias para pescaria e brinquedos, assim como afiadores de navalha. Os cocos fornecem massa para doce (saeta) e para o refresco (sambereba).

De outras espécies do mato e do Cerrado, também destaca o narrador em suas histórias e lembranças cerradeiras, como o fedegoso do mato: "Pois que naqueles ermos, onde os moradores eram distantes léguas uns dos outros, somente encontraria café feito de fedegoso-do-mato, adoçado com mel de abelhas, tirado do oco das árvores". (AMORIM, 1973, p. 174). Da itã, espécie de concha, das grandes matas ribeirinhas, narra o autor: "Descendo o rio, nas praias e beira das barrancas, encontramos grandes conchas chamadas itãs, nacaradas por dentro, onde, por vezes, estão pérolas, e mamãe tinha uma linda pérola tirada de uma concha, num lago das margens do Rio Araguaia".(Op. Cit., 1973, p. 163).

2.31 - Amália Hermano Teixeira, as histórias, o Cerrado e as orquídeas do mato.



Figura 109 - Amália Hermano Teixeira e suas orquídeas do Cerrado goiano. Acervo de Bento Fleury.

Amália Hermano Teixeira nasceu no município de Natividade, hoje no Estado do Tocantins, em 23 de setembro de 1916, mas, ainda criança, em função da "Revolta do Duro" (em São José do Duro, hoje Dianópolis), seus pais, Manoel José Hermano e Archângela Pereira Hermano, decidiram mudar para Currealinho (atual Itaberaí).

Depois de estudar as primeiras letras com a mestra e parenta Maria Cazuza Hermano, Amália, com a família, seguiu rumo à antiga Capital do Estado, Cidade de Goiás. Local onde, por vários anos, seu pai, Manuel José Hermano manteve a "Pensão Manduca". Ali, ele abrigava, em regime familiar, jovens do Norte goiano, hoje Estado do Tocantins, que vinham em busca de estudos na cidade.

Amália fez o curso primário no Grupo Escolar de Goiás com a professora Emília Perillo Argenta e secundário no Lyceu de Goiás, quando alcançou diploma de Normalista, pela Escola Normal Oficial do Estado, em 1935. Dois anos depois casou com Maximiano da Mata Teixeira e seguiram para Goiânia. Dessa união não teve filhos.

Na nova capital, passaram a residir na histórica Rua 24. Amália tornou-se professora do Instituto de Educação de Goiás. Nesse local, ela lecionou Geografia até 1963,

concomitantemente, também, lecionou a disciplina de História na Universidade Federal de Goiás (UFG), até se aposentar em 1983.

Como educadora, Amália participou de congressos e conferências, proferiu palestras, publicou artigos em jornais como *Cinco de Março*, *Atualidades Pedagógicas*, na *Revista Educação* e ainda integrou um grupo de discussões sobre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Nacional. Lutou pela implantação de clubes agrícolas nas escolas do Estado, com o propósito de disseminar entre os jovens estudantes o gosto pelo ensino rural.

Por muitos anos dedicou-se à escrita de seu livro sobre a história de Goiás que só foi publicado postumamente. O referido estudo durou quatro décadas e a intenção de Amália era reunir os subsídios coletados em um livro, o que não foi possível por conta de seu falecimento em 28 de Abril de 1991.

Amália Hermano Teixeira em seus estudos sobre o Cerrado, deu destaque inicial ao Papiro, ou árvore do papel, da Serra Dourada e, por seu pioneirismo, foi classificado como planta símbolo de Goiás, depois modificado. Também na descoberta de muitas orquídeas do mato, emprestou seu nome a uma delas, classificada por Guido Pabst, botânico internacional. Juntamente com José Angelo Rizzo, fez diferentes estudos sobre a botânica da região da Serra Dourada.

Em seu estudo, baseado em observações *in loco* na Serra Dourada, Amália Hermano Teixeira avaliou o conjunto constituinte de diferentes espécies do Cerrado, sendo a mais intrigante a chamada Papiro, de milenar formação, desde a antiguidade, cuja denominação mais popular é árvore do papel. No texto escrito por Teixeira (1974, p. 21), a mesma destaca: “O papiro da Serra Dourada é árvore símbolo do Cerrado brasileiro. É ícone, é marca identitária. Nenhum Bioma o apresenta com tanta riqueza e singularidade quando no alto evocativo da Serra altaneira descortinando o que seria mais tarde o nosso Goyaz”.

Por sua singularidade na época, Amália Hermano sugeriu que a mesma fosse, portanto, a planta símbolo de Goiás; o que ocorreu por determinado tempo, sendo depois substituída pelo pequizeiro. Na sua reprodução da Pedra Goiana existente na Praça Vila Boa no Setor Oeste em Goiânia, defronte ao Hospital São Salvador, nos anos de 1960, coordenou ela o plantio de um papiro que, anos depois foi arrancado e a pedra também derrubada.

2.32 - José Angelo Rizzo e o Cerrado nas cercanias da cidade de Goiás: Patrimônio dos goianos



Figura 114 - José Angelo Rizzo, um nome singular na luta pela preservação do Cerrado em Goiás. Acervo de Bento Fleury.

José Angelo Rizzo é pioneiro na luta ambiental em Goiás, destacou-se há muitas décadas pelo empenho em salvar áreas importantes para a manutenção do bioma-território Cerrado. Não só como professor. Farmacêutico, biólogo, livre-docente e professor emérito da UFG, mas também como escritor e pesquisador sobre o Cerrado em nosso Estado.

Rizzo foi diretor do Departamento de Botânica e vice-diretor do Instituto de ciências biológicas, além do cargo de Diretor da Unidade de Conservação /PRPPG/UFG. Fundador da primeira sociedade ecológica do Estado de Goiás, a Soderna, o Herbário da UFG, o Jardim Botânico de Goiânia, a Reserva Biológica Professor José Ângelo Rizzo, Serra Dourada, assim como o Bosque Auguste de Saint-Hilaire no Campus Samambaia/UFG, homenagem ao viajante e estudioso que esteve em Goiás no século XIX. Essas e outras iniciativas são parte importante de sua luta ambientalista.

Também Rizzo desenvolveu pesquisas no Departamento de Biologia Geral e na Unidade de Conservação, tais como a Flora dos Estados de Goiás e Tocantins-Coleção Rizzo, com 40 volumes publicados de Fanerógamas e 7 volumes de Criptógamas e dois volumes especiais sobre os naturalistas que percorreram a província de Goiás, no século XIX, sobre Plantas Medicinais, Taxonomia, Florística, Fitossociologia e sobre Cerrado. Refez todo o itinerário de Auguste de Saint-Hilaire, quando colocou em evidência o quanto o Cerrado foi destruído ao longo de pouco mais de cem anos.

Por sua luta ambientalista em favor do Bioma Cerrado, recebeu homenagens com o nome de diversas Plantas, *Lophophytum rizzoi* – Delprete, *Kew Bulletin* 59:291-295. *Pilosocereus rizzoianus* Braun et Esteves. *Cactus and Succulent Journal*. Presidiu o 20º, 29º e

42º Congresso Nacional de Botânica e o 2º Congresso Latino Americano de Botânica. Recebeu Prêmios e Títulos, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Presidente de Honra do 51º Congresso Nacional de Botânica do Brasil, e no 61º Congresso da Sociedade Botânica do Brasil, realizado em Manaus.

Nomeia também o herbário oficial e acadêmico da cidade de Quirinópolis. Ao todo tem 37 livros publicados sobre o Cerrado e a preservação de nossa flora e fauna. A Coleção Rizzo é uma referência para Goiás.

De todas as espécies da flora goiana, Rizzo fez estudos e teve iniciativa conservadoras. Seus tratados e suas pesquisas sobre o Cerrado constituem o que há de melhor nessa área de atuação no Estado de Goiás.

2.33 - Venerando de Freitas Borges, as *Dobras do tempo*, o seu *Samburá* com frutos e flores do Cerrado



Figura 116 – Venerando de Freitas Borges, pioneiro. Acervo de Bento Fleury.

O escritor Venerando de Freitas Borges foi uma memorialista dos fatos políticos, sociais e culturais de Goiás, além, de ter sido o primeiro prefeito de Goiânia na década de 1930. Tornou-se conhecido mais o político Venerando do que o escritor. Mas sua produção em dois livros de memórias e crônicas históricas, intitulados *Dobras do tempo* e *Samburá*, foram emblemáticos para conhecer o Estado de Goiás nos primeiros decênios do século XX, assim como alguns de seus relatos sobre o Cerrado daquele tempo.

Venerando de Freitas nasceu em Anápolis em 1907 e faleceu em Goiânia em 1994. Estudou em Campinas, depois seguiu para São Paulo e estudou no Liceu Coração de Jesus, dos padres Salesianos, onde concluiu o curso de Contador. Voltando a Goiás, velha capital, foi professor do Lyceu, momento em que iniciou no jornalismo em jornais goianos. Com a mudança da capital foi escolhido primeiro prefeito da nova cidade, por dez anos. Foi Secretário da Fazenda, novamente prefeito, deputado estadual, conselheiro do TCM.

Em sua obra literária e memorialística, destaca sobre o tempo de outrora na evocação da natureza e da paisagem goiana, hoje presente apenas na lembrança, dada a destruição do Bioma-território Cerrado. Ele o descreve claramente, também com rara beleza, assim como o fez Prado (1999, p. 61): “O chão é um tapete de flores caídas, de todos os tons, desde o amarelo-escuro, do vermelho-rubro, do cor-de-rosa, até o lilás, o azul-celeste e o branco alvíssimo. Variando com as estações, ponteiavam a tapeçaria de verdura e o roxo da flor-da-quaresma ou o ouro vivo do ipê”.

Ao relatar sobre o chão de Goiás, Borges (1980, p. 30), na distante década de 1910, destaca os elementos da natureza e da paisagem do Cerrado que compunham o cenário agreste em Goiás, com o sentido de paz e tranquilidade dos tempos idos, ao menos no pensamento literário:

O mundo para mim se resumia naquele pedaço de chão parado, naquelas matas virgens, naquelas estradas vermelhas, sinuosas e ensombradas. A música que conhecia era o canto do sabiá nas laranjeiras dos quintais, o trinar da inhambu nas veredas e nos pastos, a orquestra bizarra da saporaria no charco, o gemido da inhuma, o pio da jaó chamando a companheira e o grito da seriema quebrando a quietude dos ermos. Era um mundo calmo, sem armadilhas, sem mácula e sem devastação, onde a maldade não penetrava.

Da estrada entre Goiabeiras e Campininha das flores em 1924, relata Borges (1980, p. 36) sobre as espécies características do Cerrado presentes no cenário, com as mudanças bruscas na vegetação, passando de matas para campos sujos e depois campos limpos, os brejos com suas flores e árvores específicas. De fato uma bela descrição literária sobre o Cerrado na hoje região metropolitana entre São Geraldo, hoje Goianira e Campininha, hoje bairro de Goiânia. De fato, uma paisagem pretérita, com certeza:

Agora o panorama era outro. Não mais os vigorosos jatobás, as esguias canelas de velho, o jerivá e a guariroba; os folhas de bolo e a peroba, a cangerana e o tarumã, o ipê roxo e a paineira; o jequitibá e a Maria Preta; o ingazeiro eo marinheiro. De início, o Cerrado grosso, de arvores retorcidas e folhas duras. A quina, a caroba, a faveira, o pequiizeiro, a caraíba, o imburuçu, e a lixeira são espécimes que só

vicejam no Cerrado. À medida que nos aproximávamos de Campininha das Flores, os horizontes se alargavam. Era um mundo novo para mim aquela planura coberta de vegetação rasteira a perder de vista. Nas cabeceiras que ficavam para trás, a nicurama de beira de córrego, nas de cá, a pindaíba, bordejando as moitas de São José, protegendo os barrancos e os buritizais a enfeitar a paisagem com a verdolência dos leques, vibrando ao toque do vento.

Na continuidade da narração historiográfica, Borges (1980) destaca sobre a diferença dos animais de sua terra, Goiabeiras, com densas matas e a presença da inhuma, grande ave, e os campos abertos de Campininha das Flores com a presença das seriemas e das emas pastando.

Na viagem para a antiga capital, Borges (1980, p. 60) identifica a brusca mudança da paisagem e das árvores do Cerrado, depois de Currálinho, próximo da Serra Dourada: “Ultrapassada Currálinho, o terreno foi perdendo a coloração vermelha. À proporção que avançávamos, a topografia ia mudando. A estrada, agora, ao aproximar-se da Serra Dourada, era diferente. Um estirão de terra branca e pedregulho dificultava a marcha dos animais”.

No mais, a pesquisa geográfica, como ressignifica Castro (1997, p. 21) passa por diferentes significados, com base na descrição:

A Geografia transforma-se, pois, no elenco de características ou fatos singulares dos diversos lugares. O objetivo geral é a descrição. As teses sobre a complementaridade ou conexão foram secundadas na prática pelo interesse em produzir estudos exaustivos sobre pequenas áreas, sem qualquer outro valor demonstrativo que não o da valorização da descrição em si mesma.

Nesse aspecto, das mudanças do cenário da paisagem do Cerrado, ao longo da história, destacou See Mann (2003, p. 279):

A palavra *cerrado* significa fechado ou vegetação densa. Até o século passado, usava-se a expansão genérica tabuleiros. Porém, na segunda metade do século XIX, a denominação tabuleiro passou a ser substituída por *campo*, e as formações vegetais passaram a ser conhecidos como campo limpo, campo sujo, campo cerrado. Recentemente, convencionou-se chamar de cerrado toda a vegetação característica que ocorre na região central do país, transformando-se na designação mais utilizada pela comunidade científica.

Em seus escritos, Venerando de Freitas derrama sentimentos para com o Cerrado, a paisagem campestre e pretérita dos campos e matas do solo goiano.

2.34 - Lena Castello Branco Ferreira de Freitas: O povo do Cerrado, o poder e a paixão



Figura 118 - Lena Castello Branco Ferreira de Freitas. Acervo da autora.

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas possui trabalhos sobre Goiás, sobre as cidades, famílias, economia e sobre a natureza goiana. Seu livro de pesquisa histórica *Arraial e Coronel – dois estudos de História social*, é uma referência aos estudos de história goiana, numa época em que pouca produção era publicada na área, marcando, portanto, o seu tempo, como investigação da vivência familiar e social da região de Meia Ponte, hoje Pirenópolis e das distantes regiões de Piauí e Maranhão.

A obra foi dividida em dois focos; sendo, o primeiro, um estudo do Arraial de Meia Ponte, até se transformar em cidade e, o segundo, centra-se no estudo da vivência de seus antepassados, na figura do Coronel Domingos Pacífico Castello Branco e seu diário, evocando os sertões do Piauí e Maranhão dos séculos XIX e XX, foco este intitulado “Um coronel do meio-norte”.

Na primeira parte da obra há um profundo caminho que nos leva aos primórdios do Arraial das Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, centrando-se na figura do admirável Comendador Joaquim Alves de Oliveira, pioneiro da imprensa em Goiás, cognominado por Atico Vilas Boas da Mota como o “Hipólito da Costa goiano”, fundador do Jornal *Matutina Meiapontense* e da primeira biblioteca do Estado de Goiás, ambos no ano de 1830.

Realizando um estudo, a Dra. Lena Castello Branco delineou a paisagem pirenopolina no ontem e no hoje e destacou a formação de seu povo e os costumes que caracterizaram a sua gente e que, também, foi fruto da pesquisa de Jarbas Jayme. Caminhou a paciente pesquisadora pela história de Meia Ponte, demonstrando a visão que os viajantes e pesquisadores do século XIX tiveram do lugar, assim como destacando fatos peculiares de seu povo e da sociedade reinante e principalmente a questão dos escravos de então.

Em seguida, a pesquisadora delineia a biografia do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, desde o seu nascimento no arraial de Pilar em 1770, o casamento em 1803, com Ana Rosa Moreira, até o apogeu de sua fortuna com a Fazenda Babilônia e o comércio que empreendeu por toda a província, inclusive com outras, como Mato Grosso e Piauí.

Na pesquisa, aparece na biografia do Comendador Oliveira, além do comércio de escravos e a tipografia, a dolorosa tragédia do assassinato da esposa em maio de 1833 e o seu fim melancólico em 1851, aos 81 anos de idade. Narra, ainda, o espólio do Comendador que veio a ser vendido pelos filhos naturais do genro ao Padre Simeão Estelita Lopes Zedes, que passou aos seus numerosos filhos.

Na segunda parte da obra, a autora destaca o estudo do diário de Domingos Pacífico Castello Branco, traçando o perfil histórico do coronelismo, suas características peculiares, além do estudo biográfico de Domingos Pacífico Castello Branco, que nasceu no Piauí em 1877 e faleceu no Maranhão em 1936; estudou em Pernambuco e na Alemanha e, de volta ao Brasil, casou-se aos 22 anos de idade com sua prima Feliciano Rodrigues Castello Branco, quando passou a viver na companhia da sogra na Fazenda Santa Cruz em Buriti, no Maranhão, sendo seu feudo nos anos seguintes, tal qual o Comendador Joaquim Oliveira, de Meia Ponte. Foi ele negociante de gado e dedicou-se às atividades semi-industriais na Fazenda Santa Cruz, sendo sócio inclusive a firma “Pastoril” que faliu em 1926.

A Dra. Lena Castello Branco Ferreira de Freitas realiza, ainda, um estudo da situação social do norte brasileiro neste período; analisa a sociedade maranhense dos primeiros anos do século XX, as tradições e costumes familiares, além do diário de Domingos Pacífico e uma análise da teoria historiográfica com o tema, arrematando de maneira a fechar o tema da situação rural brasileira na República Velha no Brasil.

Nessa obra, Freitas (1978, p. 18) descreve o Cerrado, sua formação, sua localização e suas características peculiares:

O viajante percorre o Planalto Central, na região que marca a transição entre o Cerradão típico do mato grosso goiano. A paisagem que se divisa é inegavelmente

bela, com ondulações suaves, vales verdejantes, matas ciliares que acompanham os cursos de córregos e rios. O clima geralmente quente e úmido, ameniza-se no período de seca, que vai de maio a agosto. Nos locais mais elevados como a Serra dos Pirineus, o clima é tropical de altitude. O Cerrado estende-se a perder de vista. São numerosas as árvores de porte médio, folhas grandes e pilosas, caules retorcidos, galhos recobertos por uma casca espessa. A espaços irregulares, esta vegetação agreste cede lugar à floresta tropical, sob a forma de matas galerias ou de manchas isoladas no meio da paisagem dominante.

Sua segunda obra *Poder e paixão*, a autora relata sobre a família Caiado, que veio para Goiás, antiga capital do Estado, no século XVIII; tendo por patriarca Manuel Caiado de Souza, natural do Bispado de Lamego, Portugal, cujo nome com a devida identificação aparece no livro de assentamento Paroquial de Vila Boa. A obra se destaca por dois volumes e pesquisa de cunha biográfico dos membros da família.

Assim se encerra o Capítulo II da presente Tese em que foi destacado sobre a formação da Literatura no ideário de sertão, as diferenças entre o antigo norte goiano e o sul em relação ao desenvolvimento cultural; o papel dos pesquisadores e viajantes na difusão do conhecimento sobre o cerrado em seu bojo, Goiás e a definição dos autores/pesquisadores/botânicos que visitaram a Capitania e depois Província de Goiás, desde o século XVIII e principalmente o XIX, ávidos por novidades.

Dessa forma, foram elencados os viajantes/pesquisadores José de Almeida Vasconcelos Soveral e Carvalho, que foi Presidente da Capitania, por meio de seu diário de viagem; Auguste César Provençal de Saint-Hilaire, com seus estudos sobre diferentes modalidades de Goiás nessa época; Manuel Aires de Casal e seu estudo sobre Goiás, inserido no trabalho *Chorographia Brazilia*, escrita em 1817; Johann Baptist Emanuel Pohl, com sua visão erudita do distante rincão goiano; os pesquisadores Joahann Baptist Von Spix Karl Friedrich Phillipp Von Martius, estudiosos alemães do nosso cerrado; Luiz D' Alincourt e seus estudos de botânica; Raymundo José da Cunha Matos e sua *Chorographia Histórica da Província de Goyaz* em 1823; Willian John Burchell e seus desenhos e estudos sobre as vilas do ouro; Francis Castelnau e as observações dos usos e costumes do sertão; George Gardner e suas pesquisas sobre o norte de Goiás; Visconde de Taunay, com suas pesquisas sobre a Geografia e História de Goiás e o advento da Guerra do Paraguai; Augusto Leverger e as pesquisas sobre a fronteira com a Província de Mato Grosso; José Vieira Couto de Magalhães e as pesquisas sobre a navegação no Rio Araguaia; Joaquim de Almeida Leite de Moraes e as anotações de seu diário de uma longa viagem pelo sertão goiano no final do século XIX; Afrânio de Mello Franco e suas vaidades literárias sobre o sertão e amplo sentido; Oscar

Leal e as matérias jornalísticas sobre a terra de Goiás, Luiz Cruls e o relatório sobre o quadrilátero onde seria a nova capital do País; Johannes Eugenius Bulow Warning e seus desenhos sobre o cerrado e suas flores; Augusta de Faro Fleury Curado e seu diário de viagem pelo sertão goiano em 1896; Eurydice Natal e Silva e suas anotações literárias sobre as viagens ao Araguaia em 1903; Francisco Ferreira dos Santos Azevedo e o Anuário histórico e folhinha de 1910; Henrique Silva e os estudos geográficos e botânicos do Cerrado em 1907; Americano do Brasil e as análises da vegetação goiana e o cerrado a partir dos anos de 1910; Moisés Santana e os estudos e denúncias sobre a destruição do bioma no final dos anos de 1910; Derval de Castro e as análises da terra e possibilidades goianas; Zoroastro Artiaga e as pesquisas didáticas sobre a geografia, na gênese da disciplina; Hermano Ribeiro da Silva e os estudos sobre o Araguaia; Guilherme Ferreira Coelho e a expedição histórica nos sertões de Goiás; Victor Coelho de Almeida e sua análise da realidade goiana do passado; Leolídio Di Ramos Caiado, o sertanismo e a defesa do Bioma Cerrado; Eduardo Guedes de Amorim e a literatura historiográfica sobre o Rio Araguaia; Amália Hermano Teixeira e os primeiros estudos sobre a botânica e o Cerrado e José Angello Rizzo e a defesa do Cerrado, na criação dos parques e reservas e Venerando de Freitas Borges também na visão histórica e memorialística acerca do Cerrado, assim como a visão histórica profunda de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas a evocar o coronelismo e o jogo de poder político no mundo do Cerrado.

O que se percebeu nos relatos foi uma visão do Bioma-território Cerrado e de seu povo, perdido no alto sertão, mesclada entre a admiração, o preconceito, a tentativa de explicação de um mundo dispare ao europeu, com suas especificidades e sua identidade, que, aos poucos ganhou forma e foi capaz de se revelar telúrica e artística, como veremos nas primeiras produções literárias do Capítulo seguinte, no que concerne à arte poética.

III– Poesia telúrica no Cerrado, com cheiro de terra molhada da primeira chuva...



Figura 120 – Postal de 1911, mostrando o romantismo e o bucolismo em relação à natureza – Motivos poéticos perenais. Acervo de Bento Fleury.

Os conceitos de sublime e de belo, na concepção poética, não são tratados na sua relação direta com a arte, mas do sujeito com a natureza e com o mundo. Assim, o sublime fica como uma intensificação do belo. Poesia é a palavra sublimada no máximo de sua significação.

O poeta é perenal. O sempre de sua existência está plasmado no instante da criação, daí o sentido universal de tudo que produz com alma e sentimento, machucado indelevelmente pelas contradições e desacertos desse mundo de efêmeras ilusões.

As gerações vão se sucedendo dentro da perenidade também do tempo, no universo de todas as coisas. E mesmo nessa era mecânica e tecnicista, quando tudo parece aridez e desencanto, presentismo e desligamento de antigos sentimentos filiais, tempo marcado pela superficialidade das relações, ainda pode vicejar poesia.

Numa exumação histórica e literária é possível perceber, claramente, tal afirmativa de precocidade na produção de versos. Nomes famosos e inesquecíveis começaram bem cedo no vasto e apaixonante campo da ação intelectual: Dunshee de Abranches (1867-1941) poetava desde os quinze anos sob o pseudônimo de “O Abelhudo”; Casemiro de Abreu (1839-1860) publicou seu primeiro livro de versos intitulado *As Primaveras* aos vinte anos de idade, sob a égide da simplicidade e dos sonhos; Medeiros e Albuquerque (1867-1934) publicou seu livro de versos simbolistas *Pecados* em 1889, aos vinte e dois anos de idade; o grande romancista nacionalista, José Martiniano de Alencar (1829-1877) começou aos treze anos as primeiras investidas literárias e publicou o livro *O Guarani* na quadra os vinte anos de idade; Guilherme de Almeida (1890-1869), poeta que desde 1915 dedicava-se à imprensa, publicou o livro *Nós* em 1917 e foi eleito o “Príncipe dos poetas brasileiros”; Manuel Antonio de Almeida (1831-1861) publicou em folhetins no *Correio Mercantil* o seu fenomenal *Memórias de um sargento de milícias* aos vinte e um anos de idade; Castro Alves (1847-1871) desde os quinze anos já impulsionava a publicação de versos na imprensa baiana, destacando-se mais tarde com seu inesquecível “Navio Negreiro”; Mário de Andrade (1893-1945) publica com pouco mais de vinte anos o seu primeiro livro *Há uma gota de sangue em cada poema*, sendo precursor do Modernismo no Brasil com a Semana de Arte Moderna: Machado de Assis (1839-1908), o grande “Bruxo do Cosme Velho”, iniciou a publicação de seus primeiros versos no jornal *A Marmota Fluminense* em 1855, aos dezesseis anos de idade; Álvares de Azevedo (1831-1952) poeta lírico e inconformado, inspirado por Byron e Musset, deixou seus versos que mais tarde foram postumamente publicados, na quadra dos quinze anos; Arthur Azevedo (1855-1908) já fazia poesias e teatro aos nove anos de idade e publicou *Carapuças* em 1872, aos dezessete anos de idade; Olavo Bilac (1865-1918) publicou seu primeiro livro *Poesias* com pouco mais de vinte anos; Raimundo Correia (1859-1911) publicou seu primeiro livro *Primeiros Sonhos* em 1879, aos vinte anos de idade; Euclides da Cunha (1866-1909), o imortal autor de *Os Sertões*, publicou seus primeiros versos no *O Democrata* em 1877 aos dezesseis anos; Gonçalves Dias (1823-1864) publicou seus primeiros versos em 1840 na *Crônica Literária* aos dezesseis anos de idade e aos vinte e três anos publicou seu primeiro livro *Primeiros Cantos*; o ilustre Gilberto Freyre (1900-1987) aos dezoito anos de idade estava no exterior estudando e aos vinte e dois anos defendeu tese sobre a vida social do Brasil em profundo estudo sociológico, isto para lembrar apenas alguns nomes célebres que povoaram o cenário de nossas letras e de nossas artes.

Existe, no fazer poético, uma aliança tensa entre a fantasia artística e o rigor do pensamento. Pelas imagens, a poesia rebusca a natureza, primeiramente de forma ingênua, no neoclassicismo, depois mais contundente nos gêneros posteriores. Em todas, há uma pluralidade de tensões.

Em todas as produções poéticas, há uma postulação linguística assumida ou não, em que a motivação, o signo, a palavra, a *mimesis*, os símbolos são recorrentes. Há uma aproximação da palavra com o objeto, o imprevisto do eu-lírico diante do mundo em transformação. A poesia é uma resistência ao aniquilamento das emoções, ao demonstrar que o homem precisa de algo maior que apenas o cotidiano massacrante e enfadonho.

Na poesia, há coabitação de extremos, um símbolo poético que extrapola limites impostos. Há uma liberdade de criação diante do objeto visto e recriado sob a égide emocional. Há uma relação de sujeito e objeto. Tensão entre objetividade e subjetividade. Predomina o espiritual sobre o concreto, num jogo permanente de linguagem plurissignificativa.

A poesia tem pleno alcance no sentimento ideativo da sociedade, qualquer que seja o seu nível cultural. É necessária porque alimenta as mais distintas vocações. É a alma do recado que se transmite; o conteúdo da mensagem, com elegância e graça fortuitas. Hoje, segundo Bosi (1977, p. 142): “As almas e os objetos foram assumidos e guiados no agir cotidiano, pelos mecanismos do interesse da produtividade”. Assim tudo é permutado pelo dinheiro, a natureza, as coisas, os objetos e as pessoas.

Sobretudo, poesia é uma experiência e “a experiência da imagem, anterior à da palavra, vem eivada no corpo”, como esclareceu Bosi (1977, p. 13). Pelo olho, percebemos e sentimos tanto. Colhemos impressões com o olhar e destacamos em nosso intelecto as afirmações ou não sobre o que foi visto. A imagem formada na mente, remete-nos à alteridade. Nada é completo ou terminado. Tudo na existência é construção.

Na poesia, então, há uma necessidade de assumência de um mundo de visualização, sem ser obrigatoriamente plástico; mas que seja, sobretudo, de grandes e densos significados. Para tal é necessário o silêncio interior, o despojamento.

O fazer poético utiliza-se de imagens, de sonoridade, de sentimentos na alquimia das emoções. O poeta é um ser distanciado de tudo que possa ser o “chão” das coisas e transcende para o mundo das sensações, na busca muitas vezes de imagens poéticas em que o aparente nada diz e que a visão imediata não alcança.

E tudo tem presença no sentido permanente da poesia, até mesmo as árvores, tão significativas em seu existir, conforme Bosi (1977, p. 143): “A árvore que, na falta de luz e calor, se esgueira por entre as sombras dos espinheiros que a oprimem e, magra, torta, aponta ao ar livre onde poderá receber algum raio de sol, não trouxe na raiz a fatalidade daquele perfil esquivo e revoltoso”. Na raiz da palavra, o verso aparece como o raio de sol, aberto à luz do pleno saber.

Na poesia telúrica, o chão ganha outras dimensões, líricas considerações, afetivas palavras a conceber mundos outros.

Na força poética as palavras ganham nova conotação, conforme destaca Bachelard (2000, p.11):

Assim, ao lado das considerações sobre a vida das palavras tal como ela aparece na evolução de uma língua através dos séculos, a imagem poética nos apresenta, no estilo da matemática, uma espécie de diferencial dessa evolução. Um grande verso pode ter grande influência na alma de uma língua. Ele desperta imagens apagadas. E ao mesmo tempo sanciona a imprevisibilidade da palavra.

Popularmente, concebe-se que poesia é a voz de Deus que fala ao ser humano falível e sujeito às contradições do mundo. E desvendar o texto literário poético é, sobretudo, um contato solitário e sofrido, numa simbiose emocional, indagando valores cristalizados e num repensar da posição do homem como “ser *no* mundo”, e não somente “ser *do* mundo”, a fugacidade da existência, a efemeridade da vida. A poesia é o *spleen*, momento único de uma inspiração também inigualável e que eterniza a emoção.

Para Bachelard (2000), é preciso descer aos elementares para compreender a substância do mundo, como a água, a terra, o fogo, o ar, para compreender o eixo natural de um quadro, de uma dança, de uma música, principalmente de um verso. Daí o imaginário na arte, suas matrizes recriadoras de sentido. “O devaneio seria a janela aberta para toda ficção”, escreveu Bosi (1977, p. 20), pois o fenômeno do verbo foi sempre uma conquista na história dos modos de exprimir o abissal vácuo entre o corpo e o objeto, infinitamente.

Desde a antiguidade, Platão em sua Poética, estabelece na visão da palavra *mimese*, a importância por estabelecer uma relação de verossimilhança com a realidade. Tem um valor ontológico profundo, compreendendo os muitos significados da existência, dentre eles, o existir do homem em meio à natureza e seus interligamentos.

Poesia é, ainda, a indagação metafísica da existência, e o analista, precisa, no escopo de suas intenções, valorizar o instante de produção; o que faremos na observação do labor literário goiano, no gênero poesia, notadamente tendo o Cerrado por tema.

A poesia é considerada por estudiosos e críticos literários como Antonio Cândido, Alceu Amoroso Lima, Afrânio Coutinho, Gilberto Mendonça Teles, a primeira manifestação literária, ainda no Brasil colônia, na produção dos poetas barrocos, salientando-se Gregório de Matos Guerra com sua lírica filosófica e religiosa. Ela é, segundo Bachellard (2000, p. 14), o fruto místico da imaginação: “A imaginação como uma potência maior da natureza humana. Por certo, nada esclarecemos ao dizer que a imaginação é a faculdade de produzir imagens. Mas essa tautologia tem pelo menos a vantagem de sustar as assimilações entre imagem e lembrança”.

O critério de seleção dos autores foi pela temática inserida no contexto em relação ao Bioma-território Cerrado, pela cronologia, pelo estilo próprio de cada autor no âmbito de cada estilo, ou seja, pelo olhar geográfico, a visão da Literatura no gênero poético, na seletividade de autores que foram surgindo num escala de tempo.

3.1. Cordovil, o poeta do Ditirambo e das ninfas goianas soltas no Cerrado.



Figura 121 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, onde está enterrado o poeta Cordovil. Fotografia de Bento Fleury.

Bartolomeu Antonio Cordovil foi uma dos primeiros poetas da terra goiana. Espírito sutil e eclético destacou-se por sua inteligência e por seu lirismo acentuado. Sua poesia era de inspiração Greco-latina, ao ressaltar sobre as musas do passado e os motivos poéticos da antiguidade clássica, como era comum no seu tempo e no seu meio.

Nasceu o poeta na cidade do Rio de Janeiro em 1746, sendo filho de Antonio Lopes Palmeiras e Helena da Cruz Passos. Estudou humanidades na Faculdade de Coimbra e, em 1783, veio para Goiás, acompanhando o então Presidente da Capitania e Capitão General Tristão da Cunha Meneses.

Seu longo poema intitulado *Ditirambo às Ninfas Goyanas*, na verdade, era encomiástico, dedicado ao Presidente da Capitania, que era incisivo e dominador. Fez, ele, um longo elogio ao mesmo, com pinceladas ligadas à instigante natureza goiana.

Esteve ele em Portugal a estudos e quando de retorno à Capitania de Goyaz, instalou a Cadeira de Gramática Latina no Arraial de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, em 1788, quando lá viveu por mais doze anos, falecendo em 12 de outubro de 1800, sepultado na Matriz de Pirenópolis. Deixou escrito, também, outro livro intitulado *Epístola aos árcades do Rio de Janeiro*.

Feito aos moldes clássicos e tradicionais, os versos de Cordovil (1964, p. 273) referem-se às ninfas soltas no Cerrado, prontas a decantarem o famoso Tristão Menezes, dono de tudo, homem dos haveres de seu tempo, e de cuja bajulação adorava. O domínio da escrita, nesse tempo, era uma riqueza. Não era qualquer um que versejava nas terras do Anhanguera nos idos dos setecentos. Seu *Ditirambo* possui trechos notáveis:

Ditirambo

Ninfas goianas,
Ninfas formosas,
De cor de rosas
A face ornai.
Vossos cabelos
Com muitas flores
De várias cores
Hoje fenestrai.

Sim, ninfas, aplaudi tão grande dia!

E tu, doce Lieu, pai da alegria,

Vem-me influir,

Que os anos de Tristão quero aplaudir.

Olá, traze do Feno

O suave licor grato e sereno;

Traze os dourados copos cristalinos,

Venham falernos,

Venham sabinos,

Deita, deita, enche o copo – gró, gró, gró:

Não entornes, espera, que este só

Não é que havemos
Hoje beber;
Mais vinho temos
Sem confeição,
Para brindar
O bom Tristão.
Hoje à sua saúde

Pretendo de beber mais de um almude!

O que se percebe no poema é, sobretudo, um rebuscamento no linguajar, a evocação do espaço, da paisagem, onde as ninfas, preenchendo os cabelos com galhos de rosas “fenestram”, num verbo desusado, do tempo dos reis e dos reinados, no sentido de abrir janelas e portais.

O próprio termo Ditirambo nos evoca uma composição de versos e estâncias irregulares quanto à medida, que exprime entusiasmo ou delírio, ao exagero, típico mesmo de Baco, ao qual também designa hino a este deus.

São diferentes do Cerrado os bosques, as águas e as cavernas, como *habitat* as ninfas. Há uma predileção pelo estrangeiro, no relembrar mitológico, como comum à poesia desse tempo. Negava-se o regional para vivenciar o universal.

As rimas seguem a consonância do próprio estilo do verso. Rimam formosas com rosas; flores com cores; ornai com fenestrai, dia com alegria, influir com aplaudir, feno com sereno; cristalinos com sabinos; gró com só, havemos com temos; confeição com Tristão; saúde com almude.

Pede o poeta a intromissão de Lieu, o pai da alegria; ao seu ver, para inspirá-lo a cantar os feitos de Tristão, usando os recursos do seu meio e do seu tempo, ou seja, os domínios da paisagem de Goiás; só que com outras vestimentas mais clássicas dos campos, de outras paragens. Também, ao destacar os sabinos, ressalta a raça ariana que não se submeteu aos romanos e os falernos, povos antigos que faziam os mai belos vinhos.

Numa alusão bem diversa, destaca o feno, não usado em nosso meio, mas aos moldes da antiguidade; termo muito usado pelos velhos vates. A alusão ao capim do campo, nos cerrados, não estaria em consonância com os grandes nomes da inspiração distante. Ao que se parece, o capim dos campos goianos não teria o mesmo *status* do feno...

Os campos não são aqueles hoje vistos, com sua vegetação característica do Cerrado, mas, sobretudo, um campo imaginário onde as musas soltas bailavam em consonância com o cantar poético. Há uma negação à paisagem real, para incorporação de um cenário nada ortodoxo com o nosso clima e com o nosso meio.

Tal assertiva nos identifica, desde cedo, a negação do Cerrado, como algo bonito, como vegetação passível do encantamento. Ao escolher utilizar termos da antiguidade, nossos primeiros poetas colocavam a paisagem goiana em segundo plano, imaginando outra, pelo viés literário, que se acercasse dos grandes clássicos.

Até mesmo termos árabes utilizou o poeta, ao acentuar o *almude*, antiga medida de capacidade para líquidos de 48 quartilhos, na verdade uma antiga medida de cereais, traduzida e aportuguesada do mouro *al-mudd*. E até de uma onomatopeia de copos se enchendo os esvaziando, se valeu o poeta, para criar imagem ao seu longo poema. De tudo, se tentou armar belezas com as próprias ninfas vindas lá da antiguidade para os pseudos campos goianos, com fenos, ou seja, capins mais nobres, poeticamente.

3.2. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, primeira voz feminina na evocação do Cerrado



Figura 122 - Igreja de Pilar de Goiás, cidade onde nasceu Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça ainda no século XIX. Fotografia de Bento Fleury.

Uma das primeiras expressões poéticas de Goiás, na lírica telúrica em relação ao cerrado partiu de uma mulher, ainda no pioneiro jornal *A Matutina Meiapontense*. Foi a poeta Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, natural de Goiás (não havendo em sua biografia

a citação da cidade goiana em que nasceu), iniciou sua participação na imprensa por meio de uma carta de leitora no *Matutina Meiapontense* de 1830.

Nesse poema, a autora, por meio da imprensa imperial, registrava sua intenção de “não chamar a atenção” por ser versos expressarem apenas “pobres anelos” e, na indagação final, a poeta deixa a indagação sobre o ato audacioso de expor a singeleza de seu poema.

Essa preocupação em ferir os preceitos estéticos vigentes na literatura do século XIX é uma constante não só na produção feminina, assim como também no labor intelectual masculino, prova disso é o burilamento constante nos poemas parnasianos e simbolistas, nas obras de Teófilo Dias, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alberto de Oliveira, Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, autores de destaque nas duas décadas seguintes, 1880, 1890.

Mudando-se de Goiás para a província do Rio de Janeiro, Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça pode intensamente colaborar em jornais fluminenses, destacando-se por seu talento. Participou da imprensa antes mesmo de outras renomadas brasileiras como Josephina Álvares de Azevedo, colaboradora na *Revista Família* em 1887 e Amélia de Freitas Beviláqua, que intensificou sua participação na imprensa a partir de 1896 e dirigiu a revista *Sciências e Letras* em 1899. Dessa forma, percebemos que a poeta goiana não estava aquém das demais representantes da literatura feminina no restante do país.

Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça foi colaboradora do jornal semanário, de cunho literário, intitulado *O Domingo*, de propriedade da escritora e jornalista Violante Ximenes de Bivar e Vellasco⁸. Sobre sua participação em jornais do Rio de Janeiro Imperial, escreveu Eliane Vasconcelos em seu artigo inserido na coletânea sobre a participação literária feminina no século XIX no Brasil, organizada por Muzart (1999, p. 669):

O curioso nesta escritora é que todos os seus poemas a que tivemos acesso estão datados de 1869, 1874 e 1875, num momento de transição cultural, quando a ideologia e a estética do Romantismo já não se sustentavam plenamente e as do Realismo começavam a influir no pensamento dos novos escritores. A obra de José de Alencar se concluía e a de Machado de Assis tentava prolongar nos seus dois romances iniciais os temas femininos do seu predecessor. A pequena obra “poética” de Honorata pode ser vista como signo da visão popular nesse momento.

A poeta goiana colaborou com a imprensa do Rio de Janeiro entre os anos de 1874 e 1875, veículo de propagação por meio do qual publicou um poemeto religioso em seis

¹⁶ Violante Ximenes de Bivar e Vellasco (1817-1875) foi pioneira da literatura no Rio de Janeiro e tida por primeira jornalista do Brasil, fundando em 1852 o *Jornal das Senhoras*. Fez também traduções de textos do francês e do italiano.

cantos e um proêmio chamado *A Redenção*. Essa sua produção foi publicada pela Tipografia do Apóstolo, no ano de 1875 e o exemplar foi descoberto na Biblioteca Nacional de Lisboa pela pesquisadora Maria do Rosário Teles⁹.

Será analisada uma de suas produções poéticas, marcadas, sobretudo, pela influência romântica de poetas como Álvares de Azevedo e Castro Alves. Percebe-se que a poeta apresenta os mesmos motivos melancólicos e sentimentais que marcaram o estilo da fase ultra-romântica na perquirição existencial, no desejo de evasão, e no desequilíbrio diante das adversidades da vida.

É uma produção de Honorata Minelvina publicada no Jornal *O Domingo*, em sua edição de 10 de maio de 1874, que constitui-se numa paródia à “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, poeta da primeira geração romântica.

Esse poema escrito em Coimbra no ano de 1843 foi reinventado por vários poetas brasileiros, ao lado dos quais fulgurará agora o nome de Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, a saber: Casemiro de Abreu (“Canção do exílio”), Souzaândrade (“Harpa XLV”), Carlos Drummond de Andrade (“Europa, França e Bahia” e “Nova canção do exílio”), Oswald de Andrade (“Canto de regresso à pátria”), Cassiano Ricardo (“Ainda irei à Portugal”), Murilo Mendes (“Canção do exílio”), Gilberto Gil e Torquato Neto (“Marginália II”), conforme Beth Brait (1982), e muitos outros poetas de Portugal e de África de Língua Portuguesa.

Predominam na sua obra, as influências de autores portugueses como Almeida Garret e Alexandre Herculano, que, também, inspiraram brasileiros como Gonçalves Dias e Teixeira de Souza, daí certos chavões retóricos requentados. Há muita semelhança, principalmente da temática. É como se fosse uma paródia.

Honorata Minelvina expressa seu canto de saudades da terra goiana aos moldes do autor de *Primeiros Cantos*:

Nossa terra tem primores
Como ainda nunca eu vi:
As Campinas verdes crês,
Lá viceja o buriti.

Nossas flores têm perfumes,
Que na infância eu colhi;
Nossas brenhas mais negrumes
Lá descanta a juriti.

⁹ Maria do Rosário Telles – escritora, professora e pesquisadora, nasceu na Cidade de Goiás em 1933, dedicou-se à literatura e à crítica, fazendo estudos no Rio de Janeiro e em Portugal. Publicou: *Cristal do Tempo* em 1999.

Puros ares, sem neblinas
Foi só lá que eu fruí;
Que país mais rico em minas,
Haverá no Globo assi?!

Nossas aves têm endechas!
Mais saudosas, nunca ouvi!
Aqui são tristes, as queixas,
Melodias?!... só ali.

Negros olhos, buliçosos
Mais formosos, que já vi;
Róseos lábios, são viçosos,
Sem carmim, como os daqui.

Nesses lagos, cor de prata
Quantas vezes eu me vi?
Os rios formam cascata,
Junto deles, eu nasci...

Dizei-me, ó alma crente,
Se acaso, eu me iludi?!
A goiana nunca mente,
Eu nem conto, o que eu vi!!! (MUZART, 1999, p. 671)

A lírica de Honorata está centrada na visão romântica aos moldes de Gonçalves Dias. Observa-se a busca pela nacionalização da linguagem, ao incorporar termos próprios do regionalismo, expressões e construções de feitiço nacional, ou mais especificamente de feitiço goiano como buriti (palmeira de que se extrai tecidos e também se prepara o doce, essencialmente goiano), juriti (pomba também bastante encontrada nessas regiões e que tem mavioso e triste canto que inspirou outros poetas), e ainda as nossas minas de ouro, os rios e as cascatas. É um pedaço do Cerrado que se mostra inteiro na expressão de uma mulher goiana, ao realçar um pedaço do Brasil completamente desconhecido.

São espaços de solidão, conforme ressaltou Bachelard (2000, p. 122):

E todos os espaços das nossas solidões passadas, os espaços em que sofremos a solidão, desfrutamos a solidão, desejamos a solidão, comprometemos a solidão, são indelévels em nós. E é precisamente o ser que não deseja apagá-los. Sabe por instinto que esses espaços de sua solidão são constitutivos. Mesmo quando eles estão para sempre riscados do presente, doravante estranhos a todas as promessas de futuro, mesmo quando não se tem mais o sótão, mesmo quando se perdeu a mansarda, ficará para sempre o fato de que se amou um sótão, de que se viveu numa mansarda. A eles voltamos nos sonhos noturnos. Esses redutos têm valor de concha.

Para Dante Moreira Leite, esse nacionalismo foi, sobretudo, um escapismo: “Do ponto de vista negativo, o nacionalismo romântico foi, sob muitos aspectos, uma forma de

fuga. Em vez de se voltar aos problemas imediatos do país e do povo, esse nacionalismo procurou o passado” (LEITE, 1979, p.48).

Nota-se, também, na poesia de Honorata, uma supervalorização da natureza idealizada, o Cerrado; assim concebido como *lócus* da imaginação sublimada, como forma de refúgio e de saudade do eu-lírico ao rever as imagens e paisagens perdidas. A natureza foi, assim como se observa no poema, “primeira e fundamentalmente poética: poesia que inspira poesia” (DUFRENE, 1969, p.220).

Assim como no hipotexto, ou texto de partida, nota-se a ótica idealista no trato do lugar cantado, onde os defeitos desaparecem e sobressaem as qualidades como é próprio da estética romântica, principalmente na geração nacionalista da primeira fase do Romantismo na poesia.

Há um ideário de tranquilidade na poesia, conforme destaca Bachellard (2000, p. 214):

Uma folha tranquila realmente habitada, um olhar tranqüilo surpreendido na mais humilde das visões são agentes de imensidão. Essas imagens fazem crescer o mundo, crescer o verão. Em certas horas, a poesia propaga ondas de tranquilidade. À força de ser imaginada, a paz institui-se como uma emergência do ser, como um valor que domina apesar dos estados subalternos do ser, apesar de um mundo conturbado.

Recompondo as imagens “como ainda nunca eu vi”, “foi só lá que fruí”, “mais saudosas nunca ouvi”, “mais formosos que já vi”, o eu lírico retoma, por meio das lembranças, o bucólico ambiente goiano, ao que parece, jamais presenciado novamente pela autora.

A respeito desse recurso de reminiscência da imagem, a propósito, escreveu Alfredo Bosi em seu estudo sobre as possíveis definições [ou indefinições] sobre o fazer poético: “A imagem pode ser retida e depois suscitada pela reminiscência ou pelo sonho”. (1977, p. 13).

Assim, o eu lírico na última quadra, nos versos dois e quatro, vale-se das pontuações para expressar perquirição e deslumbramento diante do tema de descrição das belezas goianas, através de um jogo permanente de imagens, conforme o dizer de Bella Josef em seu estudo sobre o poder na linguagem na plurissignificação literária: “o jogo da linguagem é o da busca do sentido, não encontrada no objeto, mas armado na própria linguagem que o constrói”. (1986, p.17)

Ao indagar à própria alma “crente”, o eu lírico responde utilizando-se de hipérbatos “negros olhos”, “róseos lábios” e, ao final, há uma preterição: o eu lírico negou, mas, escamoteando imagens, foi capaz de ressaltar, parodiando Gonçalves Dias, as belezas naturais de Goiás, num jornal da imprensa do Império brasileiro. O eu lírico foi capaz de ver tudo, mas não expressou esse todo completamente no bojo de sua poesia, pois, sobretudo, o poeta é “um operador de enigmas.” (BARBOSA, 1986, p. 14).

Com seus traços românticos e seu estilo filiado às produções de seu tempo, Honorata Minelvina foi realmente a primeira poeta goiana, que valeu-se do espaço nos jornais fluminenses do século XIX para cantar sua terra. A ela cabe o papel de precursora da poesia de voz feminina na história literária de Goiás a decantar o Bioma-território Cerrado pela égide da lírica da mulher intelectualizada.

No final do século XIX e primeiros anos do século XX, a produção poética feminina foi escassa, como se percebe na relação dos nomes das poucas mulheres que ousaram traduzir os sentimentos em verso. Poucas publicações em jornais, tímidas investidas das mulheres na busca do sentido lírico das palavras, ainda mais num tempo de tantas conturbações políticas e sociais com o advento da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República.

3.3. Antonio Félix de Bulhões Jardim, o solitário poeta dos montes e serranias goianas

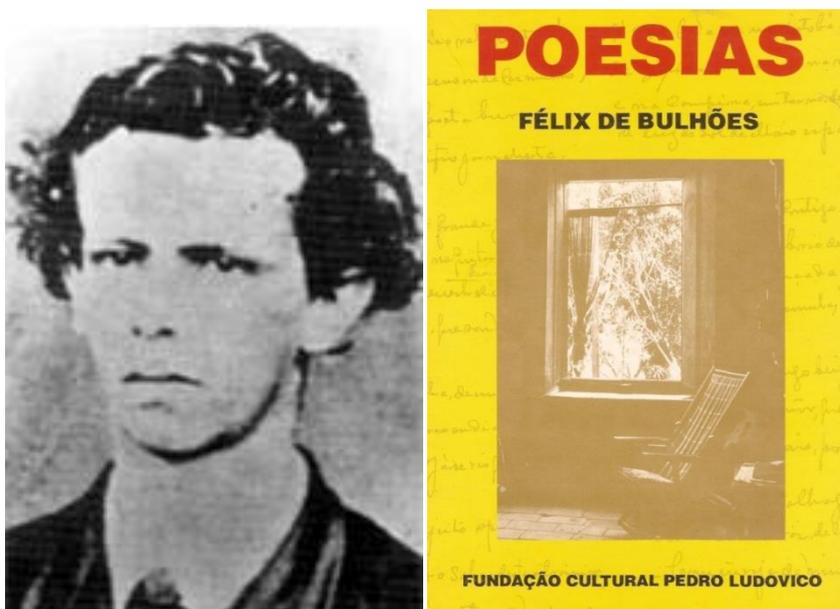


Figura 124 - Antonio Félix de Bulhões Jardim, o cantor dos montes e dos outeiros e da solidão. Fotografias do acervo de Bento Fleury Curado.

O poeta da solidão, das serranias distantes, dos céus de encontro com os horizontes nas chapadas, montes e imensidões, Antonio Félix de Bulhões Jardim¹⁰ também cantou o Cerrado em nuvens plúmbeas e pesadas de penares e tristezas, conforme aparece abaixo, em que evoca a queimada realizada no mês de agosto, tão comum antigamente em Goiás. (BULHÕES, 1995, p. 27):

Espesso, a enovelar-se, o fumo da queimada
em manto cor de cinza envolve a serrania.
De sob a gaze escura irrompe o rei do dia
fulgente como brasa enorme entreapagada.

Epilética, doida, em rígida lufada,
pelos morros além braveja a ventania,
e das sarças lambendo a rábida ardentia
em um banho de fogo ulula desvairada.

Depois, rasgando a cinza e o solo carbonado,
verdejam rebentões, os montes e a planura
e vem depois da flor o fruto cobiçado.

E da primeira chuva à mádida frescura,
rejuvenesce e ri-se (é isto lei do fado)
- a eterna Salamandra – a provida natura.

Neste Soneto, o vate Félix de Bulhões, abolicionista convicto, político, sonetista e declamador, o “Castro Alves” goiano, exorta sobre o mês de agosto no Cerrado, ao evocar a fumaça das queimadas constantes nos campos e cerradões, para fazer a “limpeza”, conforme o pensar antigo, dos agricultores goianos.

Utilizando-se de uma clássica linguagem, Bulhões (1995) também traz o Soneto as imagens nitidamente românticas como “manto cor de cinza”, “rasgando a cinza”, “gaze escura irrompe”, ao relembrar o cinza como ideário de mistério, de tristeza, de evocação à saudade.

A Categoria Paisagem reconfigura-se de maneira humanizada, como se reconhecesse os seus feitos e a epopeia da renovação sobre a terra, a custa do sofrimento dos seres humanos; em expressões como “eterna Salamandra”, “epilética rajada”, “irrompe o rei do dia”, “braveja a ventania”, “sarças lambendo”; como se os efeitos naturais tivessem

¹⁰Antonio Félix de Bulhões Jardim nasceu na Cidade de Goiás em 1845 e faleceu na mesma cidade em 1887. Era filho de Inácio Soares de Bulhões e Antonia Emília de Bulhões Jardim. Formou-se em Direito em São Paulo, promotor público, jornalista, poeta e abolicionista. Foi Deputado Estadual, juiz de Direito, orador. Deixou obra inédita só publicada no século XX.

intenção ou prévio conhecimento dos fatos. É também característica do Romantismo essa idealização da natureza como algo forte, imponderável, incontestável.

Novamente em Félix de Bulhões a definição da paisagem geralmente descrevendo a serrania distante, a ideia de amplidão, comum no Cerrado, nas grandes vastidões de terra em Goiás, naquele tempo, a reforçar o pensamento de pequenez do homem diante do cenário agreste das matas e dos cerradões; como se um homem, perdido, a mercê dos fatos naturais, das forças da natureza agindo sobre seus destinos.

No século XIX, esse conceito era arraigado a se pensar na grande dimensão do espaço brasileiro, principalmente no sertão. Só mesmo no século XX, com o avanço das fronteiras, esse ideário foi derrubado.

Na poesia, pela força do universo íntimo do poeta, notadamente Bulhões (1995), o que se percebe é a exacerbação do eu diante de um mundo imensurável, inatingível em sua totalidade; o que causava a angústia do ser.

As exacerbações do poeta são regidas pelo paradigma das idealizações; um mundo idealizado; uma natureza forte e agreste, capaz de colocar o homem diante do seu meio a mostrar uma força superior vinda de algo mais forte. Concepções bonitas a evocar o sol como “uma brasa entreapagada” conferem a dimensão do sentimento. Tudo é visto por outro prisma.

No gênero poético, segundo Bosi (1977), há sempre, mesmo que veladamente, uma fantasia e um devaneio que são frutos de uma imaginação movida pelo afeto.

A subjetividade assim, diante do inóspito ambiente e da paisagem do Cerrado, ganha reverberações outras. Agosto é o mês mais seco do ano em Goiás, com suas lufadas de vento, seus redemoinhos, suas nuvens de poeira e a fumaça das sucessivas queimadas. Tudo isso era natural; ao poeta, porém, tocado pela sensibilidade, tudo ganha matiz diverso, ou seja, tudo da realidade concreta para os poetas românticos como Félix de Bulhões transparecia-se numa dimensão ameaçadora e insatisfatória, ou, no mínimo, tristonha.

Mas, de tudo evoca o sonetista que, mesmo diante do mês de fumaça, de queimada, calor e vento destruidores, haverá uma flor e um fruto, a dimensionar, com certeza, a capacidade regeneradora do Cerrado diante do fogo e das intempéries, renascendo, reflorindo e frutificando, mesmo diante da ação esmagadora do fogo.

Em seus versos, nos quartetos, Bulhões (1995) expõe o tema, ou seja, o fogo destruidor, a força natural, vento e fogo a correrem livres o Cerrado, já nos tercetos, identifica o porvir, a reação natural cerradeira de se refazer diante da catástrofe passada; a força que

vem da terra, regenerando-se ao bem do mundo, como naturalmente soem ser as coisas operadas pelo próprio meio. É, de fato, um belo poema telúrico do Cerrado goiano.

Em tudo na poesia de Félix de Bulhões parece estar carregado de significado, ao lembrar o que esclareceu Bosi (1977, p. 141): “O poeta é o doador do sentido”.

3.4. Luiz Ramos de Oliveira Couto e os lilazes poemas do Cerrado e do Romantismo goiano



Figura 125 - Luiz do Couto, poeta e jurisconsulto, poeta e pensador. Acervo de Bento Fleury.

O magistrado e poeta Luiz Ramos de Oliveira Couto¹¹ foi também outro nome da poesia em Goiás. Seu estilo romântico tardio como os demais em Goiás na sua época, também se dedicou a evocar o ambiente, a paisagem goiana em seus versos.

¹¹**Luiz Ramos de Oliveira Couto** nasceu na Cidade de Goiás em 1884 e na mesma cidade faleceu em 1948. Formado em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás, no ano de 1906. Poeta e jornalista. Juiz de Direito em Catalão e Itumbiara, depois Dianópolis, antigo norte goiano. Professor do Lyceu de Goiás e Juiz da antiga capital goiana e professor da Faculdade de Direito de Goiás. Membro fundador da Academia Goiana de Letras e Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Publicou os livros de versos *Violetas e Lilazes*, de estilo romântico. Foi casado com Maria Ares do Couto, com quem teve doze filhos.

Em muitos de seus versos a natureza se derrama, inteira, como a descrever a pureza dos campos e cerrados de outrora. Destaca, ainda, seus sentimentos em relação aos fatos que ocorrem em torno de si, a impressão de tudo alheio a si, que lhe traz inspiração de alegria, exaltação ou tristeza. Tal fato é comum no Romantismo no Brasil: um mundo tardio, esquecido, perdido a se comunicar intimamente em seus pequenos detalhes.

No verso “Lenda do sabiá”, Couto (1913, p. 27) descreve o sabiá goiano no seu sonho de amor, o ninho construído, os sonhos e as esperanças da árvore da mata, a família construída, depois a tempestade, a destruição, a morte, e a própria natureza a chorar, por meio das cachoeiras, o sabiá goiano.

Esses temas explorados pelos poetas românticos brasileiros quase cem anos antes, principalmente como Casimiro de Abreu em sua obra *As primaveras*, o poeta goiano, ainda que anacrônico, descreve com beleza, sentimentalismo, bucolismo, o patriotismo difuso, as coisas e os pequenos bichos do sertão.

Todas as tardes quando o sol morria
Ele vinha cantar na laranjeira
Em frente a minha porta...
Arrulhava a companheira.
No quente ninho, de folhagens feito.
E a natureza morta
Parece que viva
Ao calor amoroso do seu peito.

Ouvia o sabiá. Ele cantava
Roçando as asas no seu ninho amigo
E feliz se embriagava
Com a própria canção
Enchendo de alegria o lar antigo
Nas tardes sonolentas do sertão.

Construía seu ninho entre outros ninhos
E vivia ditoso
Lar venturoso
No amor da companheira e filhotinhos...

Mas uma noite veio a tempestade
E á sua fúria, nada resistiu
Foi-se a felicidade
Que a ventura construiu...
O sabiá, depois, no outro dia,
Por sobre a laranjeira
Voava procurando a companheira...

No desespero, na última agonia,
No laranjal em flor
E o ninho perto
Ele viu o ninho tão deserto
Deserto o seu amor!

Modulou um trinado... foi seu horto
Fechou as asas...louco... moribundo...
E caiu morto
Pois morto lhe ficara todo mundo...

Ao longe uma cascata
No seu eterno marulhar insano
Chorou de mágoa o sabiá goiano
O meu saudoso sabiá da mata!

No poema abaixo, do livro *Violetas*, o poeta elabora seus versos no ideário de que tudo segue um ciclo vital, mesmo na paisagem, em que nada volta. O pensamento tristonho de que tudo se despede aos poucos, a cada dia, é um dos pilares do poema. Relembra que tudo que nasce, viceja, floresce, frutifica e depois morre; que nós, humanos, seguimos, também, este mesmo itinerário.

Ao observar o ciclo do Cerrado, de princípio, meio e fim, Couto (1913, p. 11) destaca na indagação do título, de que, mesmo desaparecendo, tudo, também, pode voltar indefinidamente; e ressalta, ainda, sobre as aves forasteiras do campo, a estação da primavera, os leques das palmeiras, balançantes ao vento, as copas das laranjeiras, as folhas das mangueiras e de outras árvores caindo, a cumprir o ciclo da vida em suas transformações.

Tudo volta?

E vão-se as aves, meigas, forasteiras,
da estação linda consagrada às flores,
deixando em pranto os leques das palmeiras,
deixando o prado sem os seus rumores...

As copas das virentes laranjeiras
a pouco e pouco vão perdendo as cores,
e vão caindo as folhas das mangueiras
e vão perdendo os bosques os verdores...

Mas, depois de tudo, volta sorridente:
A estação, o campo que chorou
A água cristalina, o céu nitente.

E volta a passarada que voou,
A flor, o bosque, o prado, o sol nascente,
- Só não volta o prazer a quem amou!...

E o poeta mostra a transformação na paisagem do Cerrado em tons esmaecidos e na indagação de que, perdendo tudo o viço, um dia este mesmo viço retornará? Tal fato nos

recorda que o Cerrado é perfeitamente cíclico. Revê este Bioma o que Confúcio, eternamente sábio, já ressaltava em *Os analectos*: “Tudo flui assim, sem cessar, dia e noite”.

Nessa “leitura” do Cerrado, Couto (1913), há mais de cem anos, observa a paisagem em tom melancólico, mas incisivo de que a mesma é diversificada; o que, mais tarde, destacaria cientificamente Estevam (2008), Oliveira (2005) e Teixeira Neto (2008) sobre a heterogeneidade dos ambientes do Cerrado que seriam, mais tarde, a causa da ocupação em cada ritmo dos lugares no Cerrado, cada qual com sua especificidade. Todos esses fatores, segundo Chaveiro e Barreira (2008) colocam em cena as representações e a ideologização do Cerrado em diferentes tempos.

Também em seu poema “Moema”, publicado em 1912, Couto (1912), ressalta o idílico da paisagem goiana, inclusive com as “árvores pensativas”, no cenário, as aves canoras, as límpidas auroras, os rios espumantes, os lírios florindo e as rosas, o pálido azul do céu fremente sobre a ternura do poeta, as horas fugazes, temas estes recorrentes de um tardio Romantismo goianizado. (COUTO, 1911, p. 49):

Depois parti
Nem me lembro quando!
A tarde triste, morna, ia baixando,
E cantava no Cerrado a juriti.
Ela, ao longe, na volta do caminho
Banhada pelo sol agonizante
Agitava o lençinho
A despedir do viajor errante!
Volvendo o olhar inda o seu vulto via
Sob as sombras da noite que descia...

Em outro poema intitulado “A sesta”, Couto (1912, p. 90), destaca sobre a harmonia natural do Cerrado:

Descansa o sertanejo à fresca sombra
De um grande cedro antigo...
Que paz bendita, que macia alfombra
Naquele sítio amigo.

Feliz descansa. A rude fronte inclina
Do sono baixa o véu...
Pelos lados desdobra-se a campina
Em cima, o azul do céu.

Dourada flor bizarra entreabre o cálice
E o vento acaricia
E espalha na nudez dos verdes vales
Olímpica harmonia.

E a natureza portentosa e grande
Esplêndida, festiva,
Tem a feição de uma alma que se expande
Numa alegria viva.

Longas sombras se estendem na planura
Dos galhos enfolhados
São pequenos oásis de frescura
Nos ermos abrasados.

E o sol em meio vai, no céu nitente
Do seu itinerário
Alagando a luz vermelha e quente
O campo solitário...

Há um sentimento de tranquilidade nele vivido; exorta sobre o Cedro nas matas com sua rigidez, a sua sombra onde descansa o sertanejo; os sons dos pássaros; a natureza ganha alma, candura, se estende na planura, os oásis de frescura da sombra das grandes árvores. É um poema árcade a exaltar a felicidade natural, advinda do meio e do contato direto com a natureza; esta plena de mistério e de solidão.

3.5. Manoel Lopes de Carvalho Ramos e o *Goyania*, épico poema do Cerrado

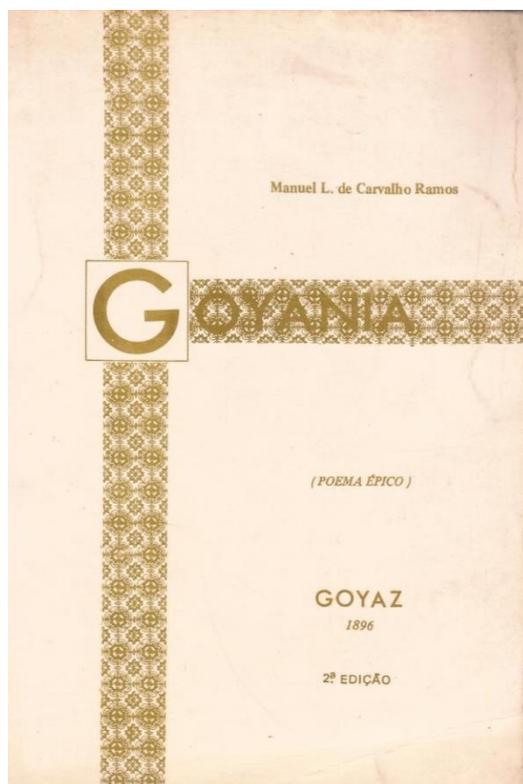


Figura 126-*Goyania*, poema épico que inspirou o nome da nova capital de Goiás. Acervo de Bento F

No âmbito da Literatura épica goiana, há destaque para o nome de Manuel Lopes de Carvalho Ramos¹², que, ainda no século XIX, deixou obra emblemática e eterna, que inspirou, inclusive, o nome da nova capital de Goiás nos anos de 1930.

No pensamento de Teles (1964), Manuel Lopes de Carvalho Ramos foi, em Goiás, o maior poeta condoreiro, ao estilo de Victor Hugo, Gonçalves Dias e Castro Alves. Seus versos aos moldes épicos são compostos de oitavas, também no modelo da rima clássica (Abba). Busca, de forma erudita destacar as belezas da paisagem goiana de outrora, a mostrar sua visão de mundo, sua percepção do Cerrado e suas particularidades.

Decanta, de início, de nacionalismo romântico exacerbado e épico, a grandeza do povo e da pátria, alcunhando a Província de “terra esperançosa”, com os “prados ubérrimos”, a evidenciar a riqueza do chão e suas potencialidades, a imburana, os vales, as águas cristalinas de outrora. Destaca a vocação pacífica e passiva do homem goiano, do chão, afeito ao trabalho, caracterizando-se o poeta como o cantor desses feitos.

Ao evocar as serras, as matas, as sombras roxas, Ramos (1896, pp. 6/7) decanta o Cerrado. Mostra os crepúsculos tristonhos das campinas e planícies, o Araguaia, a tribo dos caiapós, a planura do vale do rio, fala dos campos, das lutas, dos índios bravios, pintados com urucum.

Relata este, o cenário da paisagem evocativa do Cerrado com seus tantos atrativos e suas diferenças, na tentativa de, poeticamente, mostrar o que esse Estado, na época, no coração do Brasil possuía de peculiar.

Em tudo a voz da terra esperançosa
Mil phantasticas sombras attrahia;
Em seus prados ubérrimos nascia
Forte imburana ao pé de branca rosa;
Em seus valles risonhos, quando o dia
Na luz d'alva acordava à tribu irosa,
Eram lagrimas doces, purpurinas,
As lymphas das ribeiras crystallinas.

Mas em ti, só em ti, goyana terra,
Correria pertinaz ouvira o bravo
Firme, soberbo de um paiz talhado
Para os fructos da paz, e não da guerra;
Porque em ti se firmava o luso errado,
Vingando as regiões de serra em serra;

¹²**Manuel Lopes de Carvalho Ramos** nasceu em Cachoeira, Estado da Bahia em 1865. Fez o curso de Direito em Recife e em 1888 veio para Goiás, nomeado Juiz de Direito em Caiapônia, cidade em que escreveu o épico poema *Goyania*. Em 1891 transferiu-se para a Cidade de Goiás, onde foi Juiz de Direito por vários anos. Deixou vários escritos poéticos e jurídicos. Faleceu no Rio de Janeiro em 1911. Casado com uma goiana, foi pai dos escritores Hugo de Carvalho Ramos e Victor de Carvalho Ramos.

Porque em ti, se não fosse a idade forte,
Teria a própria liberdade a morte.

Mas, por isso, bem vês, goyano povo,
A quem meus versos neste canto envio,
Que imagens vagas de paixão não crio,
Mas a glória da pátria em que eu me louvo.
Em teu regaço, em que melhor me fio,
Deponho a Lyra e o canto audaz e novo:
Dá que a musa, animando a luz da história,
Da pátria cante a primitiva glória.

Era nas selvas. – o cair do dia,
Do crepúsculo às sombras roxeadas,
Tornava meiga a tarde: além rosadas,
Brandas nuvens do céu, que o céu vestia,
Se iam no ocaso: as arvores copadas,
Em que a tristeza então se reflectia,
A' voz das águas do Araguaya fundo,
Davam mais graça ao dia moribundo.

A' margem do espumoso e largo rio,
Numa vasta planura descoberta,
Da tribu cayapó, malvada e certa,
Se estende o forte e bruto senhorio:
Na taba do guerreiro a luz incerta
Das fogueiras mitiga o intenso frio:
O céu nas sombras húmidas desata
Fria neblina, qual um véo de prata.

No tapete da relva agora soam.
Pesados passos: o boré se escuta:
De súbito vomita cada gruta
Hercúleos monstros, que nas sombras voam.
Na alameda extensíssima, que a lucta
Parece assinalar dos sons que atroam,
Seis mil selvagens de urucum tingidos
Entram, soltando horrisonos bramidos.

O poeta possui na visão de Chaveiro (2008) uma fala terrosa, carregada de telurismo, num tempo ainda, (120 anos passados) em que tudo isto era o imenso sertão. Um sertão bravio e indolente, inexplorado e novo, digno de uma grande epopeia por sinal. E o Cerrado era, pois, o emblema dessa diferença, com suas marcas identitárias e distintas. Causava, de fato, o estranhamento como ocorreu com os viajantes e pesquisadores estudados no Capítulo anterior.

O poeta épico, na definição de Moisés (1976), extrapola o próprio eu e confere ao espaço uma singularidade. No caso de Ramos, o chão goiano. Assim ele foge ao microcosmo subjetivo e alcança outras dimensões de sentido e significado constantes. O plano desse poeta é a terra inteira ou específica, o chão das coisas externas, o cenário, a paisagem, o mundo.

Criou-se, assim, um paradigma na análise da ocupação e do conhecimento do Cerrado, como destacou Teixeira Neto (2008) de que houve, no avançar do tempo, de ocupação, efetivação, luta e resistência uma profunda relação entre ocupação, sujeito e cultura, mas tudo de mistura a um ideário de solidão e isolamento. A tomada dessa paisagem pouco apouco ganhou denominações diferentes como “ocupação dos currais”, “Fazenda goiana” ou “economia dos brejos”.

Na “vasta planura” destacada pelo poeta hoje urram tratores e colheitadeiras que sulcam o chão e se transformaram em extensas marcas de desenvolvimento e exploração econômica. Para onde foram esses índios e esses primeiros povos descritos liricamente?

E o poeta possui atração pela terra, pelos campos, como o verdadeiro autor de cantos dos ermos, das solidões, como uma fuga da vida errante, ou como cantor de lugares não vistos e desabitados. Há muita ação no épico, ao contrário da passividade do lírico. Troca-se o negativismo pela assumência de uma luta pelo meio. Assim no tapete de capim do cerrado, trava-se uma luta, a do conhecimento e da superação.

3.6. Érico Curado e o Simbolismo da poética do chão goiano

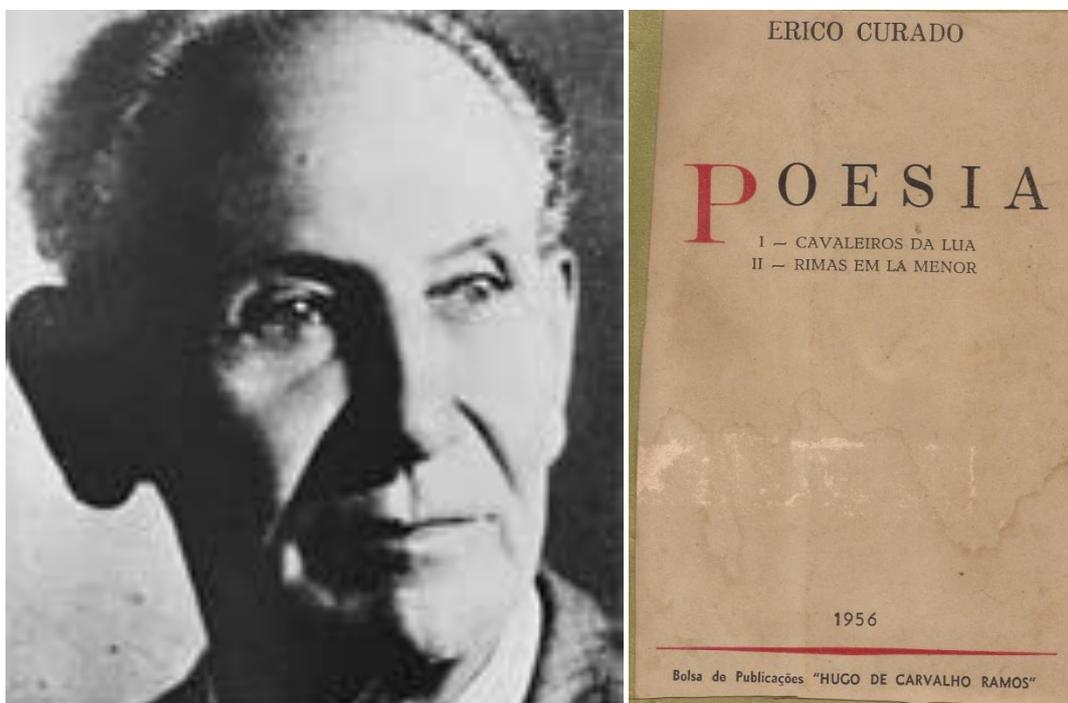


Figura 127 - Érico Curado e a capa de seu livro *Poesia*, publicado em 1956. Acervo de Bento Fleury.

De Corumbá de Goiás, antiga vila do ouro, surge o nome do poeta Érico Curado¹³, que, ainda no século XIX era um dos representantes da poesia Simbolista em nosso Estado.

E o Simbolismo se volta muito à visão, na definição de Santo Agostinho de que o olho é o mais espiritual dos sentidos, pois este capta a paisagem sem tocá-la. E no Simbolismo há esta ideia mimética da explanação como se distanciada, fluídica apenas no sentir, como um simulacro da natureza, como *natura tota simul*.

Imagem da paisagem construída, todo o Cerrado, toda a natureza goiana aparece veladamente, translucidamente, como se coberta por um véu. Evoca em “Paisagens goianas”, como numa transposição de imagens, os cenários cerradeiros a mostrar “esmeralda de campinas”, “capões”, “buritizais”, “animais”, “colinas”, “casais de emas”, “lago de verdura”, “cana”, “milharal”, “periquitos”, “toiros”.

Num português castiço, evoca a paisagem goiana na força dos animais selvagens soltos na savana cerradeira, os touros valentes a brigarem pela disputa de territórios e fêmeas, são bramidos fortes da força do sertão, pujança e riqueza de animais soltos, com em tempo de selvageria, diferente dos grandes centros urbanos do País da época.

Evoca ainda o poema, a força do ciclo agropecuário que se daria em Goiás após o fracasso do ouro, aproveitando as pastagens naturais dos campos e do Cerrado limpo. Grandes planícies seriam, doravante, local para a pastagem e, posteriormente, para o plantio de grãos. Assim Curado (1956, p. 35), evoca em sua tríade de sonetos:

I

Doura o Sol a esmeralda das campinas...
Vargens de anil, capões, buritizais,
Tudo, aos beijos das auras matinais,
Afla e sussurra em tremulas surdinas!

Aqui e ali, manadas de animais,
Subindo pela encosta das colinas,
Vão pastando; - e distante, entre neblinas,
Correm, fugindo, as emas aos casais...

Reina e pesa um silêncio soberano!
Longe, na fita do caminho extenso
Que além se perde, a caravana passa.

Mas, súbito, um boi preto, boi de raça,
Move no ar a cabeça – e um berro imenso

¹³**Érico Curado** nasceu na cidade de Corumbá de Goiás em 1880, filho de Luiz Fleury de Campos Curado e Maria Joaquina de Faria Lobo e faleceu em Goiânia, em 1961, aos 81 anos de idade. Comerciante, foi também jornalista e professor. Em 1913 publicou seu primeiro livro *Illuminuras* e em 1956 o segundo, intitulado *Poesia*. Era pai do escritor Bernardo Élis Fleury de Campos Curado. É o mais legítimo representante do Simbolismo em Goiás.

Troa e ribomba pelo verde oceano.

II

No selo da floresta, abre-se agora
A roça, como um lago de verdura,
Que, ondulando, fulgindo ao sol, murmura
Pela encosta, descendo vale em fora...

Aqui frondeja a cana, além fulgura,
Inda a brilhar ao rosicler da aurora,
O milharal espesso, que se enflora
Ao vento, sussurrando na espessura.

Papagaios, araras, periquitos,
Um mundo de aves salta e voluteia,
- Tagarelas, chalrando em revoadas...

E aos golpes das enxadas, entre os gritos
Das cauãs, - sobe, iluminada e cheia,
A selvagem canção dos camaradas.

III

Agro e esconso vargado à beira rio...
Lá vem encosta abaixo o manso gado,
E à frente, o negro e audaz toiro bravio,
Cujo vigor jamais fora domado.

E outro, mugindo, desce num desvio:
- E' um normando terrível e arruivado,
Cem novilhas rebanha ardendo em cio...
Na fazenda era o toiro mais falado!

Torvos, olham-se os toiros e os barrancos
Rasgam com raiva e fúria... De repente
Marram, ferindo-se e arruando às roncadas,

Rolam ladeira abaixo, aos solavancos:
Sobe a poeira ensanguentando o poente,
E um berro brame pelas brenhas brancas!...

Neste outro soneto, Érico Curado, como Simbolista que o foi, destaca sobre os poetas goianos, numa aura e atmosfera dignas de nota. Aparece a tarde triste, os poentes lilazes, as flores dos manacás, os soluços dos pássaros nos ribeiros, os campos vestidos de luar e brancos nos ideários dos idílios. É o “sertão de dentro, idealizado e pungente”, como descreveu Pimentel (2006, p. 7).

Novamente, o ideário de abandono, de tristeza e de melancolia dos campos, ermos e gerais, no verso elaborado “perfumando as solidões”.

Poentes de cinza e lilases
De nuvens roxas, sombrias,
Saudade – sinos da tarde,
Sussurros de Ave Marias.

Saudade – sombras, murmurejos
De águas rolando... frescuras
De luar pelos caminhos,
Vestindo os campos de alvuras...

Flores tristes de manacá
Perfumando as solidões,
-soluços do sabiá!

Saudade – luz de uns olhos santos
Sobre um livro de orações...
- Uns olhos roxos de prantos.

Num comparativo com a natureza, os sentimentos são ressaltados. Estilo comum dos poetas românticos a exaltarem as questões anímicas com o ambiente em eu vivem, mesmo no Cerrado e nas distâncias dos ermos.

3.7. Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, o poeta da natureza e dos luares goianos.

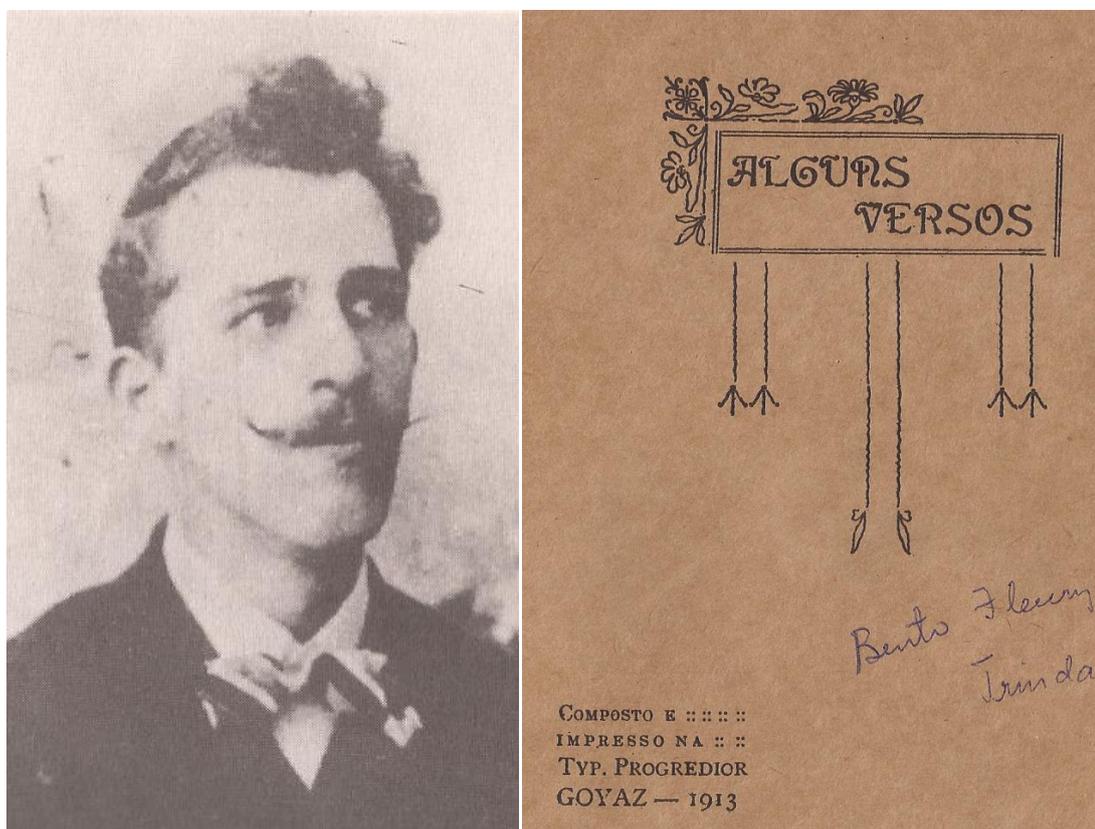


Figura 114 - Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira e a capa de seu livro *Alguns versos*, publicado em 1913. Acervo de Bento Fleury.

O alcunhado “Príncipe dos poetas goianos”, Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira¹⁴ foi um enamorado das tradições goianas e da paisagem de nosso Estado.

Sua produção poética, notadamente em *Alvoradas*, no princípio do século XX, precisamente o ano de 1902 evoca a terra goiana com toda a sua beleza, numa aura também de tardio Romantismo como a maioria dos escritores em Goiás nesse período. Enquanto nos grandes centros já florescia um prenúncio de modernidade estética, em Goiás ainda se vivia o nacionalismo, o apego à natureza e a idealização própria dos românticos do século anterior.

A produção desse autor, mais famosa, foi a cantada e decantada “Noites goianas”, musicada por Joaquim Santana (Quinquim) e cantada pela primeira vez no ano de 1900 por Alice Augusta de Sant’Anna Coutinho, num sarau familiar na rua 13 de maio. Nesse poema, o autor evoca a singeleza e encanto da noite de Goiás, diferente das demais noites do mundo inteiro, em razão do luar “nevado”, de tão branco, a contrastar com a alvura das antigas casas juntas e caiadas da cidade, clareando a escuridão daquele tempo sem energia elétrica.



Figura 130 - Cidade de Goiás foi o eterno motivo da poesia de Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira. Acervo de Bento Fleury.

¹⁴ Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira nasceu na Cidade de Goiás em 1883 e faleceu em Silvânia, antiga Bonfim de Goiás em 1923, aos 40 anos de idade. Era filho de João Bonifácio Gomes de Siqueira e Luiza Maria Rodrigues de Moraes. Estudou no Lyceu de Goiás, foi escriturário da Secretaria da Fazenda. Jornalista e poeta combativo. Foi nomeado Delegado Fiscal do Tesouro Nacional em Goiás e também foi inspetor de consumo. Foi um dos fundadores da Academia de Letras de Goiás em 1904. Em 1902 publicou o livro *Alvoradas e Alguns versos*, em 1913. Foi também pesquisador e historiador.

Seus poemas do livro *Alvoradas* traçam o perfil da terra, as lembranças, os sonhos, as fantasias, os ribeiros, as serras e os vales, notadamente da paisagem vilaboense. Recorrente em sua descrição, ressalta a beleza da região, como a elucidar suas belezas “primaveris e límpidas”, jamais igualadas e nenhuma, no cenário de seus sonhos.

“Na pátria formosa do índio goiá”, a rara beleza da natureza, com o “céu de ventura”, a viver num cenário assim. Também, os momentos de plena alegria, vividos em harmonia, revivem anos passados, com tantos amados seres, desaparecidos. Assim, seus versos elevam à argêntea lua, os fulgores da terra goiana. É o que se alcunha de “coisificação do sertão”, conforme Pimentel (2006, p. 8), em que, também, se notabilizou a noção espacial de sertão, para muitos concebido como um lugar.

Em seu poema “Noturno”, esta exaltação do sentimento ligado à natureza também se apresenta:

É noite. A lua branqueia
Do céu nos capôs azuis:
É palácio de sereia
Resplandecente de luz...
O vento que passa geme
Pelo arvoredado que freme
Ameaçando tombar..
Soluçam cantos de amores
Os poetas sonhadores
À branca luz do luar. (SIQUEIRA, 1902, p. 12).

Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira é, pois, o poeta dos luars, dos poentes, dos plenilúnios de fogo da terra goiana. Exaltou o Cerrado, a paisagem, os sentimentos. Como romântico, a tudo alinhou o ideário de sofrimento, do lamento e do sofrer. E mostrou o chão como o ideário ou a noção de distanciamento do litoral, o chão como identidade com a natureza, de ligação com a paisagem, desmanchando-se em sentidos telúricos, como afirmou Pimentel (2006).

3.8 - Augusta de Faro Fleury Curado e os seus devaneios poéticos

Na poesia feminina elaborada em Goiás, nos primórdios de sua cultura, há um espaço a Augusta de Faro Fleury Curado¹⁵, poeta e cronista dos tempos idos. Com estilo

¹⁵ Augusta de Faro Fleury Curado nasceu em Curitiba, Estado do Paraná em 1864, filha de André Augusto de Pádua Fleury e Paula Eufrosina de Faro. Fez seus estudos no Rio de Janeiro e em Paris. Pianista, contista e poeta, publicou em 1891 o seu livro *Devaneios*, reeditado em Goiás nos anos de 1990. Em 1896 passou a residir na Cidade de Goiás. Deixou um diário da viagem a Goiás que foi editado por sua filha Maria Paula Fleury de Godoy. Deixou ainda outro livro intitulado *Ramalhete de saudades*, também ao estilo romântico. Foi casada com Dr. Sebastião Fleury Curado. Faleceu na Cidade de Goiás em 1929.

romântico, dedicou-se ao verso como exaltação, também, da terra goiana. De sua aristocrática chácara Baumann, situada sobre um outeiro na Cidade de Goiás escreveu seus versos inspirados na bela paisagem que lhe descortinava a janela.



Figura 131 - Capa do livro *Devaneios*, de poemas, contos e crônicas de Augusta de Faro Fleury Curado, que na outra fotografia, aparece ao lado de seu esposo, Dr. Sebastião Fleury Curado, em 1912. Acervo de Bento Fleury.

O verso de Augusta de Faro Fleury Curado, curto e com laivos mais modernos, embora escrito em 1905, há 111 anos passados, a autora exorta a serra, com sua tarde triste, pouco a pouco descendo. Romanticamente descreve a melodia da natureza nesse momento, como se regendo o entardecer na ampla beleza do fim do dia. Assim como os outros de seu tempo, ressalta, com ênfase, a solidão em meio à paisagem, como um homem só, em meio ao agreste Cerrado, longe de todos os outros lugares.

De seu diário particular de versos, retiramos um escrito com sua própria letra, em que destaca a paisagem de Goiás, vista das amplas e claras janelas envidraçadas de sua chácara.



Figura 132 - Chácara Baumann, Cidade de Goyaz, onde a autora escreveu seus versos. Original de um de seus versos em que aparece, no diário manuscrito, o seu talhe de letra. Acervo particular de Bento Fleury.

Esse ideário de alheamento em meio à inospidez dos campos e cerrados, principalmente dos montes e serras da Cidade de Goiás continua na produção de Curado (1891, p. 66):

Vem a lua surgindo lenta e bela
 Por entre as nuvens diáfanas no espaço,
 Como gentil e tímida donzela
 Que esconde a face sob um véu escasso.

Na terra dormem em silêncio as flores,
 Beija-as a brisa tépida e calada
 Enquanto triste canta seus amores
 A parda sabiá enamorada.

Pirilampos azuis que são da terra
 As estrelas tais como almas perdidas,
 Vagueiam pela serra em desatino.

E o pobre poeta, em lágrimas sentidas,
 Lamenta o seu infeliz destino
 Vergado à angústia que sua alma encerra.

Ao descrever o sentimento de tristeza e alheamento em meio à natureza, Curado (1891) destaca elementos da paisagem como a parda sabiá, a serra, a terra, a lua, as nuvens, os pirilampos para configurar o cenário cerradeiro, assim como, para dar ênfase ao distanciamento no coração da natureza, na bucólica Via Boa de Goyaz, a cidade “longe de todos os lugares”, como um dia ressaltou Cora Coralina.

É o chão entrando na idealização da poetisa a se mostrar como a natureza reagia nesses lugares diferentes do “civilizado”, mas com sutis toques de genuína beleza campestre. Sertão-ideia, sertão-sentimento. E, assim, o lugar está dentro das ideias, como asseverou Pimentel (2006).

3.9 - Ana Xavier de Barros Tocantins, poesia, saraus, músicas e o telurismo goiano



Figura 134 - Ana Xavier de Barros Tocantins em 1899. Acervo de Bento Fleury

Ana Xavier de Barros Tocantins¹⁶ tem uma produção cultural inédita, espalhada por jornais vilaboenses do final do século XIX e começo do século XX demonstram sua alma sensível e apurada ao gosto poético e nostálgico, seguindo o tardio romantismo dos demais de seu tempo. Suas produções são vazadas de lirismo, embora se dedicasse ao verso livre, destoando dos demais de seu tempo.

Seus versinhos, como ressaltava, eram recitados nas tocatas e saraus realizados no Palácio Conde dos Arcos, quando a fina flor da sociedade de Vila Boa se reunia aristocraticamente para as tertúlias e apresentações ao gosto de certos governos que passaram pelo velho casarão do Largo do Jardim.

Nesses versos, Ana Xavier de Barros Tocantins, apelidada Donana Tocantins era, ao lado de Josefina Pinheiro de Lemos Mendes, Maria Angélica da Costa Brandão (Nhanhá do Couto) e Tereza Alencastro Caiado de Godoy (Tetê Caiado); o que de melhor havia da intelectualidade feminina nas declamações e no piano.

Desse tempo, seus versos são dedicados ao Cerrado, na evocação da terra, dos frutos, dos morros, da paisagem e dos sentimentos advindos desse agreste contato. Em 1884, deixou estes versos que tanto tratam da paisagem cerradeira:

Minh'alma se agita nesse cenário
Terra agreste e verde – Goyaz
Não lugar igual nesse mundo
Vasto e profundo
Da natureza hostil...
Belos frutos encontrados
Por esses cerrados aí, nos morros...
Vejam além, os cajueiros dos matos
As frutas tão belas e, muitas delas,
Pendentes nos galhos.
Suba o morro além e veja
Que profusão de frutas lá tem...
Chiquinha fez doces, passas, capilé
Melhor, muito melhor que café.
Doce prosear, pela janela a olhar,
Os morros além,
Só nossa cidade tem
Esse cenário a sonhar...
Amores... (TOCANTINS, 1884, p. 3).

¹⁶ Ana Xavier de Barros Tocantins nasceu na Cidade de Goiás em 1857 e faleceu na mesma cidade em 1949, aos 92 anos de idade. Era filha de Leonor Rodrigues Jardim e Joaquim Santarém Xavier de Barros. Estudiosa, foi professora particular por várias décadas na Cidade de Goiás. Pianista, concertista, poeta e declamadora. Foi casada com o jornalista e professor José do Patrocínio Marques Tocantins. Publicou poemas nos jornais da época.

Inocentes versos escritos em brincadeira, de uma senhorinha goiana de 17 anos, numa festa do Palácio. Retratam os costumes de mocinhas a versejar, contando fatos da terra. Identifica o tempo da não rapidez, o tempo da “espera do sertão”, como ressaltou Gonçalves (2006, p. 33), ou seja, esperava-se sempre, sem pressa; o que vinha de fora, como se o sertão e o Cerrado fossem o fim do mundo e não uma travessia geográfica a outros lugares.

Esperava-se o correio que vinha em lombos de burros, os cometas com as mercadorias e as novidades, os parentes que viajavam em tropas; tudo sem pressa a olhar pelo retângulo luminoso das janelas a vida a se escoar lentamente.

Ressaltam as matas, os campos, os frutos, a natureza a se derramar pelo cerrado das cercanias da Cidade de Goiás, o uso culinário das frutas pelas senhoras e moças; ao colocar em evidência o “capilé”, pioneiro suco goiano feito com o caju esmagado que se usava para as passas. Com água da cisterna, bem fresquinha, socava-se o caju e colocava açúcar, para se servir nas quentes tardes goianas de outrora.

3.10 - Tereza Alencastro Caiado de Godoy e a lírica feminina nos motes glosados da poesia primitiva goiana.



Figura 135 - A poetisa Tereza Caiado, ao centro, entre seus filhos, noras e netos em 1929. Acervo de Bento Fleury

Ao buscar na poesia a “instauração do ser com a palavra” no dizer de Heidegger (1995, p. 138), a mulher goiana conseguiu pelo pioneirismo, coragem e determinação empregar a palavra com maestria, embora num romantismo anacrônico e superado. Era a mulher que revelava “através de um modo de um sentimento, de uma tonalidade afetiva, o ser no mundo.” (NUNES 1986, p.197).

As produções de Tereza de Alencastro Caiado de Godoy¹⁷ e Leodegária de Jesus são representativas desse período de poucas manifestações poéticas e romantismo tardio.

Tereza de Alencastro Caiado de Godoy, goiana de ascendência nobre, dedicou-se ao verso e à rima, o que era comum às grandes damas de sua época, como Ana Xavier de Barros Tocantins (Donana Tocantins) e Virginia da Luz Vieira, todas biografadas pela historiadora Célia Coutinho Seixo de Britto¹⁸.

Ligada ao momento político da República Velha, Tereza de Alencastro possuía intensa ligação com os meios literários e artísticos da antiga capital, como o Gabinete Literário Goiano (entidade que, por várias décadas, foi dirigida exclusivamente por mulheres na presidência de Consuelo Caiado) e os saraus do Palácio Conde dos Arcos, onde, inclusive, nasceu o seu filho primogênito, Albatênio Caiado de Godoy¹⁹.

A produção de Tereza de Alencastro foi fruto de um romantismo tardio que se deu em Goiás, insuflado por um determinismo histórico e geográfico, pois distanciado do Rio de Janeiro e São Paulo, o vilaboense conseguiu manter-se imune à onda positivista ou naturalista que já grassava nos grandes centros, permanecendo o povo do vale do Rio Vermelho cultivando as antigas imagens poéticas por si só carregadas de sentimentalismo.

Vejamos um exemplo de sua produção:

MOTE
Pode viver satisfeito
um coração sem amor?

GLOSA
Em uma vasta campina
Onde o passarinho trina,

¹⁷**Tereza Alencastro Caiado de Godoy** nasceu na Cidade de Goiás em 1875 e faleceu em Goiânia em 1958, aos 83 anos de idade. Era filha de Luiz Antonio Caiado e Maria Alcântara Caiado. Fez seus estudos em Goiás, tornando-se culta e prendada moça. Participava dos saraus do Palácio Conde dos Arcos. Poeta, pianista e declamadora. Foi colaboradora em jornais e revistas goianas e, também, tradutora de textos em francês. Foi casada com João Francisco de Oliveira Godoy e deixou o livro intitulado *Rimas*.

¹⁸ Célia Coutinho Seixo de Britto (1914-1994) natural da Cidade de Goiás, foi jornalista, pesquisadora e artista plástica, com curso na Escola Goiana de Belas Artes. Foi Membro fundador e presidente da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, autora do livro *A mulher, a história e Goiás*.

¹⁹ Albatênio Caiado de Godoy (1883-1973) natural de Goiás foi advogado, Deputado Federal, jornalista e historiador. Fundou a Associação Goiana de Imprensa em 1933 na Cidade de Goiás e foi membro também fundador da Academia Goiana de Letras. Deixou publicado: *Do meu tempo e Pareceres e decisões*.

Vivendo como a bonina,
Sem ter remorsos no peito,
A contemplar lindas flores,
Aspirando seus odores,
Qualquer ente, sem amores,
Pode viver satisfeito!

Só vendo o buriti
Altaneiro na vereda
Em cismares, penso em ti.

Porém, não vendo Campinas,
Nem estrelas peregrinas,
Nem orvalhadas boninas,
Nem sentindo o seu odor,
Pelas turbas comprimido,
Humilhado e abatido,
Que prazer pode ter tido
Um coração sem amor?

Publicado em 1891 no jornal *Goyaz*, que circulava por intermédio do empenho da família Bulhões, que politicamente dominava o Estado de Goiás, o vilancete apresenta todas as características do Romantismo na perquirição amorosa que se estende nas duas oitavas da glosa.

Partindo de um mote essencialmente sentimental, o vilancete de Tereza de Alencastro constrói imagens bucólicas, ligadas ao próprio cenário goiano e vilaboense do final do século XIX, inflando o sentimento amoroso ao cenário campestre, fato que foi comum no Romantismo, em que o cenário por si só não bastava à felicidade verdadeira, diferentemente dos árcades, que tinham no ambiente campestre a imagem da harmonia, satisfação e realização íntima por meio da simplicidade típica do campo, como podemos observar em muitas liras de Cláudio Manuel da Costa e Tomás Antonio Gonzaga.

A natureza romântica aparece num halo de melancolia, como se a beleza agreste fosse dolorida, pois o eu lírico está “pelas turbas comprimido” e “humilhado e abatido” não encontra lenitivo entre as “lindas flores” na “vasta campina”. Fato digno de nota é o polissíndeto, no emprego abundante do conectivo “nem”, presente na última estrofe “nem estrelas, nem orvalhadas, nem sentindo o seu odor”.

O uso do polissíndeto é fato comum na poesia romântica, como podemos observar em muitas produções de Fagundes Varela, Casemiro de Abreu e principalmente Castro Alves, na ênfase dada aos sentimentos múltiplos que assolam simultaneamente a alma humana, assim comprovados no trecho poético do “Navio Negreiro”, na sexta parte da “Tragédia do mar”:
“Hoje míseros escravos /Sem ar, sem luz, sem razão”

Tereza de Alencastro não fugia ao determinismo romântico goiano de seu tempo, insuflado por injunções sociais e históricas. Sua linguagem está associada a palavras recorrentes na literatura romântica do Brasil, nas produções de Álvares de Azevedo, Junqueira Freire, Casemiro de Abreu e Francisca Júlia: “campina”, “trina”, “remorsos”, “turbas”, “amores”, “peregrinas”.

Tais termos estão associados ao sentimentalismo exacerbado do romantismo: o individualismo, visão amarga da vida, o subjetivismo, a natureza, portanto, como refúgio à dor e à comiseração do poeta: é o ceticismo irremediável que cerceia a existência do eu lírico romântico em que, nem mesmo a beleza agreste do cenário é capaz de atenuar a dor íntima.

O uso recorrente de termos idealizados pelas gerações de poetas do passado, notadamente os ultra-românticos, de certa forma, deixa uma marca específica; dando vazão à sentimentos que marcam presença em determinada fase da caminhada de um povo pois “cabe à palavra, o cuidado de fazer ressurgir essa memória e essa história profunda cujos vestígios ela conserva, a despeito do desgaste e dos apagamentos sucessivos.” (ESTEBAN, 1991, p.28)

Não se pode observar o tardio romantismo da poesia feminina goiana totalmente de forma negativa. Mesmo anacrônicas, conseguiram manter acesa a chama do ideário cultural da mulher naqueles tempos de escassa produção. E esse aspecto de “atraso” foi um fator social, político e econômico.

3.11 - Leodegária de Jesus e sua *Coroa de Lírios* e suas *Orchideas do campo*



Figura 136 - Leodegária de Jesus na capa do livro em sua homenagem e a capa da edição príncipe de *Corôa de Lírios* em 1906. Acervo de Bento Fleury.

Os mesmos motivos sentimentais, líricos e envolventes quanto à emoção exacerbada em relação ao amor e a sua irrealização, notamos na obra de Leodegária de Jesus²⁰, a primeira a publicar livro em Goiás no princípio do século XX, mostrando o sentimentalismo, o tom nostálgico de um Romantismo também tardio.

Essa poeta, por muitos anos, foi esquecida em Goiás, tendo sido recentemente estudada por Darcy França Denofrio²¹ e Basileu Toledo França²², que revisitaram os motivos que marcaram a sua poesia e a importância de sua trajetória para a caminhada da mulher na Literatura em Goiás nos primeiros anos do século XX.

Leodegária foi criada em Jataí onde colaborou com a imprensa goiana, passando por outros estados como Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Amazonas. Um de seus escritos poéticos que foi intitulado “Vôo cego” chegou a ser reproduzido e comentado por Joaquim Osório Duque Estrada, o imortal autor do Hino Nacional, por intermédio do *Jornal do Comércio*, que não poupou elogios à jovem poeta goiana do princípio do século; vencendo tabus e barreiras.

Em 1906, Leodegária de Jesus publicou o seu livro *Coroa de Lírios*, que foi bem aceito pela crítica. Mais tarde, em 1928, publicou *Orquídeas*, que teve comentários críticos elogiosos de Gastão de Deus Victor Rodrigues em seu livro *Páginas Goianas*, publicado em 1917.

No poema abaixo, Leodegária de Jesus destaca as manhãs de agosto no cerrado goiano, com suas nostalgias, as lembranças e as recordações pungentes, trazidas pelo ambiente e pelo tempo, lembra a poeta a nostalgia romântica em relação à natureza, quando evoca a melancolia do céu que se assemelha a “mortalha imensa”, em que “cobre a natura, pesada, intensa” e “pelas estradas tudo é silêncio”, evocando a nostalgia própria dos poetas e dos trovadores, e ao desnudar que, paisagem goiana onde não há “nenhum bafejo pelas ramadas”, ao destacar a recorrente solidão nos campos daquelas eras em que “pelas matas e campinas” havia doce encanto.

²⁰ Leodegária de Jesus nasceu em Caldas Novas em 1889 e faleceu em Belo Horizonte, Minas Gerais em 1978. Era filha de José Antonio de Jesus e Ana Isolina Furtado. Poeta, declamadora, professora, formada pelo Colégio Santana da Cidade de Goiás. Pioneira de nossa poesia feminina, nostálgica e cismarenta. Publicou os livros *Coroa de Lírios e Orquídeas*.

²¹ Darcy França Denofrio – Natural de Jataí, tornou-se professora e pesquisadora na Universidade Federal de Goiás onde trabalhou por vários anos. Tem publicadas as obras: *Composição programada, Vôo cego, O Poema do poema em Gilberto Mendonça Teles, Amar o mar, Hidrografia lírica de Goiás I,II e III, Lavra dos goiases*.

²² Basileu Toledo França – Também natural de Jataí (1918) destacou-se como pesquisador, romancista e escritor. Foi professor e fundador de escolas em Goiás e São Paulo. Publicou: *Pioneiros, Cadeira nº 15, Cavalo de rodas, Cancioneiro e trovas do Brasil Central, Velhas escolas, Capangueirose jagunços, Vale do Rio Claro*, dentre outros.

Nesse poema o Cerrado se mostra tristonho diante da poeta que sente as
emanações do mundo ao seu redor, o ambiente e a paisagem goiana, com acentuada tristeza.
(JESUS, 1906, p. 14):

Agosto

Manhans sombrias, manhans de Agosto,
Que magoa estranha
Trazeis ás cousas! quanto desgosto
Vos acompanha!...

Cobre a natura pesada, intensa
Melancholia
E o ceo parece mortalha immensa
De nostalgia.

Nem um pipilo, nem flores vejo
Pelas estradas...
Tudo é silente! nem um bafejo
Entre as ramadas!

Ha pelas matas, pelas campinas
Um doce encanto.
Como que desce dessas neblinas
Gélido pranto.

Vejamos uma produção de Leodegária de Jesus que foi mais tarde musicada por
Joaquim Santana e era parte integrante das tocatas nos saraus da antiga Vila Boa:

Quando vivemos a sonhar amores
quando não temos a ilusão perdida
quando nossa alma não padece dores,
morrer é triste! Como é doce a vida!

Nos ermos do Cerrado
Errados rumos, seguindo,
Estou indo rumo a morte
Dura e difícil sorte.

Mas se nos fere o espinho da tristeza
Se maltratados somos pela sorte
Se nos é dado o cálice da incerteza
Viver é triste, como é doce a morte!

Publicado em 1906, esse poema demonstra a nostalgia e a supervalorização do
sentimento que norteava o fazer poético feminino naquelas eras, equiparando-se em estilo a
Tereza de Alencastro Caiado de Godoy, pelo individualismo, melancolia e desalento; pelo uso

de metáforas “espinhos da tristeza”, assim como de imagens tristes: “maltratados somos pela sorte”, “nos é dado o cálice da incerteza.”

O poema de Leodegária de Jesus apresenta apenas três quartetos, que exprimem os sentimentos alternados de alegria e tristeza, encadeados em rimas entrecruzadas no esquema *ab*, características do Romantismo. É a confissão sincera de um coração dilacerado na certeza da irrealização amorosa e da desilusão da vida em todas as suas derrocadas sentimentais.

Novamente o ambiente do Cerrado se mostra como prova de nostalgia e de tristeza, da solidão do homem em meio à natureza evocativa, distanciada e a recordar o ideário de ermo, distância, alheamento. Por muitos anos assim foi visto o Cerrado, de fato.

Nostálgica, a própria Leodegária de Jesus viveu uma vida solitária, condizente com seu espírito inquietante, ansioso pela realização amorosa, mesclando, fundindo eu lírico com o autobiográfico por vezes. E nessa busca de realização a poeta encontra, segundo Octávio Paz (1976, p.51) “a consagração do instante”. O instante colocado numa afirmação na primeira estrofe é visto de forma incerta na segunda, revelando, desse modo, a marca da própria incerteza de viver.

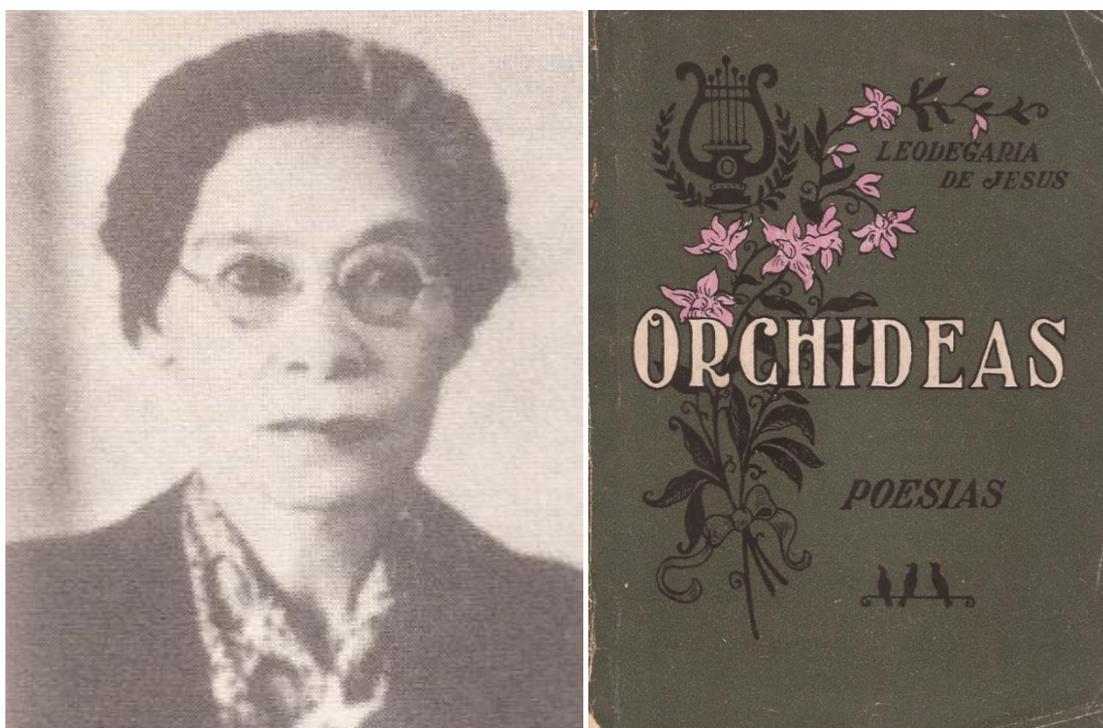


Figura 137 - Leodegária de Jesus já em Belo Horizonte, e a capa de seu livro *Orquídeas*, publicado em 1928. Acervo de Bento Fleury.

É possível observar outra produção da verve poética de Leodegária de Jesus, publicada em seu livro *Orquídeas* no ano de 1928:

Meu desejo

Não quero o brilho, as sedas, a harmonia
Da sociedade, dos salões pomposos,
Nem a fallaz ventura fugidia
Desses festins do mundo, tão ruidoso!

Prefiro a calma solidão sombria,
Em que passo meus dias nebulosos;
Sinto-me bem, aqui, à sombra fria
Da saudade de tempos mais ditosos.

Dias longos, nos cerradões do tempo
Contemplo embevecida
Tanta lida, tanta solidão
Nas chapadas, nas amplidões.

Ah Goyaz!

Eu quero mesmo, assim, viver de lado,
Das multidões passar desconhecida,
Me alimentando de algum sonho amado.

Nada mais quero, e nada mais aspiro:
Teu casto affecto que me doira a vida,
Meus livros, minha mãe e meu retiro.

A temática romântica continua no desejo do alheamento, da busca por lugares solitários, do distanciamento no tempo e no espaço; permanece na manifestação de uma vontade de reclusão; negando-se à possibilidade ao menos de uma tentativa.

Distanciando-se da mundanidade, a poeta repudia a ideia de multidão, em favor da recolha num mundo de lembranças de outros tempos, fugindo da realidade. Essa ideia de que a quantidade crescente de massas humanas provoca o aniquilamento do homem enquanto indivíduo é uma frequente temática na poesia em questão.

Os “dias longos nos cerradões do tempo”, registram o anseio da poeta em alhear-se na fugidia existência do meio em que vivia, da paisagem goiana da época, dada ao recolhimento, ao distanciamento, ao esquecimento nos quilômetros e quilômetros de Cerrado fechado em que vivia a autora, tanto em Caldas Novas, quando em Jataí, perdidas no ermo sertão do começo do século XX.

O eu lírico quer “mesmo, assim, viver de lado, das multidões passar despercebida”. Esse pavor da diluição do indivíduo em meio às massas que leva à reclusão como defesa do próprio, foi motivo de reflexão de Walter Benjamin em ensaio que trata do ser humano massificado e alienado pelo meio:

O próprio tumulto das ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse de serem felizes?... E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum (...) (BENJAMIN, 1985, p.54).

Walter Benjamin debruça-se criticamente sobre essa problemática humana no início do século XX, levando-nos a refletir juntamente com a leitura dos versos de Leodegária de Jesus que se em 1906 esse pavor da multidão já assomava aos sentimentos e à sensibilidade artística, hoje, mais de cem anos depois, como serão expressados por poetas e filósofos esse individualismo desejado pelo que se busca no pavor à massa humana que explodiu no mundo inteiro?

Nesses versos, Leodegária de Jesus deixa transparecer a sua personalidade inconfundivelmente romântica ao expressar seus sentimentos numa época distante, num provincianismo em que reinava um quase total descaso com a produção cultural. Salva pelo trabalho abnegado de uns poucos intelectuais da época, hoje podemos requerer seu lugar na história literária de Goiás, como fez Rosarita Fleury, em estudos biográficos quando da fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, em 1970, depois Basileu Toledo França e Darcy França Denófrío.

Seus temas humanos: amor, desejo, medo carecem de profundidade psicológica. Em seus exagerados sentimentalismos, a poeta seguiu, como dissemos, as tendências do Romantismo individualista, muito dado à efusão espontânea dos sentimentos.

Mas, sabemos, “o que irrita o lógico, encanta o poeta”, como lembra Esteban (1991, p.16) e, nesse aspecto, as poetas pioneiras souberam abstrair sentimento e eloquência de temas corriqueiros, que constituíam o universo limitado daquela sociedade fechada em si mesma.

3.12 - Hugo de Carvalho Ramos, plangências poéticas do Cerrado goiano.

O escritor goiano Hugo de Carvalho Ramos²³ não apenas um contista pré-modernista em Goiás, autor de *Tropas e boiadas*, mas também poeta de elevado mérito na

²³ Hugo de Carvalho Ramos nasceu na Cidade de Goiás em 1895, filho de Manuel Lopes de Carvalho Ramos e Mariana de Loyola Ramos. Aluno do Lyceu de Goiás, iniciou o curso de Direito no Rio de Janeiro, sem concluí-

imprensa goiana e carioca de seu tempo. Essa produção ficou, porém, esquecida de uma maneira geral.

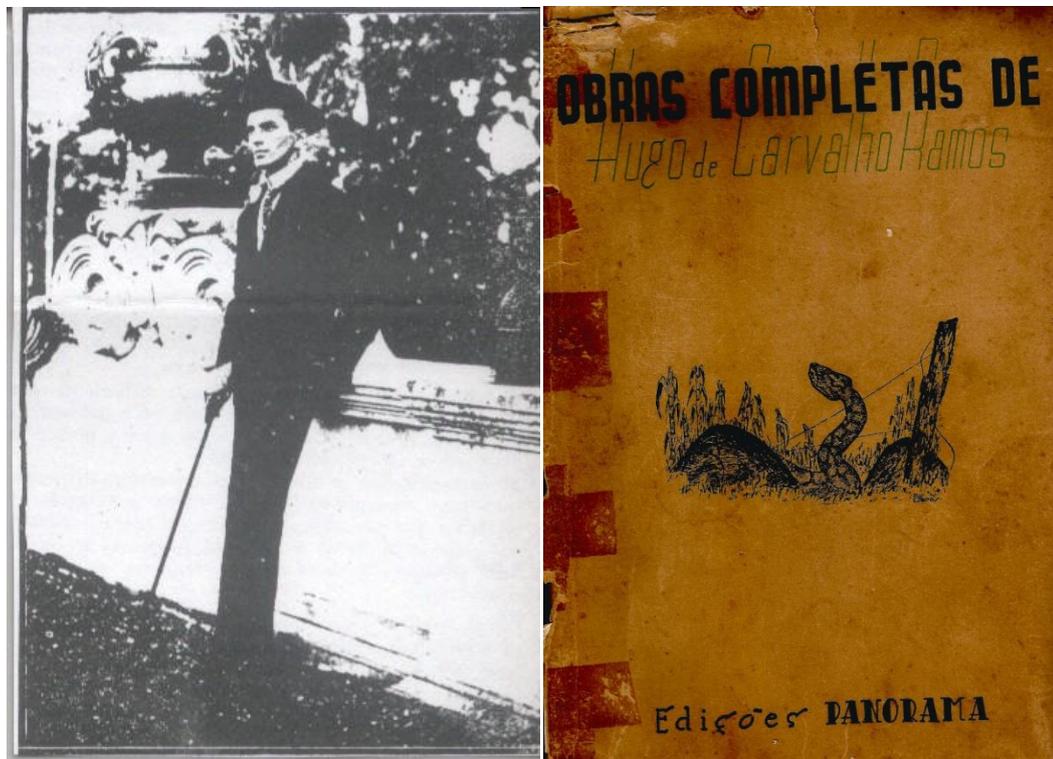


Figura 138 - Hugo de Carvalho Ramos no alto da Boa Vista no Rio de Janeiro e a edição das obras do autor, enfeixando poemas e contos. Acervo de Bento Fleury

Precursor do Modernismo estético e temático, não só na prosa, ao lado de Leo Lynce e Maria Paula Fleury de Godoy se fez reconhecido pelo verso livre e pela inspiração na natureza goiana, vista sob diferente ótica. Era o canto da terra, pelas belezas do Cerrado e dos acontecimentos corriqueiros; não mais ligado apenas ao sofrido viver do pranto e da saudade.

Em seu longo e épico poema “Florestas”, Ramos (1951) evoca, com certeza toda a grandiosidade da natureza goiana, por seus elementos constituintes e que enriquecem a cultura e a vivência goiana.

Destaca a grandeza e mistério das florestas e matas altas do Mato Grosso goiano; o “murmúrio das largas ramadas”, a destacar a eloquência dos ventos entre as grandes árvores copudas e altas; o pensamento de embriaguez diante de tanta grandeza, de robustez de natura indomável àquele tempo.

Continua o poeta dando à mata um épico existir de deuses e mitos, seres mitológicos a evocar sua importância, além de ninfas e centauros, num gosto literário por

lo. Publicou diversos trabalhos em prosa e verso em jornais goianos e cariocas. Em 1917 publicou seu livro *Tropas e boiadas*, que teve reconhecimento nacional. Faleceu no Rio de Janeiro em 1921, aos 26 anos de idade.

imitar os clássicos. Utiliza de uma linguagem rebuscada para falar das flores pequenas, das amoras, dos frutos desse “bosque sagrado”, ou as “matas de abril”, com seus cantos de cigarra; que se fecha num sagrado rito de ser eterno e forte; muito mais forte que o homem pequenino, quase indefeso, diante do húmus da terra que fecundava novas matas incessantes.

Vastas florestas, reino encantado e lanudo,
Que secreto pendor nos reconduz às portas
Da vossa cepa envolta em musgos de velludo,
E aos estreitos sendaes, onde as folhas são mortas?

O murmúrio eternal dessas largas ramadas
Accorda ainda em nós, como uma voz profunda,
A divina emoção no primevo oriunda,
A embriaguez do céo, da terra e das levadas!

Bosques! Vós nos rendeis à Natureza inteira!
E o coração reencontra, em vossa alma exaltada,
Com o joven amor, a vida libertada,
Bosques que embebedaes como uma cabelleira!

E' mais duro que o ferro o carvalho orgulhoso;
Nos profundos sarcaes nenhum sol a brilhar;
Circumda-vos o horror de lugar religioso,
E vós lamentaes tão alto como o mar!

Quando o euro, no arrebol, as folhagens invade,
Tremeis, aos gritos mil das aves a cantar;
E nada é mais soberbo e cheio de saudade
Que a vossa quietação da hora crepuscular...

Pelos deuses, outrora, éreis vós habitados;
Espadoas, seios nus, espelháveis, açudes!...
E o Egypan amoroso, a espreitar nos taludes,
Sob a fronte sentia os olhos inflamados!

A nympha nédia e ruiva ondeava na clareira
Onde a herva era calçada aos pés das greis caprinas,
E, no vento nocturno, ao longo das ravinas,
O Centauro atirava as pedras na carreira.

Vossa alma cheia está desses sonhos antigos,
Pois a fruta de Pan, na campina deserta,
Quando a lua prateia os ribeiros amigos,
Traz inda o coração dos carvalhos alerta.
E a Musa, um puro dedo erguendo os longos véos,
Na hora em que este silencio enche o bosque sagrado,
A cabeça voltada ao crescente dourado,
E, em seisma, olhava-o mar suspirar para os céos...

Nobres Florestas, Flora outomnal... Folhas de oiro!...
Com este rubro sol ao fundo das áleas,
E este grande ar de adeus, no ramal inda loiro.
Para o açude deserto, onde, trompa, estrondeias!...

Mattas de abril; canções de melro, e notas querulas,

Fremir de azas, fremir de folhas, aura pura;
Luz de azul e esmeralda e de cândida alvura,
Abril!... Chuvisco e sol sobre o frondal em perolas!...
O' verde profundezas, encantadoras e mestra!
Rochedos e tojaes, bancos, águas manantes,
Com o vosso mistério, e cantos de floresta,
Como bem respondeis ás almas dos amantes!

A amante collocou as amoras na mão;
Seu vestido clareia o trilho do tugúrio,
Um ligeiro vapor sobe na cerração,
E a floresta dormiu num ultimo murmúrio.

Negro, a choça ergue um tecto á distancia espaçada:
Um cervo estende o collo, a bramir na lagoa,
E o nosso coração, num sonho eterno, voa
Para a casa de amor ao fundo da tapada.

O' calma!... Tremular de estrella além dos montes!...
De fructos um casal á flor d'agua se escoá;
E, ao silencio da noite, a amada treme á toa,
Nos braços nus sentindo a frescura das fontes...

Como nos adormis, nas folhagens em nuto,
Como nos emballaes, nesse lento marulho,
O coração, a arder, de pezar ou de orgulho,
O' Floresta de amor, de tristeza e de luto!

Todos os que um signal mostra á frente ser reis,
Pallidos, vão-se errar sob as arvores hécticas,
E, tremendo ao rumor das ramagens propheticas.
Prestam o ouvido á voz que, na noite, dizeis.

Todo o que visitou a grande Dôr solemne,
E não comovem mais nem tardes, nem matizes,
Sonha enterrar o peito, e offertal-o ás raízes,
O' pinhaes, e dormir, nessa sombra perenne!

Salve a vós, grande Bosque, a cimeira sonora!
Onde, á noite, se attesta albente divindade,
Vós que, á prata do céu, um arrepio invade,
Escutando nitrir os cavallos da Aurora.

Salve a vós, grande Bosque, afundado e quente,
Filho mui bom, mui doce e tão bello da Terra,
Vós, onde o coração do homem, lasso, se aferra,
Ébrio por inda crer o instincto seu potente!

Bétulas e faiaes, carpinos, troncos vários...
Gigantesco pilar torcendo hydras aos pés,
Vós, que tentaes o raio das nuvens através,
Talhados e immortaes, carvalhos centenários!

Sempre fortes – vivei! e sempre renovados,
A ramada estendendo e augmentando a cortiça,
E antornae-nos a paz, o saber e a justiça,
- Oh! Grandes ancestraes, pelos homens louvados!

Dedicando-se a ser o cantor, o vate o inspirado poeta das paisagens goianas, Ramos (1951) evoca a várzea, já a utilizar a forma fixa do soneto, em que destaca a sinfonia da várzea, com seus tantos pássaros, os buritis, os ermos dos sertões. Novamente o ideário de profunda solidão dessas áreas alagadas e palustres, semelhantes ao pantanal, presentes em certas regiões goianas.

Segundo Oliveira Filho (2006, p. 43), o sertão se afigurava como “um deserto demográfico, mas esse isolamento não significou falta de produtividade”, apenas habitado por animais silvestres e muita vegetação nativa e poucos homens de muito saber ligado às coisas da natureza.

Fala o poeta da palma do indaiá, o assa-peixe do Cerrado com os florões ao vento, as áreas alagadas sendo transpostas por tropas, boiadas e bichos tantos, na eloquência da vastidão sertaneja. Recorda o autor a “chuva de caju”, emblemática no Cerrado, além da ema a transpor o cenário como símbolo de todo um universo descrito e evidenciado simultaneamente.

Estranha sinfonia andam na alva vibrando
betuíras e xexéus, sanhaços e azulões;
por sobre os buritis das marrecas o bando
vai, em arco, guinchando em busca dos sertões.

A palma do indaiá, como velame pando,
treme ao vento. O assa-peixe inclina os seus florões
sobre a tropa, a passar, das madrinhas ao mando,
a estruge na vereda o grito dos peões.

Acorda a várzea em festa. É a ronda das falenas!
A “chuva dos cajus” enflorou as campinas
para onde erguem o vôo multicolor das antenas.

Vão as emas, ralhando, através da malhada.
Treme o rocio... E ao sol, que aponta entre colinas,
pulverizam-se em luz as gotas da orvalhada.

E mais eloquente ainda, Ramos (1951) evoca o pequizeiro, fruto emblemático do Cerrado, presente na chapada goiana. Poema livre, de forma solta, este é narrativo a princípio quando evoca a flor do pequi caída e uma veada lá vai se alimentar e o caçador a aguarda para abatê-la. É em forma de toada folclórica que o poema vai repetindo a flor do pequi a cair, sempre, ao som da viola a entoar.

Rememora o viver cotidiano roceiro, com o chuveiro, o terreiro, o galo a cantar na madrugada, e sempre a viola entoar, como se a dizer do tempo perdido da vida sertaneja de outrora, na roda do dia, até o pequizeiro parar de derrubar a flor.

Evidencia o poeta que tudo isso é cíclico desde o romper da aurora. Faz parte de uma tentativa, ao que parece, do poeta em recolher as cantigas sertanejas e a elas tentar compreender o sentido; como o fez nesse mesmo tempo o poeta Antonio Americano do Brasil.

O piquizeiro da chapada
a flor começa a derrubar,
lá vai de noite uma veada
de vez em quando merendar.
O caçador deixou armada
uma tocaia de caçar
bem na forquilha da galhada
para a semana de luar.
De noite escura não é nada
nem há de que se arreçar...
O pequizeiro da chapada
a flor começa a derrubar.

A minha viola na toada
assim parece o pequizeiro,
que deixou flor lá na chapada
com o primeiro chuvisqueiro.
Já da janela estás corada,
enquanto choro no terreiro,
é que cantou esganiçada
a voz do galo no poleiro.
Menina de olhos de alvorada
mais o seu riso feiticeiro,
a minha viola na toada
assim parece o pequizeiro...
- Tu te fizeste branca, branca,
enquanto o dia invade o ar...
O pequizeiro da chapada
a flor cessou de derrubar.

Em prosa ou em verso, Hugo de Carvalho Ramos foi um escritor das coisas e fatos ligados ao Cerrado em Goiás e ao sertão, não como um lugar definido, o lugar onde se exila o homem; mas algo mais profundo com mais sentido. Era o desconhecido onde morava a imaginação e as histórias fantásticas, como asseverou Roncari (2006). É um sertão como travessia, sem princípio, sem meio e sem fim.

3. 13 - Benedita Chaves Roriz Villa Real e o telurismo na poesia feminina em Goiás



Figura 139 - Benedita Chaves Villa Real, numa fotografia dos tempos de Luziânia. Acervo de Bento Fleury.

Primeira mulher a requerer um título eleitoral em Goiás, na então Comarca de Santa Luzia, hoje Luziânia, Benedita Chaves Villa Real²⁴ foi também modista e poeta, ligada ao movimento cultural de nosso Estado.

Lirismo, espírito de goianidade, como observamos nos seus versos que servem para reforçar a afirmação de que a obra literária feminina goiana em versos do princípio do século XX é plena de bairrismo, apego a nossa terra, sua gente, tradições, tipos, lugares, modismos, usanças passadas. Tudo isso veremos refletido no universo poético de Josefina Pinheiro de Lemos Mendes, Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina) e Emília Perillo Argenta e Leodegária de Jesus.

Seus versos livres sempre primaram pela divulgação das coisas ligadas ao homem do campo e ao Cerrado. Destaca e sua produção também as minúcias da vida rural e interiorana e a vivência com a paisagem de um mundo sertanejo e esquecido. Seu poema,

²⁴ Benedita Chaves Roriz Villa Real nasceu em Santa Luzia, hoje Luziânia, Estado de Goiás em 1905 e faleceu em Goiânia em 1990. Era filha de Florentino de Alcântara Chaves e Antonia Henriqueta Roriz. Estudou em Luziânia e foi a primeira mulher no Estado de Goiás a requerer um título de eleitor, que lhe foi concedido após a luta judicial. Poeta e declamadora, deixou obra publicada em diversos jornais do Estado. Residiu no Estado de São Paulo. Foi professora primária rural em Luziânia e Formosa

solto e narrativo, expõe o Cerrado aos olhos do leitor, com toda sua gama de profundas riquezas de outrora, desde a terra rica, na exuberância das matas, assim como o relevo em chapadões, veredas e serras.

Era o sertão, na sua narrativa, esse mesmo sertão tão antigo em seu significado, vindo lá de Camões que o destacou: “A gente do sertão que as terras anda” (CAMÕES, 1975, p. 14) em que o grande vate lusitano demonstra o mesmo ser as terras longe do litoral. E este, na literatura, aparece sob vários pontos de vista nas obras de Alencar, Taunay, Bernardo Guimarães, Afonso Arinos, Graciliano Ramos, Euclides da Cunha, Rachel de Queiroz, Guimarães Rosa, cada qual com uma tonalidade, com um sentido, como firmou Marchezan (2006).

Também, a autora evidencia os troncos das grandes árvores na pujança das matas, principalmente no Mato Grosso goiano; ainda as campinas, com suas veredas de buritis, as cachoeiras e os rios, evoca os peixes e os frutos, desde os pomares, dos campos e dos Cerrados, como uma homenagem à riqueza do chão. É um poema encomiástico à terra de Goiás e à beleza silente do Cerrado.

Formidável potencial de riquezas
No precioso húmus da mais rica terra
Na exuberância que lhe dá grandeza
Em tudo aquilo que seu solo encerra
Nas verdes matas, chapadões e serras.

Matas virgens de troncos seculares
Que apenas a fauna palmilhou
Onde as espécies se contam aos milhares
Pois de tudo a natureza ali criou
E Deus, benevolente, abençoou.

Imensas e verdejantes campinas
Adornadas de buritizais
Deslizar de águas mansas, cristalinas
E às vezes cachoeiras colossais
No Araguaia, Tocantins e outros mais...

Rios piscosos das mais lindas praias
Que ao sol refulgem pedras preciosas
Onde os tracajás, jacarés e arraias
Enchem de fartura as plagas mais formosas
Dos ipês: amarelo, branco, roxo e cor de rosa!

No pomar silvestre farto e carregado
De cheirosos frutos que não têm rivais:
Quer sejam do mato, do campo ou do Cerrado
Frutos saborosos, pomo sem iguais;
Nem no paraíso não se viu, jamais. (VILA REAL, 1929, p. 5)

Benedita Chaves Roriz Villa Real, desde os feitos de sua luta sufragista em favor da mulher e de seus direitos políticos, assim como na elaboração de seus versos singelos, destacou a imensa riqueza do Bioma Cerrado e a evocação de um tempo já perdido pela incúria dos homens em não legarem ao futuro, tudo aquilo que esta terra goiana já teve e que, infelizmente, não terá jamais.

Na “tensão do pensar”, no dizer cotidiano de Eguimar Felício Chaveiro, nas intervenções do Grupo de Estudos Dona Alzira, o pensamento de que, somente na tensão do sentimento em relação às coisas e, notadamente, a natureza, reside o ponto essencial da criação literária ou científica. É o pensar de que, também, a subjetividade constrói a história.

3.14 - Ricardo Paranhos, poeta entre o telurismo, os xistes e as baladas da terra de Goyaz

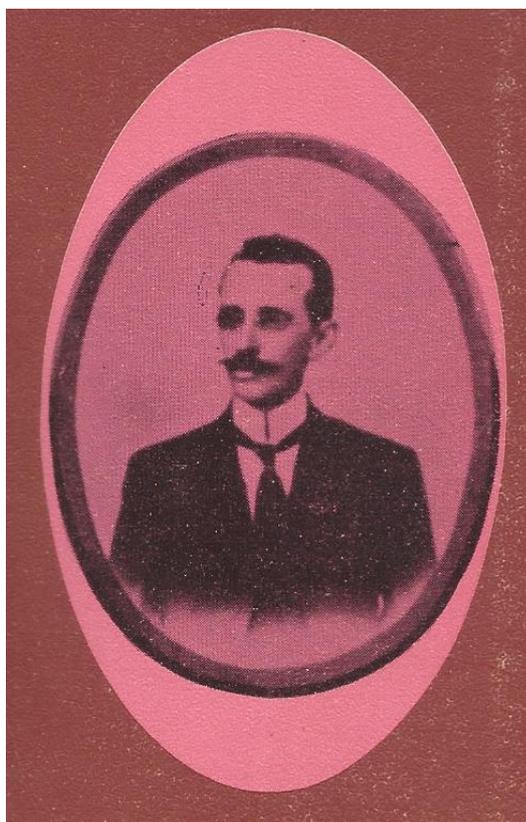


Figura 140 - Ricardo Paranhos, o grande poeta de Catalão. Acervo de Bento Fleury.

O poeta do morro da saudade e da “Despedida de Catalão”, depois musicado, Ricardo Paranhos²⁵, foi um nome da poesia, notadamente do Sul goiano, da cidade de Catalão

²⁵ Ricardo Paranhos nasceu em Catalão, Estado de Goiás em 1866 e faleceu em Corumbáiba, Estado de Goiás em 1941. Era filho de Antonio da Silva Paranhos e de Belisária Antonia da Costa. Estudou em Paracatu e em São Paulo. De volta a Goiás foi Deputado Estadual e Senador por Goiás; jornalista, poeta e articulista ferrenho nas lutas políticas catalanas. Foi um dos fundadores da Academia Goiana de Letras. Somente em 1972 sua obra

e do Triângulo Mineiro. Destacou-se não só pelo lirismo, mas pela irreverência de muitos de seus versos, ligados aos xistes, piadas e críticas contundentes às personalidades e desmandos de sua época.

Mas, foi um poeta que destacou o Cerrado, sobretudo. Em seu soneto “Mata Virgem”, por exemplo, Paranhos (1972, p. 87) destaca com ênfase a força exuberante da natureza goiana, a selva secular intocada, prodigiosa, misteriosa, quase fantástica com sua grandeza virgem. Evoca como os demais a ideia de solidão e abandono diante da grandeza da natureza, sem porém, os laivos da tristeza.

Mostra tudo como se num labirinto, tal a vastidão, a extensão das antigas matas, hoje desaparecidas no chão do Cerrado. O ideário de escuridão da mata, com seus infinitos mistérios persistem. Tão fechada que escurecia em pleno dia. Tudo também mostrava uma força vinda do próprio chão com os pequeninos rumores impressentidos. É “a resistência à falsa ordem”, como asseverou Bosi (1977, p. 146), a que as coisas parecem estar amarradas. É o homem pequeno, daquele tempo, diante da força.

Quanta surpresa pôs a pródiga Natura
Na selva secular, fantástica, assombrosa!
Que vasta solidão, profunda, misteriosa,
a desse labirinto arfante de verdura!

Penetremos na mata emaranhada, escura:
o reboante rugir da fera insidiosa,
rugir que, de eco em eco, acorda a rigorosa
mudez daquela vasta e esplêndida espessura;

o brando sussurrar das quérulas aragens
a ramaria balouçando levemente;
a queda de uma folha; os mais simples ruídos,

até mesmo o agitar de uma asa entre as ramagens,
tudo produz na selva espessa a viridente
estranhas comoções, temores desmedidos...

Já em outro poema intitulado “Minha terra”, Paranhos (1972, p. 23) evoca Catalão como se mergulhada no Cerrado, fazendo parte do cenário verde da paisagem, mergulhada entre as matas de seu tempo, derramando-se na campina verde abaixo do Morro da Saudade.

Evidencia o poeta a grande beleza desse cenário evocativo e a amenidade do clima pelo verdor da vegetação em que a cidade se via mergulhada. É o pensamento da paisagem

tanto em prosa quanto em verso foi organizada e publicada pelo Monsenhor Primo Vieira com o título de *Obras completas de Ricardo Paranhos*.

como algo tangível, que se dá ao nível dos olhos, dos ouvidos, dos sentidos; onde se encontra o ser do outro e o nosso ser. Encontra o toque do ser, a profundidade. Nesse caso, o poeta abandona o corpo e abre-se à cultura, numa dimensão que não é mais dele.

Antevê, ainda que liricamente, a necessidade do verde nas cidades, hoje, montanhas de cimento sem ventilação ou escoamento das águas, arderem no calor, que clama o verde das plantas. Escrito em 1917, há quase cem anos, bem mostra o quão diferente está Catalão, com seu crescimento desordenado, os problemas de uma grande cidade, tão diferente da lírica cidadezinha perdida entre as matas do Cerrado goiano, de um tempo só visto, pelo olhar poético de um grande escritor. Dele, o poeta, emerge a palavra propiciadora que rege o poema:

Ao pé do lindo Morro da Saudade
Que fica apenas
A um quilômetro distante
Num fresco e extenso vale verdejante
Entre amenas
E esmeraldinas
Colinas
Estende-se a cidade.
Visto de longe, especialmente cedo,
O casario
Branco entre o arvoredo
Basto e sombrio
Dá uma impressão exata
De que a cidade, centro,
E extremidades, está toda dentro
De uma cerrada e viridente mata.
Que amenidade de clima!
De que maravilhoso panorama
Não goza a vista, quando lá de cima
Do monte, que é o mais belo adorno
Dessa terra que derrama
Pela vastidão em torno!

Ricardo Paranhos foi o poeta catalano que mais se dedicou ao evocar da vegetação típica daquela região hoje industrializada e “rica”, com a notícia de um “rio verde” de tanta poluição a correr pelos arredores, ao preço de um questionável desenvolvimento destruidor.

3.15 - Augusto Rios e os buquês de flores do Cerrado da imaginação



Figura 142 - Augusto Ferreira Rios, poeta goiano, de Jaraguá e a capa de seu livro *Bouquet*, publicado em 1907. Acervo de Bento Fleury.

Da cidade de Goiás, o destaque para o poeta, Augusto Ferreira Rios²⁶, que deixou na história literária de nosso Estado, um legado, que também se estendeu à cidade de Jaraguá.

Assim como Érico Curado, foi ele um dos poetas românticos tardios, apaixonado pela natureza nostálgica do Cerrado, principalmente os ocasos. Amante da tarde e da melancolia. No seu soneto “Em Santa Bárbara”, Rios (1907, p. 142), destaca o ambiente das cercanias da Cidade de Goiás, visto de um outeiro onde está assentada a Igreja de Santa Bárbara, erguida nos idos dos setecentos. É a paisagem vista com um olhar diferente, um olhar atento, curioso, perscrutador, como classificou Besse (2006), um olhar que vê além do aparente.

Por meio desse cenário visto, o Cerrado em torno da cidade, o poeta, nostálgico e cismarento, evidencia o desfalecimento do dia, da natureza por completo, como se tudo morresse. Fala das cores do dia sumindo entre a ramagem e o canto triste das aves noturnas, como se revivesse sofreres, penares e mágoas antigas, por meio da visão da natureza.

A' tarde, quando tudo desfallece,
Cahe em langor a natureza inteira,
Quando do dia á hora derradeira
A luz crepuscular desaparece;

²⁶ Augusto Ferreira Rios nasceu na Cidade de Goiás, Estado de Goiás em 1876 e faleceu em Goiânia em 1959. Era filho de André Ferreira Rios e Luiza Venância de Almeida Rios. Estudou no Lyceu de Goiás e no Seminário Santa Cruz. Foi professor de Latim e, mais tarde, bacharelou-se em Direito, turma de 1906. Foi professor de Direito, fundador da Academia Goiana de Letras e aposentou-se como Desembargador. Publicou os livros *Bouquet e Ramalhete*.

Quando uma brisa, a perpassar ligeira
Murmura pela rama a humilde prece,
Aqui sòsinho, enquanto a noite desce,
Passo a scismar em ti, visão fagueira!

E triste e só, enquanto lamentosa
Morre no espaço a nota dolorosa
De ave nocturna que soluça e geme,

Pobre poeta, no tanger da Lyra,
Tiro do peito, que a tristeza inspira,
Estes meus versos, num suspiro extreme...

Já no outro livro, escrito anos mais tarde, continua a evocação aos poentes. Assim, Rios (1917, p. 150), destaca no poema “Ocasos goianos”, também de forma lírica e nostálgica, o morrer da natureza no fim do dia. Remete ao ideário religioso de uma hora dedicada à oração.

É a hora do ângelus, como um momento de relembrar o dia ou o tempo passado em suave nostalgia. Coloca o ocaso roxo, como símbolo de dor e agonia, na natureza que estremece e se embala na hora do fim do dia. É o poeta já no século XX com toda a carga emocional romântica em relação ao tempo e à natureza, como o fizeram os poetas de quase cem anos antes.

À tarde quando escuto essa dolência
Do triste campanário a Ave-Maria,
Eu sinto insuportável a pungência,
Que tão profundamente me crucia...

Meu Deus! Como é de dor e de agonia
O badalar do sino... A existência
Já passada e em tela fugidia
Esbatida em saudade... oh! Que plangências!

Poentes de Goiás! Ocasos roxos,
Por onde coam ainda os raios frouxos
Do sol já quase posto no horizonte...

Vós sois como estas ânsias que em mim trago,
Saudades, ser não ser, um mundo vago
Que embalam minha cismadora frente!

Assim como Ricardo Paranhos cantou Catalão em meio ao verde, mergulhada entre as matas e o Cerrado, da mesma forma o fez Augusto Rios sobre Jaraguá, ao cantar a linda cidade, entre as serras, derramada entre as matas, numa sugestão de vida natural e

alegre, somente alcançada, como os Parnasianos, em meio ao sadio viver como parte da natureza.

Dessa forma, Rios (1917, p. 87) evidencia a então pequena cidade de Jaraguá:

É uma terra mimosa
Onde se vive e se goza
A vida em doces enleios...
Tem em seu seio, venturas,
Raras sinceras e puras,
Das aves tem o gorgueio.
Oh, como é belo, ridente,
Ver essa aurora fulgente
No róseo céu a brilhar,
Enquanto alegre, saltita
A passarada, que agita
A ramaria a trinar.
Eu amo a vida serena
Que o campo, na paz amena,
A todos nos oferece;
Eu amo o aroma das flores
Com os matizes, as cores
Do dia, quando amanhece...

Numa visão Parnasiana, tudo tece como sendo a felicidade fruto da integração do homem ao meio natural, ou seja, o Cerrado. É o que Besse (2006) define como paisagem-mundo, em que, numa simples e pequena amostra, contém todos os elementos da totalidade da visão geográfica e artística. É a síntese.

3. 16 - Josefina Pinheiro de Lemos Mendes, os saraus, a poesia e o Cerrado

Josefina Pinheiro de Lemos Mendes²⁷ foi uma poeta popular em Vila Boa de Goiás, que declamava nos saraus do Palácio e nas festas familiares, reacendendo o espírito bairrista do vilaboense, principalmente nos difíceis tempos de pré e pós-mudança da capital para Goiânia.

Sua produção prima por versos populares, comuns, também diferentes do movimento modernista brasileiro. Desprovidos de estrutura, tecidos pelo telurismo e pelo amor à Cidade de Goiás, seus versos pecam pelo senso comum, pelo excesso de descrições, mas registram um momento em que Goiás, antiga capital, era difamada e, por isso, sua

²⁷ Josefina Pinheiro de Lemos Mendes nasceu na Cidade de Goiás em 1891, filha de Francisco Pinheiro de Lemos e Emília de Souza Pinheiro e faleceu na mesma cidade em 1971, aos 80 anos de idade. Estudou no Grupo Escolar de Goiás e foi por alguns anos, professora primária. Desde cedo, dedicou-se ao verso e à declamação nos saraus da antiga capital goiana. Foi casada com o português Maximiano Mendes. Deixou vários poemas publicados, outros inéditos, reunidos num livro organizado por Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado e Maria Mendes Loyola.

produção é acentuadamente marcada pelo anseio de fazer renascer o amor pela velha urbs do Anhanguera.



Figura 143 - Josefina Pinheiro de Lemos Mendes na Cidade de Goiás em 1919. Acervo de Bento Fleury.

É possível observar seu poema de 1931, publicado no jornal *Cidade de Goyaz*, semanário dirigido por Garibalddi Rizzo de Castro e Luiz do Couto Filho, único que permaneceu na velha cidade, mesmo depois do advento da mudança da capital. Com o título de “Cidade de Goiás”, o poema é todo tecido pelas boas lembranças da cidade que, naquele tempo já caía num ostracismo quase irremediável:

Gente boa, hospitaleira
De minha terra querida
Que humilde vive escondida
Por detrás da cordilheira...

Serra Dourada altaneira
Dom Francisco majestoso,
Cerro imponente, orgulhoso
Santa Bárbara – a colina
Sob a igreja pequenina
Com seu manto de verdura
Despertas na alma ternura

Ó minha terra natal!

Goiás sem par, sem igual,
Terra das uvas cheirosas,
Um imenso parreiral,
Cheio de frutas gostosas;
De dupla colheita ao ano
É coisa ante natural.

Ó cidade dos outeiros
Que pena, tudo passou!
É isto que aqui ficou: algum caçador já velho,
Funcionário aposentado...

Ponte Nova, Carmo e Lapa
É uma trinca que escapou
Também o Rio Vermelho,
Pois esse ninguém levou!

O poema de Josefina Pinheiro de Lemos Mendes apresenta uma linguagem simples descomprometida com os anseios românticos das demais autoras antes analisadas. Seu compromisso é com a cidade de Goiás, sua gente “boa e hospitaleira”, suas riquezas geográficas e patrimônios “Rio Vermelho, morro Dom Francisco, Serra Dourada, igreja de Santa Bárbara”, suas frutas abundantes “um imenso parreiral”.

O poema apresenta em sua estrutura estrofes em quartetos (primeira e quinta estrofes), quinteto (quarta estrofe), sextilha (terceira estrofe) e oitava (segunda estrofe). Não apresenta, em sua oitava, a rima clássica ab ab cc, mas em alguns versos, prima por rimas misturadas, além do hipérbato “despertas na alma ternura” e dos termos recorrentes como: “sem par”, “sem igual”, “Ó cidade”.

Essa mistura representa uma ruptura com o modelo padrão, ou talvez, o desconhecimento do modelo estético clássico, já que a poeta possuía estudos apenas a nível secundário, embora fosse autodidata, fazendo cursos com o dicionarista Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, autor do *Anuário histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás* publicado em 1910.

O poema ostenta, ao lado da valorização das coisas da terra de Goiás, a crítica social ao processo de mudança da capital do Estado, insuflado por brigas políticas intensas, já que desde o lançamento da Pedra Fundamental em 1933 a Cidade de Goiás foi gradativamente perdendo *status*, estabelecimentos, riquezas e investimentos. Reflete o abandono a que foi ficando a velha cidade do Anhanguera, após a mudança das repartições públicas, faculdades e até da destruição de algumas de suas joias arquitetônicas como as estátuas que existiam nos

jardins do Palácio Conde dos Arcos e a famosa “Pedra Goyana”, que encimava um outeiro na Serra Dourada, dinamitada nesse turbulento período.

Na obra *Apenas um violão*, de Bernardo Élis (1973)²⁸, também se percebe a séria crítica a esse processo rigoroso de discriminação da cidade de Goiás. Em algumas crônicas de Nice Monteiro Daher, em seus livros *Revoada* e *Caminhos*, a mágoa do vilaboense com relação ao abandono a que ficou relegada a bisseccular urbs do Rio Vermelho está registrada, não permitindo que, com os passar dos anos, a história conturbada da mudança da capital, seja esquecida.

De forma categórica e geográfica, a poeta Josefina Pinheiro reafirma que os verdadeiros monumentos de Vila Boa jamais seriam “mudados” para Goiânia numa resistência ao processo que se iniciava e que aos poucos ia minando Vila Boa, mas o que a poeta registra é a riqueza e jamais poderia ser arrancada dos vilaboenses, agora perpetuada pela imagem poética:

Ponte Nova, Carmo e Lapa
é uma trinca que escapou
também o Rio Vermelho,
pois esse ninguém levou

Os versos de Josefina Pinheiro são tecidos por meio das lembranças que são, segundo Benjamim (1985, p. 37) “apenas chave para tudo que veio antes e depois” e nesse aspecto, mesmo de forma anacrônica, popular e sem preocupação estética, a poeta lança-se na busca de um sentido para o que sente, pois sobretudo o “poema é o espaço onde se doa um sentido” (JOSEF, 1986, p.7). E um sentido do eu lírico é recordar, voltando os olhos para a cidade berço dos goianos, sentindo a nostalgia do perdido e do irremediável em nome da questionável evolução.

3.17 - Oscarlina Alves Pinto – No jornalismo e na poesia, um sublime amor à Goiás.

²⁸ Bernardo Elis Fleury de Campos Curado (1915-1997) foi o maior nome das letras goianas, único goiano na ABL, jornalista, romancista, contista, cronista, historiador, professor, funcionário público. Deixou publicados: *Ermos e gerais*, *Caminhos e descaminhos*, *O tronco*, *Apenas um violão*, *Chegou o governador*, *Veranico de janeiro*, *Primeira chuva*, *Marechal Curado*.



Figura 144 - Oscarlina Alves Pinto, poeta e jornalista pioneira na Cidade de Goiás. Acervo do Jornal *O Lar*, de 1927.

O nome da jornalista, poeta e escritora Oscarlina Alves Pinto²⁹ representa um ideário em nome da cultura e do jornalismo na Cidade de Goiás.

Seus poemas, ora soltos, ora presos ao formalismo revelam Goiás, Estado e cidade, numa profundidade de visão. É a observação de uma mulher reveladora, que, de seu ambiente do Largo do Chafariz na velha cidade do Anhanguera, soube tecer com os fios mágicos das letras, a sutileza da visão plasmada no invólucro das sensações.

²⁹ Oscarlina Alves Pinto nasceu na Cidade de Goiás em 1885 e faleceu na mesma cidade em 1949. Era filha de Luiz Alves Pinto e Amália Monteiro. Professora, poeta e jornalista, destacou-se por dirigir o jornal feminino *O Lar*, na década de 1920, na antiga capital goiana. Deixou obra esparsa em jornais do Estado e principalmente no Jornal por ela gerenciado e dirigido.



Figura 145 - Casarão de Oscarlina Alves Pinto, no Largo do Chafariz, no bico de pena de Célia Coutinho Seixo de Britto. Acervo de Bento Fleury.

No ano de 1924, publicou o poema abaixo no Jornal *O Lar*, como expressão de seu idílio e de sua alma a se derramar lírica nas letras:

Manhã de primavera, dolente e fria.
De cada canto, no espaço, uma tristeza difusa.
Cantos de jaós, os pássaros todos, em nostalgia
Deixavam minh'álma triste e confusa.
Não sei como pude sair no campo, sozinha
Ver a planura total dos prados virentes
Sentir fundo essa tristeza só, só minha,
E ver todas as árvores, ao vento, trementes...

Vi o pau terra curvado, como eu, torto,
Com a casca grossa a ocultar segredos
Era como eu e meu sonho morto
Soterrado por lágrimas dores e medos...

Senti a tristeza da paisagem do Cerrado
Tudo mirrado, distante, triste,
Como se no mundo tudo fosse errado
Como se mais nada existisse.

Assim eu sigo nesse campo. Solidão
Calcando em meu peito a ilusão
A dor profunda que você me fez.
Odiar é amar, segunda vez!

Esse poema nostálgico de Oscarlina Alves Pinto vem arregado de profunda mágoa, desafoga no Cerrado e no campo os seus penares. Na evocação de certas características da vegetação, remete-nos à comparação entre o pau terra subjugado e torto, rebaixado, ao seu próprio coração, numa interessante analogia. O campo aberto, com as árvores soltas oferece a ideia de amplidão, de abandono em meio ao nada. E a paisagem tantas vezes, enfezada, remete ao pensamento de confusão, do prado aberto a múltiplas interpretações.

Nesse poema, Oscarlina Alves Pinto, com seu viver solitário e arredo, fez muito triste o cenário do Cerrado, como em nenhum outro poeta aparece. Há uma melopeia própria para sua tristeza, difusa, profunda, total.

3.18 - João Accyolli, o *Olho d'água* e o *Barro Preto* do Cerrado, telurismo e modernidade na poética goiana.

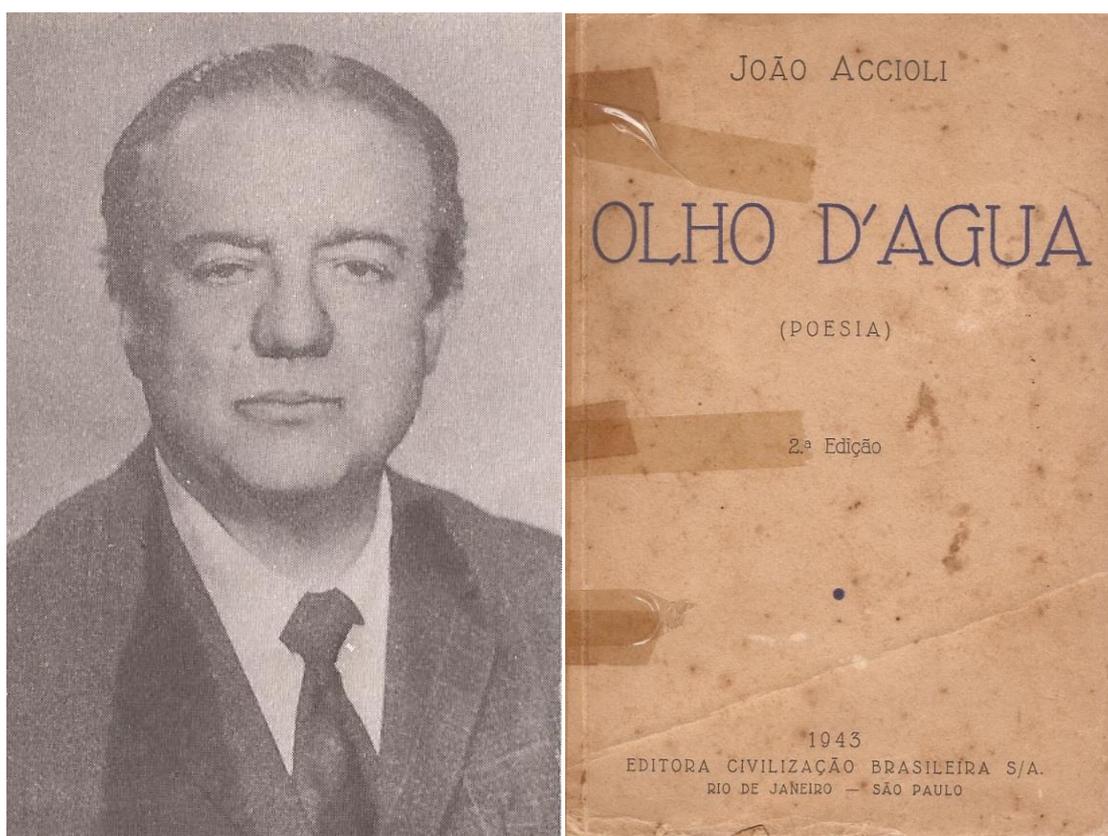


Figura 146 - João Accyolli, poeta e prosador e a capa de seu livro *Olho d'água*, publicado na Editora Civilização brasileira, no Rio de Janeiro em 1943. Acervo de Bento Fleury

Os traços de modernidade na poesia goiana começam a aparecer a partir dos primeiros anos do século XX. João Accyolli³⁰ é um dos primeiros nomes a se despontar com uma poesia inovadora e telúrica, a evocar o Cerrado goiano de forma inusitada, em versos livres e carregados de belos sentimentos.

Em seu poema “Cenário do sertão”, Accyolli (1943, p. 26), destaca de forma lírica em livre, o Cerrado goiano em toda a sua majestade e beleza: as flores roxas das barrigudas estrepentas, os tapetes amarelos de caraíbas ao vento; os lençóis d’água estagnada, os bacuris, os buritis, os ventres das serras, as folhas da macaúbas com seus cocos pendentes; os assa-peixes, jaós, juritis, mutuns, sucuris, campinas e capinzais; os ipês secos nos brejais, expostos no cenário, como se fosse uma câmera pouco a pouco montando o panorama a ser desvendado de forma doce, como se cada coisa fizesse sua parte para compor a moldura do sertão envolto em seu mistério e opulência.

Todo o livro de João Accyolli é composto por esta tentativa de fixação do sertão em seu verdadeiro lugar e o Cerrado compondo um cenário destituído de agonia ou tristeza dos poetas do passado; mas, em cada cena, exposta no cenário, há uma tentativa de fixação, de registro, de animação. E o poeta exalta de forma veemente todo o sertão cerradeiro numa apologia deslumbrada forte, colocando-o como algo admirável e digno de nota.

Cabeças loiras de bonecas de milho verde
soltas ao vento cheiroso das flores roxas das
barrigudas de espinhos.
Esperanças verdes de arrozais estendidos sem fim
Sobre o passadismo sertanejo das palhadas velhas...

Tapete amarelo de caraíbas do mato
cobrindo lençóis de olhos d’água estagnados.

Ventres hidrôpicos de bacuris antigos,
suzeranos das bibocas e bocainas,
das dobradas dos morros e labirintos das serras,
- sobreviventes seculares
da inclemência das queimadas...

Leques de macaúbas enfunadas em fileiras dissimétricas
pelas pastagens, mangueiros e sarandís de assa-peixes.

Cêrcas de arame abraçadas a postes de vinhático
que a natureza criou
como desafio aos metais.

³⁰ **João Batista Gonçalves Martins Accyolli Soares** nasceu em Piracanjuba, antiga Pouso Alto em 1912 e faleceu em São Paulo, em 1990, aos 78 anos de idade. Era filho de Francisco Accyolli Martins Soares e Teófila Gonçalves Soares. Estudou em Uberaba e depois fez o curso de Direito em São Paulo. Jornalista e funcionário da CEF, depois seu presidente, Secretário Municipal de Educação de São Paulo. Foi membro da Academia Goiana de Letras. Publicou *Olho d’água*, *Barro Preto*, *Canção da manhã*, *O tempo repetido*.

Caminhos abertos no impossível das mumbucas
para acender, bem longe, a fornalha ambígua da
civilização...

Estradas mortas, atalhos destruídos, pontes caídas
à força do dinamismo barrento das enchentes
vorazes.

Porteiras perdidas nos confins dos chapadões.
Canceladas vazadas inexoravelmente pela irreverência
das balas

da garrucha sem calibre de um caboclo despeitado...

Sob o teto verde dos angicos que o machado
poupou
- gado espreguiçando-se para a ruminação do
banquete de meloso e jaraguá.

Jaós. Mutuns. Juritís ariscas, em duetos de veludo
pelas restingas e capoeirões.
Casas de mandaguarís nos ipês secos dos brejais,
erguidos para divisa dos tapumes.

Tropéis longínquos de boiadas gordas
seguido o som do berrante típico do peão.
Tropéis monótonos de tropas nas estradas,
estuano aquejantes sob estalar contínuo
do chicote do arreieiro.

Cruzes plantadas perenemente à beira dos
caminhos.
como documentos pungentes de uma tocaia
malvada!
Buritís cobrindo ribeirões escuros – ninhos de
sucuris.
Grotas. Desbarrancadas. Lagoas: vestígios virgens
de minerações antigas,
- glórias imorredouras de Bandeiras remotas..

Currais de pedra
com cancelas de taboas nas fazendas grandes.
Currais de varas
com porteiras de varas nas moradas miúdas.

Sertão. Grandeza incomensurável de poemas
bárbaros
inéditos no coração de tua gente...
Sertão! Maravilha verde, feita para a idolatria
vermelha
do poeta
que te ama loucamente...

A tentativa de um verso bárbaro para a grandeza incomensurável do sertão, faz da obra de João Accyolli algo profundo e denso no estudo da Literatura sobre o Cerrado, pois

vem a destacar uma evolução, uma grandeza na observação do Bioma, diante de todas as suas peculiaridades.

Um Cerrado que possui suas formas próprias e distintas, com diferentes manifestações em cada região como “um Bioma misturado”, na visão de Cardoso (1965, p. 40), ao destacar seus conceitos:

Cerrados: constitui-se de uma formação mais rala que a floresta e formada de arbustos freqüentemente espinhentos. O cerrado ocorre principalmente na área do planalto Central (Mato Grosso, Goiás e também em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Piauí e Maranhão) e constituído de uma mistura de pequenos arbustos, tortuados, com caules revestidos por espessa casca e de folhas ora largas ora pequenas que se erguem do meio de uma vegetação de gramíneas de caules lenhosos e algumas árvores mal desenvolvidas.

É um canto de louvor ao Cerrado em todas as suas belezas, na afirmação pelo próprio título depois de tudo mostrar em beleza: “Assim é meu sertão”, ou seja, como se, mostrando, indicasse passo a passo as maravilhas brotadas do chão goiano.

A terra encharcada
Da água empoçada
Nas folhas secas e coivaras caídas
Desprende perfumes de mil essências cozidas
No laboratório
Das ramagens.

Paus-d’arcos amarelos e ingazeiros retortos
Levantam para o céu
A opulência do seu eu
Ostentando a nova geração de flores e frutos
Que a maravilha do clima sazou
E a primavera cheirosa
Ofereceu.
E o viajante bisonho pasma ante a exuberância da paisagem
Exibida na arquitetura nativa:
Casas verdes
De moitas de timbó.

Mas a inclemência de agosto
Apresenta em seguida este cenário de mau gosto:
Árvores despidas,
Folhas caídas,
Rolando doidamente pelo chão.
Olhos d’águas sumindo nas bibocas
Sem a gente saber para onde vão...
E a terra ardendo e fogo, a terra quente,
Saturada de sol e de calor,
É toda uma fornalha incandescente
A arder no labirinto das chapadas
Sob a violência ululante
Das labaredas
Das queimadas...

Nesse poema, Accyolli (1943, p 16) evoca a terra dadivosa dos goiases. E como um guardião do Cerrado vai abrindo pressuroso todos os significados e significantes desse termo: a terra encharcada e perfumada; as ramagens apodrecendo folhas antigas, paus-d'arcos, ipês, caraíbas, os timbós, as ramadas, cipós, árvores como os ingazeiros, compõem o cenário descrito pelo poeta em sua evocação.

3.19 - Emília Perillo Argenta, goianidade, Cerrado e história em líricos versos

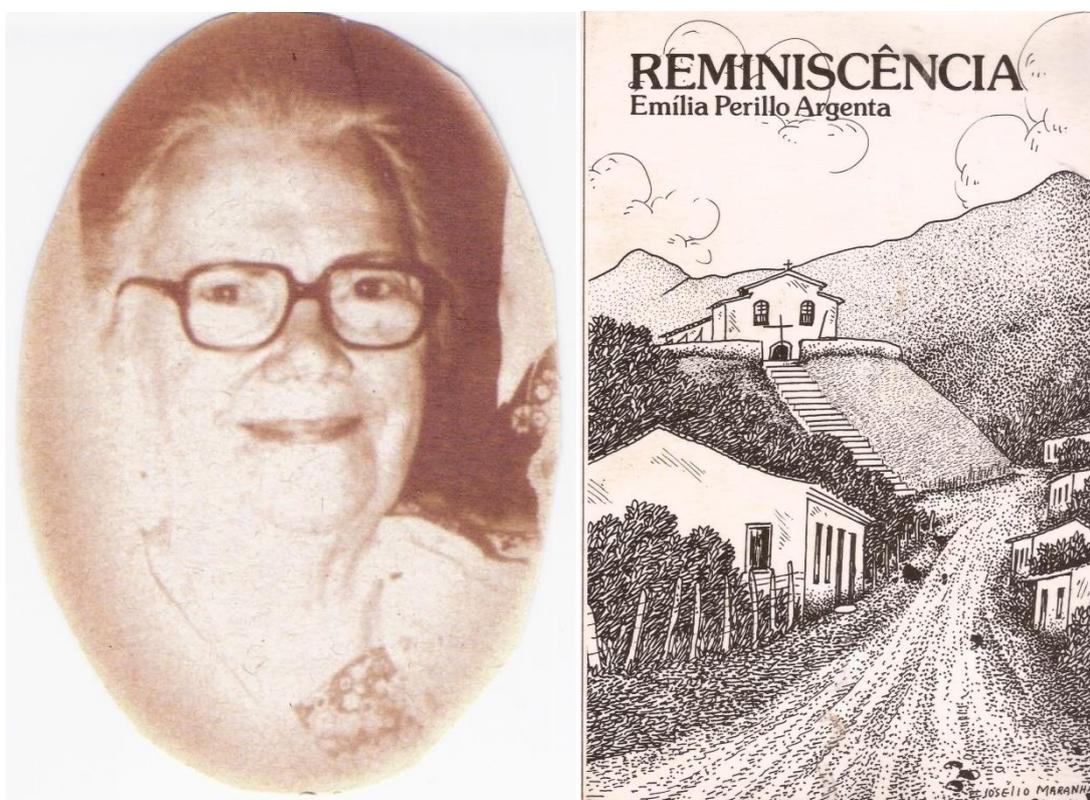


Figura 147 - Emília Perillo Argenta e a capa de seu livro *Reminiscência*. Acervo de Bento Fleury.

Emília Perillo Argenta³¹ construiu sua obra poética calcada no sentimento de adoração ao berço natal e seus costumes, hábitos e particularidades. Poeta e professora nascida em 1902 e falecida em 1991, construiu uma história de dedicação ao magistério nos mais de quarenta anos de trabalho no “Grupo Escolar de Goiás”, enfrentando o marasmo do

³¹ Emília Perillo Argenta nasceu na Cidade de Goiás em 1902, filha de Rafael Perillo e Joana Gomes Perillo. Normalista pelo Colégio Santana em 1919. Professora e diretora do Grupo Escolar de Goiás nos anos que sucederam a mudança da capital. Poeta, publicou o livro *Reminiscência* quando tinha 89 anos. Faleceu em Goiânia em 1991, aos 89 anos de idade.

pós-mudança da capital para Goiânia. Vejamos seu poema “Vila Boa” publicado em 1922 também no jornal *Cidade de Goyaz*:

Minha velha cidade,
Toda de morro cercada
Parece uma linda pérola
Numa rica jóia incrustada.

II
Terra de grandes homens,
Berço de educação e cultura,
Seu nome será sempre falado,
Bem alto, em grande altura.

III
Terra de Ministros e Marechais,
E de bons Governadores,
De muito homens cultos,
E de competentes professores.

IV
Berço de Joaquim Bonifácio,
Autor de “Noites Goianas”
E de outras poesias,
Muito lindas, muito lhanas (...)

XII
Quero fechar os meus olhos
No momento final,
Sabendo que vou morrer
Na minha cidade natal.

XIII
Quero minha residência eterna
À sombra de uma palmeira,
Onde, pela manhã,
Canta um sabiá laranjeira. (ARGENTA, 1990, p. 18).

Emília Perillo Argenta, tal qual Josefina Pinheiro de Lemos Mendes, apresenta versos singelos, primando pelas rimas entrecruzadas e pela quadra, denunciando, aí, a forma antiga e já à época desusada, da própria construção poética, adotando temas piegas e muitas alusões a figuras de Goiás.

Educadora em Goiás, como já salientamos, a poeta sempre colaborou com o jornal *Cidade de Goyaz* desde a década de 30, auxiliando os jornalistas Garibalddi Rizzo e Luiz do Couto Filho. Publicou seu primeiro livro de poemas *Reminiscência*, quando tinha 89 anos de idade, falecendo no ano seguinte, 1991.

Seus singelos versos fazem um panegírico à antiga capital de Goiás, recordando seus morros, a preocupação da cidade com a instrução desde o Império, seu poeta Joaquim

Bonifácio, imortalizado pela famosa música “Noites goianas” e o desejo de expirar no berço amado.

É um poema encomiástico, singelo, porém com versos carregados de significado histórico e social, pois a poesia é um texto infinito com alternância histórica, revendo o passado. Porém, sua poesia significa, dentro das inovações estéticas dos idos de 1922, um retrocesso, embora saibamos que foi concebida por uma moça provinciana de apenas 20 anos de idade.

Mas, há, no poema, a concepção de lugar, em que ressalta Chaveiro (1989, p. 99): “A própria vida humana significa lugar”. E este vem repensado de diversas maneiras, por vários prismas até o sentimento de pertencimento.

3.20 - Bernardo Élis, os poéticos motivos do chão de Goiás desde a *Primeira chuva*

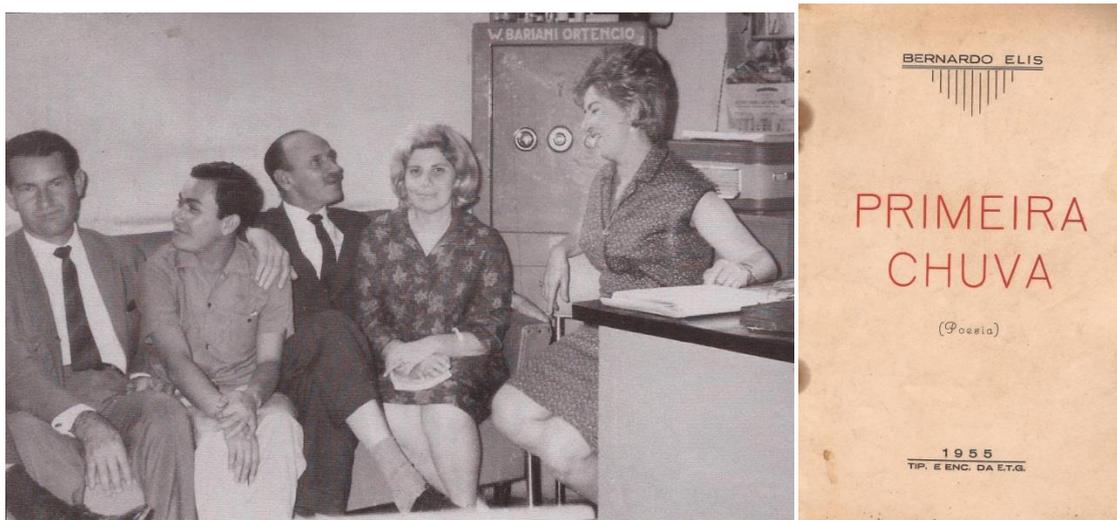


Figura 148 - Escritório do Bazar Paulistinha na década de 1960. Presentes Bariane Ortêncio, Emílio Vieira, Bernardo Élis, Violeta Metran e Regina Lacerda. Acervo de Bento Fleury.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado³² foi um nome na cultura de Goiás, uma personalidade na literatura feita em Goiás. Era filho de outro poeta de nosso Simbolismo, Érico José Curado (1880-1961) e de Marieta Fleury Curado (1895-1990).

Pelo conjunto de sua obra, expressiva e bela, recebeu inúmeros prêmios literários: Prêmio José Lins do Rego (1965) e Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro (1966), pelo

³²**Bernardo Elis Fleury de Campos Curado** nasceu em Corumbá de Goiás em 1915 e faleceu em Goiânia em 1997, aos 82 anos de idade. Era filho de Érico Curado e Marieta Fleury Curado. Escritor, professor, poeta, pesquisador. Único goiano na ABL. Foi Secretário de Estado da cultura, nome emblemático na história de Goiás. Deixou obras de grande valor como *O tronco*, *Chegou o governador*, *Primeira chuva*, *Apenas um violão*, *Ermos e gerais*, *Caminhos e descaminhos*, *Veranico de janeiro*.

livro de contos *Veranico de janeiro*; Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, pelo seu *Caminhos e descaminhos*; Prêmio Sesquicentenário da Independência, pelo estudo *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional* (1972). Em 1987, recebeu o Prêmio da Fundação Cultural de Brasília, pelo conjunto de obras, e a medalha do Instituto de Artes e Cultura de Brasília, mesmo ano de sua morte.

As principais obras de Bernardo Élis foram *Primeira chuva, poesia* (1955); *Ermos e gerais, contos* (1944); *A terra e as carabinas* (1951); *O tronco, romance* (1956); *Caminhos e descaminhos, contos* (1965); *Veranico de janeiro, contos* (1966); *Caminhos dos gerais, contos* (1975); *André Louco, contos* (1978); *Seleta de Bernardo Élis. Org. de Gilberto Mendonça Teles; estudo e notas de Evanildo Bechara* (1974); *Caminhos dos gerais* (1975); *Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil* (1980); *Apenas um violão* (1984); *Goiás em sol maior* (1985); *Jeca-Jica-Jica Jeca* (1986); *Chegou o governador* (1987); *Obra reunida de B. É.* (1987).

A sua consagração máxima como escritor veio há 40 anos. Em 1975 foi eleito, vencendo JK, o quarto ocupante da Cadeira 1, da Academia Brasileira de Letras, eleito em 23 de outubro de 1975, na sucessão de Ivan Lins e recebido pelo Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 10 de dezembro de 1975. Até hoje é o único goiano eleito para a Casa de Machado de Assis.

Em seu livro de poemas *Primeira chuva*, publicado há 60 anos, Curado (1955, p. 25), evoca a paisagem goiana, com sua verve poética única, em que, na forma livre, lírica, mas crítica; demonstra o interesse por novas possibilidades de visão da mesma paisagem, diferente dos poetas românticos anteriores.

Destaca ele o ambiente bucólico da Cidade de Goiás, com seu casario mergulhado entre pedras e árvores retorcidas e as cajazeiras do Largo, com seus frutos cheirosos, lembram a passada era, o cheiro úmido dos frutos podres na rua, as árvores misturadas nos quintais e no Cerrado próximo, já que os morros fecham a cidade.

Parece haver fantasma de Bandeiras
passeando pelas ruas estreitas e sombrias,
- as casas baixas se escorando umas nas
outras pela encosta arriba

(Rua da Abadia,
Casa da Pólvora,
Bica 383el rei...)
Já vai tão longe o tempo
em que a busca do ouro
era a grande ambição!

(Palácio dos Arcos,
dos Távoras, Rua da Fundação...)

copas de grandes cajazeiras
sujando a brancura das calçadas
com o preto frescor das sombras úmidas.

(Águas férreas,
Morro das Lages,
Largo da Força, onde aparecer assombração...)

Parece que vi dois vultos
vestidos de couro,
calçados de botas,
barbudos, grandões,
no escuro do beco
jogando as espadas!

Depois da evocação histórica, Curado (1955, p. 27) destaca o significado das árvores, numa viagem para Curralinho, hoje Itaberáí, a passar pelo Rio das Pedras, evidencia as mesmas como corcundas e retorcidas; típicas do Cerrado, a cachimbar as copas verdes, “numa paz cansada e imutável”. Descrição poética das árvores do Cerrado a se debruçarem sobre as águas, ou nos campos, como pessoas idosas, cansadas e recurvas pelo peso da vida.

Mostra o rio preguiçoso, vadiando entre as sombras. São imagens de um tempo passado em que este rio era importante para a cidade. Visão de um poeta em viagem, a olhar a paisagem, a senti-la, a demonstrá-la com o intuito de eternizar instantes e lugares.

Passei o Rio das Pedras:
vi árvores enormes,
corcundas, retorcidas,
cachimbando as copas verdes
numa paz cansada e imutável;

árvores enormes,
raízes agarradas nos barrancos,
reflexos verdes nas águas paradas,
nas águas que não correm,
que não se movem,
desse rio fleugmático e metódico,
vadiando entre as árvores corcundas;

Mas não vi pedras.

Ao destacar o poema que dá nome ao livro, Curado (1955, p. 12) anuncia a chuva como modificação de todo um processo doloroso no sertão, em que sofrem animais, plantas e

peçoas: “Depois a chuva caindo em grossos pingos/sobre os telhados/na poeira ressequida das estradas/ na terra queimada das queimadas/desprendendo um cheiro forte de gestação”.

É uma visão particularizada da paisagem, muito própria, muito específica, como nos reporta Almeida e Chaveiro (2008, p. 47): “A paisagem é uma construção, um produto da apropriação e da transformação do ambiente em cultura. Assim, os seres humanos lhe atribuem um significado”. E Bernardo Elis construiu múltiplos significados ao ambiente goiano, ao Cerrado, com sua legítima vivência.

Na sua visão, a terra onde gesta o Cerrado é propiciadora da vida.

3.21 - Cora Coralina, coração vermelho, coração de coral, a pulsar a goianidade

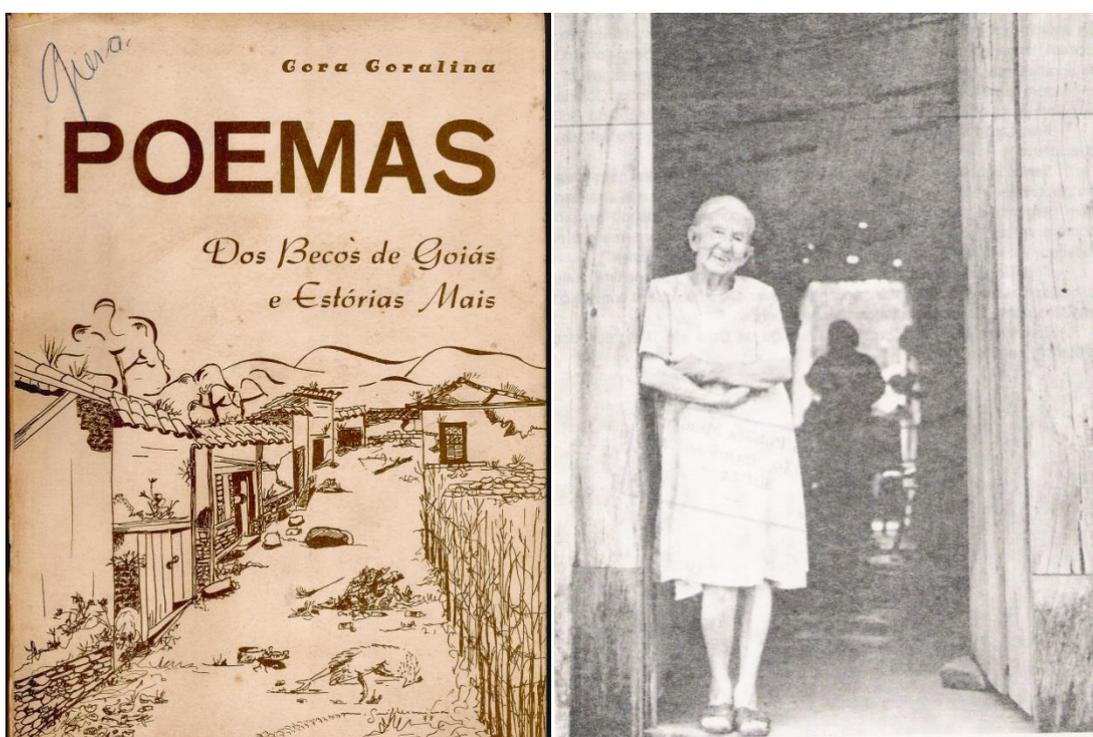


Figura 150 - Capa do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, de autoria de Maria Guilhermina Fernandes e a poeta na porta de sua casa, na Cidade de Goiás, aos 94 anos de idade. Acervo da Casa de Cora Coralina.

Consagrada nacionalmente Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas³³ imortalizou-se no pseudônimo que hoje é o símbolo de Goiás: Cora Coralina. Nascida em 1889 e falecida em 1985, essa poeta e jornalista iniciou cedo a sua produção literária no jornal *A Rosa*,

³³**Cora Coralina** nasceu na Cidade de Goiás em 1889 e faleceu em Goiânia em 1985, aos 96 anos de idade. Era filha de Jacinta Luiza do Couto Brandão Peixoto e Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto. Poeta, declamadora, doceira. Mulher intelectual, legítimo ícone de Goiás. Residiu também no Estado de São Paulo. Publicou os livros: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, *Vintém de cobre*, *Meu livro de cordel*, *Estórias da casa velha da ponte*.

editado por Heitor de Moraes Fleury³⁴, e, mais tarde colaborou no *Anuário Histórico e Descritivo do Estado de Goiás*, publicado em 1910 pelo professor Ferreira, já citado anteriormente.

Afastando-se de Goiás por 45 anos, só retornou em 1965, quando retomou suas atividades de poeta e doceira. A partir dos 90 anos teve intensa atividade intelectual, lançando os livros *Vintém de Cobre*, *Meu livro de cordel* e *Estórias da casa velha da ponte*, recebendo prêmios por todo o Brasil.

Cora Coralina, símbolo de coragem, merece o reconhecimento de todo o povo brasileiro através de sua produção lírica, carregada de sentimento profundo por sua terra e gente. Da mesma forma como fizeram vários escritores brasileiros que representaram a alma do homem sertanejo, a nossa poeta cantou, nos seus versos cheios de vida, o cotidiano de pessoas comuns da cidade e da gente simples do meio rural – daí a sua eternidade no coração de todos nós que carregamos na alma o sentimento telúrico herdado daqueles que nos precederam no próprio tempo.

Em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, livro publicado pela Editora José Olympio em 1965 e depois pela coleção “Documentos goianos” da Universidade Federal de Goiás, Cora Coralina cantou o telúrico, a magia dos becos de sua cidade natal, revelando argúcia perspicácia ao registrar a convivência social naquela época:

Becos da minha terra,
Discriminados e humildes,
Lembrando passadas eras...
Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco de Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...(..)

A estória da Vila Rica
É a estória da cidade mal contada,
Em regras mal traçadas.
Vem do século dezoito,
Vai para o ano dois mil.
Vila Rica não é sonho, inventação,
Imaginária, retórica, abstrata, convencional.

³⁴**Heitor Fleury** (1889-1972) natural de Goiás, foi jornalista em *A Rosa* no ano de 1907, primeiro juiz de Goiânia, intelectual e conferencista..

É real, positiva, concreta e simbólica.
Involuída, estática.
Conservada, conservadora.
É catínguda.

Telúrica, como as demais poetas vilaboenses, Cora Coralina faz um canto à sua velha cidade, demonstrando certas críticas ao definir os becos de Vila Boa como lugar de pessoas sem classe, depósito de lixo e de animais mortos.

É o reflexo social de sua obra que mostra, com olhos mais críticos, todo o significado do beco na sinédoque da parte (o beco geograficamente pequeno) pelo todo (também feito de gente “pequena” e marginalizada).

A ideia de exclusão é uma constante em todo o trecho poético, colocando em evidência os vários becos existentes e dando ênfase ao “Beco da Vila Rica”, palco da busca do ouro, do rico veieiro que ia desembocar no Rio Vermelho. No contraste entre riqueza e miséria, a poeta evoca a gente simples residente no beco já decadente e por suas mãos, toda a faina desaparece e vira matéria de poesia, numa visão amplamente carregada de significado.

Em versos livres, soltos, descompromissados com a metrificação, mas carregados de lirismo, amor pela sua terra, denúncia, mostragem do “menos” e do menor, Cora Coralina tece sua alma telúrica em versos ritmados, imortalizada na divulgação que Carlos Drummond de Andrade fez de sua poesia na imprensa nacional.

Cora faz um “passeio” sentimental pelas ruas escuras da cidade de Goiás, dando ênfase aos becos afastados e abandonados pelo poder público, local de residência de gente simples, prostitutas, marginalizados sociais, todos amparados pela pena da poeta que sempre se confessou “pobre e carregada de sonhos”. E assim ela busca a perenidade, pois “a arte não é puramente a tentativa de alcance da universalidade humana, ela adere, integra-se à voz da humanidade”. (ADORNO, 1983, p.194)

O tema telúrico também esteve presente nas décadas seguintes no trabalho intelectual de Regina Lacerda, Guiomar de Grammont Machado³⁵, Indalécia Guedes de Amorim Coelho³⁶ que, a partir dos anos 60 do século XX, publicaram livros não só de poemas, mas também de prosa, o mesmo ocorrendo até a atualidade com as poetas Nice

³⁵ Guiomar de Grammont Machado (1901-1985) natural de Jucuí em Minas, fez curso de farmácia em Belo Horizonte, foi professora em Luziânia e fundadora da Faculdade de Farmácia e odontologia de Goiás. Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás deixou publicado apenas um livro intitulado *Mensagens*.

³⁶ Indalécia Guedes de Amorim Coelho (1900-1987) natural de Goiás, foi poeta e conferencista. Faleceu no Rio de Janeiro e deixou publicado o livro *Retalhos d'alma*.

Monteiro e Célia Siqueira Arantes. Percebemos que o telurismo na produção poética feminina em Goiás perdura até os dias atuais, sendo temática recorrente nos mais diversos estilos.

E aquele sertão, aquele Cerrado esquecido, passa a ter nova dinâmica, nova configuração, novos conceitos, que, no pensamento de Almeida e Chaveiro (2008, p. 75), abrem pensamento numa tentativa, ao menos no nome, de se refazer o termo:

De repente, a palavra “cerrado” ganha aura de nobreza. No circuito institucional, expressões como “Capital do cerrado”, “Universidade do cerrado”, “Agricultura cerradeira” traduzem-se como ecos de uma fonte representação. Isso é o mesmo que ocorre num campo mais prosaico como “o picolé do cerrado”, “a farmacopéia do cerrado”, “o bar cerradus”. Além do sentido de representação, eventos como “os povos do cerrado”, “a feira do cerrado”, e manifestações como “danças do cerrado”, “os sons do cerrado” se colocam, concretamente, como atividades que se disseminam com vigor social no atual período.

3.22 - Maria Paula Fleury de Godoy e os sutis traços de modernidade sobre a terra goiana

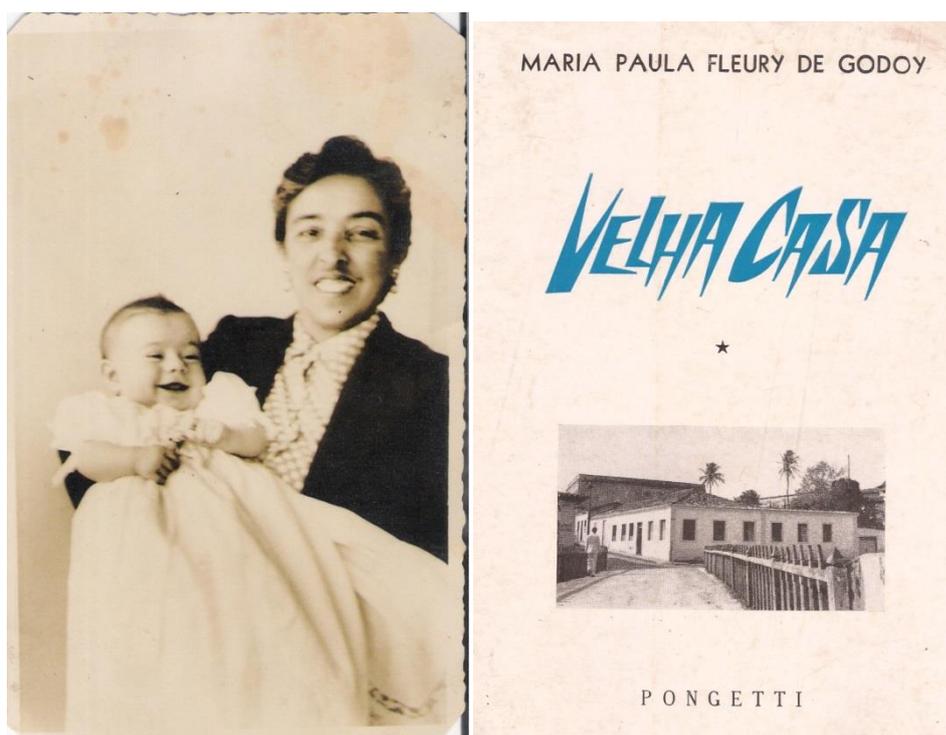


Figura 151 - Maria Paula Fleury de Godoy e um neto, capa do livro *Velha Casa*, que apresenta a Ponte do Carmo e o casarão da família, hoje destruído. Acervo de Bento Fleury.

A modernidade estética na poesia feminina em Goiás apareceu de forma velada e sutil, como veremos somente na década de 1920, por meio das produções de Maria Paula Fleury de Godoy³⁷ que utilizava os pseudônimos de Danilo e Marilda Palínea.

Escritora nata e polígrafa, no dizer de Gilberto Mendonça Teles (1983, p.117), Maria Paula Fleury de Godoy, no alto da chácara Baumann, escrevia pequenas histórias, *tríolés*, pequenos contos, poemas que enviava para jornais do Rio de Janeiro e para o *Jornal Nova Era*, em que tinha uma pequena coluna sob pseudônimo de Danilo.

Na revista *O Tico-Tico*, pioneira no Brasil, destinada ao público infantil, Maria Paula Fleury de Godoy manteve constante colaboração escrevendo histórias para crianças, divulgando lendas do Rio Araguaia; então desconhecido de uma maneira geral.

Na *Revista Feminina de São Paulo*, fundada na década de 1910, situada no Palacete Briccola, na Praça Antonio Prado, no centro de São Paulo, fundada pela jornalista Virgínia Salles, Maria Paula Fleury de Godoy foi intensa colaboradora nos anos de 1918, 1919 e 1920, com crônicas e contos que representavam a mulher goiana em sua intelectualidade, elevando, além-fronteiras, o valor da cultura feminina de Goiás. Nesse período, escreveu também inúmeras vezes para o *Jornal das Moças*, no Rio de Janeiro.

Sob pseudônimo de “Marilda Palínea”, Maria Paula Fleury de Godoy, mesmo sobrecarregada pelos pesados afazeres domésticos, num lar cheio de crianças, com o tempo minimizado pela somatória dos deveres e esposa, mãe e dona-de-casa, nas constantes mudanças impulsionadas pelos deveres do marido, o advogado e escritor Albatênio Caiado de Godoy, percorreu cidades do interior (Jaraguá, Pirenópolis, Goiás), mas nunca deixou o velho gosto de escrever, praticando-o à noite, à luz de lamparinas, fazendo valer o seu esforço de intelectual atuante e consciente de seu dever para com a comunidade.

E o seu labor teve reconhecimento ainda nos anos 20 do século passado quando o seu poema “Velha casa” foi recitado, em 1926, por Eugênia Álvaro Moreyra³⁸, no programa lírico do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Maria Paula conseguiu romper, assim, os limites do Estado, mostrando, na capital Federal, que a mulher goiana estava par e passo com as tendências da literatura daquele

³⁷ Maria Paula Fleury de Godoy nasceu no Rio de Janeiro em 1894 e faleceu em Goiânia em 1982, aos 88 anos de idade. Pioneira da Literatura feminina e do modernismo em Goiás, deixou a marca de seu talento. Publicou vários livros e foi membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Dentre suas obras se destacam: *Sombras, Nós e elas, Suave caminho, Realidade e sonho e Velha casa*.

³⁸ **Eugênia Álvaro Moreyra** – era natural do Rio de Janeiro e engajada na luta modernista, destacou-se como jornalista e declamadora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e também de São Paulo.

momento, compondo versos modernos, livres, ritmados, longos e curtos no agitado período de implantação dos ideais da Semana de Arte Moderna.

Maria Paula Fleury de Godoy também participou dos festejos do “Batismo Cultural de Goiânia”, realizados em 5 de julho de 1942, como colaboradora da pioneira *Revista Oeste*, lançada por ocasião dos festejos e teve o seu poema “Goiânia” premiado pela Academia Goiana de Letras nesse mesmo ano.

Sua produção poética é toda tecida numa nova perspectiva de linguagem, sendo esta “metafórica e oblíqua, quando não inteiramente vertical, o que deforma de certa maneira a representação da realidade que passa a ser compreendida num plano transcendentalmente superior” (TELES,1965, p.87). E essa nova compreensão, acima dos ajustes estéticos do passado dá à produção de Maria Paula Fleury de Godoy um lugar de destaque na poética do século XX em Goiás.

Vejamos um trecho de seu premiado poema “Velha casa”, publicado no jornal *Cidade de Goyaz*, em sua edição de 14 de maio de 1926:

A casa é velha,
pesada,
chata,
branca.
Olha o rio,
olha a ponte,
olha as árvores
com os olhos apagados e vazios das janelas abertas.
Quando a noite abre
um grande guarda-sol preto sobre a terra
começa a melopéia sonora dos sapos.
Outras vezes,
no terreiro varrido do céu,
correm vaga-lumes,
piscam-piscam,
e se apagam.
Outras vezes,
chove luar.
Uma chuva
mansa e luminosa,
que enche de pó de arroz a face branca da velha Casa
e enverniza de prata as águas do rio
e as folhas verdes das árvores.
E a velha casa
cerra os olhos apagados das janelas
e adormece.

O poema apresenta marcas de modernidade justamente por sua apresentação de modo livre, descompromissado, sem rimas ou ajustes de estrofes. Essa visão de liberdade de

criação foi analisada por Miliet (1944, p.96): “o verso livre não foi licença nem anarquia, porém a possibilidade para cada um criar suas próprias leis, as que melhor ajustassem a seu temperamento e sua mensagem”.

É possível observar, assim, que a mensagem do eu lírico está centrada numa temática antiga, aquela do retorno ao lar distante, evocando lugares e seres que partiram, porém, a estrutura está calcada numa liberdade, mostrando pela repetição anafórica de “velha casa” o sentido da perda definitiva do passado.

Percebemos também musicalidade e sonoridade no poema, marcadas pelas idéias quase completas de cada verso, reforçadas pela pontuação: “outras vezes / no terreiro varrido do céu / correm vaga-lumes / piscam-piscam / e se apagam”. As imagens poéticas permitem ao leitor seguir o olhar da poetiza e, de sobressalto, “ver” os vaga-lumes a correr, a piscar-piscar e, quase num desapontamento, não vê-los mais piscar.

Noutra imagem sentir calmamente “a chuva de luar, mansa e luminosa”, “fazendo brilhar as águas do rio e as folhas verdes das árvores”. A casa é personificada em várias passagens do poema: “que olha o rio, a ponte, as árvores”, nas belas metáforas: “terreiro varrido do céu”, “grande guarda sol preto sobre a terra”, no hipérbato “correm vaga-lumes” e principalmente nos assíndetos que permitem pausas na leitura “casa velha / pesada / chata / branca”.

Aparece ainda, a metáfora “outras vezes / chove luar”. Observamos, por meio da força poética de Maria Paula Fleury de Godoy, o fluxo e refluxo das imagens que formam o cenário do poema, fugindo às abstrações românticas do passado, valorizando a força da palavra que é densa de significado.

Numa sequência ascendente de ideias e de fatos, a poeta nos leva a ver, no “terreiro varrido do céu”, as luzes caminhantes dos pirilampos como em grande movimentação, atingindo o clímax, para depois, mostrar a brusca interrupção dessa faina no imenso “guarda sol preto sobre a terra”, perífrase de noite, no termo “e se apagam”, quebrando, como já dissemos, a idéia de movimento.

Nesse aspecto, percebe-se em Maria Paula Fleury de Godoy uma preocupação maior com os recursos linguísticos do poema, distanciando-se daquela forma contemplativa e sentimental do Romantismo nas produções poéticas das literatas anteriores.

Ciente de que a arte é capaz de exprimir tudo o que se passa no espírito humano, o eu lírico ressalta a insistência em descrever a velha casa, que personificada, latente, confunde-se com a lembrança de pessoas e permanece na memória, apesar do tempo. E a poeta encerra

o poema numa personificação de despedida, que foge da ideia definitiva da morte, atenuada nesse instante: “E a velha casa / cerra os olhos apagados das janelas / e adormece”.

Seguindo a mesma linha de composição, é possível observar um segundo poema de Maria Paula Fleury de Godoy, publicado no jornal *Goiânia* de Wilson Pieruncetti em 1937, um dos primeiros a circular na nova capital de Goiás.

Noite.
A cidade sertaneja é um sonho de ébrio.
Há uma igreja branca.
Uma esquina deserta com um foco de luz dúbia.
Uma rua vazia,
como pálpebras mortas.
E um cão neurastênico que uiva para um fiapo de lua leitosa
E um gato filósofo, pousado num beiral, cismando um
sonho romântico.
O mesmo sonho que têm os homens quando descobrem
que por traz da frente vibra a máquina de pensar...
e sofrer...
que não pára, não pára, não pára...
Até que um dia a corda arrebenta.

Vemos nesse segundo poema intitulado “Cidade Morta”, que já pelo título nos remete a *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato, lançado em 1919, que o eu lírico derrama-se na significação máxima de cada verso, como se cada um deles possuísse uma existência própria, uma liberdade semântica, mas com uma coerente unidade rítmica.

Observa-se cada um dos versos condicionados pelo pensamento, pela valorização máxima do significado e uma “profunda indagação sobre o mistério da vida, sobre o homem e seu destino no mundo” na definição de Caroni (1985, p.14). E essa indagação culmina numa trágica perspectiva de fim depois de um longo tormento da “máquina de pensar e sofrer” que vai em frente, cada vez mais, e na verdade sem pensar, “até que um dia a corda arrebenta” e é obrigado a parar.

Quebrando as regras acadêmicas do passado quanto à versificação e madura dentro dos conflitos modernistas, aqui mais especificamente das propiciadas pelos surrealistas de 1924, que nos chamaram a atenção para o onírico, para a escrita automática, para as forças estranhas das profundezas do espírito humano e para o grande sonho filosófico do homem, a poeta lança-se no impulso de firmar-se, livre, no exercício literário recriando imagens ao sabor do inconsciente, renovando a poesia feita em Goiás por mãos femininas.

O poema “Cidade morta” apresenta, também, personificações “uma rua vazia como pálpebras mortas” e “gato filósofo” e o polissíndeto em reiterar o constante e

automatizado pensamento dos homens modernos nas elucubrações constantes “que não pára, não pára, não pára” e há suspensão da melodia quando o eu lírico quebra o polissíndeto com uma afirmação chocante, denunciando o fadário humano de um dia “arrebentar a corda” como um desgastado relógio.

Dessa maneira, o eu lírico enriquece de significado o aparente letargo de viver, pois, acima de tudo, o poeta é uma inteligência que poetiza, como operador da língua, como artista que experimenta os atos de transformações de sua fantasia imperiosa.

Pela pontuação, o eu lírico constrói o ritmo do poema, destacando imagens oníricas dentro da liberdade formal, reforçadas pela recorrência à palavra “sonho” e a idéia de “ébrio” que vê luzes dúbias e, imagens aparentemente desconexas; como ocorre no próprio sonho. Vai descrevendo, delineando o tempo passado de antigas cidades perdidas nos sertões goianos, tempo aquele de sonhos românticos que pareciam imagem da eternidade, da infundável apatia de vidas plasmadas na mesmice cotidiana.

Percebe-se nas reticências ao final do poema, as marcas surrealistas como a preocupação com o automatismo humano, como o sofrimento no que há por “traz da frente” e também a forma dolorosa em os homens “descobrem” pelo exercício filosófico das ideias a repetição infinita e a monotonia da vida em suas contradições e desacertos.

Maria Paula Fleury de Godoy publicou seus poemas em livros somente a partir de 1961. Todas as publicações anteriores foram em jornais e revistas, destacando-se as que acima se analisou.

3.23 - Antonio Americano do Brasil, nos rosais do silêncio poético, a alma de Goyaz

Antonio Americano do Brasil, como se observou anteriormente, além de pesquisador, historiador, jornalista, panfletista, também foi poeta inspirado na terra goiana. Seu livro, com título, *Nos rosais do silêncio*, foi publicado postumamente e o consagrou mais ainda como mestre das letras e do vernáculo, lírico e enamorado da natureza goiana, notadamente o Cerrado, mas um Cerrado também pleno de nostalgia evocativa, doce e difusa, como se refletisse o sofrimento de sua alma.

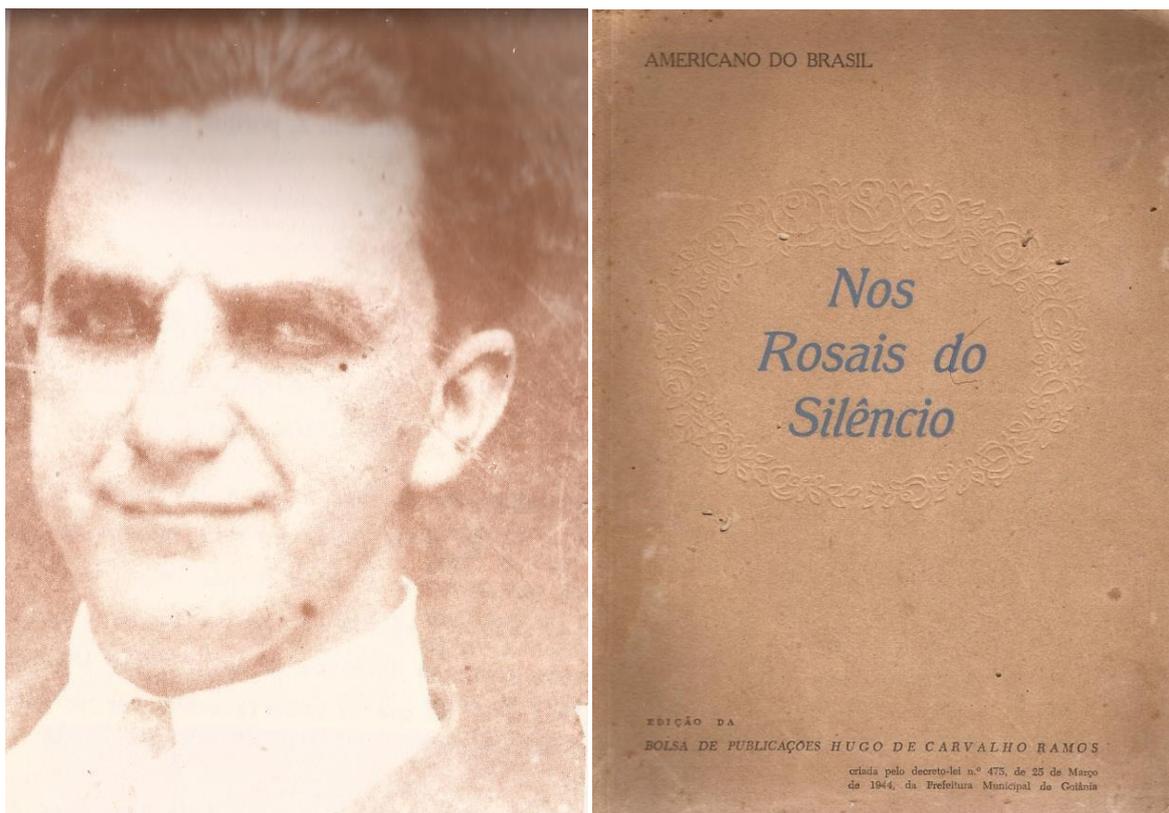


Figura 152 - Antonio Americano do Brasil e a capa de seu livro de versos *Nos rosais do silêncio*. Acervo de Bento Fleury.

Um Cerrado que foi negativado desde o princípio, que, na concepção de Almeida e Chaveiro (2008, p. 87) em “terra do fundo”, como espaço do nada e do não significado:

Vê-se que as marcas espaciais e culturais do cerrado, ocasionadas pela exploração do ouro, além de sobrepor uma visão economicista do cerrado a visão de espaço de vida, o colocava no centro da divisão internacional do trabalho. A hegemonia dessa visão se estendeu após o chamado declínio da mineração e se solidificou do final do século XIX até o começo do século XX. A passagem do ouro para a agricultura de subsistência, além de implementar as raízes institucionais, por exemplo, com a separação de Goiás de São Paulo, lograva um espaço inspecionado pelo olhar estrangeiro, constituído pelos Viajantes naturalistas. A sede de expansionismo e a necessidade de alargar a colonização do Brasil para as “terras do fundo”, na perspectiva economicista, ia costurar uma representação pejorativa do cerrado. (ALMEIDA E CHAVEIRO, 2008, p. 87).

A produção poética de Americano do Brasil é diferente, de estilo profundo e descritivo, até em excesso, como asseverou Bernardo Élis em seus estudos críticos e estéticos, mas uma poesia forte, máscula, retórica e de uma dimensão universal. Evidencia a erudição do poeta, numa miscelânea de seus diferentes estilos.

Seu poema “Voltando a Goiás”, do livro *Rosais do silêncio*, evidencia esse sentimento dúbio, num misto de tantas sensações próprias do poeta diante do objeto, ou seja, a própria paisagem. Nota-se que Brasil (1947, p. 15), evidencia esse misto de sentimentos contraditórios, díspares, além da sensação da quimera que o persegue, diante do tempo que não espera.

A angústia do tempo e do espaço é recorrente na obra do poeta, ao ver a terra goiana, com todos os seus elementos constituintes; elementos emocionais como a própria terra, a casa, a figura materna, a infância dolente e o sentimento de uma “alma da terra”, que o acompanha; lugar em que somente pode descansar a alma aflita.

Há grande similitude do poeta com o seu tempo e as coisas que fizeram o seu sofrido viver no planalto goiano, entre Formosa, Planaltina e Luziânia, onde passou seus últimos anos. Era a terra goiana que lhe despertava, na amplidão dos planaltos incessantes, esse ideário de vastidão, solidão, abandono, por conta de seu pesadelo íntimo.

Que estranha sensação me constrange acordado a sonhar
docemente abraçando a quimera...
sentindo uma fase ida há longínquo passado levantar
ante mim a morta primavera;

é que revejo a terra...
o escampo...
o sonho...
o fado...
a infância...
a estrada...
o pó... onde o corpo, quem dera? Pudesse descansar e dor-
mir sossegado o sono derradeiro à sombra fresca da hera;

eu vi depois a casa antiga...
a sala...
a imagem... que minha doce mãe para beijar me dava
quando partia para alguma longa viagem;

e no auge da emoção...
o coração em lava...
parecia sentir com deleite selvagem que a alma da terra
amada em mim se despertava.

São versos de uma profundidade quase inatingível quando mistura a natureza, o Cerrado, com elucubrações imortais e perenes, nascidas da perquirição de sua alma perturbada com o que lhe dera e tirara o destino. Em “A voz das lápides”, Brasil (1947, p. 22) destaca esse pensamento universalizante diante do espaço e da vida com suas contradições e desacertos.

Na suavidade melancólica deste dia
De paz bucólica

Vibra em nossos corações
A polifonia sonora das tradições imortais.
Rompem cantos aurorais
No silêncio de nossas almas
Mergulhadas nas calmas reminiscências
Das idades apagadas.
São silêncios remotos aflorando á memória
Languidamente,
Como um bando de garças sobre um poente de rosas
Nos opúsculos da história,
Memórias das árvores perdidas no mato
Indevassáveis e constantes
A nos narrar memoráveis feitos...

Mostra, sobretudo, a natureza épica a contar uma história, tantas vezes inaudível ao coração humano, mas presa a um sentimento belo que reside na alma do poeta e que só ele presente ao observar o mato, as garças voando no entardecer, as árvores a contar segredos e histórias, feitos e memórias, como não se percebe mais. Nesse poema a paisagem, o Cerrado, ganham tons épicos de quem constrói um tempo e marca uma eternidade.

3. 24 - Leo Lynce, poesias e ternuras da terra dos buritizais sussurrantes

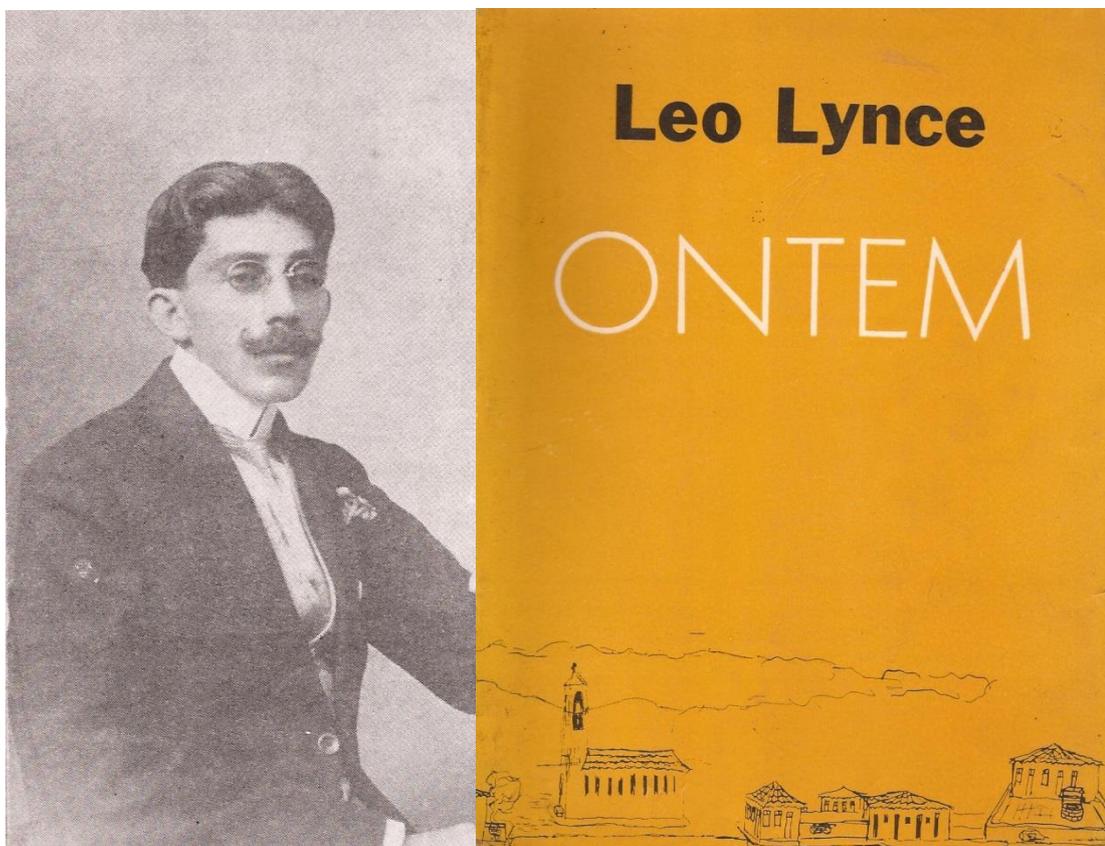


Figura 153 - Leo Lynce, poeta inspirado pela terra goiana, um dos precursores do Modernismo em Goiás e a segunda edição de seu livro *Ontem*, que foi lançado em 1928. Acervo de Bento Fleury.

Cyleno Marques de Araújo Valle³⁹, ou Leo Lynce foi um poeta goiano, do período Modernista de nossa Literatura e que se destacou pela erudição e pela visão telúrica e lírica do mundo goiano, notadamente a natureza e o Cerrado.

Em seu poema “Panteísmo”, Lynce (1928, p. 18), ressalta esse sentimento de evocação à terra de Goiás. Há um sentido de pertencimento à natureza, de estar sendo parte da mesma, identificado com os outros seres, animais e vegetais. É um existir calcado na singeleza do chão, não de forma triste ou sofrida, mas sendo um prolongamento do próprio Cerrado, com suas aves, suas árvores, seu chão, seus rios, suas belezas, os campos, os montes, os vales, as veredas.

Esse verso panteísta é um dos mais pungentes em relação à paisagem goiana, em relação às raízes profundas do sentimento de integrar-se ao meio, como parte do meio, como extensão do meio, meio na sua essência, enfim. Natureza e região vistas como integradoras do homem ao seu lugar, como asseverou Sodré (1977).

As imagens criadas em relação às aves na amplidão ou o simples inseto, ao evidenciar que, na cadência do Cerrado, têm o seu valor; percebe o poeta a sutil linguagem das flores no campo, pois que a natureza fala. Relembra a árvore com suas raízes nutrindo da terra a essência da vida. Perscruta, ele, o orvalho da noite como néctar natural à recomposição do mundo, dos diferentes mundos existentes e que devem se comunicar, entender e viver em harmonia.

Como culto à natureza, o poeta se revela a própria natureza, sentimento de diluição como parte dela, integrado nela; nela se desintegrando pouco a pouco.

Sinto que sou da terra e tudo quanto existe
Desde o inseto menor às aves da amplidão;
A água do rio, a pedra, a planta e a rola triste;
Que soluça na mata, eu olho como irmão.

Das coisas, muita vez, a essência tomo, e sinto
N'alma, turbilhando, as vidas mais diversas.
Se atento num rosal, percebo, por instinto,
A linguagem das flores nas íntimas conversas.

Árvore tropical, mergulhando as raízes
No coração da terra, o tronco, o prumo, a festa;

³⁹**Cyleno Marques de Araújo Valle**, cognominado Leo Lynce nasceu em Piracanjuba, antiga Pouso Alto em 1884 e faleceu em 1954 em Goiânia, aos 70 anos de idade. Era filho de João Antonio de Araújo e Eponina Marques de Araújo. Poeta; estudou no Seminário Episcopal de Santa Cruz de Goiás e bacharelou em Direito. Foi professor da Faculdade de Direito, Juiz de Direito em várias cidades e advogado. Deixou o livro *Ontem*, publicado em 1928 e sua obra póstuma foi publicada em dois volumes por seu filho José Cruciano de Araújo, também falecido. Foi membro da Academia Goiana de Letras.

A fronde e ardendo em luz, sorvo os fluidos nutrízes
Da seiva, no banquete augusto da floresta.

Bebo o orvalho dos céus e aos ventos me arrepio
Embalado no meu seio os pássaros implumes
Dou sombra ao caminhante e quando chega o estio
Iluminam-me a noite os claros vagalumes.

Estremeço a sentir nas entranhas a talha
Do machado feroz que às vezes, poupa a vida,
E ainda por maldade, meu sangue se coalha
Na resina que se exsuda a marcar a ferida.

Água, reflito o céu, na calma azul do lago
Ou, no espelho do rio, os empinados montes.
Das nuvens me desprendo e á árida terra trago
A alegria da seara e o reviver das fontes.

Se um perfil de montanha ao longe se revela
Na estática nudez de um sonho de granito,
Todo o seu peso sinto, e transformado nela,
Vou em busca do céu, perscrutar o infinito.

Pelas manhãs azuis, ao despertar das aves
Em ave me transformo, as asas soltas e vou
Seguindo o bando alado, em curvaturas suaves,
A embriagar-me de luz, na delícia do voo.

Entro nos corações e vivo a sua vida
Dentro de mim se reflete o mundo a palpitar.
Apenas a alma é a mesma, embora convertida
No pássaro, na flor, na montanha, no mar.

Por isso, ela recorda as impressões que traz
De cada vida estranha e de cada surpresa;
E, num canto, de amor, muitas vezes lhe apraz
Comovida, render um culto à natureza.

Em outros poemas de seu emblemático livro, inovador para seu tempo, com um título evocativo do passado, Leo Lynce se revela o grande admirador do Cerrado goiano ao tecer em palavras, por exemplo, a imponência do cedro: “Sustido pela trama oculta das raízes/eleva-se a coluna, o cedro enorme. A fronde,/em copa fechada, à luz do sol esconde/os segredos da mata e os recantos felizes”. (LYNCE, 1928, p. 13).

Ressalta liricamente a cigarra e a lagartixa, as estradas abandonadas do sertão goiano com as suas cruces antigas, as águas mortas dos remansos, os roceiros pelas estradas serpenteando entre serras, a calmaria do Cerrado após uma tempestade, manhãs e crepúsculos, o retorno a uma estrada da roça, uma noite em Piracanjuba, os cemitérios de roça e a evocação de que pelo verso se eterniza a ressaltar: “Que alguma coisa fique/alguma coisa que de mim/fale enternecidamente”. (LYNCE, 1928, p. 70).

Em outro poema, o poeta se mostra como parte da terra do Anhanguera. (LYNCE, 1928, p. 27):

Visão maravilhosa do Anhanguera;
terra do ouro e dos cristais,
da Beleza e do Amor – Goyaz!

Berço alto das águas grandes,
quantas galas expandes
no azulão do teu céu!
Quanta ternura
no coração da gente
que sente
a quentura amorosa do teu chão!

Assim, dissolvido na paisagem, a destaca como berço das grandes águas, com um céu sempre azul, um chão quente de significados, dá-lhe um evocativo título de “Minha terra distante”, no pensamento da mesma, sempre presente no seu pensamento poético.

3. 25 - O épico do Cerrado na poética de Xavier Junior

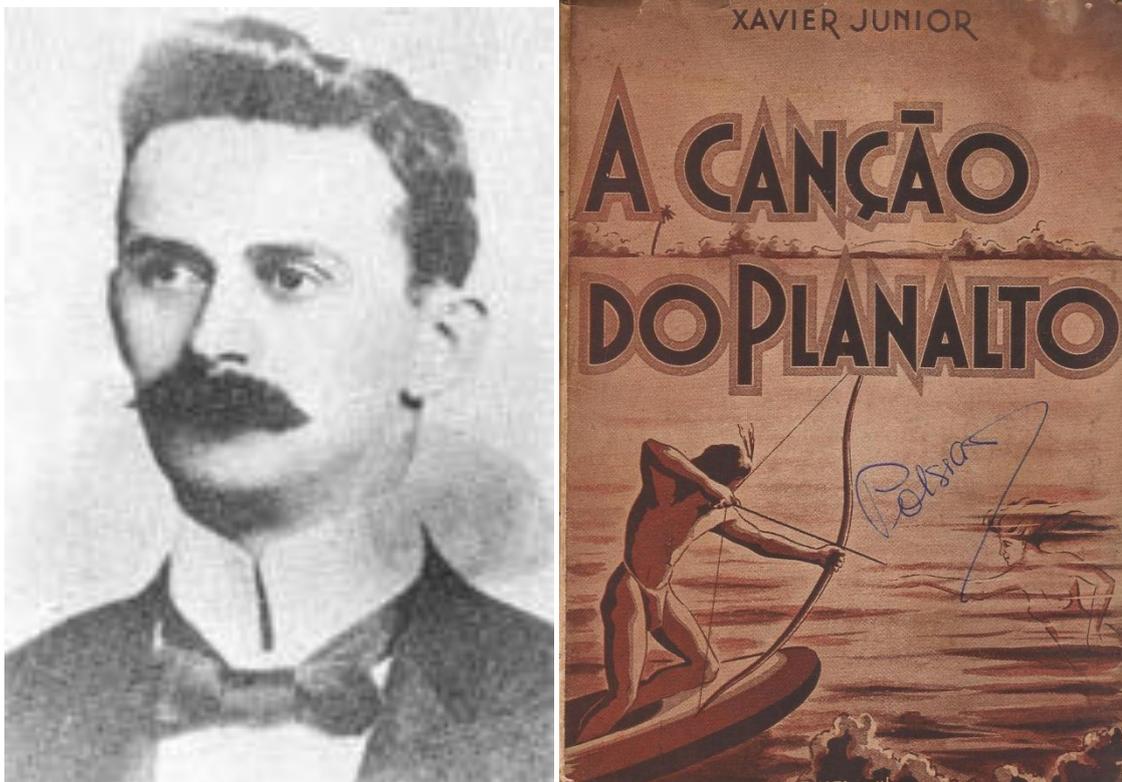


Figura 154 - José Xavier de Almeida Junior, seus versos clássicos e épicos e a capa de seu livro *Canção do planalto*, como um canto ao Cerrado goiano. Acervo de Bento Fleury.

Outro poeta goiano foi José Xavier de Almeida Junior⁴⁰ que deixou obra para a literatura de Goiás, no tocante á exaltação da terra. Foi além de poeta, cronista e prosador, contista e novelista, pesquisador e orador, dedicando parte de sua via à evocação de Goiás e sua cultura.

No seu livro *Canção do planalto*, o autor destaca em seus versos uma visão épica do Cerrado e dos mistérios da natureza bravia. No ideário de Eldorado do ouro Xavier Junior (1939, p. 7) evoca o surgimento de nossa terra do ouro no “ocaso indefinido”; a lembrar os socavões e as grotas, denota a busca incessante pelo eldorado sonhado, espécie de mistério da terra goiana, enfim, desvendado.

É um canto panteísta da terra de Goiás a enunciar os rios, o verde das serras e das campinas, o leito esmeraldino do Araguaia, do Tocantins, o Paranaíba, as Bacias hidrográficas das linfas goianas, a denotar-se poema geográfico; assinalando a presença das águas em seu berço no Centro Oeste brasileiro, na poética dos sons, das cores e dos sentimentos de exaltação diante do cenário de grande riqueza natural, então.

E' uma poeira de ouro,
Para o engano da vista deslumbrada.
Sobre o mistério verde-azul
Do acaso indefinido.

Quando me precipito e dilacero
Em socavões e grotas,
Esses desvãos da minha estrutura vulcânica
Enchem-se de ouro e pedrarias,
Eternizando a lenda do EL-DOURADO.

Das rugas do meu solo imenso e rico
Nascem caudais buscando o oceano:

Ora, pausadas rolam, verdes e tranquilas,
No leito do Araguaia,
Serenos como um lago
E desmedido como o próprio mar...
Escaldam-se nos crepúsculos
Tropicais,
Iluminam-se na hesitação
Das cores,
Estremecem á luz de todos os matizes,

E ténues ou profundas,
Sobre bancos de areia
Ou nos braços de pedra,

⁴⁰**José Xavier de Almeida Junior** nasceu na Cidade de Goiás em 1902 e faleceu em Goiânia em 1979. Era filho de José Xavier de Almeida e Amélia Augusta de Moraes Almeida. Residiu em Morrinhos, onde iniciou seus estudos, seguindo-os depois em Uberaba; fez o curso de Ciências e Letras e depois Medicina. Foi membro da Academia Goiana de Letras, autor de obras como *A viagem de Frei Tapie*, *A canção do planalto e leituras e lembranças*.

Que os travessões tentaculares
Apertam delirantes,
No furor do combate,
E desfazem, de manso,
Exhaustos, rasgados, cobertos de espuma...
Prosseguem...

Irmanadas ao Tocantins,
Glorioso de mais áspero caminho,
Enlaçam a Marajó,
E se misturam na peleja
Ao rio das Amazonas,
Restrugindo, gemendo, esbravejando,
Repelindo a invasão do largo oceano...
E abrem um sulco de doçura
Entre as ondas amargas...

E, em procura do sul,
Torvelinham no Parahyba...
Vertiginosas e cantantes,
Barrentas e erosivas,
Vão purificar-se
Na Cachoeira Dourada,
Envolta na benção do arco-íris perene...
E da Cachoeira Dourada
Derivam para o Rio da Prata...

Já em outra produção poética, Xavier Junior (1939, p. 76) evoca, num soneto a jaó, ave canora do Cerrado, que também inspirou os versos onomatopaicos, a lembrar o canto do próprio pássaro nos campos limpos e nos Cerrados goianos. Há uma cadente repetição no soneto, da música do córrego em dueto com a jaó, habitante das matas, silente nos sons vários da paisagem goiana de outrora.

Elaborado de forma a buscar a musicalidade, o soneto se repete nos segundos versos dos quartetos, e nos últimos versos dos mesmos, amarra-se com o verso final, a repetir sempre o som da jaó em dueto com o córrego. É um poema telúrico e rico, na evocação cultural dos vários sentidos do Cerrado.

Sob o arvoredado que adormece,
O córrego não geme só.
Perfuma o silêncio uma prece...
Uma ave canta – eu sou jaó!

Na sombra da noite que desce,
O córrego não geme só.
Das estrelas desponta a messe...
Uma ave canta – eu sou jaó!

Ao traduzir a imensa mágoa
Que extravasa dos olhos d'água
O córrego não geme só.

Acompanhando-o há uma tristeza,
Irmã na sonora beleza...
Uma ave canta – eu sou jáó!

Em outro poema intitulado “Chuva de ouro”, Xavier Junior (1939, p. 68) desnuda a beleza das árvores floridas nas ruas e nos campos e cobrir de beleza o ambiente e a reter as cores do sol, enquanto cai a tarde. Destaca poeticamente tais árvores derramando flores ao entardecer: “A tarde cai/imóveis e brilhantes ao crepúsculo/enquanto a paisagem se torna,/a pouco e pouco pardacenta/elas retém os últimos fulgores/do sol que morre”.

3.26 - Arlindo Costa, o Cerrado, os versos e os lírios do vale

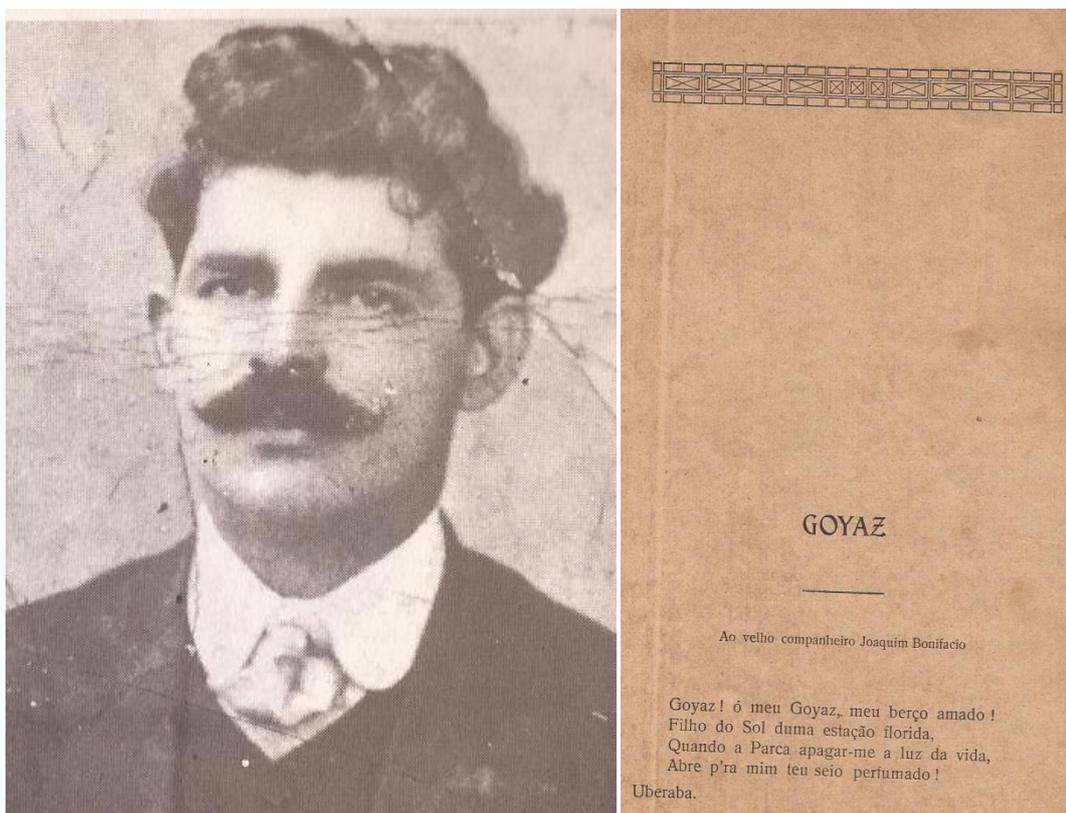


Figura 155 - Arlindo Costa, poeta anapolino, dos primeiros anos da vila e seus versos dedicados à terra goiana, ansiando nela permanecer após a morte. Éo escapismo, desejo de evasão e fuga, própria dos vates do passado. Acervo de Bento Fleury.

Da antiga vila de Santana das Antas, hoje Anápolis, os versos de Arlindo Costa⁴¹ surgem entranhados de telurismo e canto ao Cerrado nos primeiros anos do século XX. Seus poemas era dedicados à paisagem, aos lugares e as recantos de nosso Estado.

Seu livro *Lyrios do vale*, publicado em 1928, traz uma admiração pela natureza goiana. A maioria dos versos foi escrita em Uberaba, quando lá residiu o autor, mas vêm carregados de um saudosismo em relação aos campos, matas, cerrados, fauna e flora goianas.

Exemplo relevante dessa assertiva é o poema “Canção goiana” em que o vate Costa (1928, p. 95), evoca os elementos culturais e ambientais da paisagem de Goiás, como a formosura da terra, as palmeiras enfileiradas pelos campos abertos, os buritizais a sussurrarem canções matutinas, passarinhos evocativos, as flores do campo, as florestas sombrias, os sabiás com seus cantos, as seriemas cantantes pelos campos, o céu sempre azulado.

O poeta exorta sentimentos humanos à vegetação que se entristece, que chora, que magoa, ao abrir campo a indagações filosóficas sobre o existir num ambiente assim.

Como são bellas as plagas
De minha terra formosa
Que lindas são as palmeiras
E a terra tão dadivosa.

Há muitas flores bonitas
Pelas campinas gigantes
Há tantos, tantos, tão vastos
Os buritysaes sussurrantes.

Pelas florestas sombrias
Soltam queixumes de amores
Os sabiás inspirados
Das selvas, ternos cantores!

À tarde, à beira da estrada
Nos arvoredos de pousos
As seriemas entoam
Um triste canto saudoso.

Ao pé das fontes chorosas
Os ledos pássaros pretos
Em musical harmonia
Dão seus alegres concertos.

Quando anoitece as estrelas
Surgem no céu sempre bellas
E as noivas mortas e puras
Murmuram preces singellas.

⁴¹**Arlindo Costa** nasceu em Piracanjuba, Estado de Goiás, em 1881 e faleceu em Anápolis em 1928. Era filho de Antonio Manuel da Costa e Maria Elisa Crispim Costa. Fez seus estudos em Anápolis, inclusive o curso Normal, tornando-se professor, coletor, juiz municipal e Deputado Estadual. Jornalista, deixou extensa obra publicada na imprensa goiana. Em 1928 publicou seu livro *Lyrios do vale*.

Ouve-se a orchestra dos beijos
Dos namorados errantes
Que, à luz da pálida lua
Folgam c'ó as meigas amantes.

Da noite tarde, bem tarde
A casuarina chorosa
Casa sua queixa sentida
C'ó a voz da briza saudosa.

São sem rivaes os encantos
Do coração do Brasil
- seu manto é manto de gala
Seu céu é sempre de anil!

Em outro poema deseja o autor estar para sempre diluído na terra goiana, após a morte física. Em “Goyaz”, o lirismo do poeta Costa (1928, p. 11), se aflora com toda a força semântica, a destacar seu anseio de pulverizar-se e fazer parte da mesma natureza robustecida pela rica vegetação e pelo lirismo de seus campos: “Goyaz, oh meu Goyaz, meu berço amado/ filho do sol, de uma estação florida/quando a parca apagar-me a luz da vida/abre para mim teu seio perfumado”.

3. 27 - O sentimentalismo nos versos de Dinorah Pacca, o chão como tristeza



Figura 156 - Dinorah Pacca e a capa de seu livro de versos *Relicário*, publicado em Araguari. Acervo do IHGG.

Após os avanços percebidos na obra poética de Maria Paula Fleury de Godoy, ainda nos anos 1920 em Goiás, verifica-se que houve intensa modificação de costumes no Estado com o advento da mudança da capital para Goiânia e esse fato viria, de maneira profunda, influenciar a vida cultural, principalmente após o advento do “Batismo Cultural de Goiânia” em 1942.

Nessa época, destacaram-se na imprensa os nomes de Nelly Alves de Almeida, Rosarita Fleury, Nice Monteiro Daher, Mariana Augusta Fleury Curado, Regina Lacerda e Haydèe Jayme Ferreira. A publicação de livros de poemas por mãos femininas só viria a acontecer em 1954 com o trabalho de Dinorah Pacca⁴².

A poeta nostálgica, lírica e inconformada, teve participação significativa na vida cultural de Goiás nas décadas de 30, 40 e 50, sendo conhecida em nível nacional com publicação de seus poemas em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Dinorah Pacca nasceu em Araguari, no Estado de Minas Gerais em 1909 e viveu maior parte de sua vida em nosso Estado, onde trabalhou na Estrada de Ferro Goiás, fato incomum para o seu tempo, já que a mulher ainda era restrita ao lar e aos afazeres domésticos.

Em Minas Gerais, Dinorah Pacca enriqueceu o cenário da cultura da região, sendo presença na imprensa local, ao lado de outros nomes como Gilka Machado, Carmem Cinira, Silvia Serafim, Albertina Bertha Lafayette Stockler, Iveta Ribeiro e muitas outras.

Assim, nos anos 1930, Dinorah Pacca já era conhecida em toda a região pelos seus versos publicados em Araguari, Uberlândia e Uberaba, colaborando de modo significativo com a imprensa mineira. Em 1932, casou-se e foi residir no Rio de Janeiro. De lá, desiludida com o casamento, voltou para Araguari em 1938 onde passou a trabalhar na Estrada de Ferro Goiás como já enfatizamos e mais tarde, no Departamento dos Correios e Telégrafos em Goiânia, até 1960, quando se aposentou.

No ano de 1954, Dinorah Pacca lançou em Goiânia o seu primeiro livro *Jardim do Sonho* que sintetiza a retomada, por meio da temática, do sentimentalismo verificado nos versos de Tereza de Alencastro Caiado de Godoy no princípio do século XX..

A diferença da poeta Dinorah Pacca é que por meio de seus versos ela nos revela uma alma que “se agita”, que não cabe no conformismo e deseja mais, tem “ânsia do infinito”, revelando as inquietações próprias do desejo de libertação.

⁴²**Dinorah Pacca** nasceu em Araguari, Minas Gerais, em 1909 e faleceu em Goiânia em 1971. Era filha de Álvaro Pacca e Hilda Hecksher Pacca. Fez seus estudos no Rio de Janeiro e residiu por vários anos em Araguari. Escreveu para jornais de Goiás e do Triângulo Mineiro. Poeta e declamadora; era membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Deixou os livros *Jardim do sonho*, *Relicário e obras completas de Dinorah Pacca (edição póstuma)*.

É possível observar que o poema de Dinorah Pacca inserir-se-á dentro das propostas da chamada “geração de 45” que reagia de certa forma ao que considerava “exageros de 22”, propondo uma linguagem precisa, equilibrada e o abandono do prosaísmo.

Essa geração que teve nomes como João Cabral de Melo Neto, José Paulo Paes, Ledo Ivo e Thiago de Melo, além de outros, pautou pela volta da métrica, precisão formal e correção da linguagem e por isso foi alcunhada de “neoparnasiana”. Eis o poema:

Ser poeta é sofrer, mas é ser livre,
é viver enlevado em sonho de beleza.
Ser poeta é cantar quando a alma chora.
Ser poeta é sentir a natureza!
A alma do poeta é águia solta no ar:
só quer voar... voar!

Tenho ânsia de infinito!
A alma se agita
o mundo é bem pequeno pra cantar

o ideal que nos versos meus palpita,
as vibrações intensas do meu ser!

Os versos de Dinorah Pacca apresentam três tercetos e um dístico, sem, contudo, preocupar-se com a rima. Exalta a liberdade imaginária do poeta no mágico mundo das palavras e o vôo doloroso e sublime de poder cantar em versos como: “tenho ânsia do infinito”.

Nesse anseio de liberdade e de quebra dos grilhões que sufocavam a mulher, a poeta conquistou a simpatia do público feminino de seu tempo. Sua poesia vem densa de lirismo e “vibrações intensas” que ecoam na alma do leitor, principalmente nos anos 50, época de sonhos e boleros no auge do rádio e do sucesso do cinema americano.

Sendo o poema “Intensidade”, na realidade um metapoema, Dinorah Pacca registra o ideal que vibra em seus versos, deixando por conta de suas íntimas vibrações a intensidade de seu fazer poético e a imagem nos fica como continuidade incessante, pois “onde cessa a palavra do poeta, começa a raiar uma grande luz”, como percebe Steiner (1988, p.41).

E na construção da imagem poética de Dinorah Pacca, observa-se as metáforas por símbolos: “a alma do poeta é águia solta no ar”, o recurso anafórico no termo “ser poeta” e o hipérbato em “o ideal que nos meus versos palpita”, recursos que evidenciam o burilamento estético feito pela autora na elaboração do verso, fugindo ao automatismo modernista, outrora visto na obra de Maria Paula Fleury de Godoy.

O mais importante é ressaltar as páginas amareladas pelo tempo que iam se perdendo irremediavelmente. Coligindo esses velhos poemas, sente-se a alma lírica feminina das terras do Anhanguera na palpitação de tantos sentimentos que o tempo voraz não foi capaz de destruir. E, dessa maneira é possível destacar que “se a palavra cultiva, ela também fabrica” (JOLLES, 1976, p. 26), colocando em destaque o fazer artístico de uma época.

O que se sabe é que o discurso literário tem a capacidade de ruptura. É nesse rompimento com o automatismo perceptivo que consiste o estranhamento dos objetos ou do próprio mundo enfocado. O poeta sabe como dar nova dimensão à própria vida, extraíndo da alquimia das palavras algo que perdura para sempre.

3. 28 - Demóstenes Cristino, a musa bravia da terra goiana nas ásperas flores do campo.

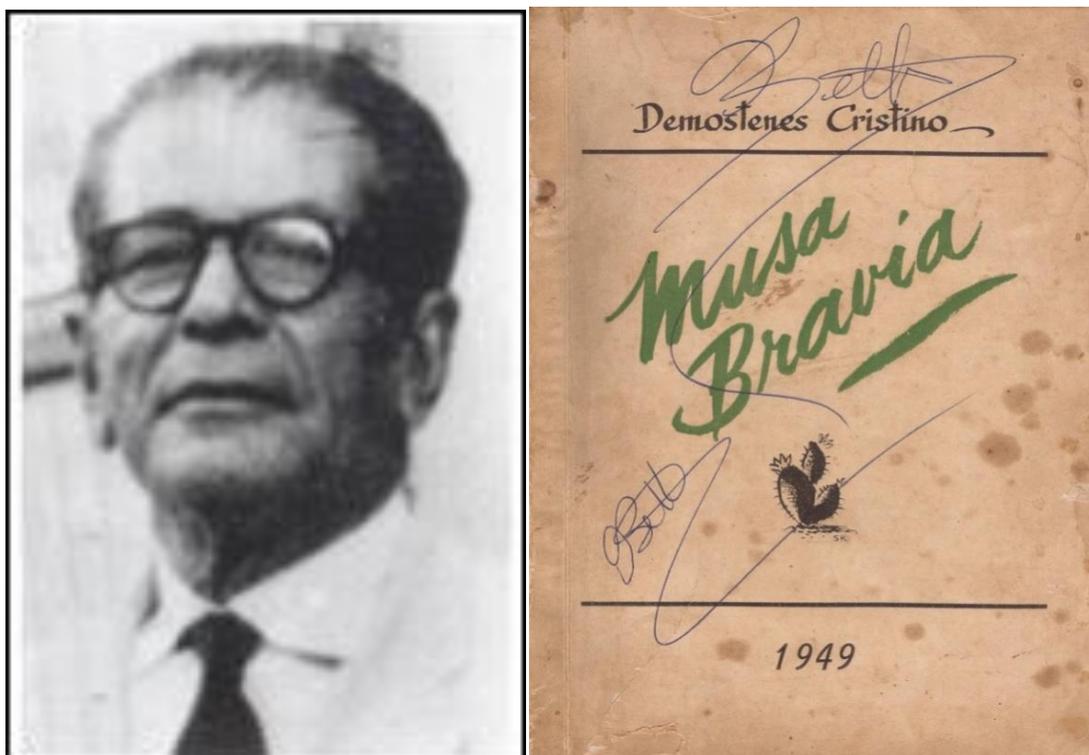


Figura 157 - O poeta Demóstenes Cristino, da bela terra de Ipameri e a capa de seu livro telúrico *Musa bravia*, publicado em 1949. Acervo de Bento Fleury.

O poeta Demóstenes Cristino⁴³ foi, também, outro telúrico cantor do chão goiano, embora fosse mineiro, nos anos de 1920 fixou residência em Ipameri, cidade onde se tornou odontólogo, poeta, jornalista e intelectual.

⁴³**Demóstenes Cristino** nasceu em Caratinga, Estado de Minas Gerais, em 1884 e faleceu em Ipameri em 1962. Era filho de José Cristino da Silveira e Leonarda Cristino. Formado em Odontologia em Juiz de Fora. Em 1926, firmou residência em Ipameri. Membro da Academia Goiana de Letras. Publicou em 1949 o livro *Musa bravia*.

Sua obra poética regionalista evoca a paisagem goiana nos seus diferentes matizes e se firma no ideário de mistério e misticismo do chão de Goiás, notadamente no poema intitulado “Goiás”, Cristino (1949, p. 13), define o Cerrado, a paisagem e a natureza com requintes épicos, ao mostrar a terra coberta pelos horizontes vastos, de florestas e pastos verdejantes, a limpeza das águas murmurantes, os “tesoiros de Aladim”, a dormirem na terra, evocando os minerais inexplorados, como oferta ao futuro, na economia e no desenvolvimento.

Terra de altiplanos e horizontes vastos,
coberta de florestas e verdejantes pastos,
onde é sempre azul a cúpula do infinito
e as águas rolam sempre claras,
cantantes,
espumantes
em leitos de granito.

A brisa é uma carícia doce
e perfumada... assim como se fosse
o ar suave de um leque
impregnado de essências raras...

dorme-lhe absconsa nas entranhas,
como fantásticos tesoiros de Aladin,
fabulosa riqueza mineral,

são cifras astronômicas, são montanhas
de ferro, de rutilo, de ouro e de cristal.

Seus poemas são sempre voltados a essa contemplação, a essa “propaganda” goiana, das belezas e riquezas do chão. Já pelo próprio título de seu livro, sua musa, a natureza, é insurgente e bravia, indomável e ínvia, no sentido de ser conhecida. Constitui uma luta, o desbravar de tudo oferecido na terra goiana, nos segredos e mistérios do Cerrado escondido. O que falta em seus poemas é certa cadência e musicalidade:

3.29 - Jarbas Jayme, poemas, as árvores e o sentimento da natureza isolada no Cerrado

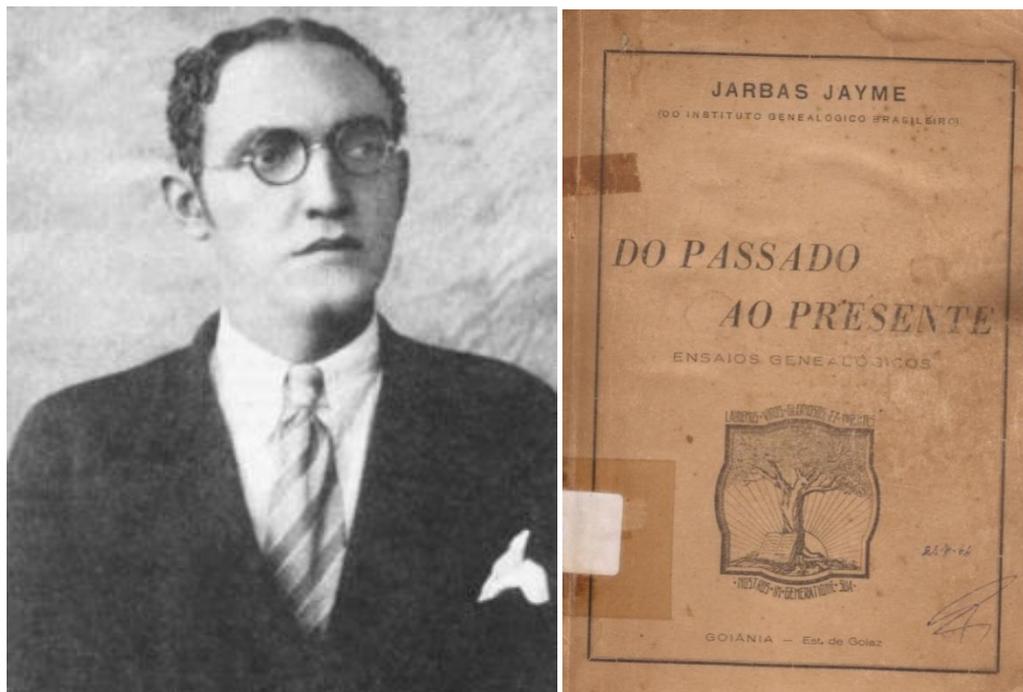


Figura 158 - Jarbas Jayme, poesia, genealogia, estudos históricos e muito amor pela terra goiana. Acervo de Bento Fleury.

O professor, jornalista, historiador e genealogista, Jarbas Jayme⁴⁴ também foi poeta que engrandeceu a terra goiana, notadamente o Cerrado. Sua produção não é vasta neste campo, pois os estudos sobre as origens das famílias goianas tomaram grande parte de sua vida.

Como poeta antigo, dedicou-se ao soneto, na forma presa, para destacar sobre uma árvore isolada, seca, distanciada no alto sertão, que lhe serviu de tema. Remete a esta árvore como símbolo da solidão e da resistência, como se, humana, sem se lastimar, aceita o destino e se curva diante do imponderável.

O poeta, neste soneto, discorre sobre o sentido filosófico do Cerrado, com a árvore seca, testemunhando um passado ditoso, em que muitas havia naquelas distâncias e se perderam para sempre. E tal lembrança, unida a do amigo que tanto prezava a árvore lhe traz sentida tristeza.

Numa chapada agreste, seca e erma,
qual testemunha muda do passado,
exuberante, forte, resistente,
a sua sombra, quanto amor jurado?!

⁴⁴**Jarbas Jayme** nasceu em Pirenópolis, Estado de Goiás em 1895 e faleceu em Anápolis em 1968. Era filho de Sizenando Gonzaga Jayme e Eugênia Goulão. Fez seus estudos em Pirenópolis e no Seminário Santa Cruz. Professor, Juiz Municipal, fazendeiro, comerciante, jornalista, genealogista. Deixou as obras: *Cinco vultos meiapontenses*, *Vale Seis*, *Famílias Pirenopolinas*, *Esboço histórico de Pirenópolis*.

De vê-la, tive ensejo, há muitos anos;
de vê-la, eu sinto funda, aguda dor...
Sinto saudades do saudoso Arlindo,
quem me falava dela com amor.

Ele se foi...e ela ficou aí,
hirta, soberba, assim eu nunca vi;
a tudo resistindo, conformada:

Chuvas, relâmpagos, trovões e ventos;
Por mais que queiram as duras tormentas,
não se lastima a árvore isolada.

Relembra Jayme (1967, p. 55) os chapadões goianos, com suas distâncias, seus vastos horizontes, a irromperem em sentimentos vários, como esta comparação feita do velho lenho altaneiro, no ermo do chapadão, a servir de enleio e exemplo à humana lida, na aceitação do fim e das contradições do mundo sem murmúrios ou lamentações.

3. 30 - Benedito Odilon Rocha e a poesia do encantamento na paisagem literária goiana



Figura 159 - Benedito Odilon Rocha quando de sua posse na Academia Goiana de Letras e a capa de seu livro/coletânea *50 anos de poesia*. Acervo de Bento Fleury.

Benedito Odilon Rocha⁴⁵, corumbaense, jornalista, professor, político e poeta, deixou, também, obra poética em evocativo canto ao Cerrado. Desde os tempos da *Revista Oeste*, em Goiânia, nos primórdios da capital, foi publicando seus versos telúricos na imprensa.

⁴⁵**Benedito Odilon Rocha** nasceu em Corumbá de Goiás no ano de 1916 e faleceu em Goiânia no ano de 1990. Era filho de Francisco da Silva Rocha e Eudóxia das Dores Rocha. Estudou no Ginásio Anchieta da Bonfim de Goiás. Bacharelou em Direito, foi prefeito de Corumbá de Goiás e trabalhou no Ministério da Agricultura. Poeta e jornalista, deixou o livro *50 anos de poesia*. Foi membro da Academia Goiana de Letras.

Seu tema é Goiás, a terra, o sertão e o sertanejo, o Cerrado com suas características peculiares. Em seu poema “O monjolo”, o poeta Rocha (1988, p. 36) é onomatopaico, ao ressaltar o barulho do rústico instrumento e maquinário doméstico das grandes fazendas do sertão. Novamente nesse poema, o ideário de isolamento do sertão, os ermos solitários, o barulho do monjolo, a feitura do maquinário da madeira do ipê, pela resistência, pela solidez.

Na noite de um ermo sertão
soluça o monjolo
- E.. in.. pangão. E... in... pangão.

Nas matas cortaram o tronco do ipê
que deu calabouço e sobrou pro pilão.
Suspenso na virgem, a água jorrando
soluça o monjolo
- E.. in.. pangão. E... in... pangão.

Mãe preta sentada catando café
casquinhas voando da peneira ao chão
monjolo não pára, não cansa, não dorme
monjolo soluça
- E.. in.. pangão. E... in... pangão.

Cessada a labuta da faina diária
retorna o silêncio à velha mansão.
Só ele não pára, socando canjica
só ele, o monjolo
- E.. in.. pangão. E... in... pangão.

E gente que passa, de longe, na estrada,
só pensa em caiporas e em assombração
enquanto ela vela, gemendo e socando
socando e gemendo
- E.. in.. pangão. E... in... pangão.

Assim, numa ampla visão, pode dizer: “O que é, afinal, o sertão, ou a paisagem cerradense dos gerais alargados, magistralmente pintados pela prosa poderosa e bela de Hugo de Carvalho Ramos? Assim como um galo só não tece a manhã (evoé, João Cabral!), a gente da Gleba tem uma diversidade tão rica quanto a da natureza com que lidava como gado brabeza”, na concepção de Almeida e Chaveiro (2008, p. 15).

O sertão se constitui assim, legítimo motivo poético ou literário quando passa a ser sentido, compreendido, amado, odiado, revivido em toda a sua carga semântica e em toda a sua complexidade.

Dessa forma, mostra o poeta o cotidiano das fazendas, da labuta diária, na economia doméstica, da utilização da água para todo o trabalho diário. Relata sobre os negros no trabalho e o monjolo sem descanso a socar infinitamente, no barulho ininterrupto.

Em outro poema intitulado “Caraíba”, Rocha (1988, p. 15), o poeta evoca a árvore simbólica do Cerrado, com suas folhas caídas no período da seca, as cascas, os galhos nus, voltados para o céu, porém, que no mês de agosto, a mesma se veste de ouro e colore a paisagem desbotada dos campos, e a ignorância dos sábios em relação à mesma e a sabedoria dos roceiros.

É como as várias visões que se tem do cerrado, na concepção de Chaveiro e Barreira (2007, p. 18): “Região do pau torto”, “lugar de vegetação feia, solo pobre, povo rude”, “região letárgica”, “sertão inóspito”, “espaço opaco e vazio”, “floresta de cabeça para baixo”. Ou: “celeiro do Brasil”, “caixa d’água do planeta”, “corredor produtivo”: eis duas modalidades de representação do Cerrado goiano”.

O poeta ressalta sobre o botânico, o naturalista do passado que não a colocou na lista de seus estudos por achá-la “enfezada” e feia, na solidão e falta de graça dos campos sempre iguais.

Ao vê-la, galhos secos, angulosa
Perdida num recanto no Cerrado
Tronco encoberto em casca suberosa
E a folhagem de um verde descorado
Certo o botânico, o naturalista
Por ela não dariam quase nada.
(Talvez nem mesmo conste em sua lista
Um nome para essa árvore enfezada)

No entanto, mal o mês de agosto vindo
Ei-la vestida de gala suntuosa
Toda de ouro, solene e majestosa
- U’a mancha amarela colorindo
A paisagem monótona dos campos.

Fala o poeta
-Que arbusto lindo
Aquele ao longo, transbordando em flor!
E o roceiro, entendido na matéria:
- Aquela é caraíba, seu dotô...

Em outro poema intitulado “A grotta”, Rocha (1988, p. 33) destaca sobre as grotas cerradeiras, formadas em meio aos campos e chapadas, fala da florestinha de umbaúbas, tucuns e pindaíbas, além dos animais: “As pacas e os tatus cavaram os barrancos/montando moradias no frescor das sombras/havia uma tristeza insólita nas árvores/onde cantavam quérulos bicudos”.

3.31 - Gerson de Castro Costa e as *Vozes da selva*, na amplidão dos Cerrados tantos.

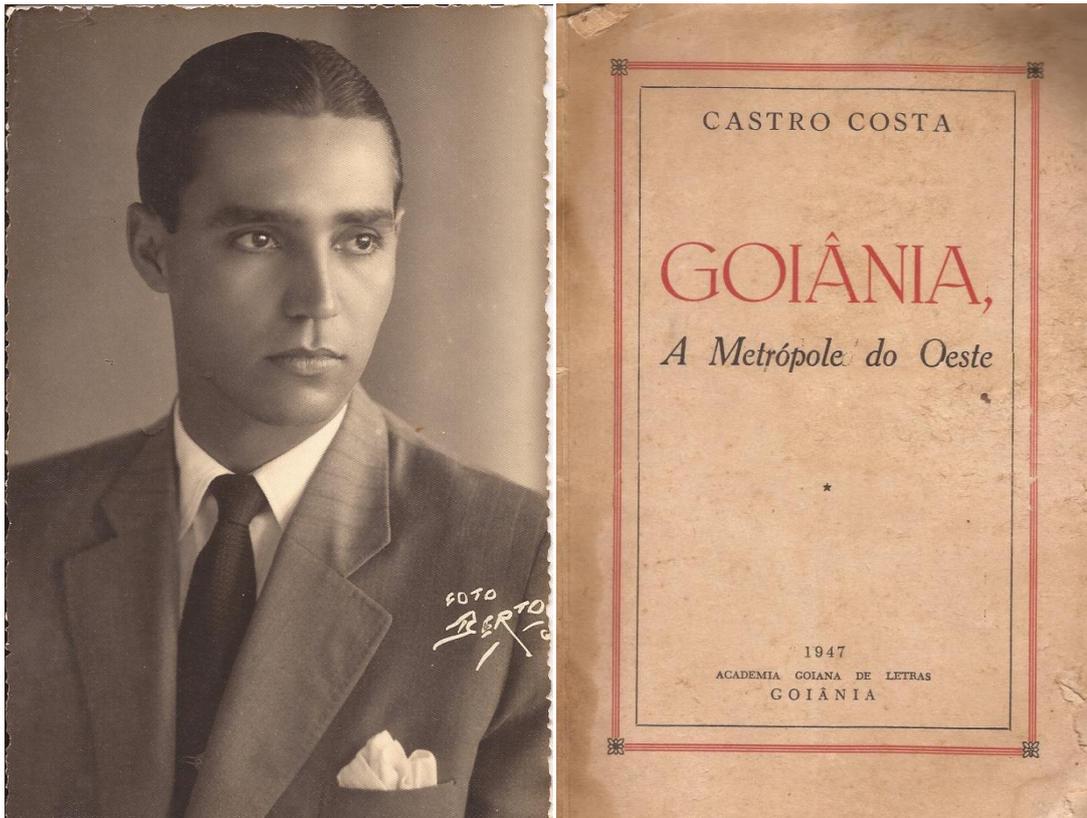


Figura 161 - Gerson de Castro Costa em sua mocidade, no alvorecer de Goiânia e a capa de seu livro, publicado em 1937. Acervo de Bento Fleury.

Gerson de Castro Costa⁴⁶ aliou suas atividades políticas às literárias. Destacou-se como homem público e como literato e historiador. Na Câmara Federal foi o autor do Projeto de lei que criou a Universidade Federal de Goiás. Como escritor, deixou um livro historiográfico sobre Goiânia, cidade que ajudou a construir e também, dois livros de poemas, *Litania das estações* e *Vozes da selva*, com temática telúrica, ligada ao Cerrado.

Em seu poema “Juscelino”, Costa (1976, p. 23), evoca a figura de JK como um dos grandes homens do século XX, o construtor de Brasília E, como um verso encomiástico, como homenagem póstuma ao “Presidente Bossa nova”, refigura o homem, eternizado, lembrado até mesmo pelo Cerrado que abriu, no alto sertão, para construir uma cidade nova, diferente, em meio ao Bioma-território dos campos e cerradões. Há belo verso assinalado: “Sobre o crepe das noites dos cerrados/luzem no céu mantos estrelados”. É a capacidade de

⁴⁶**Gerson de Castro Costa** nasceu em Trindade, Estado de Goiás em 1917 e faleceu em Brasília, DF, em 2002, aos 75 anos de idade. Era filho de Luiz Martins Costa e Otaviana de Castro Costa. Fez seus estudos no Lyceu de Goiás e na Faculdade de Direito. Fundador do jornal *Folha de Goyaz* e diretor da *Revista Oeste*. Foi Deputado Estadual e Federal, autor do Projeto que criou a UFG. Publicou *Goiânia, a metrópole do oeste*, história e *Litania das estações* e *Vozes da selva*, poemas.

perceber no desprezado Cerrado de outrora, a força pungente que alicerçou novos patamares ao povo brasileiro, após 1960.

Juscelino, nas lágrimas do povo
Embebo minha pena e, num renovo,
Vejo chorar meu País.
Na alma afetiva, as multidões aflitas
Põem à mostra as dores infinitas
De uma gente infeliz.

Sobre o crepe das noites dos cerrados
Luzem no céu mantos estrelados
Das noites em Brasília
Em seu fundo azulíneo, as estrelas
Para sempre serão – procura vê-las –
Tua eterna vigília

As Bandeiras catavam ouro e gemas
Para fazer coroas e diademas
De alguns reis de além-mar.
Tu, porém, a hinterlândia procuraste
Para salvá-la do íntimo desgaste
De um erro secular.
Com manoplas de ferro, portentosas,
Arrancaste das praias majestosas
Então nosso perfil,
A geração de brasileiros fortes
Para impeli-los a novos nortes
Da vida no Brasil.

Em outros poemas de seus livros *Vozes da selva e Litanias das estações*, Costa (1967), evoca o Cerrado ao mostrar o meio degradado, a fuga dos índios, a perda da identidade do povo cerradeiro, os novos enfoques de um tempo renovado economicamente, a perda da tradição folclórica do sertão.

São poemas de denúncias por tantas modificações rápidas na paisagem goiana em menos de trinta anos, inclusive destruindo não só a flora, mas também a fauna: “Chora seriema/chora triste/teu passo persiste/vacilante/na plantação de soja./Chora teu passado/distante/de campos limpos/de cerradões/várzeas e veredas/labaredas de fogo/a consumirem/o pouco que ficou./Chora sentido seriema./Chora”. (COSTA, 1967, p 13).

2. 32 - Francisco de Brito e o evocar das manhãs sertanejas da roça goiana

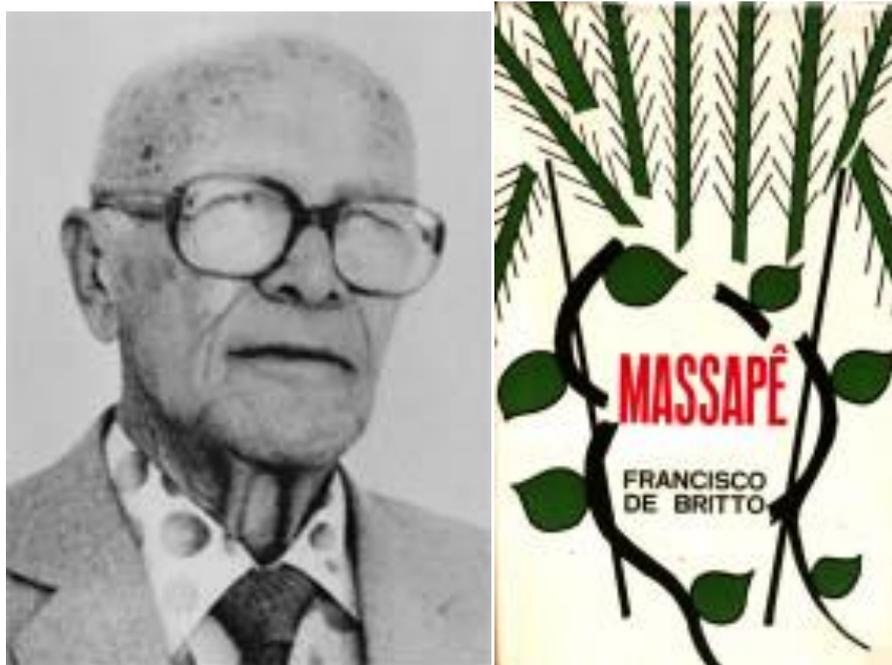


Figura 162 - Francisco de Britto e a capa sugestiva e telúrica de seu livro *Massapé*. Acervo de Bento Fleury.

Do antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, o nome de Francisco de Britto⁴⁷ se definiu no cenário da Literatura feita em Goiás, não apenas como contista, mas, também poeta, notadamente ao se tratar sobre o Cerrado.

Seus poemas, poucos, são todos ligados a terra e ao chão. Como autodidata, vivenciando a experiência sertaneja no antigo norte, com todas as suas dificuldades de isolamento, solidão, abandono, pode retratar em seus versos e, principalmente seus contos, uma gama de experiência vivida que enriquece sua produção.

Seus versos são vividos, tecidos no que sentiu, no que experienciou. No seu soneto “Manhã na roça”, Britto (1979, p. 148), demonstra o cotidiano sertanejo nas pequeninas coisas que constituíam o rural, o roceiro, daqueles tempos. No primeiro quarteto, o poeta mostra o dia a surgir na serra, lentamente como era no passado, a natureza se abrindo pressurosa ao novo, a neblina e o mistério da noite se desfazendo, o galo anunciando o dia rompendo.

No segundo quarteto, o poeta mostra a vida humana se abrindo ao dia, também, com os seus afazeres, seus trabalhos, suas lutas, mas uma luta feliz, pois o homem cerradeiro, de enxada no ombro, era sempre feliz. No primeiro terceto, mostra o trabalho feminino, na

⁴⁷**Francisco de Britto** nasceu em Conceição do Norte, antigo Norte goiano, hoje Estado do Tocantins em 1904 e faleceu em Goiânia, em 1995, aos 91 anos de idade. Era filho de Serafim de Britto Guimarães e Antonia Hermano de Britto. Autodidata, foi Deputado Estadual, líder político de sua região, jornalista combativo, principalmente sobre assuntos políticos. Foi membro da Academia Goiana de Letras. Obras: *Terras bárbaras*, *Massapé*, *Memórias de outro tempo*, *Caminhos do agreste*.

tratação dos porcos, das galinhas, da “criação” como se dizia. E Termina o soneto a mostrar, no segundo terceto, os animais também rompendo o dia, um cachorro, um cavalo e um monjolo que nunca para. Assim, de faina, luta e labuta é a vida do sertanejo, nesse tempo, nos sertões e cerradões goianos.

Surge o dia na serra. Lentamente,
se desfaz a neblina que a coroa.
Um galo canta e do poleiro voa
no terreiro onde é o rei onipotente.

Um menino birrento chora à toa.
Sai do rancho o roceiro Zé Vicente,
a enxada põe no ombro, e de repente,
sua voz alegre pelo vale ecoa.

Rosa dá milho aos porcos no chiqueiro,
lava os trens de café, varre o terreiro,
e bem depressa vai cuidar do almoço

Range e bate o monjolo no quintal;
um cavalo no cocho lambe sal
e um cachorro faminto rói um osso.

Em outro poema regionalista, telúrico, rural, cantando manhãs e tempos roceiros, Britto (1979, p. 188) evoca o “setembro na fazenda”, quando destaca sobre o nevoeiro das fumaças, resquícios de agosto; ao anunciar o sofrimento da terra e o “parto das florestas”, momento em que tudo floresce com as primeiras chuvas, pois renovação é, de fato, lema do Cerrado.

Quando setembro chega, nevoento,
sufocado no fumo das queimadas,
a terra sua e sofre no tormento
que antecede o parto das florestas.

Ardente e buliçoso sopra o vento
levantando a poeira das estradas.
Implora a terra adusta ao firmamento
o milagre das noites orvalhadas.

No desolado aspecto da paisagem,
adivinhandando a chuva que vem perto,
o gado cheira o ar, angustiado.

Os sabiás soluçam na ramagem;
e quando a noite cai rompe o concerto
dos sapos orquestrando no banhado.

O poeta mostra a terra adusta, seca, poeirenta, como soem ser as mesmas em Goiás, no Cerrado, durante o período da seca. O mesmo dá à natureza uma característica

humana, utilizando da aliteração, ao evocar que a terra implora água, sedenta de água, com sede.

Mostra a paisagem como desolada e triste, mostra o gado a cheirar o ar, adivinhando chuva, assim como os pássaros seguidos dos sapos anunciadores. Evidencia que há uma cadência, no Cerrado seco, a chamar as chuvas, orquestradamente:

3.33 - José Lopes Rodrigues, do chão do norte, os anseios de uma poesia na poeira dos caminhos

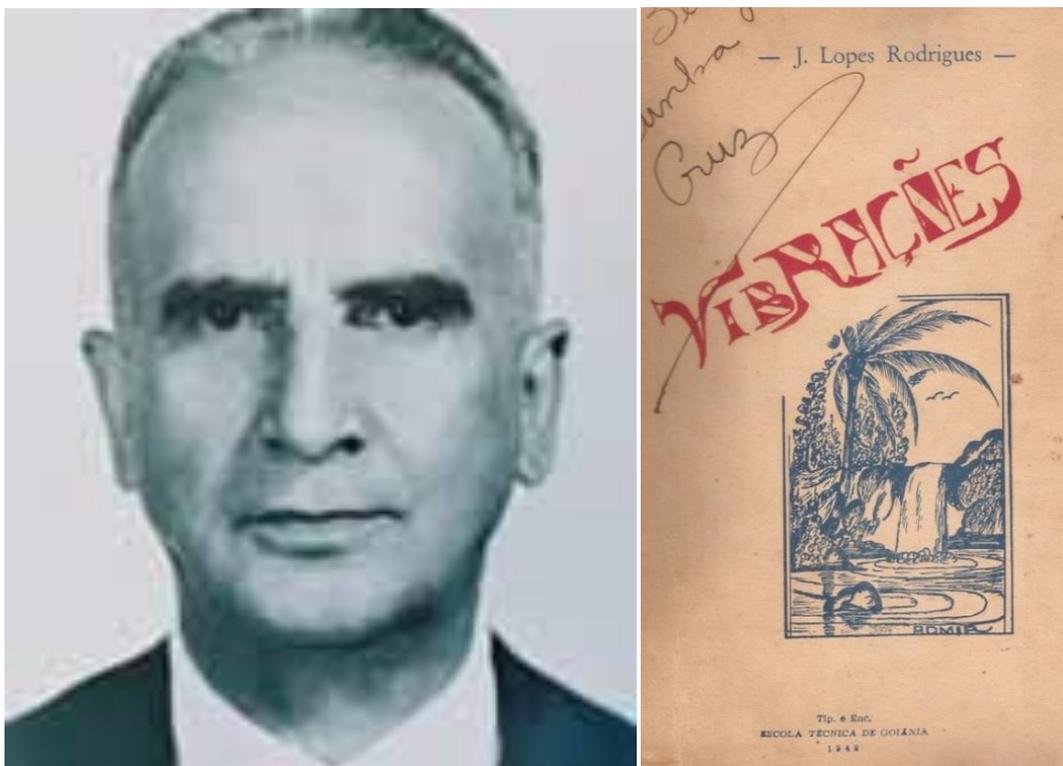


Figura 163 - José Lopes Rodrigues, poeta e professor e a capa telúrica de seu único livro *Vibrações*. Acervo de Bento Fleury

José Lopes Rodrigues⁴⁸ foi professor, advogado e poeta; dedicando grande parte de sua produção em versos para decantar a terra goiana, por meio de sua paisagem e do Cerrado.

Em seu livro *Vibrações*, aparecem diversos poemas telúricos voltados á evocação do Cerrado e da paisagem dos ermos nortenses. Em seu poema “Floresta”, Rodrigues (1949,

⁴⁸**José Lopes Rodrigues** nasceu em Almas, antigo Norte goiano, hoje Estado do Tocantins em 1909 e faleceu em Goiânia, em 1990, aos 81 anos de idade. Era filho de Florindo Lopes dos Santos e Maria Rodrigues Pinheiro. Estudou em Natividade, Barreiras, depois no Lyceu de Goiás e na Faculdade de Direito. Professor e diretor do Instituto de Educação de Goiás e, também, professor da Escola Técnica Federal de Goiás, hoje IFG. Poeta, colaborador da *Revista Oeste* e de vários jornais goianos. Publicou em 1949 o livro *Vibrações*. Membro da Academia Goiana de Letras.

p. 85) evoca as grandes e gigantes árvores da paisagem goiana, das matas mais altas; eleva-lhes o porte a gigantescas e onipotentes, seculares, de grande fronde; destaca serem pois, milagres da natureza; revela ainda, poder o viajante sob as mesmas viajar enormes distâncias sem ver o sol, tal era a exuberância naquele tempo.

Quais gigantes de máscula estatura,
Erguem-se, fortes, rijas, majestosas,
Árvores seculares e frondosas,
De enormes proporções, de grande altura.

Revelando prodígios da natura,
Trepadeiras volúveis e graciosas,
Em curvas impossíveis, caprichosas,
Descrevem labirintos na espessura.

Sob o docel da selva verdejante,
Pode o diajeiro palmilhar, errante,
Dias e dias, sem chegar-lhe o termo.

E é no silêncio ali, da mataria,
Onde nossa alma livre, se extasia
E onde se sente a solidão do ermo.

Era a concepção poética do espaço, que, na visão de Almeida (2003, p. 77) pode ter diferentes valorizações ou não, variando da representação ou da afetividade ao mesmo:

O espaço, além de ser produto das atividades humanas, tem múltiplas valorizações e caracteriza-se por atributos funcionais, estruturais e afetivos. Espaço pode ser, então, considerado como o lugar onde os homens e mulheres, ideologicamente diferentes, procuram impor suas representações, suas práticas e seus interesses. Cada espaço, tornando-se social, está possuído de símbolos e afetividades atribuídos pelas pessoas.

Descreve ainda o poeta, como os outros poetas, o significado da solidão e do isolamento vivenciado por quem palmilhava aqueles ermos. Nota-se que o ideário de isolamento e solidão é recorrente na maioria dos poetas que descreve os sertões cerradeiros, desse período literário.

3. 34 - Pedro Celestino da Silva Filho, nos aboios e nos cantos dos pássaros, um pouco do sertão goiano

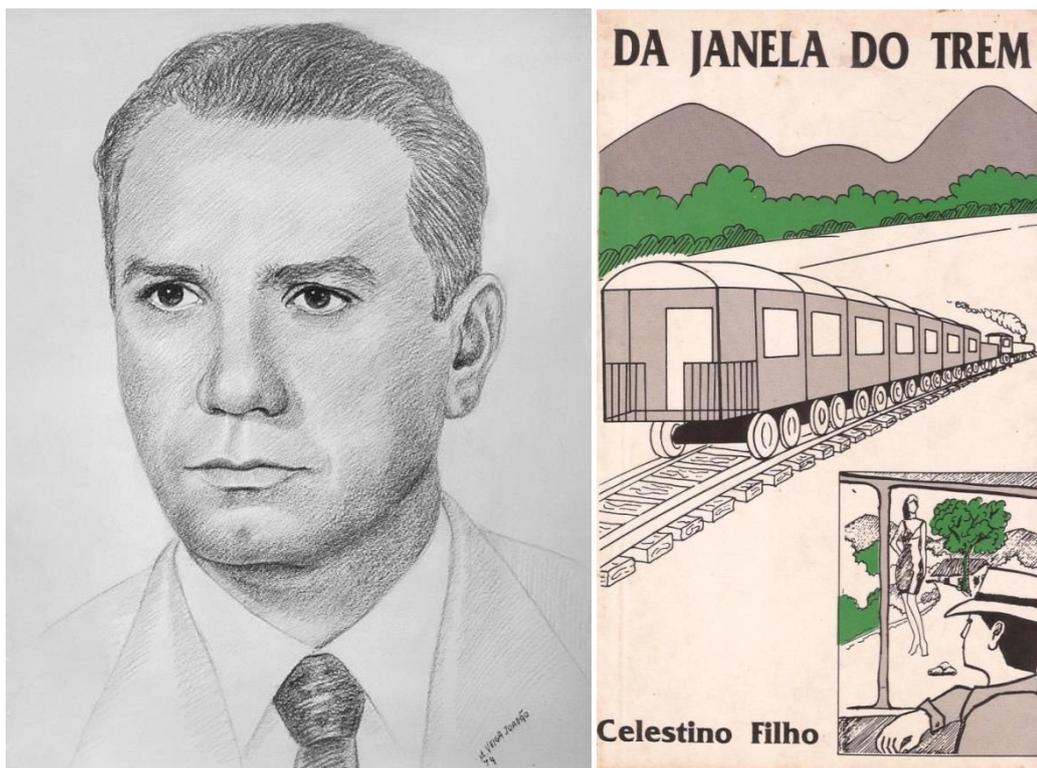


Figura 164 - Pedro Celestino da Silva Filho em desenho e capa de seu livro *A janela do trem*, publicado em 1992. Acervo de Bento Fleury.

O poeta Pedro Celestino da Silva Filho⁴⁹, também dedicado às lides políticas, foi um cantor do sertão goiano e dos costumes da gente cerradeira e roceira. Em meio a suas atividades políticas, também se dedicou a cantar a terra de Goiás, por meio de versos livres, ou por meio de discursos e estudos históricos.

Sua obra é vasta e se define como um poeta preocupado com o seu tempo e com o seu meio. No seu poema “O aboio”, Celestino Filho (1992, p. 13), evoca com simplicidade o panorama sertanejo, com o sentido canto da jaó, a tiguera, os campos soltos, as clareiras e meio às matas abundantes, densas e escuras, por meio dos ecos do aboio, povoando as solidões dos ermos cerradeiros daqueles tempos, coisa que não se ouve mais no presente, nos mesmo lugares ocupados pela expansão das usinas ou indústrias.

Geme o jaó na tiguera
Ou dos soitos na clareira,
E responde da tapera
Sua ingênua companheira.

⁴⁹**Pedro Celestino da Silva Filho** nasceu em Corumbáiba, Estado de Goiás em 1915 e faleceu em Goiânia em 1996, aos 81 anos de idade. Era filho de Pedro Celestino da Silva e Durvalina Neves da Silva. Estudos no Rio de Janeiro e em Morrinhos. Professor e jornalista em Morrinhos. Deputado Estadual, foi Presidente da Assembleia Legislativa de Goiás. Foi também Deputado Federal. Conselheiro do Tribunal de Contas. Membro da Academia Goiana de Letras. Publicou: *Rabiscos*, *Ligeiros traços históricos de Morrinhos*, *Seara de ideias*, *Rosas atômicas*, *Vivendo*, *Da janela do trem*.

A tarde tudo tempera
De tristeza e de ternura...

A paz se espraia e perdura,
E, apagando a voz do arroio,
Dilui-se na mata escura
O eco plangente do aboio.

Em outro poema do mesmo livro, intitulado “Fogo-pagou”, Silva Filho (1992, p. 26) destaca a rolinha do sertão, do Cerrado, que chora anunciando a tarde; que povoa de sofrimento os vastos sertões, na melancolia dessas horas; faz uma analogia da vida com uma tapera, na destruição de sentimentos, como escombros; desilusão esta cantada pela rolinha. É um belo poema telúrico e evocativo das aves pequeninas e singelas do sertão e do Cerrado goiano.

Fogo-pagou

Fogo-pagou... fogo-pagou...
Chora a rola anunciando a tarde.
E o viço que no sangue lhe arde
Já, melancólico, se apaga...

A vida vira uma tapera,
Coivara de satisfação:
Escombros cobertos pela hera
Do fastio e desilusão...
Chora a rola fogo-pagou...

Em outro livro intitulado *Rosas atômicas*, Silva Filho (1977, p. 76), evoca a beleza singular das orquídeas do Cerrado

O sorriso tristonho que floresce,
Do ancião na face austera e encanecida,
É a terna e rara orquídea que aparece
Nos troncos secos de árvores sem vida...
Ao contrario das outras plantas, cresce
Sorvendo a força, o viço, embevecida
Do meio ambiente, do calor que a aquece,
Num esforço centrípeto iludida.

Refletindo o infortúnio da ruína,
Pompéia trêmula, na decadência,
Nas pátinas da vida que declina...

Por entre os musgos da tristeza enflora,
Trescando suave reverência,
Reminiscências de longínqua aurora...

Assim, poeticamente, nas árvores sem vida, afloram e trazem beleza mesmo após a morte vegetal. Numa analogia histórica, alude a Pompéia, sobre a decadência e o renovar, identifica a orquídea do Cerrado como a planta iludida, que se julga sempre viva, a partir da decadência e da morte, das pátinas e mofos do tempo, presa também ao infortúnio alheio, mas florida e sempre viva. Sua beleza, no pensar do poeta, traz alegria ao ancião de face austera e encanecida, na surpresa de ver tanta beleza, em meio à morte de outras árvores.

3.35 - José Décio Filho nos poemas e nas elegias sob o encanto das orquídeas do mato

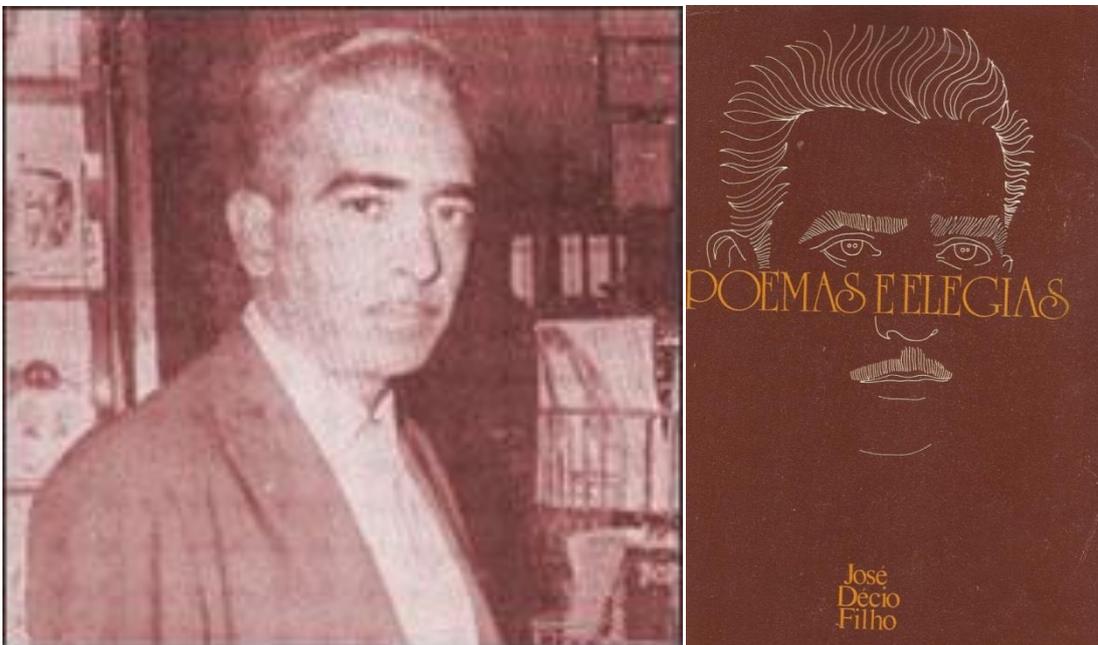


Figura 165 - José Décio Filho, o poeta da dor, do infortúnio e da saudade e a bela capa de seu livro póstumo, *Poemas e elegias*. Acervo de Bento Fleury.

José Décio Filho⁵⁰, poeta lírico e profundamente inconformado, trazia a dor no olhar; olhos profundamente tristes, de uma tristeza tão aguda, que doía aos olhos alheios. Até mesmo no desenho da capa de seu livro, seu olhar é angustiante e doloroso. Em meio á dor, sabia amar as coisas belas, como a natureza, o Cerrado, as plantas e as orquídeas do mato, tantas vezes decantadas em seus sofridos versos.

Em seu livro *Poemas e elegias*, publicado em 1953, há vários poemas telúricos e sentimentais de grande beleza. Uma beleza profundamente humana e sensível ao enxergar a

⁵⁰**José Décio Filho** nasceu em Posse, Estado de Goiás em 1918 e faleceu na Cidade de Goiás em 1976. Estudou no Lyceu de Goiás. Foi funcionário do IBGE no Rio de Janeiro, Diretor da *Revista Oeste*, jornalista, poeta, Diretor do Departamento Estadual de Cultura e Presidente da UBE-GO. Obra: *Poemas e elegias e Poemas*.

vida, suas contradições e seus desacertos. As dores do mundo que o machucavam; ele, o poeta ferido pela dor de si e dos outros.

Em seu poema “Goyaz”, Décio Filho (1953, p. 23) evoca o largo e o longe do próprio nome de Goiás, as distâncias em que o pronuncia se perdendo na imensidão do espaço geográfico do Estado antigo, tão esquecido, contando com o que hoje é o Tocantins. Distâncias eram quase intransponíveis em certos trechos, daí o ideário de distância.

Poeticamente ele leva esse nome pelos cerrados do tempo até muito atrás da serra azul; eleva o nome ao calor materno, embalo de rede, sombra de mangueiras, de canaviais balançantes ao vento; até mesmo poético rancho de roça, figura de vaqueiro e de trovão rebombando no infinito, num “lirismo manso”, como ele mesmo apregoou.

Goyaz... que nome largo, longe!
Se o pronuncio da janela
Para a noite infinita,
O vento toma-o de minha boca
E o leva aos confins da serra azul,
Lamento, suspiro, convite,
Dor gostosa que arrepia os cabelos.

Goiás é nome – calor, tão materno
Qual sombra de mangueira.
Balanço de rede de buriti
No rancho de palha.
Brisa nos canaviais,
Cantiga de roda em noite de lua,
Aboio de vaqueiro nos gerais,
Trovão longínquo, percutindo,
Na minha nostalgia.

E é muito Brasil,
Assim novo e antigo,
Primitivo, alegre e triste,
Com suas tolices enxutas, ágeis,
Lirismo fundo e manso,
Admiração irônica, engraçada,
Amor calado, espinhoso,
Ternura desajeitada e fremente.

Em outro poema intitulado “Formas”, Décio Filho (1953, p. 67) evoca a natureza e seus efeitos nos diferentes caminhos humanos, na chegada, na partida, na própria caminhada. E mostra que, em meio à paisagem que nos configura a vida, há vários enleios, momentos, acentuados pelos existir natural, como o sol, a chuva, uma árvore, um campo florido, um cerrado enfezado; profundo sentimento de pertencimento e de ligação, pelo sentir,

aos estágios do mundo. E os cerrados serão sempre os mesmos, diante de tantos momentos humanos, infatigáveis.

Trovões em longe...
Nuvens negras caminhando no céu.
Um estalo rápido e rubro
E os pingos grossos e falhados de chuva.
No outro dia, de manhã cedo,
Passeio nupcial de andorinhas pelos cerrados
No ar lícido, inefável.
Primeira despedida:
Vou para o mundo, largo mundo.
A paisagem vai ficando atrás,
Atrás vão ficando os rostos amigos,
Os olhos embaçados de lágrimas,
As falas mansas
Vozes que ouvi desde pequeno,
Vozes que me embalaram sonhos infantis.
Descobrirei outras paisagens
Outros cenários
Outras criaturas
Verei mundos outros.
Outras andorinhas andarão pelos cerrados
De mim.

Também, fala o poeta Décio Filho (1953, p. 60) sobre as orquídeas do mato e suas belezas silentes. A elas faz um canto, ao destacar, de forma profunda, que a árvore é a síntese da matéria e a orquídea é a síntese da flor. Afirmção que é essência, conceito.

Se a árvore é a síntese da matéria
as orquídeas são a síntese das flores.
Elas nascem no fundo escondido dos bosques,
no tronco das árvores seculares
que já deram sombra aos seus antepassados
e deram frutos aos filhos.

Dir-se-ia que elas são a cristalização
do orvalho das noites e do mistério do amor.
Nas suas conchas brancas, violáceas, vermelhas
pousa o sereno do infinito azul,
sempre terno, generoso e amigo.

Em suas corolas tranquilas
as gotas de chuva parecem pedras preciosas.
Mas elas se escondem e só se mostram
para quem tem olhos para ver a beleza
escondida no coração da matéria
e guardada pela mãe Terra.

Relata sobre o pejo dessas lindas flores que se escondem no profundo das matas goianas e que se alimentam do fim e dos restos de tantas árvores que foram síntese também da beleza. Para ele, as orquídeas do mato bebem o néctar dos serenios e se tornam plenas de

tranquilidade diante do imponderável do tempo. Tímidas, a seu tempo, as orquídeas eram escondidas “no coração da matéria/e guardada pela mãe terra”.

3. 36 - Antonio Soares de Camargo e o baú das lembranças cerradeiras

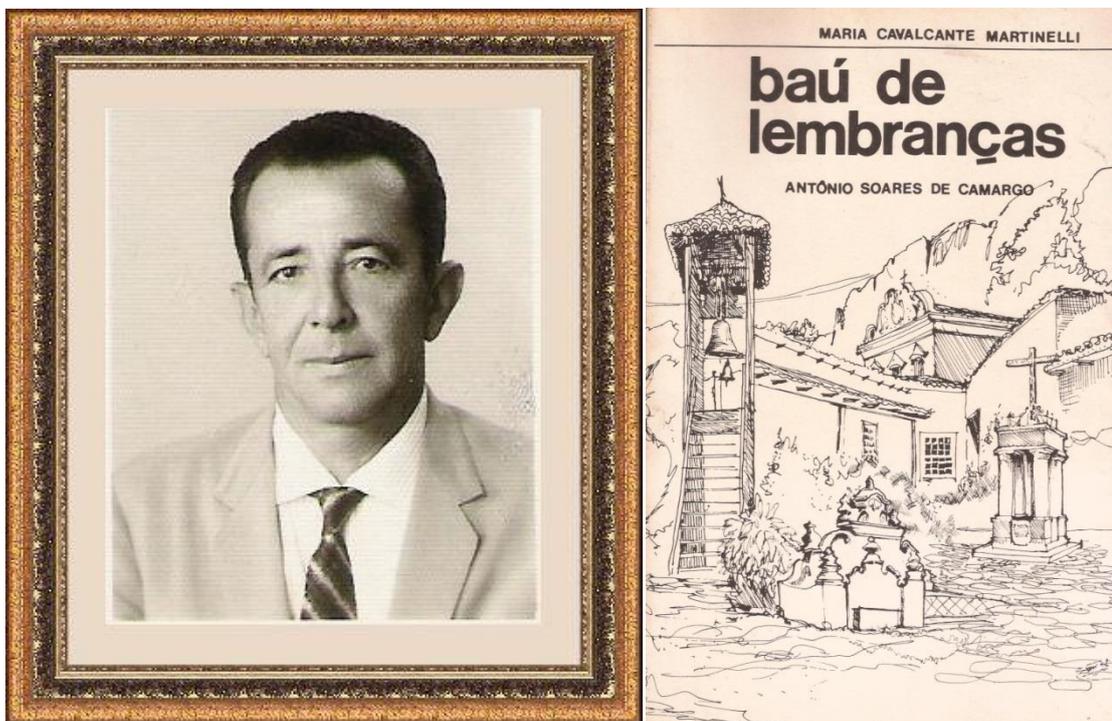


Figura 166 - Antonio Soares de Camargo, magistrado e escritor e a capa de seu livro Baú de lembranças, organizado por Maria Cavalcante Martinelli.

Antonio Soares de Camargo⁵¹ foi um magistrado, poeta e prosador das coisas goianas do passado. Com sua lírica visão, enxergou belezas pequeninas no Cerrado e nas manifestações peculiares de nosso povo.

Seus poemas são geográficos e centram-se numa perspectiva de abordagem da categoria Lugar. Em seu poema “Bairrismo”, fica evidente esta afirmação, quando Camargo (1986, p. 57) analisa a posição do ser diante dos Pontos Cardeais, ao se posicionar, na antiga capital goiana, no encontro das ruas antigas e de “seu lugar no mundo”, ou a origem do seu mundo, onde tudo teve início.

⁵¹**Antonio Soares de Camargo** nasceu na Cidade de Goiás em 1915 e faleceu em Goiânia em 1989. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás. Foi Juiz em diferentes cidades goianas, onde também exerceu o magistério. Professor e magistrado; era pesquisador e colaborador em diferentes jornais do Estado. Deixou obra dispersa, postumamente organizada por Maria Cavalcante Martinelli sob o título de *Baú de lembranças*.

Poemas que nos conferem uma visão de Cerrado como patrimônio, como legado, evidenciando a continuidade das espécies e a sobrevivência humana no Brasil Central, sobrevivência inclusive do imaginário, da forma em que asseveram Almeida e Chaveiro (2008, p. 93):

Tal como evidenciamos, o cerrado é um patrimônio de vida que remonta à história da natureza concretamente especializada na porção central do território nacional. A riqueza de seu gradiente genético e de um manancial de signos e símbolos culturais que expressam a história do sujeito que aqui efetivou a sua vida em diferentes períodos históricos, juntamente com os modos de uso diferenciados da natureza, demonstram que o território cerradoeiro existe em disputa. Em decorrência disso, dizemos que ele é criado, tanto pela produção do imaginário que o representa como no sentido pela qual as classes sociais o usam, pela via política. Almeida e Chaveiro (2008, p. 93).

O poeta nos confere a quebra da dimensão entre o pequeno e o grande, regional e universal, nascente e poente, ao afirmar que “a Geografia é estreita e não tem tamanho”, utilizando os díspares a nos conferir que as coisas não parecem na verdade o que realmente são.

Ao definir a paisagem, o poeta, também, dimensiona a quebra de seus paradigmas ao afirmar que “a paisagem não é apertada; ela tem um largo círculo” e pode se reconfigurar de diferentes maneiras, dependendo de como se olha. Destaca que é “mundo grande, universal, o torrão natal” e chama Goiás de “a pátria dos ventos”, como Bernardo Élis mais tarde tratou aqui de “o País dos ventos”.

A geografia é estreita e não tem tamanho.

- Com a frente para onde o sol nasce
é o nascente, nas costas é o poente,
Os braços estendidos em cruz,
ao longo do horizonte, azul,
um deles aponta o norte,

o canhoto,
o outro, direito, o sul,
de modo que a Rua D'Água,
nos deságues,
dos becos retumbantes de Detrás-da-Matriz
seja o meio do mundo,
avante! e a ré!

Mundo grande e universal o torrão natal.

- Lá longe, longe mesmo, adonde não se vai a pé.
aló, Lá na pátria dos ventos,
no justo ponto, aonde,
Veiga Vale calçou botas em São José,
dentro da terra amada, está a goiaca,
o cinturão chapeado de ouro,
da Serra Dourada,

nem pra lá, nem pra cá,
no justo ponto, onde, aqui e ali,
Goiandira, avatar de Damiana, tira
todos os matizes de todas as cores,
menos dos azuis pincelados no céu.
A paisagem não é apertada, ela tem o largo do círculo.
São morros de ouro.

Em outro poema intitulado “Arredores”, Camargo (1986, p. 6) destaca os ínvios caminhos dos morros que circundam a Cidade de Goiás, nos seus tempos de menino: “Estradinha de cascalho/serpenteando árvores tortinhas/Cerradinho, dizia minha avó./Eu menino/indo/subindo/catando frutos/pequi/gabirola/coquinhos/subindo mais/vista da serra/azulada/pedaco do céu/no mundo/Profundo/meu olhar/a divisar/num lance d’olhos/o vale em flor. Era Vila Boa/de Goyaz!”.

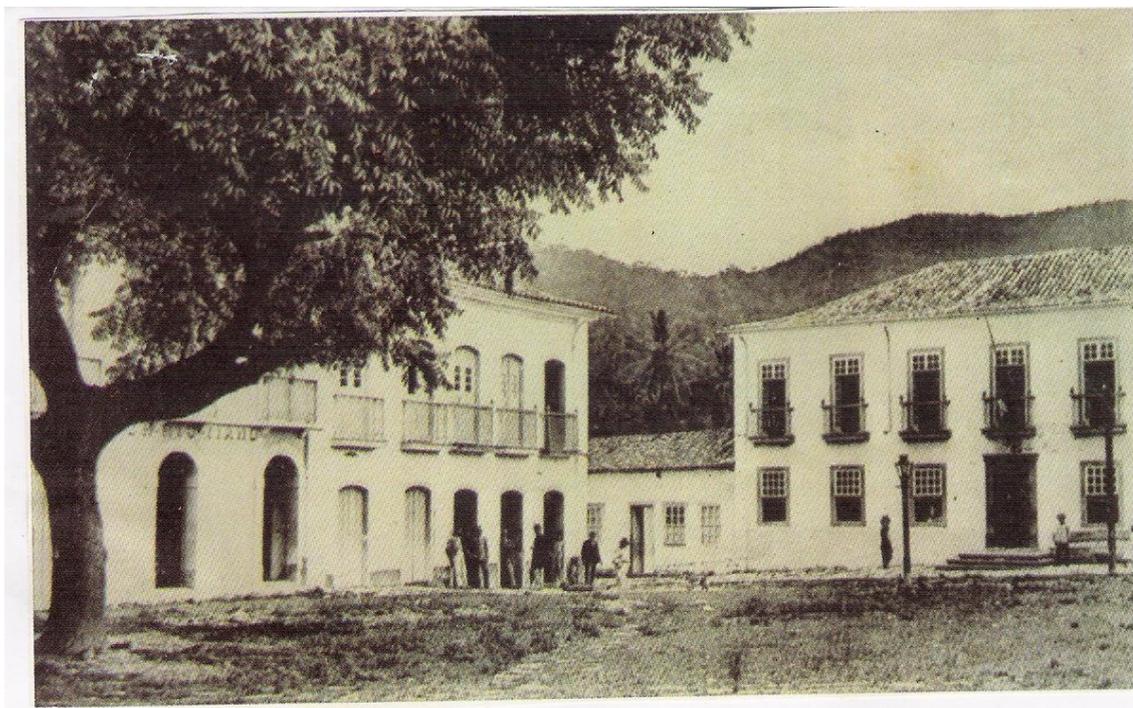


Figura 167 - Cidade de Goiás em 1913, vendo-se, ao fundo, o cerrado aos arredores da cidade, com suas espécies e frutos saborosos, lembrados pelo poeta.

Nesse poema, o Cerradinho, de característica mais baixa, que circunda a Cidade de Goiás é mostrado, sob a ótica poética do autor, ao evidenciar sua visão geral do vale do Rio Vermelho, os frutinhas expostos, num cenário agreste, típico do Bioma, a se destacar nesses ambientes de serra, com características peculiares e específicas de pequenas árvores, tortas e cascudas, como ressalta o poeta vilaboense, imortalizando a Categoria Lugar.

3. 37 - Eduardo Henrique de Souza Filho e os tempos de Goyaz

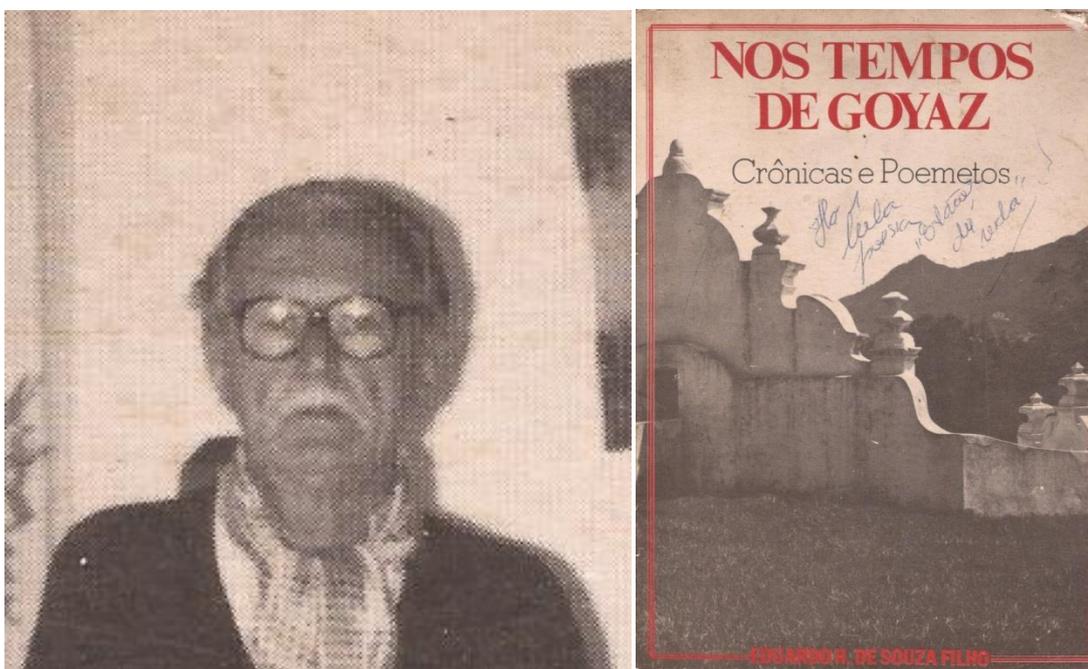


Figura 168 - Eduardo Henrique de Souza Filho e a capa de seu livro de poemas *Nos tempos de Goiás*. Acervo de Bento Fleury

Eduardo Henrique de Souza Filho⁵² foi também poeta e prosador. Juiz de Direito, deixou trabalhos literários acerca do Bioma-território Cerrado, seja nas narrativas historiográficas, como nos poemas de acentuado lirismo.

De suas narrativas de memória, destaca sobre o Cerrado na região do antigo Norte goiano, hoje Estado do Tocantins, nas peripécias de suas viagens como Juiz de Direito, nas diversas, longínquas e esquecidas comarcas do sertão bravio. Destaca como era inóspito e esquecido aquele pedaço de Goiás ainda virgem, com sua natureza exuberante, seus campos limpos e suas matas pujantes, intocadas e majestosas.

Como poeta, sua produção é vasta e se destaca a exaltar a beleza da terra goiana, com seus rios caudalosos, a Cidade de Goiás, os hábitos, costumes e modismos de um povo peculiar, afeito à luta da vida num ambiente agreste, mas marcado pela beleza fascinante de sua vegetação cerradeira.

Em seu poema “Rio Bagagem”, Souza Filho (1986, p. 34) evidencia a beleza das antigas águas, límpidas e claras, hoje tão raras, de um belo recanto vilaboense, preferido para

⁵²**Eduardo Henrique de Souza Filho** nasceu na Cidade de Goiás em 1907 e faleceu em Goiânia, em 2002, aos 95 anos de idade. Formou em Direito pela Faculdade de Direito de Goiás, sendo Juiz em várias cidades do norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Flautista, exímio músico, compositor e poeta, memorialista, deixou os livros *Nos tempos de Goyaz*, *As reminiscências de um juiz* e *O canto do cisne*.

os banhos e passeio da população de então. Utilizando a lírica forma mais arcaica do verso, o poeta destaca a beleza do rio, suas águas, areias, pedras, os seixos, as matas ciliares, as lembranças daquele recanto querido e saudoso.

Tuas águas mornas, praias alvinitentes
Mansas correntes, ao rolar serenas,
Por entre eixos, a enfeitar-te o leito,
Trazias ao peito, saudades amenas.

Dos tempos idos, que o passado encerra,
De minha terra, que a lembrança traz,
Eram tuas orlas de belos recantos
E mais encantos só vistos em GOYAZ.

Sempre aos domingos, em tuas margens havia
Muita família, fluindo lugar sombrio,
E as frescas auras, vindas das ramagens,
Brandas aragens trazidas pelo rio.

Nos arvoredos, tantos passarinhos
Faziam os ninhos, em ternos gorjeados
E o nhambu chitão, à hora do arrebol,
Saudava o pôr do sol, em pios modulados.

Nas águas claras de tuas corredeiras
Subiam voadeiras, rápidos lambaris,
E o ipê florido, os altos ingazeiros,
Eram viveiros das pombas juritis.

Os garimpeiros te invadiram todo,
Em lama e lodo teus areais tornaram,
Todo o teu leito, de tuas frescas margens
E das paisagens, pouco te deixaram.

Do que então foste, quase nada existe,
És um rio triste, de tristonha imagem,
Mas és querido, te esquecer quem há de?
Resta a saudade de ti RIO BAGAGEM!...

Depois, vai seguindo a narrativa dos domingos de festa, quando a mocidade ali naquele recanto do cerrado vilaboense, a população se refrescava. Destaca sobre as ramagens das matas ciliares, os ipês floridos daquele tempo ditoso; as árvores com seus passarinhos canoros, o nhambu chitão, com os seus pios, os ingazeiros carregados.

Depois, como brado de denúncia, o poeta destaca a destruição do Rio Bagagem pela incúria dos garimpeiros que destruíram suas margens, enlamearam suas águas, tornaram barro suas entranhas e acabaram com a vegetação. Do belo rio, da Cidade de Goiás, ficou apenas a lembrança do poeta. E a lembrança dos que viveram aqueles ditosos tempos, em plena harmonia com a natureza.

Da mesma forma, o poeta denuncia a destruição do Rio Vermelho que corta a Cidade de Goiás, do Rio Uruhu, da Cachoeira Grande, do Rio Santo Antonio, do Córrego Manuel Gomes. Cantor das águas passadas, Eduardo Henrique de Souza Filho perpetuou lembranças de uma época em que a população vilaboense era grata ao meio em que vivia e se harmonizava, sem a desenfreada ambição, com as linfas e com o Cerrado em torno, na grandeza paisagística, de um belo pedaço de Goiás.

Em seu segundo livro de versos intitulado *O canto de cisne*, há, também, versos dedicados ao Cerrado, mas já com um tom de nostalgia de quem se despedia da vida, em cintilações outonais, mas amando muito a poética centrada no chão goiano.

3. 38 - Emir Omá e as aquarelas goianas no aconchego de todas as folhas e flores



Figura 170 - Capa dos dois livros de Emir Omá, anagrama de Euler Amorim, inspirado poeta das coisas goianas. Acervo de Bento Fleury.

Euler de Amorim⁵³, vilaboense, de ascendência pirenopolina deixou obras poéticas, hoje desconhecidas de uma maneira geral em que canta a terra goiana, o Cerrado e a paisagem, aos moldes tradicionais do verso.

⁵³**Euler de Amorim** nasceu em Pirenópolis em 1914, mas passou toda a vida na Cidade de Goiás. Formou-se em Direito, mas foi professor do Lyceu e inspirado compositor. Publicou seus versos na Revista Oeste e em vários

No seu poema “Tarde serrana”, Amorim (1970, p. 32), destaca, com ênfase, sobre as belezas naturais e cerradeiras da região da Cidade de Goiás, em versos antigos, de rima aflorada e nítida, decantando como um vate eterno, a natureza vilaboense.

Oh, quantas belezas e encantos encerra
A tarde na serra, morosa a expirar!
É rico o cenário – painel majestoso,
Um quadro formoso, sublime, sem par.

A extensa campina é qual flóreo tapiz
De raro matiz, uma cor verde-mar;
Sobre ele as azuis borboletas galantes,
Quais flores volantes se agitam no ar.

Ao longe vagueia nas relvas o gado,
Num vírde prado de ricas herdades.
Às vezes reboa um soturno mugido,
Tão longo e sentido que acorda as saudades.

Aos pés dos altivos e esguios coqueiros,
Em cantos fagueiros o arroio desfia,
Contando-lhes lendas em doces querelas
E histórias singelas em longa poesia.

Nas várzeas em flor de cetim verde-louro,
Cobertas pelo ouro da luz vespertina,
Figura, soberbo, o perfil de uma ema,
Rainha suprema que os campos domina.

Exalta a tarde a morrer na serra, lentamente, a encerrar um cenário triste e melancólico do existir do homem na região do Cerrado; mostra as campinas no ideário da extensão excessiva do olhar o de nos propicia uma ideia de pequenez diante da natureza; destaca as flores do campo no “flóreo tapiz” em imagens poéticas retóricas; fala das relvas do gado num “vírde prado”, em linguagem antiga; destaca os altos e esguios coqueiros do Cerrado, também as várzeas “em flor de cetim verde-louro” e fecha seu poema com a presença impar da ema, como símbolo de todo o cenário.

Descritivo e lírico, o poema transborda sentimentos de gratidão ao existir sertanejo, como se fotografasse o tempo e o guardasse como escrínio afetivo, para a perenal exaltação daquilo que foi, outrora, no Cerrado goiano.

3. 39 - Jacira Brandão, do mato e dos caminhos, a revoada de sonhos



Figura 171 - Jacira Brandão Veiga Jardim (Gito), poeta na simplicidade das coisas do Cerrado goiano. Acervo de Bento Fleury.

Jacira Brandão Veiga Jardim (Gito)⁵⁴, poeta vilaboense, também se dedicou a exaltar, em diferentes sonhos, a natureza goiana, notadamente a vilaboense. Sua obra é singela, porém tecida nos liames da imaginação e da evocação ao Bioma-território Cerrado.

Seu único livro *Revoada de sonhos*, apresenta diversos versos evocativos ao Cerrado e à paisagem goiana. Notadamente em seu poema “Velha árvore”, Veiga Jardim (1993, p. 75), evoca o pertencimento da árvore ao viver cerradeiro. Árvore que é símbolo de toda uma evolução, de um existir; existir como missão.

Aquela árvore velha e seca
Que já foi nova e verde
Deu com sua sombra passada
A proteção abençoada e benfazeja

Quantos viajantes cansados
Em sua sombra adormeceram
Com a brisa que passava
Embalando os sonhos seus.

Esta árvore deu amor
Já foi muito feliz
Onde os pássaros cantavam
Coisas que só o coração diz.

⁵⁴**Jacira Brandão Veiga Jardim (Gito)** nasceu na São João Del-Rei em 1918, mas cedo passou a residir na Cidade de Goiás. Normalista pelo Colégio Santana, professora e escritora. Passou a residir em Goiânia nos primeiros anos. Membro da UBE-GO e Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Publicou o livro de versos *Revoada de sonhos*. Reside em Goiânia, aos 97 anos de idade.

Num arremate, é possível conceber o valor de se estudar o Cerrado, suas características, sua importância, o seu contexto. Era necessário um estudo sobre a Literatura desse Bioma, como tantos já foram feitos sobre a Mata Atlântica, o Pampa, a Caatinga. Homens e mulheres ilustres das letras e da arte da palavra, perpetuaram o chão cerradoeiro. Era preciso rastrear e inventariar esse valioso acervo espalhado, desconhecido e esquecido das novas gerações e trazê-lo à luz da Geografia, para se compreender a essência do chão do Cerrado e o valor de seu povo na caminhada imemorial das gerações no rumo ao instigante porvir.

Referências

- ABRAHÃO, Zecchi. Não destruirás. In: *Revista Oeste*, ano I, n. 3, Goiânia, 1942.
- ABREU, Edmundo Pinheiro de. **Currallinho, seus costumes e sua gente**. Goiânia: Editora Oriente, 1978.
- ABREU, Maurício de Almeida. “A apropriação do território no Brasil Colonial”. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊIA, Roberto Lobato (Org.). **Explorações Geográficas: percursos no fim do século**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1997.
- AB’SABER. A. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ACCIOLI, João. **Olho d’água**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1943.
- ACOT, Pascal. **História da ecologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ADAS, Melhem. **Estudos da geografia**. São Paulo: Moderna, 1983.
- ADORNO, Kleber. **Sinfonia do só**. Goiânia: Oriente, 1984.
- ADORNO, Theodor. **Lírica e sociedade**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- AGUIAR, Offir Bergermann. **Região, nação, identidade**. Goiânia: Agepel, 2005.
- AIRES, Aidenor. **Cerrados**. In: *Revista da Academia Goiana de Letras*, nº.25, Goiânia, ago. 2002.
- ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. **Estrutura fundiária em Goiás (1850-1910)**. Goiânia: Editora da UCG, 1993.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. **Anais da Província de Goiás**. Goiânia: Ed. Cerne/Sudeco, 1975.
- ALMEIDA, Maria Geralda de. A captura do Cerrado e a precarização do território: Um olhar sobre os sujeitos escolhidos. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. (Org.). **Tantos Cerrados: Múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- _____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais - Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de et al. **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Ed. Vieira, 2008.
- _____. e RATTIS, A. J.P. (orgs.). **Geografia: Leituras culturais**. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003.
- _____. **A reinvencão da natureza**. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro, UERJ, nº 17-18, jan/dez.

2004.

_____. **Cultura Ecológica e biodiversidade.** *Mecator*. Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, ano 2, nº 3, 2003.

_____(Org.). **Abordagens Geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: IESA, 2002.

_____. **A reinvenção da natureza.** Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ, NEPEC, n. 17-18, jan./dez. 2004.

_____. **Tantos Cerrados.** Goiânia, Vieira, 2005.

_____. **Paradigmas do Turismo.** Goiânia: Editora Alternativa, 2013.

ALMEIDA, Nelly Alves de. **Análises e Conclusões.** Goiânia: CERNE, 1984.

_____. **Tempo de ontem.** Goiânia: DEC, 1972.

ALMEIDA, Victor Coelho de. **Goiaz – rios, costumes e riquezas naturais.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1944.

ALVIM, P. T. Teoria sobre a formação dos campos cerrados. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 4, p. 496-498, out. –dez. 1954.

AMADO, Gilberto. **A chave de Salomão e outros escritos.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1971.

AMADO, Janaina. Região, sertão e nação. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 155, 1995.

AMERICANO DO BRASIL, Antônio. **Súmula de história de Goiás.** 2. Ed. Goiânia: DEC/Edigraf, 1961.

AMIN, Samir. **O desenvolvimento desigual.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1976.

AMORIM, Eduardo Guedes de. **Aruanã.** Goiânia: Editora Oriente, 1973.

AMORIM, Euler. **Aquarelas goianas.** Goiânia: Ed. ETEG, 1970.

AMORIM FILHO, Osvaldo B. **A pluralidade da Geografia e a necessidade das abordagens culturais. In: Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista.** São Paulo: Terceira margem; Curitiba, 1986.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Caminhos e descaminhos da geografia.** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. **Geografia ciência da sociedade.** São Paulo: Atlas, 1987.

_____. **Espaço, polarização e desenvolvimento.** São Paulo: Ed. Atlas, 1987.

AQUINO NETO, Luís de. Ecológica. In: NASCENTE, Gabriel. **Colheita.** Goiânia: Unigraf, 1979.

- ARANTES, Célia Siqueira. **Chão livre**. Goiânia: Kelps, 1991.
- ARANTES, Lucio & CURADO, Bento Fleury. **Beco dos Aflitos**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2001.
- _____. **Do Barro Preto ao Planalto Central: Caminhos e Lembranças**. Brasília: Ed. Thesaurus, 2008.
- ARANTES, Sebastião. **O pranto dos inhambus**. Goiânia: Livraria Cultura Goiana, 1975.
- ARBEX JUNIOR, José e OLIC, Nelson Botic. **Rumo ao Centro-Oeste**. São Paulo: Ed. Moderna, 1996.
- ARAÚJO, Crispim Silva. A tarde. In: TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 1964.
- ARAUJO FILHO, Joaquim Machado de. **A construção da semente**. Goiânia: oriente, 1977.
- ARTIAGA, Zoroastro. **História de Goiás**. Goiania: Ed. DEC, 1959.
- _____. **Geografia Econômica Histórica e Descritiva do Estado de Goiás**. Goiânia: DEC, 1951.
- ARRAIS, T. P. A. **Geografia Contemporânea de Goiás**. Goiânia: Vieira, 2004.
- _____. **A produção do território goiano**. Goiânia: Cegraf-ufg, 2013.
- _____. **A região como arena política**. Goiânia: Editora Vieira, 2007.
- ARENDRT, Hanna Johanna. **A condição humana**. Tradução: Roberto Raposo. Introdução: Celso Lafer. Rio de Janeiro, Forense – Universitária e Salamandra, e São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.
- ARGENTA, Emília Perillo. **Reminiscência**. Goiânia: Ed. Kelps, 1990.
- ARINOS, Affonso. **Pelo sertão**. São Paulo: Ed. Edíouro, 1980.
- ASSIS, Wilson Rocha. **Estudos de História de Goiás**. Goiânia: Editora Vieira, 2005.
- AYRES, Aldair da Silveira. **Depois de amanhã**. Goiânia: Kelps, 2003.
- AZEVEDO, Aroldo de et al. **Brasil, a terra e o homem**. São Paulo: Nacional, 1970.
- AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. Brasília: Ed. UNB, 1963.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. **Anuário Histórico, geográfico e descritivo do Estado de Goiás**. Uberaba: Livraria Século XX, 1910.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- BAIOCCHI, Cesar. **Cerrado**. In: *Revista da Academia Goiana de Letras*, nº 4, Goiânia, jun.1974.
- _____. Araguaia. In: NASCENTE, Gabriel. **Colheita**. Goiânia: Unigraf, 1979.

- BARREIRA, C. C. M. A. **Região da estrada do boi: usos e abusos da natureza.** Goiânia: Editora UFG, 1997.
- _____. O olhar geográfico. In: BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes. **Vão do Paranã: a estruturação de uma região.** Brasília, Ministério de Integração Nacional: Universidade Federal de Goiás, 2002.
- BARROS, Albertina Fortuna. **Técnica de estilo.** Lisboa: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- BARRÉRE, Martine. **Terre patrimoine commun.** Paris: La Decouvert, 1992.
- BARBOSA, Alaor. **Os caminhos de Rafael.** Goiânia: Ed. UFG, 1995.
- BARBOSA, Altair Sales. **Andarilhos da claridade: os primeiros habitantes do cerrado.** Goiânia: Ed. da UCG, 2002.
- BARBOSA, João Alexandre. **As ilusões da modernidade.** São Paulo: Perspectiva, 1986.
- BARTHES, Roland. **Crítica e verdade.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.
- _____. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 2004.
- BASTIDE, Roger. **Brasil – terra de contrastes. 3.** Ed. São Paulo, Difel, 1969.
- BASTOS, Tavares. **A Província.** São Paulo: Ed. Nacional, 1973.
- BECKER, Bertha K et alii. **Geografia e meio ambiente.** São Paulo: Hucitec, 1995.
- BECHER, Hans. **O barão Goerg Henrich Von Langsdorff – Pesquisas de um cientista no século XIX.** Brasília: UNB, 1990.
- BECKER, Bertha K. e MIRANDA, Mariana (Org.). **A Geografia política do desenvolvimento sustentável.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BENJAMIN, César. **O Brasil é um sonho.** Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2002.
- _____. **Os desafios do Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. FAPERJ, 2002.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época da reprodutibilidade técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERBEL, Márcia Regina. **A nação como artefato.** São Paulo: Hucitec, 1999.
- BERNARDES, Carmo. **Rememórias Dois.** Goiânia: Editora Cultura Goiana, 1968.
- _____. Peão de boiadeiro. In: **Jornal Diário da Manhã.** Goiânia, 18 mai 1984.
- _____. Carro de boi. In: **O Popular.** Goiânia, 10 nov. 1971.
- _____. **Jurubatuba.** Goiânia: DEC, 1974.
- _____. **Reçaga.** Goiânia: Livraria Cultura Goiana, 1979.
- _____. **Força da nova.** Goiânia: DEC, 1982.
- _____. **Jângala: Complexo Araguaia:** Ed. Cultura Goiana, 1994.

- _____. **Xambioá, paz e guerra**. Goiânia: AGEPEL, 2005.
- _____. **Perpetinha, um drama nos babaçuais**. Goiânia: UCG, 1991.
- _____. **Quarto crescente**. Goiânia: DEC, 1986.
- BERQUE, Augustin. *Être humains sur la terre. Principes d'éthique de l'écumène*. Paris: Gallimard, 1996.
- BERTRAN, Paulo. **Notícia Geral da Capitania de Goiás**. Goiânia: Ed. UCG/UFG, 1996.
- _____. **Sertão do campo aberto**. Brasília: Ed. Verano, 2007.
- _____. **Cerratenses**. Brasília: Thesaurus, 1999.
- _____. **História da terra e do homem do planalto central**. Brasília: Thesaurus, 1989.
- _____. **Uma introdução à história econômica do Centro Oeste do Brasil**. Brasília: UCG/CODEPLAN, 1988.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- BEZERRA DOS SANTOS, L. Campo cerrado. In: CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA. **Tipos e aspectos do Brasil: excertos da Revista Brasileira de Geografia**. 6. ed. Rio de Janeiro: IBGE, p. 410-412. 1956.
- BEZZI, Mari Lourdes. Para repensar a região. In: BEZZI, Mari Lourdes. **Região uma (re) visão historiográfica – da gênese aos novos paradigmas**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2004. Pag. 17-24. 292p.
- BILAC, Olavo. **Através do Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1939.
- BONIFACIO, João. **Goyaz**. Cidade de Goyaz: Editora Progredior, 1911.
- BORGES, B G. **Goiás nos quadros da economia nacional: 1930-1960**. Goiânia: Ed. UFG, 2000.
- BORGES, Humberto Crispim. **Chico trinta**. Goiânia: DEC, 1982.
- _____. **O vale das imbaúbas**. Goiânia: DEC, 1979.
- _____. **Cacho de tucum**. Goiânia: DEC, 1967.
- BOQUADY, Jesus de Barros. **Goiânia: sonho e argamassa**. Goiânia: CESIC, 1959.
- _____. **Romanceiro goiano**. Goiânia: DEC, 1965.
- BORDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico*. Lisboa: Bertrand Brasil/Difel, 1989.
- BORGES, Heloísa Helena de Campos. Rosarita Fleury: uma consciência desvendante. In: *Revista da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás*. Goiânia: AGEPEL, nº 001. p. 39-43, 2001.

- _____. O romance em Goiás: construção e singularidade de seu processo narrativo. 1986. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1986.
- BORGES, Lydia Arantes Rossi. **Raiz goiana**. Piracanjuba: Editora Orchídea, 1999.
- BORGES, Mauro. **A conquista do Cerrado: Uma proposição para duplicar a produção de grãos**. Brasília: Gráfica do Senado, 1985.
- BORGES, Venrando de Freitas. **Dobras do tempo**. Goiânia: DEC, 1980.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- _____. Fenomenologia do Olhar. In: Et alli. **O olhar**. São Paulo: Ed. Schawarcz, 1989.
- _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. **A dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2001.
- BOYDEN, Stephen. **Por uma sociedade ecológica**. Barcelona: Ed. Gustavo Gill: 1978.
- BRANCO, Samuel Murgel. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1994.
- BRAGA, Ana. **Retalhos**. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.
- BRAGA SOBRINHO, Francisco. **Na terra do ipê amarelo**. Brasília: Thesaurus, 1999.
- BRANDÃO, A. J. costa. **Almanach da Província de Goyaz**. Goiânia: Ed. UFG, 1978.
- BRANDÃO, CarlosRodrigues e ROCHA, Evandra. **O jardim da vida**. Goiânia: PUC, 2004.
- BRANDÃO, Francisco Manoel. **Brasília e o Buritizeiro**. Rio de Janeiro: Gráfica Ouvidor, 1951.
- BRASIL, Antônio Americano do. **Nos rosais do silêncio**. Goiânia: DEC, 1947.
- _____. **Pela terra goiana**. Rio de Janeiro: Gráfica do Senado, 1922.
- BREITBACH, Áurea Correia de Miranda. **Estudo sobre o conceito de região**. Porto Alegre: FEE, 1988.
- BRETON, Roland J. **Geografia das civilizações**. São Paulo: Ática, 1990.
- BRIE, C. de. **Pysans dans frontières**. In: *Le monde diplomatique*, jul. 1995.
- BRITTO, Célia Coutinho Seixo de. **A Mulher, a História e Goiás**. Goiânia: Líder, 1974.
- _____. **Nossos vestidos brancos**. Goiânia: Kelps, 2014.
- BRITTO, Francisco de. **Massapê**. Goiânia: Dec, 1978.
- _____. **Terras bárbaras**. Goiânia: Oriente, 1976.
- _____. Manhã na roça. In: NASCENTE, Gabriel. **Colheita**. Goiânia: Unigraf, 1979.
- BRITTO, Luis Navarro de. **A política e espaço regional**. São Paulo: Nobel, 1986.
- BRITTO, Manuel Bueno de. **Candeia de canto**. Goiânia: UFG, 1996.

- BROM, Jorge. **Contos regionais**. Goiânia: Graf. O Popular, 1977.
- BRUNO, Ernani Silva. **História do Brasil geral e regional – o grande Oeste**. São Paulo: Cultrix, 1967.
- BULHÕES, Félix de. **Poesia**. Goiânia: Fundação Pedro Ludovico, 1995.
- BRÜSEKE, Franz J. **Desenvolvimento sustentável: um desafio para as ciências**. Caxambu: XVIII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS): 1994.
- BURSZTYN, Marcel (Org.). **Para pensar o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora Brasiliense: 1993.
- _____. Armadilhas do progresso: contradições entre economia e ecologia. **Sociedade e Estado**. Brasília: Departamento de Sociologia da UnB: vol. 10, n.1, jan. –jul. 1995. p. 97-124.
- BUTTEL, Frederick H. **A Sociologia e o meio ambiente: um caminho tortuoso rumo à ecologia humana**. São Paulo: Perspectiva: 1992.
- CAIADO, Leoldio Di Ramos. **Expedição Araguaia-Xingu**. Goiânia: Edições Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, 1945.
- _____. **Curichão da saudade**. Goiânia: Editora Oriente, 1963.
- CALAÇA, Manoel; BORGES, Mônica C. S. A dinâmica demográfica de Goiás. Goiânia: Ellos, 2009. Ateliê Geográfico-EDIÇÃO ESPECIAL Goiânia-GO v. 1, n. 9 fev/2010 p. 64-83 Página 81.
- CALAÇA, Manoel. Territorialização do capital: Biotecnologia, biodiversidade e seus impactos no Cerrado. *Revista Ateliê geográfico*. Edição Especial, v. 1, nº 9, fev. 2010.
- _____. Territorialização do capital; biotecnologia, biodiversidade e seus impactos no Cerrado. *Revista Ateliê Geográfico Edição Especial*, v. 1, n. 9 fev/ 2010 p. 06-23.
- CALADO, Maria Augusta. **A modinha em Vila Boa de Goiás**. Goiânia: CEGRAF – UFG, 1986.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- CAMARGO, Antônio Soares de. Bairrismo. In: MARTINELLI, Maria Cavalcante. **Baú de lembranças**. Goiânia: Cerne, 1986.
- CAMARGO, Flávio Pereira e CARDOSO, João Batista. **Percursos da narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Realize Editora, 2009.
- CAMARGO, José Francisco de. **A cidade e o campo**. São Paulo: Ao livro técnico, 1968.
- CAMARGO, Luíza de. **Do baú de Luíza**. Goiânia: Ed. Kelps, 2004.
- CAMÕES, Luiz Vaz de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Cultrix, 1975.

- CÂNDIDO, Antonio. **A personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- _____. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1964.
- _____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 2000.
- CARLOS, Ana Fany. “O lugar: Modernização e fragmentação”. In: SANTOS, M. **Fim de século e globalização** (O novo mapa do mundo). São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.
- _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CARDOSO, Lamartine. **Geografia econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Obelisco, 1965.
- CARNEIRO, Hamilton. Crônicas. In: *Jornal O Popular*, Goiânia, 1970.
- CARNEIRO, Brasigóis Felício. **Viver é devagar**. Goiânia: Ed. Kelps, 1996.
- CARONI, Ítalo. **Literatura e Ciência na tradição literária francesa**. In: *Língua e Literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CARVALHO, Carlota de. **O sertão**. Rio de Janeiro: s.e., 1924.
- CARVALHO, José de Almeida de Vasconcelos Soveral e. **Diário de viagem do Barão de mossâmedes**. Goiânia: PUC, 2005.
- CARVALHO, Marcos de. **O que é natureza**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASAL, Aires de. **Corografia Brasileira**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Civilização e Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1973.
- CASSETI, Valter. “A essência da questão ambiental”. Universidade Federal de Goiás: *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, vol.11 (1), jan./dez., 1991.
- _____. O relevo no contexto ideológico da natureza: Uma nota. In: *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 14, n.1, jan./dez. 1994.
- CASINI, Paolo. **As filosofias da natureza**. Lisboa: Presença, 1987.
- CASSIMIRO, Maria do Rosário. **Dois dedos de prosa**. Goiânia: Kesps, 2012.
- _____. *Umas e outras*. Goiânia: Kelps, 2008.
- CASTAGNINO, R. **Análise Literária**. São Paulo: Mestre Jou, 1971.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Derval Alves de. **Páginas do meu sertão**. Rio de Janeiro: Ed. Garnier, 1925.
- CASTRO, Iná Elias de. **Estado e região** – considerações sobre o regionalismo. Anuário do Instituto de Geociências, Rio de Janeiro, 1986.
- _____. Visibilidade da região e do regionalismo – A escala brasileira em questão. In: LAVINAS, Lena et al (Org.). **Integração, região e regionalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

- CASTRO, João Alves de. Tantos cerrados: Múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural. In: geografia em movimento – *Terra Livre*, ano I, n.1, São Paulo, 1986.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- CASTRO, Josué de. **Ensaio de geografia humana**. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CASTRO, I. E. de. **Imaginário político e território: natureza, regionalismo e representação**. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas: percursos no fim do século**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de La Modernidad**. México: Grijalbo, 1989.
- CARVALHO, Marilda de Godoy et al. **Bailado da vida**. Goiânia: DEC, 1988.
- CAZARRÉ, Juliano. Mãe, eu quero ser um ipê. In: *Correio Brasiliense*, p. 8, Caderno Pensar, Brasília, 23 dez. 2006.
- CELESTINO FILHO, Pedro. **Rosas atômicas**. Goiânia: Ed. Oriente, 1977.
- _____. **Da janela do trem**. Goiânia: Oriente, 1992.
- CHARTIER, Roger. História cultural entre as práticas e as representações. Lisboa; Difel, 1990.
- CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia** – o discurso competente e outras falas. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. Ensaio para uma ideia de região no ensino da Geografia. In: *Boletim Goiano de Geografia*. V. 9/10, nº 1/2, Goiânia, 1989/1990.
- CHAVEIRO, E.F. & CALAÇA, M. A Dinâmica Demográfica do Cerrado: O Território Goiano Apropriado e Cindido. In: GOMES, Horieste (Coord.). *Universo do Cerrado*. Goiânia: Ed. UCG, 2008^a. Pág. 287-307. Vol. II
- CHAVEIRO, E. F. **Traços e matrizes para a compreensão de um Goiás profundo**. In: (org.). *A Captura do Território Goiano e a sua Múltipla dimensão Socioespacial*. Catalão: Modelo, 2004. P. 168-188.
- _____. A urbanização do Cerrado: Espaços indomáveis, espaços deprimidos. In: *Revista UFG*. Goiânia, n. 9, ano 12, dez. 2010.
- CHAVEIRO, E. F. & CASTILHO, D. **Cerrado: patrimônio genético, cultural e simbólico**. In: *Mirante – revista on line*. Ano 1, n. 2. Jul. Pires do Rio, GO: Universidade Estadual de Goiás, 2007.

- CHAVES, Camilo. **Caiapônia**. Rio de Janeiro: Editora A noite, 1943.
- CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1982.
- CHAUL, Nars Fayad. **Os caramujos contemporâneos da modernidade**. Goiânia: PUC, 1998.
- _____. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: UFG, 2002.
- CHISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.
- CLARK JUNIOR, Sydney P. **Estrutura da terra**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 1973.
- CLAVAL, P. **O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana**. In: ROSENDAHL, CORRÊA R. L. (Orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.
- CLAVAL, Paul. **Espaço e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- COELHO, Braz José. **Peonada e cabroeira**. Goiânia: Editora Oriente, 1976.
- _____. **Um homem e sua família**. Catalão (opúsculo), 1997.
- COELHO, Glicério. **Memórias de um peão de boiadeiro**. Goiânia: Ed. PUC, 2009.
- COELHO, Guilherme Ferreira. **Expedição histórica da Província de Goyaz**. Goiânia: Gráfica O Popular, 1937.
- COLASSANTI, Marina. Por que nos perguntam se existimos. In: SHARPE, Peggy. **Entre resistir e identificar-se**. Florianópolis: Ed: Mulheres. Goiânia: CEGRAF, 1997.
- CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**. Goiânia: CEGRAF, 1983.
- _____. **Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais**. Goiânia: UFG, 1985.
- _____. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Global, 1986.
- CORDOVIL, Bartolomeu Antônio. Ditirambo. In: TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 1964.
- CORRÊA, Margarida Maria da Silva. Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850). In: CHAUL, Nars Fayad e RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Org.). **Goiás, identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: Editora UCG, 2001.
- CORRÊA, Roberto L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-122.
- CORALINA, Cora. Ipê florido. In: *Revista Informação Goyana*. V. 12, n. 16, p. 8, Rio de Janeiro, mai, 1919.

- _____. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1965.
- _____. **Vintém de cobre**: Meias confissões de Aninha. Goiânia: Ed. UFG, 1983.
- _____. **Meu livro de cordel**. Goiânia: Ed. Cultura Goiana, 1979.
- CORDEIRO, Narcisa. **In totum**. Goiânia: Líder, 1990.
- COSTA, Arlindo. **Lyrios do Valle**. Uberaba: Livraria Século XX, 1928.
- COSTA, Gerson de Castro. **Vozes da Selva**. Goiânia: oriente, 1976.
- _____. **Litania das estações**. Goiânia: Oriente, 1967.
- COUTINHO, Afrânio. **Tristão de Athaide, o crítico**. Rio de Janeiro: Agir, 1980.
- COUTINHO, Leopoldo M. **O cerrado e a ecologia do fogo**. Revista Ciência Hoje, Rio de Janeiro, vol. esp., p. 131-138, maio 1992.
- _____. O Conceito de Bioma. São Paulo: Acta Botânica Brasileira, Vol. 2. 2006. p. 13-23.
- COUTO, Goiás do. **Memórias e belezas da Cidade de Goiás**. Goiânia: DEC, 1958.
- COUTO, Luiz do. **Violetas**. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1913.
- _____. **Lilazes**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1921.
- CRISTINO, Demóstenes. **Musa bravia**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Era, 1949.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CRULS, Luiz. **Relatório da Expedição Cruls**. Brasília: UNB, 1984.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Brasília: Editora da UNB, 1963.
- CUNHA, Geraldo Magela da. **Lágrimas do ipê**. Goiânia: Kelps, 2003.
- _____. **Do Ipê**. Goiânia: Editora Kelps, 2001.
- CURADO, Ada. **Figurões**. Goiânia: Líder, 1985.
- _____. **O sonho do pracinha**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1954.
- _____. **Acalanto**. Goiânia: Ed. UFG, 1991.
- _____. **Morena**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1958.
- CURADO, Augusta de Faro Fleury. **Do Rio de Janeiro a Goiás – 1896 – a viagem era assim**. Goiânia: Ed. UFG, 2006.
- _____. **Devaneios**. São Paulo: Ed. Lambert, 1891.
- CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Ser (tão) goiano**. Goiânia: Ed. Kelps, 1997.
- _____. **Coração de terra**. Goiânia: Kelps, 2013.
- CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury e ARANTES, Lúcio. **Beco dos aflitos**. Brasília: Thesaurus, 2001.
- CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury e CARVALHO, Antonio Alves de. **Saga de um povo de fé no coração do Brasil**. Goiânia: Ed. Redentorista, 2004.

- CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury e PARAGUASSU, Fátima. **Santa Cruz de Goiás: A veneranda dama antiga do sul goiano**. Goiânia: Secult, 2014.
- CURADO, Bernardo Élis Fleury de Campos. **Caminhos dos Gerais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- _____. **O tronco**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1956.
- _____. **Apenas um Violão**. Goiânia: Ed. Líder, 1984.
- _____. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1974.
- _____. **Ermos e gerais**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1987.
- _____. **Caminhos e descaminhos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1987.
- _____. **Contos esparsos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1987.
- _____. **Chegou o governador**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1998.
- _____. **Primeira chuva**. Goiânia: Gráfica E.T.F.G, 1955.
- CURADO, Érico. **Poesia**. Goiânia: DEC, 1956.
- CURADO, Olga. **Passa pra dentro, menina**. São Paulo: Mansão Ohno Editora, 1994.
- CURADO, Mariana Augusta Fleury. **Do meu cantinho**. Goiânia: Ed. Bandeirante, 1984.
- _____. **Rua do Carmo**. Goiânia: Ed. Líder, 1981.
- _____. **Vida**. Goiânia: Ed. Escola Técnica Federal de Goiás, 1969.
- CURADO, Sebastião Fleury. **Memórias históricas**. Goiânia: Ed. DEC, 1956.
- _____. **Três memórias históricas**. Goiânia: DEC, 1972.
- DAHER, Edésio. **Cruz da estrada**. Ipameri: Tipografia Progresso, 1947.
- DAHER, Nice Monteiro. **Revoada**. Goiânia: Kelps, 2001.
- _____. **Lembranças em quatro tempos**. Goiânia: Oriente, 1984.
- DARDEL, Éric. *L'homme et la terre. Naturelle de La réalité géographique*. Paris CTHS, 1990.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo: A história e a devastação da mata atlântica brasileira**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.
- DÉCIOFILHO, José. **Poesias e Elegias**. Goiânia: Ed. DEC, 1953.
- DERRUAU, M. **Geografia humana**. Portugal: Ed. Presença, 1982.
- DESCARTES, Renè. **Discurso sobre o método**. São Paulo: Atena Editora, 1966.
- DEUS, João B. As atuais transformações estruturais na economia goiana e os seus desdobramentos nas mudanças socioespaciais. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Org.).

- Abordagens geográficas de Goiás: O natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: IESA, 2002.
- DIAS, Braulio Ferreira de Souza. **Conservação da natureza no cerrado brasileiro.** In: NOVAES PINTO, Maria (Org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas.** 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. 681p.
- DINIZ, f. J. **A análise geográfica.** São Paulo: Difel, 1975.
- DINIZ-FILHO, José Alexandre Felizola e PINTO, Miriam Plaza. Biodiversidade no Cerrado. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados.** Goiânia: Vieira, 2005. p. 115-128.
- DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA. **Recenseamento das fazendas goianas.** Rio de Janeiro: IBGE, 1920.
- D'ALINCOURT, Luiz. **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá.** Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.
- DOLLFUS, Olivier. **A análise geográfica.** São Paulo: Difel, 1973. (Saber Atual).
- _____. **O espaço geográfico.** São Paulo: Difel, 1991.
- DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1986.
- DUFRENE, M. **O Poético.** Porto Alegre: Globo, 1969.
- DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 91-132.
- EITEN, George. **Formas fisionômicas do cerrado.** Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 2, p. 139-148, 1979.
- _____. **Vegetação do cerrado.** In: NOVAES PINTO, Maria (org.). **Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas.** 2. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993. 681p.
- ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- ESTEBAN, Claude. **Crítica da Razão Poética.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ESTEVAN, L. Cerrado das tropas e boiadas (ENSAIO histórico – literário). In: GOMES, H. (Org.). **UNIVERSO: do cerrado.** V. 2, Goiânia: Ed. da UCG, 2008.
- FAISSOL, Esperidião. **O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro.** Rio de Janeiro: IBGE, 1994.
- FALEIRO, Lázaro. **Quebra cangalha.** Goiânia: Ed. Oriente, 1974.
- FARIA, Maria do Carmo Bettencourt de. **Aristóteles: a plenitude como horizonte do ser.** São Paulo: Moderna, 1994.

- FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1986.
- _____. **Dimensões da literatura goiana**. Goiânia: Cerne, 1982.
- FERREIRA, Idelvone Mendes. Paisagens do Cerrado: um estudo do subsistema veredas. In: GOMES, Horieste (Coord.). **Universo do Cerrado**. Goiânia, Ed. Da UCG, 2008. Vol. 1. 285p.
- FERREIRA, Nilson Clementino. A sustentabilidade do Cerrado brasileiro no século XXI. In: *Revista UFG*. Goiânia, n. 9, ano 12, dezembro de 2010.
- FERREIRA, Sônia. **Janelas de Campo Formoso**. Brasília: Thesaurus, 1991.
- FERREIRA JÚNIOR, L. G. (Org.). **A Encruzilhada Socioambiental: biodiversidade, economia e sustentabilidade no cerrado**. Goiânia: Editora da UFG, 2008.
- FERRI, M. G. **A vegetação de cerrados brasileiros**. São Paulo: Edusp, 1973.
- _____. **Plantas do Brasil. Espécies do Cerrado**. São Paulo: Edgard Bluscher/EDUSP, 1969.
- FLEURY, Rosarita. **Elos da mesma corrente**. Goiânia: Ed. UFG, 1958.
- _____. **Eurídice Natal e Silva: Evolução cultural e sociológica de uma vida**. Goiânia: Oriente, 1979.
- _____. **Sombras em marcha**. Goiânia: Ed. Líder, 1983.
- _____. Colheita. In: Revista da *Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás*, ano II, Goiânia, 1972).
- _____. **Pétalas**. Goiânia: Ed. Araguaia, 2003.
- FORBES, D. K. **Uma visão crítica da geografia do subdesenvolvimento**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1989.
- FORSTER, E. **Aspectos do Romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Editora, 1966.
- _____. **Um diálogo sobre el poder**. Madrid: Alianza Materiales, 1988.
- FOUCHER, Michel. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.
- FRANÇA, Basileu Toledo. **Cavalo de Rodas**. Goiânia: Ed. Oriente, 1974.
- _____. **Pioneiros**. Goiânia: Ed. DEC, 1954.
- _____. **Americano do Brasil: Cancioneiro e trovas do Brasil Central: Estudo crítico**. Goiânia: Oriente, 1973.
- FRANCO, José Maria V. e UZANIAN, Armênio. **Cerrado brasileiro**. São Paulo: Editora Harbra, 2001.
- FRANCO, Julia. **Seios da terra**. Goiânia: Kelps, 2005.

- FRANCO, Virgílio de Mello. **Viagens pelo interior de Minas Gerais e Goyaz**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1888.
- FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1980.
- FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira de. **Goiás – história e cultura**. Goiânia: Ed. Deescubra, 2004.
- _____. **Arraial e coronel**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.
- _____. **Poder e paixão**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.
- FREITAS, Vitorino de. **Piscina de lama**. Goiânia: Oriente, 1976.
- FRÉMONT, Armand. **Região, espaço vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.
- FREYREYSS, G.W. **Viagens ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815**. Lisboa: Livraria Almedina, 1906.
- FROTA, Umbelina. **Às sombras do jatobá**. Goiânia: Kelps, 2003
- FURTADO, Celso. **A formação econômica da América Latina**. Rio de Janeiro: Lia, 1969.
- _____. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GANDY, M. Paisagem, estéticas e ideologia. In: CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. (Org.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p.75-90.
- GARCIA, José Godoy. **Poesia**. Brasília: Thesaurus, 1999.
- _____. **O caminho de Trombas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1966.
- _____. **Araguaia: Mansidão**. Goiânia: Oriente, 1972.
- GARCIA, Ledonias Franco. **Goyaz –Uma província do sertão**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010.
- GARDNER, George. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.
- GASS, Willian H. **A ficção e as imagens da vida**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos desafios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1999.
- _____. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GEIGER, Pedro Pinchas. **As formas do espaço brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GEORGE, Pierre. **Os métodos da geografia**. São Paulo: Difel, 1986.
- _____. **Geografia Econômica**. São Paulo: Difel, 1961.
- _____. **Geografia Rural**. São Paulo: Difel, 1993.
- GIDDENS, Antony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.
- GIUCCI, Guilherme. **Viajantes do maravilhoso**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- GODOI, Terezy Fleuri. **Eterna Busca**. Brasília: Thesaurus, 1999.

- GOIANO, Manuel. **Discurso do pária**. Anápolis, E/Ed. 1969.
- GOMES, H. (Coord.). *Universo do Cerrado (2 Vol.)* Goiânia: Editora da UCG, 2008.
- GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antônio; BARBOSA, Altair Sales. 2 ed. Ver. Ampl. **Geografia: Goiás – Tocantins**. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- GOMES, Horieste. Espaço/tempo em Geografia. *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 3, nº 1-2, jan/dez. 1983.
- _____. A interação homem-natureza e a questão ecológica. In: *Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 2, n. 1, jan./jun, 1982.
- _____. Em busca da interdependência sociedade-natureza: caminhos da dialética. In: **Estudos**, Goiânia v. 26, n. 3, 1999.
- _____. **A nova matriz espacial do território goiano**. In: GOMES, GOMES, Horieste; TEIXEIRA NETO, Antonio e BARBOSA, Altair Salles. **Geografia Goiás/Tocantins**. Goiânia: UFG, 2008.
- _____. **Introdução à Geografia de Goiás: A terra**. São Paulo: Tipografia Calvário, 1966.
- _____. **Geografia socioeconômica de Goiás**. Goiânia: Livraria Brasil Central, 1969.
- _____. **A produção Geográfica de Goiás**. Goiânia: Ed. UFG, 1999.
- _____. **Reflexões sobre Teoria e Crítica em Geografia**. Goiânia: Cegraf-UFG, 1991.
- GOMES, Modesto. **O pó da tristeza**. Goiânia: Kelps, 1997.
- _____. **As horas e os minutos**. Goiânia: DEC, 1971.
- _____. **História da Literatura**. Goiânia: Cerne/DEC, 1968.
- _____. **Estudos da Literatura Goiana**. Goiânia: SEC/UBE, 1979.
- GOMES, Paulo Cesar da C. “O conceito de região e sua discussão”. In: CASTRO, I. E. e outros (orgs.). **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- GOMES, Pedro. **O pito aceso**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1942.
- _____. **Na cidade e na roça**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1924.
- GOMEZ, Luiz Palacin. **Do sempre e do instante**. Goiânia: Oriente, 1976.
- GONÇALVES, Agnaldo José. Das veredas do silêncio à construção do mito (A propósito do sertão). In: *Revista UFG*, Ano VIII, n. 2, Goiânia, dez. 2006.
- GONÇALVES, Carlos Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 1996.
- GOULART, Helvécio. **Duração dos dias**. Goiânia: Oriente, 1986.
- GOYANO, Augusto & CATELAN, Álvaro. **Súmulas da Literatura Goiana**. Goiânia: Ed. Brasil Central, 1968.

- GRACIANO NETO, Francisco. **Questão agrária e ecologia**, crítica da agricultura moderna. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- GUIMARÃES, Antonio Juruena de. **De binóculo**. Goiânia: Kelps, 2000.
- GUIMARÃES, Bernardo. **O ermitão de muquém**. São Paulo: Ed. Tecnoprint, 1966.
- GUIMARÃES, Fábio Soares. Divisão regional do Brasil. In: *Revista brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, abr./jun. 1941.
- GUITTI, Jean-Marc. **La parole et le lieu**. Paris; Minuit, 1998.
- GUSDORF, Georges. **A agonia da nossa civilização**. São Paulo: Ed. Convívio, 1978.
- HASBAERT, Rogério. Território e região numa “constelação” de conceito. In: MENDONÇA, Francisco de Assis, LOWEN-SAHR, Cicilian Luisa & SILVA, Márcia da. **Espaço e tempo: complexidade do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba, Associação de Defesa do Meio Ambiente de Anatomia (ADEMADAN)- PR, 2009. 621-634. 740p.
- HAESBAERT, Rogério. Região, diversidade territorial e globalização. In: *GEOGRAPHIA*, ano I, n. 1, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. **Língua da tradição e Língua Técnica**. Lisboa: Ed. Vega, 1995.
- HERINGER, E. P. et al. A flora do cerrado. In: SIMPÓSIO SOBRE O CERRADO, 4., 1976, Brasília. *Anais...*, São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1977. p. 211-232.
- HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- INOCÊNCIO, M. E. O PROCEDER e as tramas do poder na territorialização do capital no Cerrado. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2010. 279.
- ISNARD, Hildebert. **O espaço geográfico**. Lisboa: Editora Almedina, 1982.
- JARDIM, Jacira Brandão Veiga. **Revoada de sonhos**. Goiânia: Kelps, 1993.
- JAYME, Décio. **Primícias**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1955.
- JAYME, Jarbas. **Do passado ao presente**. Goiânia: DEC, 1967.
- JAYME, Jesus de Aquino. **A viagem das chuvas**. Goiânia: UFG, 2001.
- JESUS, Leodegária. **Orquídeas**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1928.
- _____. **Coroa de lírios**. São Paulo: Ed. Ave Maria, 1906.
- JOLLES, André. **Formas Simples**. São Paulo: Cultrix, 1976.
- JORGE, Miguel. **Os frutos do rio**. Goiânia: Oriente, 1974.
- JOSEF, Bella. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

- JUBÉ, Antônio Geraldo Ramos. **Antologia Poética**. Goiânia: Ed. UFG, 1995.
- _____. **Flauta andarilha**. Goiânia; Kelps, 1992.
- _____. **Lira Vilaboense**. Goiânia: OVG, 1983.
- _____. **Síntese de história literária de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.
- JUNQUEIRA, Iron. **As cigarras estão cantando**. Goiânia: Lider, 1976.
- _____. **Canção do amanhecer**. Goiânia: Lider, 1969.
- KAHN, Fritz. **O livro da natureza**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1965.
- KAYSER, Bernard. A região como objeto de estudo da Geografia. In: **Geografia ativa**. São Paulo: Difel, 1980.
- KAYSER, Wolfgang. **Olhar, consciência e voz**. In: **As vozes do romance**. Coimbra: Almedina, 1983.
- KEITH, Thomas. **O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais..** São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- KLEIN, Aldo Luiz. **Eugen Warming e o Cerrado brasileiro – Um século depois**. São Paulo: Unesp, 2002.
- KLEIN, Kelvin dos Santos. A Literatura do Inventário. Arquivo, anacronismo e além. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2013.
- KOZEL, Salete (Org.). **Da percepção e cognição e representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e humanística**. São Paulo: Terceira margem. Curitiba: NEER, 2007.
- KRAUSE, Fritz. A viagem de Dr. Fritz Krause ao Araguaia. In: *Revista do Instituto histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 73, Rio de Janeiro, 1965.
- LACERDA, Regina. **Vila Boa: Historia e folclore**. Goiânia: DEC, 1977.
- _____. **Papa ceia**. Goiânia: DEC, 1966.
- LAMBERT, Jacques. **Os dosi brasis**. São Paulo: Editora Nacional, 1978.
- LEAL, Basileu Pires. **Á sombra do tamboril**. Goiânia: Ed. Oriente, 1980.
- LEAL, Oscar. **Viagens às terras goyanas**. Goiânia: Ed. UFG, 1980.
- LEÃO, Ursulino. Zé da Vicença. In: RAMOS, Anatole et al. **Antologia do Conto Goiano**. Goiânia: DEC, 1969.
- LEÃO, Ursulino. **A procissão do silêncio**. São Paulo: Global Editora, 1990.
- _____. **Procissão do silêncio**. São Paulo: Global Editora, 1990.
- LEÃO SOBRINHO, Libertino. **Causos goianos**. Goiânia: DEC, 1982.
- LEBRUN, Gérard. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **O que é poder**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.

- LEFF, E. **Saber ambiental: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- LEITE, Mario Rizério. **Poeira no ar.** Goiânia: Ed. UFG, 1985.
- _____. **Despertar do Nordeste goiano.** Goiânia: Ed. Oriente, 1973.
- LEITE, Dante Moreira. **Literatura e emoção.** São Paulo: Difel, 1979.
- LEVERGER, Augusto. **Chorographia de Mato Grosso e limites com Goyaz.** Rio de Janeiro: Garnier, 1865.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos.** São Paulo. Companhia das letras, 1996.
- LIMA, Alceu Amoroso. **A Estética Literária.** Rio de Janeiro: Pongetti, 1954.
- LIMA, Iron da Rocha. O homem, este terrível fazedor de desertos. In: *Revista Oeste*, ano II, n. 12, Goiânia, 1942.
- LIMA, João. **Tamboril.** Jataí: Ed. Do autor, 2005.
- LIMA, R. B. Natureza: Uma categoria do social. In: DUARTE, L. M. G; BRAGA, M. L. S. (Orgs.). **Tristes cerrados: Sociedade e biodiversidade.** Brasília: Paralelo, 1999.
- LIMA, José Júlio Guimarães. **Goiaz – terra e alma.** Brasília: Ed. Horizonte, 1983.
- LINHARES, Temístocles. **22 diálogos sobre o conto brasileiro atual.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1973.
- LOBO, José Sêneca. **Bonfim de Goiás, minha terra e minha gente.** Goiânia: Oriente, 1981.
- LOBO, Olinda da Rocha. **Primeira Antologia dos poetas e escritores formosenses.** Brasília: Gráfica do Exército, 2000.
- LOPES, Chico. **Nó de sombras.** São Paulo: Editora Giordano, 2001.
- LOURENÇO, Edival. **As vias do vôo.** Goiânia: Agepel, 2004.
- _____. **Naqueles morros, depois da chuva.** São Paulo: Ática, 2013.
- LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção no Brasil.** São Paulo: Ática, 1985.
- LYNCE, Leo. **Prosa quase completa.** Goiânia: Ed. UFG, 2001.
- _____. **Poesia quase completa.** Goiânia: UFG, 2004.
- _____. **Ontem.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1928.
- MACAULAY, Neill. **A coluna Prestes.** São Paulo: Difel, 1977.
- MACHADO, Guiomar de Grammond. **Mensagens.** Goiânia: Ed. UFG, 1972.
- MACHADO, M. S. Geografia e Epistemologia: um passeio pelos conceitos de espaço, território e territorialidade. In: *GEO UERJ*. N. 1, jan. 1997. Rio de Janeiro: UERJ, Departamento de Geografia, 1997.

- ____. Diversidade paisagística e identidades territoriais e Culturais – Brasil Sertanejo. In: ALMEIDA, Maria Geralda de (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Vieira, 2008.
- MACHADO, Marieta Teles. **Os frutos dourados do pequizeiro**. Goiânia: UEG, 1985.
- MACHADO FILHO, Joaquim. **A construção da semente**. Goiânia: Oriente, 1977.
- MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Viagem ao Araguaia**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1934.
- ____. **O Selvagem**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1975.
- MAGNOLLI, Demétrio. **O corpo da pátria – imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)**. São Paulo: Unesp, 1998.
- MALHEIROS, R. **A região do Cerrado**. Palestra proferida na disciplina “Ambiente e Apropriação do Cerrado”, do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2007.
- ____. **Cerrado: aspectos biogeográficos**. Goiânia: ITS/UCG, 2000.
- MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. O sertão no interior da máquina do mundo. In: *Revista UFG*, ano VIII, n. 2, Goiânia, dez. 2006.
- MARQUES, Octo. **Colcha de retalhos**. Goiânia: CEGRAF-UFG, 1994.
- ____. **Cidade mãe**. Goiânia: DEC-OVG, 1983.
- MARTINEZ, José de Souza. **Fronteira - a degradação do outro nos confins do Humano**. São Paulo: Difel, 1998.
- MARTINS, José de Souza. **O cativo da terra**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- MARTIUS, C. F. P. V. et al. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Tradução de Lúcia F. Lahmeyer. São Paulo: Melhoramentos, 1938. v. II.
- MASSEY, D. **Pelo espaço: Uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MATOS, Raymundo José da Cunha. **Chorographia Histórica da Província de Goyaz**. Goiânia: DEC, 1979.
- MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo: Ed. Safady, 1980.
- MEIRELLES, José Dillermendo. **Deste Planalto Central: O histórico e o pitoresco**. Brasília: Ed. Senado, 1987.
- MELO, Augusta Faro Fleury de. **Mora em mim uma canção menina**. Goiânia: DEC, 1982.
- MELO, S. C. de. **O território na era da globalização**. In: *Guanicuns: revista da Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns*. Vol. 2, p. 141-151. Goiás: jun. 2005.
- MELO, Willian Agel de. **Epopéia dos sertões**. Goiânia: UFG, 2006.

- MENDES, Floracy Artiaga. Volta à natureza. In: *Revista Oeste*, ano I, n. 4, Goiânia, 1944.
- MENDONÇA, Belkiss Spencière Carneiro de. **Andanças no tempo**. Goiânia: Kelps, 2006.
- MENDONÇA, R. C. et al. Flora vascular do Cerrado. In: SANO, S. M.; ALMEIDA, S. P. *Cerrado: ambiente e flora*. Planaltina: Embrapa, 1998. p. 289-555.
- METRAN, Violeta. **Sempre setembro**. Goiânia: Oriente, 1981.
- MICELLI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MIGNOLO, Walter. **Literatura e História da América Latina**. São Paulo: Edusp, 1993.
- MIGUEL PEREIRA, Lúcia. **Prosa de Ficção: de 1870 a 1920**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- MILIET, Sérgio. **Diário Crítico**. São Paulo: Ed. Martins, 1944.
- MILHOMEM, Erotides da Silva. **Meu Araguaia querido**. Goiânia: Oriente, 1976.
- MIZIARA, F. VII Expansão de fronteiras e ocupação do Espaço no Cerrado: o caso de Goiás. In: GUIMARÃES, L. D; SILVA, M. A. D; ANACLETO, T. C. (Orgs.). *Natureza Viva: Cerrado – caracterização e conservação*. Goiânia: Ed. UCG, 2006. 169-196.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**. São Paulo: Culturx, 1976.
- _____. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1981.
- MONTEIRO, Ofélia Sócrates do Nascimento. **Como nasceu Goiânia**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1938.
- _____. **Reminiscências**. Goiânia: Ed. Oriente, 1973.
- _____. **Goiás, coração do Brasil**. Brasília: Ed. Senado Federal, 1983.
- MORAES, Antônio C. R. **Geografia, pequena história crítica**. São Paulo: Hicitec, 1986.
- _____. “Renovação da geografia e filosofia da educação”. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de (org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. **Ideologias geográficas**. São Paulo: Hicitec, 1991.
- _____. **Meio ambiente e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. **Território e história no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2002.
- _____. **A gênese da Geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MORAES, J. A. Leite. **Apontamentos de viagem**. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.
- MORAES, M. Ecoturismo no Cerrado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 out. 2002, p. v7
- MORAIS, Pessoa de. **Reparo crítico a um geógrafo francês**. In: *Revista Brasileira de Cultura*. Brasília: MEC, 1972, n.12, abr/jun. 1972.
- MOREIRA, Ruy. **Geografia: teoria e crítica**. Petrópolis: Vozes, 1984.

- _____. **O que é geografia.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: RIBEIRO, Ana Clara Toress, ar al. **BRASIL, século XXI, por uma nova regionalização: agentes, processos, escalas.** São Paulo: Max Limonad, 2004.
- MOREIRA FIHO, Juarez. **À sobra do ipê.** Palmas: Ed. Tocantins, 2004.
- MOTA, Carlos Guilherme. **Brasil em perspectivas.** São Paulo: Difel, 1977.
- MOTA, Josué. **Pindorama – Terra Brasilis (Poesia do Cerrado).** São Paulo: Editora Folha Dirigida, 2000.
- MOTTA, Ático Velhas Boas da I Gomes, Modesto. **Aspectos da cultura goiana.** Goiânia: Ed. DEC, 1971.
- MOURA, Antônio José de. Terra, terra. In: NASCENTE, Gabriel. **A nova poesia em Goiás.** Goiânia: Oriente, 1978.
- _____. **Sete léguas de paraíso.** São Paulo: Ed. Global, 1989.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Cultrix, 1999.
- NABUT, Jorge Alberto. **Desemboque:** Documentário histórico e cultural. Uberaba: Ed. Minas, 1986.
- NASCENTE, Gabriel. **A torre de babel.** Goiânia: Kelps, 2004
- _____. **Comeia de anônimos.** Goiânia: Oriente, 1975..
- NASCIMENTO, Francisco de Assis. Poemas – **Vagas imaginações dos ensejos.** São Paulo: Ed. Pannartz, 1985.
- NAVARRO DE BRITTO, Luiz. **A política e espaço regional.** São Paulo: Nobel, 1986.
- NEIVA, Antonio Theodoro da Silva. **Introdução à antropologia goiana.** Goiânia: Ed. O Popular, 1986.
- NEVES, Natal. **Ponte para o sol.** Goiânia: Ed. Cinco de Março, 1970.
- NIEL, André. A narrativa como história. In: **Análise estrutural de textos.** São Paulo: Cultrix, 1976.
- NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti. **Mestre Carreiro.** Goiânia: Ed. Líder, 1981.
- _____. **Viramundo, amor e ódio.** Goiânia: Ed. do autor, 1985.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o poético.** São Paulo: Ática, 1986.
- OLIVEIRA, Antônio Baptista de. **Os predestinados.** Goiânia: Ed. Cultura Goiana, 1986.
- OLIVEIRA, Érico Ramos de. **O cantar das inhumas.** Goiânia: oriente, 1979.
- OLIVEIRA, I. J. **Solo pobre, terra rica:** paisagensdo cerrado e agropecuária modernizada em Jataí, GO. Dissertação de Mestrado em Geografia. FFLCH-USP, 2002.

_____. Os chapadões de(s)cerrados: a vegetação, o relevo e o uso das terras em Goiás e no Distrito Federal. In: ALMEIDA, M. G. de. (Org.). *Tantos Cerrados*. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. p. 117-204.

OLIVEIRA, Ivanilton José de e ROMÃO, Patrícia de Araújo. **Linguagem dos mapas: A cartografia ao alcance de todos**. Goiânia: Cecgraf-UFG, 2013.

OLIVEIRA, Pedro Gomes de. **Na cidade e na roça**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1924.

_____. **O pito aceso**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1942.

OLIVEIRA FILHO, Eduardo Cyrino; MEDEIROS, Flávia Natércia da Silva. Ocupação humana e preservação do ambiente: um paradoxo para o desenvolvimento sustentável. In: EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). *Cerrado: desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável*. Planaltina (DF): Embrapa, 2008.

OLIVEIRA FILHO, Otaviano. Resistência identitária: A configuração etnocultural da comunidade sertaneja norte mineira no processo histórico de Minas Gerais. In: *Revista da UFG*, ano VIII, n. 2, Goiânia, dez. 2006.

OLSON, Robert. **Introdução ao Existencialismo**. São Paulo: Brasiliense, 1970.

OMÁ, Emir. **Aquarelas goianas**. Goiânia: Ed. ETEFG, 1970.

ORTÊNCIO, W.B. **Dicionário do Brasil Central: subsídios à filologia**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O que foi pelo sertão**. Goiânia: Kelps, 2006.

_____. **Vão dos Angicos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1966.

_____. **Meu tio-avô e o diabo**. Goiânia: Kelps, 1993.

_____. **Força da terra**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1974.

_____. **Sertão sem fim**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1965.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

OTERO, Leo Godoy. **O caminho das boiadas**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1958.

_____. **Gente do riacho**. Goiânia: DEC, 1954.

PACHECO, Altamiro de Moura. **Civismo em ação**. Goiânia: Ed. Ebrasa, 1968.

_____. **Sonhando com minha terra**. Goiânia: Ed. Oriente, 1970.

_____. **Rochedo e ferrolho**. Goiânia: Ed. Ebrasa, 1968.

PAIVA, Divina. **Caminho de pedras**. Goiânia: Ed. PVE, 2009.

PAIVA, Salma Saddi Wares de. O sertão. In: *Revista da UFG*, ano VIII, n. 2, dez. 2006.

- PALACIN, L. MORAES, M. A. **História de Goiás (1722-1972)**. Goiânia: Ed. da UCG, 1982.
- _____. **Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás**. Goiânia: Ed. Oriente, 1976.
- _____. **Sociedade Colonial**. Goiânia: UFG, 1981.
- _____. **Goiás – 1722 – 1822**. Goiânia: DEC, 1972.
- PARANHOS, Ricardo. **Obras completas de Ricardo Paranhos**. Goiânia: DEC, 1972.
- PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- _____. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PELÀ, Márcia. Cerrado Goiano: um território em disputa. In: *Revista Mirante*. V. 1, nº 02, 2007.
- PENNA, Eliezer. **Sem cravo na lapela**. Goiânia: Oriente, 1972.
- PEREIRA, Aidenor Ayres. **Na estação das aves**. Goiânia: Kelps, 2002.
- PEREIRA, Diamantino et al. **Geografia – Ciência e espaço**. São Paulo: Atual, 1993.
- PEREIRA NETO, Olímpio. **Um lugar no mapa**. Orizona: Gráfica local, 1970.
- _____. **Verdes Campinas**. Brasília: Thesaurus, 1999.
- PERINI, Gil. **O pequeno livro do Cerrado**. São Paulo: Ateliê Editora, 1999.
- _____. **O afinador de passarinhos**. São Paulo: Ateliê Editora, 2011.
- PIETRAFESA, José Saulo e SILVA, Sandro Dutra e. **Transformações no Cerrado**. Goiânia: PUC, 2011.
- PIMENTEL, Sidney Valadares. Pactários da natureza e da cultura. In: *Revista UFG*, ano VIII, n. 2, dez. 2006.
- PINA JUNIOR, Braz Wilson Pompêo de. **Goiás: história da imprensa**. Goiânia: Oriente, 1971.
- PINTO, Miriam Plaza & DINIZ-FILHO, José Alexandre Felizola. **Biodiversidade no Cerrado**. In: ALMEIDA, Maria Geralda de. **Tantos Cerrados**. Goiânia: Vieira, 2005. P. 115-128.
- PINTO, Maria Novaes (Org.). **Cerrado: Caracterização, ocupação e perspectivas**. Brasília: UNB, 1993.
- PIRES, M. O.; SANTOS, I. M. (Orgs.). **REDE CERRADO: Construindo o Cerrado Sustentável. Experiências e Contribuições das ONG's** – Brasília: Gráfica Nacional, 2000.
- PIZA, D. A. A revolução silenciosa do Cerrado brasileiro. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 2001, Caderno B, p. 10/11.
- POHL, João Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Rio de Janeiro: INL, 1951.

- PONTUSCHKA, Nídia Nacib & OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.
- PRADO, Alaciél do. **Tempos idos**. Belo Horizonte: Ed. Alteroza, 1963.
- PRADO, Maria Lígia C. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 1999.
- PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1999.
- PRADO JÚNIOR, Caio. “A Evolução da Geografia e a Posição de Aires de Casal”. *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, AGB, (19): 71-97, 1955.
- PROENÇA, C. E OLIVEIRA, R. **Flores e frutos do Cerrado**. Brasília: UNB, 2000.
- PUHLER, Eunice. **Coração do Cerrado**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
- _____. **Menino do Cerrado**. São Paulo: Editora do Brasil, 2002.
- QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. **Homens de palha**. Goiânia: Editora Oriente, 1972.
- _____. **Cristais sonoros**. Goiânia: Kelps, 2002.
- RAFFESTIN, C. **Por Uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1974.
- _____. **Plangências**. Rio de Janeiro: Ed. Pindorama, 1951.
- RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho. **Goyania**. Porto: Livraria Arthur de Souza, 1896.
- RAMOS, Victor de Carvalho. **Mãe Chi**. Porto Alegre: Editora Globo, 1929.
- _____. **Letras Goianas**. Goiânia: DEC, 1967.
- RANGEL, Alberto. **Os sertões brasileiros** – discursos e conferências. Porto: Cia Portuguesa Editora, 1914.
- RASSI, Lygia de Moura. **Flor poesia**. Goiânia: Kelps, 1999.
- _____. **Revertere**. Goiânia: Kelps, 2001.
- REIS, Germana Maria Cavalcante Lemos et al. **Hortomedicinal do Cerrado**. Brasília: Gráfica da EMBRAPA, 1989.
- REIS, Gelmires. **Efemérides goianas**. Goiânia: DEC, 1979.
- RENARD, J. *Les habits neufs de l'espace rural*. In: *Sciences humaines*, n.4, fev. 1994.
- REZENDE, Jeovah de Paula. **Cenas do Desemboque**. Goiânia: Social, 1966.
- _____. **Pequizeiros em flor**. Goiânia: Orente, 1975.
- RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentimento do Brasil**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, Eli Brasiliense. **Uma sombra no fundo do rio**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1977.

- _____. **Pium: Nos garimpos de Goiás.** Goiânia: DEC, 1949.
- _____. **Rio Turuna.** São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1966.
- _____. **O perereca.** Goiânia: Editora Cultura Goiana, 1977.
- RICHTER, Nair Perillo. **Canto de cigarra.** Goiânia: Oriente, 1974.
- RIGONATO, Valney Dias. **O Modo de vida das populações Tradicionais e a Inter-relação com a paisagem do cerrado da Microrregião da Chapada dos Veadeiros: O distrito da Vila Borba (Dissertação de mestrado).** Goiânia-GO: IESA-UFG, 2004.
- RIOS, Augusto. **Ramalhete.** São Paulo: Linográfica, 1917.
- _____. **Bouquet.** São Paulo: Editora Ave Maria, 1907.
- ROCHA, Benedito Odilon. **50 anos de poesia.** Goiânia: CERNE, 1988.
- RODRIGUES, Cíntya Maria Costa. **Literatura e espacialidade: Experiências e narrativas de escritores.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2013.
- RODRIGUES, José Lopes. **Vibrações.** Goiânia: Ed. ETEFG, 1949.
- RODRIGUES, Raimundo. **Riachão.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1956.
- RONCARI, Luiz. Lugar do sertão. In: *Revista UFG*, ano VIII, n. 2, Goiânia, dez. 2006.
- ROSA, Antonio Vitor. **Agricultura e meio ambiente.** São Paulo: Atual, 1998.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1974.
- ROUGERIE, G. **Geografia das paisagens.** São Paulo: Difel, 1971. (Saber Atual).
- SAAD, Edla Pacheco. **Paredes cinzentas.** Goiânia: Ed. Líder, 1987.
- _____. **Zaca.** Goiânia: Ed. Líder, 1981.
- _____. **Um homem enfrenta o destino.** Goiânia: Kelps, 1992.
- _____. **O major.** Goiânia: Ed. Kelps, 1997.
- SACHS, I. **Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir.** São Paulo: Vértice, 1986.
- SAINT-HILAIRE, August de. **Viagem a Província de São Paulo.** São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1945.
- _____. **Quadro geográfico da vegetação primitiva da Província de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Fino Traço Editora, 2012.
- _____. **Viagem à Província de Goyaz.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1975.
- SALGADO-LABOURIAU, Maria Leia. **História ecológica da terra.** São Paulo: Edgard Bluscher, 1996.
- SANO, S. M. e ALMEIDA, S. P. **Cerrado, ambiente e flora.** Planaltina: Embrapa, 1998.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Análise estrutural de romances brasileiros.** Petrópolis: Ed. Vozes, 1977.

- SANT'ANNA, Moisés. **História de Goiás**. Rio de Janeiro: Senado, 1919.
- _____. **Pelo campo**. Goyaz: Tipografia Progredior, 1921.
- SANTO, Benedito Rosa do Espírito. **Os caminhos da agricultura brasileira**. São Paulo: Evoluir, 2001.
- SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. (Espaços).
- _____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- _____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. (Espaços).
- _____. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec.
- SAUER, Carl O. Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução a Geografia Cultural**. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.p.19-26.
- SCALZARETTO, Reinaldo. **Geografia geral: nova geopolítica**. São Paulo: Scipione. (Didático).
- SCHMALTZ, Yêda. **Chuva de ouro**. Goiânia: Ed. UFG, 2000.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. A história do velho Brasil. In: *Revista Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, v. 9, n. 54, jan. 1982.
- _____. **Caminhos de mim**. Goiânia: Ed. ETEFG, 1964.
- SENA, Clóvis. **Fronteira Centro Oeste**. Goiânia: Ed. Kelps, 1994.
- SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1997.
- SILVA, Ana Cristina da. **Território e significações imaginárias no pensamento geográfico brasileiro**. Goiânia: Cegraf-UFG, 2013.
- SILVA, Armando Corrêa da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **De quem é o pedaço? Espaço e cultura**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.
- SILVA, César de Freitas. **Minicrônicas e historietas**. Goiânia: Kelps, 1999.
- SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: Ed. AGEPEL, 2002.
- SILVA, Eurydice Natal e. **Notas de uma viagem ao Araguaia**. Goiânia: Ed. O popular, 1938.
- SILVA, Henrique. Espécies do cerrado. In: *Revista Informação Goyana*. v. 17. n. 36, Rio de Janeiro, dez. 1932.
- _____. Ipê florido. In: *Revista Informação Goyana*, v. XI, n. 11, Rio de Janeiro, mar. 1918.
- SILVA, Irani. Tatu na roça. In: RAMOS, Anatolo et al. **Antologia do Conto Goiano**. DEC, 1969.

- SILVA FILHO, Pedro Celestino da. **Da janela do trem**. Goiânia: Kelps, 1992.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 10. ed. São Paulo: Record, 2008. 471 p.
- SILVA, Martiniano José da. **Parque das Emas: Última pátria do Cerrado**. Goiânia: Editora Três Poderes, 1991.
- SILVEIRA, Maria L. “Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino”. In: SANTOS, M. e outros (org.). *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec-Anpur, 1993.
- SILVEIRA, Valdomiro. **Os caboclos**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1920.
- SIQUEIRA, Jacy. **Outono**. Goiânia: Oriente, 1985.
- SIQUEIRA, Josafá Carlos de. **Pirenópolis: Identidade territorial e biodiversidade**. Goiânia: Kelps, 2000.
- SIQUEIRA, Placidina Lemes de. **No mito do verbo mágico**. Goiânia: Kelps, 1999.
- SMALL, John e WITHERICK, Michael. **Dicionário de Geografia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.
- SPIX E MARTIUS. **A grande aventura**. Brasília: MEC, 1972.
- STAIGER, Emil. **Conceitos Fundamentais da Poética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- STEINER, George. **Linguagem e silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. São Paulo. Ed. Ática, 2000.
- SOBRINHO, Leão. **Causos goianos**. Goiânia: Ed. Luzes, 1982.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à Geografia – Geografia e ideologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.
- SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas, a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- SOUZA, Armênia Pinto de. **A estrada do sol**. Goiânia: Kelps, 2002.
- _____. **O buriti do sereno**. Goiânia: Kelps, 2001.
- _____. **O mistério da montanha**. Goiânia: Kelps, 1999.
- SOUZA, Afonso Felix de. **O túnel**. Rio de Janeiro: Ed. Orfeu, 1948.
- SOUZA, Ayda Félix de. **É a noite**. Goiânia: DEC, 1970.
- SOUZA, Jonas Soares de e MAKINO, Miyoko. **Diário de navegação de Teotônio José Juzarte**. São Paulo: USP, 2000.

- SOUZA, Maria Adélia de et al. **Natureza e sociedade de hoje: Uma leitura geográfica.** São Paulo: Hucitec, 1994.
- SOUZA FILHO, Eduardo Henrique de. **Canto do cisne.** Goiânia: Kelps, 1986.
- SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- TAVARES, Crispiniano. **Contos, fábulas e folclore.** Goiânia: Editora Oriente, 1974.
- TAUNAY, Visconde de. **Inocência.** São Paulo: Ed. Ática, 1974.
- _____. **Memórias.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1951.
- _____. **Viagens de outr'ora.** São Paulo: Brasiliense, 1921.
- _____. **Inocência.** São Paulo: Editora Ática, 1978.
- _____. **Dias de guerra e de sertão.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1927.
- _____. **Marcha das forças.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1928.
- _____. **Em Matto Grosso invadido.** São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1929.
- _____. **Goyaz.** Goiânia: AGEPEL, 1988.
- TEIXEIRA, Amália Hermano. O Papiro. In: *Revista Leia agora*, ano I, n. 2, Goiânia, mar. 1974.
- _____. Amigos da natureza. In: *Revista Oeste*, ano II, n. 11, Goiânia, 1943.
- TEIXEIRA, Maximiano da Mata. **Outras histórias de Goiás.** Goiânia: Ed. Líder, 1981.
- TEIXEIRA NETO, A. **O território goiano: formação e processo de povoamento e urbanização.** In: ALMEIDA, M.G. de. **Abordagem Geografica de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: IESA, 2002.
- _____. **Os caminhos de ontem e de hoje em direção a Goiás-Tocantins.** *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, v. 21, n. 1-2, p. 51-59, 2001.
- _____. O território goiano: Formação e processo de povoamento e urbanização. In: **Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade.** Goiânia: IESA, 2002.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A Crítica e o princípio do prazer.** Goiânia: CEGRAF-UFG, 1995.
- _____. **Sociologia goiana.** Goiânia: Cerne, 1986.
- _____. **Goiás e literatura.** Goiânia: ETFG, 1964.
- _____. **A poesia em Goiás.** Goiânia: Ed. UFG, 1965.
- TELES, José Mendonça. **Chão Goiano.** Goiânia: Editora UCG, 1999.
- _____. **Poemas do entardecer.** Goiânia: Kelps, 2013.

- TOVÁR, Alódio. O caminho das águas. In: NASCENTE, Gabriel. **Colheita**. Goiânia: Oriente, 1979.
- TOVAR, Maurício. Terra sustentável. In: *Jornal Diário da Manhã*, p. 12, Caderno Revista, Goiânia, 9 out. 2013.
- TRICARD, Jean. **A terra, planeta vivo**. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1978.
- TRINDADE, Maria Amélia. **Minha hora, meu gemido**. Goiânia: Líder, 1979.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.
- URBAN, Teresa **Saudades do matão: Relembrando a história da conservação da natureza no Brasil**. Curitiba: Fundação O Boticário, 1998.
- VAITSMAN, Maurício. **Brasília e Amazônia**. Rio de Janeiro: Ed. S.P.V.E.A, 1959.
- VALDEZ, Diane. **Deu queimada no Cerrado**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011.
- VALE, Geraldo de Araújo. **Jóias Literárias**. Goiânia: DEC, 1954.
- VASCONCELOS, José Mauro de. **Chuva crioula**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1972.
- _____. **Longe da terra**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1949.
- _____. **Arraia de fogo**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1970.
- _____. **Rosinha, minha canoa**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1964.
- _____. **O garanhão das praias**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1971.
- _____. **Farinha órfã**. Rio de Janeiro: Ed. Melhoramentos, 1971.
- _____. **Chuva crioula**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1972.
- VAZ, Geraldo Coelho. O estilo de Ada Curado. In: **Acalanto**. Goiânia: Ed. UFG, 1991.
- _____. **Diário de tropeiro**. Goiânia: Ed. Kelps, 1999.
- _____. **Caminhos de sempre**. Goiânia: Oriente, 1977.
- VEIGA, José J. **Cavalinhos de platiplanto**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1987.
- _____. **Sombras de reis barbudos**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização brasileira, 1972.
- _____. **A Máquina Extraviada**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- VICENTINI, Albertina. **O regionalismo de Hugo de Carvalho Ramos**. Goiânia: Editora UFG, 1997.
- VIEIRA, Goiaz do Araguaia Leite. Raízes. In: NASCENTE, Gabriel. **Colheita**. Goiânia: Unigraf, 1979.
- VIEIRA, Monsenhor Primo. **Postais antigos**. Goiânia: Oriente, 1973.
- VILLA-REAL, Benedita Chaves Roriz. Chão de Goyaz. In: *Gazeta de Santa Luzia*, dez. 1929.
- VIVEIROS, Esther. **Rondon conta sua vida**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

- XAVIER JUNIOR, José. **Canção do Planalto**. Rio de Janeiro: Eniel Editora, 1939.
- YOUSSEF, Samira. **Geografia geral**. São Paulo: Ática, 1992.
- WAIBEL, L. A vegetação e o uso da terra no Planalto Central. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, n. 3, v. 10, p. 334-370, 1948.
- _____. **Capítulo de Geografia tropical e do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.
- WALTER, Bruno Machado Teles; CARVALHO, Arminda M.; RIBEIRO, José F. O Conceito de Savanas e de seu Componente Cerrado. In: SANO, Sueli. M; ALMEIDA, Semíramis. P; RIBEIRO, José. F. **Cerrado Ecologia e Flora**. Brasília, (DF): Embrapa Cerrados, 2008.
- WALTER, Heinrich. **Vegetação e zonas climáticas**. São Paulo: EPU, 1986.
- WEISSHEIMER, M.R. A chancela da Paisagem Cultural: uma estratégia para o futuro. **Desafios do desenvolvimento**. Edição especial. IPEA. Jun./Jul.ano 7, n. 62, p. 25. 2010.
- WILLIAN, R. **O campo e a cidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 439 p.
- WWF (Fundo Mundial para a Natureza). **De grão em grão, o cerrado perde espaço**. Brasília: 1995.

Índice Onomástico

A

- ABRAHÃO, Zecchi - 68, 615, 616.
- ACCIOLI, João - 58, 66, 376, 377, 378, 379, 380, 649.
- ADORNO, Kleber - 66, 511, 512, 513.
- ADORNO, Theodor - 387.
- ALENCAR, José Martiniano de - 68, 658, 659, 660, 661.
- ALENCAR, Maria Amélia Garcia de - 179.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de - 90, 648.
- ALEXANDRIA, Geni. 167
- ALMEIDA, Maria Geralda de - 55, 57, 87, 114, 154, 191, 418, 626, 640.
- ALMEIDA, Nelly Alves de - 58, 117, 270, 405, 603, 655.
- ALMEIDA, Victor Coelho de - 65, 299, 300, 301, 302.
- ALMEIDA JUNIOR, José Xavier de - 66, 399, 400, 401, 402.
- ÁLVARES, Diogo - 117.
- ALVARES, João Teixeira - 192.
- ALVIM, P. T - 57.
- AMADO, Janaina - 188, 244.
- AMORIM, Eduardo Guedes de - 65, 305, 306.
- ANDRADE, Manuel Correia de - 57, 180.
- ANDRADE, Mário - 247.
- ARANTES, Célia Siqueira - 58, 66, 500, 501.
- ARANTES, Manuel Gomes - 151.
- ARANTES, Sebastião - 69, 653, 704, 705, 706.
- ARBEX JUNIOR, José - 135.
- ARISTÓTELES - 120.
- ARTIAGA, Zoroastro - 57, 65, 291, 292, 293, 294, 295, 681.
- ARRAIS, T. P. A. - 55, 57, 111, 175.
- ARENDDT, Hanna Johanna - 71.
- ARGENTA, Emília Perillo - 66, 363, 380, 381, 382.
- ASSIS, Joaquim Maria Machado de - 524, 525, 526, 527.

AYRES, Aldair da Silveira – 67, 568, 569.

AZEVEDO, Aroldo de - 137

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos – 65, 269, 273, 274, 275, 276, 372.

B

BACHELARD, Gaston – 71, 74, 133, 134, 154, 320, 321, 327, 328.

BAIOCCHI, Cesar – 58, 66, 476, 477.

BARÃO DE ESCHWEGE – 93.

BARBO, Lenora – 120.

BARBOSA, Alaor - 329.

BARBOSA, Francisco de Oliveira – 158.

BARBOSA, João Alexandre – 57, 176.

BARBOSA, Rui – 107.

BARREIRA, Celene Cunha Monteiro Antunes – 54, 55, 57, 87.

BARROSO, Gustavo – 177.

BECKER, Bertha K. – 180.

BENJAMIN, Walter – 356, 357.

BERNARDES, Carmo – 58, 68, 76, 297, 584, 585, 586, 589, 631, 632, 633, 635, 652, 693, 694, 695, 696, 697, 698.

BERTRAN, Paulo – 58, 120, 122, 181, 507, 508.

BESSE, Jean-Marc – 250, 253, 368, 370.

BILAC, Olavo – 179.

BONIFACIO, João – 301.

BORGES, Barsanulfo Gomides – 175.

BORGES, Humberto Crispim – 58, 67, 68, 282, 552, 553, 554, 656, 684, 685.

BOQUADY, Jesus de Barros – 66, 470, 471.

BORGES, Heloísa Helena de Campos – 666.

BORGES, Lydia Arantes Rossi – 66, 443, 444.

BORGES, Venrando de Freitas – 65, 310, 311, 312.

BOSI, Alfredo – 62, 174, 319, 320, 331, 332, 366, 378.

BOURDIN, Alain – 181.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues – 167.

BRANDÃO, Francisco Manoel - 257
BRASIL, Antônio Americano do – 58, 65, 156, 185, 280, 281, 282, 283, 394, 395, 396.
BRETAS, Genesco Ferreira – 58.
BRITTO, Célia Coutinho Seixo de – 58, 66, 185, 375, 465, 466, 467, 468, 469.
BRITTO, Dom Marcos Noronha de – 81.
BRITTO, Hélio Seixo de – 278.
BRITTO, Francisco de – 58, 66, 414, 45, 416, 417, 536, 537, 538
BRITTO, Manuel Bueno de – 66, 492, 493.
BROM, Jorge Cornélio – 580, 581, 582.
BUENO, Bartolomeu – 77.
BULHÕES, Félix de – 58, 66, 329, 330, 331, 332.
BRUCHELL, Willian – 64, 182, 221, 222, 223, 224.

C

CÁCERES, Luiz – 187.
CAIADO, Illydia Maria Fleury Perillo – 67, 604, 605, 606.
CAIADO, Leolídio Di Ramos – 58, 65, 302, 303, 304, 305.
CALAÇA, Manoel – 55, 57.
CALADO, Maria Augusta – 606.
CAMARA, Jaime. 58.
CAMARGO, Antônio Soares de – 66, 424, 425, 426.
CAMARGO, Luíza de – 504, 505.
CAMPOS, Antonio Pires de – 129.
CAMPOS, Luiz Pedroso de – 89.
CAMPOS, Maria das Dores. 58.
CÂNDIDO, Antonio – 321.
CARDOSO, Lamartine – 379.
CARDOSO, Angelo dos Santos – 121, 122.
CARDOSO, Maria Helena – 177.
CARNEIRO, Hamilton – 68, 635, 636.
CARNEIRO, Brasigóis Felício – 58, 68, 636, 637, 653.
CARONI, Ítalo – 392.

CARVALHO, José de Almeida de Vasconcelos Soveral e – 64, 184, 185, 186, 187.
CARVALHO, Marilda de Godoy – 66, 445, 446.
CASAL, Aires de – 64, 158, 203, 204, 205.
CASCUDO, Luís da Câmara – 61, 157.
CASSETI, Valter – 72.
CASSIMIRO, Maria do Rosário – 67, 68, 595, 596, 639, 640, 641.
CASTAGNINO, R. – 667.
CASTELLS, Manuel – 57.
CASTELNAU, Francis – 64, 182, 224, 225, 226, 227, 228, 275.
CASTRO, Derval Alves de – 65, 289, 290.
CASTRO, I. E. de – 150, 188, 312.
CASTRO, José Fernandes de. 104.
CATELAN, Álvaro – 177.
CAVALCANTI, Lana – 57.
CAZARRÉ, Juliano – 67, 596, 597, 598, 599.
CHAVEIRO, Eguimar Felício – 55, 57, 58, 75, 84, 109, 189, 338, 365, 382, 385, 388, 394, 411, 425, 434, 446.
CHAUÍ, Marilena – 190.
CHAUL, Nars Fayad – 57, 113, 116.
CLARK JUNIOR, Sydney P. – 74.
COELHO, Braz José – 67, 557, 558, 559.
COELHO, Guilherme Ferreira – 65, 297, 298, 299.
COELHO, Gustavo Neiva – 185.
COLOMBINA, Francisco Tosi – 120, 121, 122, 123.
CORALINA, Cora – 58, 66, 67, 114, 132, 157, 179, 278, 363, 385, 386, 387, 388, 609, 610.
CORDOVIL, Bartolomeu Antônio – 66, 321, 322, 323, 324.
CORRÊA, Roberto L. – 57, 203.
CORDEIRO, Narcisa Abreu – 66, 489, 490.
COSTA, Arlindo – 66, 146, 402, 403, 404.
COSTA, Gerson de Castro – 58, 66, 413, 414.
COSTA, Waldir Luiz – 89, 92.
COUTINHO, Afrânio – 175, 321.
COUTO, Luiz Ramos de Oliveira – 58, 66, 332, 333, 334, 335, 336.

CRISTINO, Demóstenes – 66, 407, 408.
CRULS, Luiz – 64, 256, 257, 258, 259, 260.
CUNHA, Euclides da – 119.
CURADO, Ada – 58, 67, 68, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 651, 692, 693.
CURADO, Augusta de Faro Fleury – 65, 66, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 345, 346, 347.
CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury – 77, 80, 82, 86, 95, 102, 103, 104, 107, 108, 131, 135, 142, 144, 146, 153, 292, 317.
CURADO, Bernardo Élis Fleury de Campos – 58, 66, 67, 68, 76, 88, 121, 176, 373, 382, 383, 384, 385, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 650, 685, 686, 687.
CURADO, Érico – 66, 339, 340, 341, 342.
CURADO, Luiz Augusto do Carmo – 167.
CURADO, Mariana Augusta Fleury – 58, 67, 405, 554, 555, 556, 557.
CURADO, Sebastião Fleury – 65.

D

DAHER, Edésio – 66, 474, 475, 476.
DAHER, Nice Monteiro – 58, 66, 405, 447, 448, 449.
DEAN, Warren – 125, 126.
DÉCIO FILHO, José – 66, 421, 422, 423.
DENÓFRIO, Darcy França – 58, 353.
DESCARTES, Renè – 71.
DEUS, João Batista de. 57.
D'ALINCOURT, Luiz – 64, 217, 218.
DOM JOÃO VI – 93.
DONA BÊJA – 89, 90.
DUFRENE, M. – 328.

E

ESTEBAN, Claude – 352, 357.

ESTEVAN, L. – 335.

F

FALEIRO, Lázaro – 58.

FAQUINI, Rui – 167.

FARIA, Maria do Carmo Bettencourt de – 72.

FEITOSA, Gildeon Alves – 168.

FERNANDES, José – 177, 188.

FERREIRA, Haydèe Jayme – 58.

FERREIRA, Idelvone Mendes – 57, 84.

FERREIRA, Joaquim de Carvalho – 185.

FERREIRA, Nilson Clementino – 109.

FERREIRA, Sônia Maria – 66, 502, 503, 504.

FERREIRA JÚNIOR, L. G. – 215.

FIGUEIREDO, Cândido de – 157.

FLEURY, Padre Luiz Gonzaga de Camargo – 101, 102.

FLEURY, Rosarita – 58, 66, 69, 272, 357, 405, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 651, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684.

FONTES, Ofélia e Narbal – 68, 651, 662, 663, 664, 665.

FOUCAULT, Michel – 72.

FRANÇA, Basileu Toledo – 58, 69, 282, 353, 357, 649, 650, 703, 704.

FRANCO, Maria Julia – 67, 570, 571, 572.

FRANCO, Virgílio de Mello – 64, 49, 250.

FREIRE, Gilberto – 456.

FREITAS, Graciema Machado de – 68, 611, 612.

FREITAS, Lena Castelo Branco Ferreira de – 58, 65, 313, 314, 315, 666.

FRÉMONT, Armand – 175.

FROTA, Umbelina – 66, 493, 494, 495.

G

GARCIA, José Godoy – 58, 66, 69, 455, 456, 457, 458, 709, 710, 711, 712, 713.
GARCIA, Ledonias Franco – 53, 54, 71, 72, 75, 76, 79, 81, 179, 186, 190, 191.
GARDNER, George – 64, 182, 228, 229, 230, 231.
GEERTZ, Clifford – 213.
GEORGE, Pierre – 84, 126.
GODOI, Terezy Fleuri – 66, 479, 480, 481.
GODOY, Maria Paula Fleury de – 58, 66, 68, 358, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 641, 642, 643, 644, 645, 646.
GODOY, Tereza Alencastro Caiado de – 349, 350, 351, 352, 353, 354.
GOIANO, Manuel – 67, 594, 595.
GOMES, Horieste – 56, 57, 74, 85, 109, 110, 111, 139, 140, 148, 157, 176, 297, 536, 540, 607, 617, 640.
GOMES, Modesto – 58, 67, 177, 577, 578, 579, 654.
GOMES, Pedro – 50, 58, 67, 176, 574, 575, 576.
GOMES, Vicente Ferreira – 183.
GOMEZ, Luiz Palacin – 66, 83, 461, 462, 463.
GONÇALVES, Carlos Porto – 349.
GOULART, Helvécio – 66, 498, 499, 500.
GOYANO, Augusto – 177.
GUIMARÃES, Antonio Juruena de – 68, 624, 625.
GUIMARÃES, Bernardo Joaquim da Silva – 68, 648, 661, 662.
GUIMARÃES, Fábio Soares – 205.
GUSDORF, Georges – 72, 74, 111, 116, 152, 180, 182.
GUSMÃO, Alexandre de – 121.

H

HASBAERT, Rogério – 57, 205.
HOLLANDA, Sérgio Buarque de – 673.

I

ISNARD, Hildebert – 57.

J

JACOB, Amir Salomão – 98.

JARDIM, Jacira Brandão Veiga – 66, 430, 431, 432.

JARDIM, José Henrique da Veiga – 98.

JAYME, Décio – 66, 432, 433.

JAYME, Jarbas – 66, 409, 410.

JAYME, Jesus de Aquino – 67, 579, 580.

JESUS, Leodegária de – 58, 66, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 363

JOLLES, André – 407.

JORGE, Miguel – 58, 66, 515, 516, 654.

JUBÉ, Antônio Geraldo Ramos – 58, 66, 176, 177, 451, 452, 453, 454,

JUNQUEIRA, Iron – 66, 487, 488, 489.

K

KAHN, Fritz – 87.

KAYSER, Wolfgang – 205, 671.

KLEIN, Kelvin dos Santos – 53, 54.

L

LACERDA, Regina – 58, 66, 156, 387, 405, 440, 441, 442, 443.

LAMBERT, Jacques – 83, 146.

LANGSDORFF, Barão Georg Henrich Von – 180, 182.

LEAL, Oscar – 64, 100, 251, 252, 253, 254, 255, 256.

LEÃO, Ursulino – 58, 69, 656, 713, 714.

LEÃO SOBRINHO, Libertino – 67, 583, 584.

LEITE, Dante Moreira – 327, 328.

LENCASTRE, Maria de – 81.
LEONARDOS, Thomas – 92.
LEVERGER, Augusto – 58, 128, 182, 239, 240, 242, 681.
LEWERGGER, Maria Paula Fleury Araújo Meirelles – 193.
LÉVI-STRAUSS, C. – 73, 87, 189.
LIMA, Alceu Amoroso – 62.
LIMA, Iron da Rocha – 613, 614.
LIMA, João – 67, 576, 577.
LIMA, R. B. – 175.
LOBO, José Sêneca – 58.
LOBO, Manuel de Souza – 106.
LOBO, Olinda da Rocha – 66, 463, 464, 465.
LOURENÇO, Edival – 66, 68, 497, 498, 657, 721, 722, 723, 724.
L'ISLE, Guillaume de La. 118.
LUCAS, Fábio – 668.
LYNCE, Leo – 58, 66, 358, 396, 397, 398, 399.

M

MACHADO, Guiomar de Grammond – 66, 387, 472, 473.
MACHADO, Marieta Teles – 58, 67, 157, 587, 588, 589, 590.
MACHADO FILHO, Joaquim – 66, 460, 461.
MAGALHÃES, José Vieira Couto de – 58, 64, 179, 241, 241, 243, 244, 275.
MAGALHÃES, Sônia Maria – 100, 105.
MALHEIROS, R. – 57.
MARQUES, Octo – 58, 67, 572, 573, 574.
MARQUÊS DE POMBAL - 121
MARQUEZ, Lenice – 167.
MARTIUS, C. F. P. V. – 64, 182, 214, 215, 216.
MATOS, Raymundo José da Cunha – 64, 90, 219, 220, 221.
MEDEIROS, Frederico de – 68, 612, 613.
MEIRELLES, José Dillermundo – 58, 282.
MELO, Augusta Faro Fleury de – 66, 519, 520, 521.
MELO, Willian Agel de – 68, 653, 720, 721.

MENDES, Floracy Artiaga – 68, 603, 617, 618, 619.
MENDES, Josephina Pinheiro de Lemos – 66, 370, 371, 372, 373.
MENDONÇA, Belkiss Spencièrè Carneiro de – 68, 628, 629.
MENDONÇA, Honorata Minelvina Carneiro de. 66, 324, 325, 326, 327, 328, 329.
MENEZES, Thristão da Cunha – 130.
METRAN, Violeta – 58, 66, 478, 479.
MIGNOLO, Walter – 675.
MILIET, Sérgio – 391.
MOISÉS, Massaud – 175, 270, 338, 601, 665.
MONTEIRO, André – 168.
MORAES, Antônio C. R. – 57.
MORAES, J. A. Leite – 64, 105, 245, 246, 247, 248, 249.
MORAES, M. – 158.
MOREIRA, Hélio – 58.
MOREIRA, Ruy – 57, 74.
MOTTA, Ático Velhas Boas da – 58.
MOTTA, Joaquim Inácio Silveira da – 92.
MOURA, Antônio José de – 69, 655, 715, 716.
MUZART, Zahidé Lupinacci – 325.

N

NABUT, Jorge Alberto – 93.
NASCENTE, Gabriel – 58, 510, 511.
NASCIMENTO, Francisco de Assis – 508, 509, 510, 651.
NIEL, André – 670.
NIEMEYER, Oscar – 168.
NOGUEIRA, Dom Louenço – 81.
NOGUEIRA, Wilson Cavalcanti – 58, 69, 649, 719, 720.
NUNES, Benedito – 350, 566.

O

OLIVEIRA, Antônio Baptista de – 69, 655, 714, 715.
OLIVEIRA, Érico Ramos de – 454, 455.
OLIVEIRA, Ivanilton José de – 57.
OLIVEIRA, Sandra de Fátima – 55.
OLIVEIRA FILHO, Otaviano – 361.
OMÁ, Emir – 66, 429, 430.
ORTÊNCIO, Bariani – 67, 119, 156, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 656.
OTERO, Leo Godoy – 67, 560, 561, 562, 650.

P

PACCA, Dinorah – 66, 404, 405, 406, 407.
PACHECO, Altamiro de Moura – 67, 68, 439, 540, 625, 626, 627, 628.
PARANHOS, Ricardo – 66, 365, 366, 367.
PASSOS, Altair Camargo de. 67, 608, 609.
PAULA, Ney Teles de. 282.
PAZ, Octávio – 355.
PENNA, Eliezer – 67, 365, 366, 367.
PEREIRA, Aidenor Ayres – 66, 506, 507, 565.
PEREIRA NETO, Olímpio – 69, 656, 717, 718, 719.
PERILLO, Fernando – 154.
PERILLO, Maria Ferreira de Azevedo – 67, 606, 607, 608.
PERINI, Gil – 67, 68, 590, 591, 592, 638, 639.
PIETRAFESA, José Saulo – 81, 132, 147, 149.
PIMENTEL, Sidney Valadares – 341, 344.
PINHEIRO, Antonio César Caldas – 185.
PINTO, Miriam Plaza – 57.
PINTO, Oscarlina Alves – 67, 373, 374, 375, 376, 603.
POHL, João Emanuel – 64, 182, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213.
PRADO, Bartolomeu Bueno do. 112.
PRADO, Maria Lígia C. – 311.

PRADO JÚNIOR, Caio – 204.
PROENÇA, C. E OLIVEIRA, R. – 62.
PTOLOMEU, Claude – 117, 120.
PUHLER, Eunice – 167.

Q

QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de – 66, 69, 473, 474, 653, 716, 717.

R

RAMOS, Cornélio – 58.
RAMOS, Hugo de Carvalho – 50, 58, 66, 67, 76, 176, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536.
RAMOS, Manuel Lopes de Carvalho – 66, 336, 337, 338, 339.
RAMOS, Victor de Carvalho – 282.
RASSI, Lygia de Moura – 58, 66, 458, 459, 460.
REIS, Gelmires – 58.
RIBEIRO, Barão Duarte da Ponte – 124.
RIBEIRO, Darcy – 138.
RIBEIRO, Eli Brasiliense – 58, 68, 76, 649, 699, 700, 701.
RIBEIRO, Francisco de Paula – 183.
RICHTER, Nair Perillo – 58, 68, 621, 622, 623.
RIOS, Augusto – 58, 66, 367, 368, 369, 370.
RIZZO, José Ângelo – 65, 167, 309, 310.
ROCHA, Benedito Odilon – 58, 66, 410, 411, 412.
ROCHA, Evandra – 160, 161, 167.
RODRIGUES, Cíntya Maria Costa – 175.
RODRIGUES, José Lopes – 66, 417, 418.
RODRIGUES, Raimundo – 69, 706, 707, 708.

RONCARI, Luiz – 362.

ROSA, João Guimarães – 119, 174, 176.

S

SAAD, Edla Pacheco – 58, 68, 654, 701, 702, 703.

SAINT-HILAIRE, August de – 64, 117, 118, 132, 136, 182, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203.

SAMPAIO, Antonio Borges – 73.

SAMPAIO, Teodoro – 157.

SANT'ANNA, Affonso Romano de – 173.

SANT'ANNA, Moisés – 58, 65, 284, 285, 286, 287, 288.

SANTOS, Milton – 604.

SCHMALTZ, Yêda – 58, 66, 495, 496, 497.

SILVA, Ana Cristina e – 55.

SILVA, César de Freitas – 67, 592, 593.

SILVA, Colemar Natal e – 278.

SILVA, Ernesto – 73.

SILVA, Eurydice Natal e – 65, 269, 270, 271, 272, 273.

SILVA, Genezy de Castro e – 58, 68, 619, 620, 621.

SILVA, Henrique – 65, 156, 277, 278, 279, 283.

SILVA, Hermano Ribeiro da – 58, 65, 295, 296, 297.

SILVA, João Caetano da – 183.

SILVA, Valéria Cristina Pereira e – 55.

SILVA, Vera Maria Tietzmann – 199.

SIQUEIRA, Jacy – 58, 66, 156, 517, 518.

SIQUEIRA, Joaquim Bonifácio Gomes de – 66, 269, 342, 343, 344.

SIQUEIRA, Placidina Lemes de – 66, 518, 519.

SODRÉ, Nelson Werneck – 397.

SOUZA, Armênia Pinto de – 66, 69, 513, 514, 655, 708, 709.

SOUZA, Afonso Felix de – 66, 490, 491, 492.

SOUZA, Ayda Félix de – 67, 569, 570.

SOUZA, Jonas Soares de – 113.
SOUZA, Padre Luiz Antonio da Silva e – 83, 96, 101, 111.
SOUZA FILHO, Eduardo Henrique de – 58, 66, 427, 428, 429.
SUZUKI, Julio – 75.

T

TAVARES, Crispiniano – 67, 527, 528, 529.
TAUNAY, Visconde de – 64, 98, 99, 115, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238.
TEIXEIRA, Amália Hermano – 58, 65, 68, 185, 199, 307, 308, 616, 617, 618.
TEIXEIRA, Maximiano da Mata – 67, 582, 583.
TEIXEIRA NETO, Antonio – 57, 111, 138, 140, 335, 339.
TELES, Gilberto Mendonça – 58, 66, 176, 177, 321, 337, 481, 482, 483, 484, 669.
TELES, José Mendonça – 58, 66, 68, 484, 485, 629, 630, 631.
TOCANTINS, Anna Xavier de Barros – 347, 348, 349, 350.
TOVÁR, Alódio – 66, 514, 515.

V

VALADÃO, Ary Ribeiro – 175.
VALDEZ, Diane – 167.
VASCONCELOS, Agripa – 92.
VASCONCELOS, José Mauro de – 110, 651, 687, 688, 689, 690, 691, 692.
VAZ, Geraldo Coelho – 58, 66, 486, 487, 563.
VEIGA, José Jacinto – 67, 559, 560, 652.
VERHAGEN, Francisco Adolpho de – 159.
VIEIRA, Goiaz do Araguaia Leite – 604.
VIEIRA, Monsenhor Primo – 66, 449, 450.
VIEIRA JUNIOR, Wilson Carlos – 120.
VILLA-REAL, Benedita Chaves Roriz – 67, 363, 364, 365.

VILLA-REAL, Thomé Joaquim da Costa – 123.

Y

YOUSSEF, Samira – 83.

W

.

WALLACE, Alfred – 182.

WARMMING, Johannes – 65, 136, 260, 261.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: NATUREZA E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO DE

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Aos doze do mês de julho do ano de dois mil e dezesseis (2016), a partir das 09h e 00min, no Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, teve lugar a sessão de julgamento da Tese de Doutorado de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado, intitulada *'Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás'*. A Banca Examinadora foi composta, conforme Portaria n.º 052/2016 da Diretoria do IESA, pelos seguintes Professores Doutores: Prof. Dr. **Egulmar Felício Chaveiro** (Presidente), Profa. Dra. **Valéria Cristina Pereira e Silva** (membro titular interno), Prof. Dr. **Manoel Calaça** (membro titular interno), Profa. Dra. **Angelita Pereira de Lima** (membro titular externo) e Prof. Dr. **Júlio César Suzuki** (membro titular externo). Os examinadores arguíram na ordem citada, tendo o candidato respondido satisfatoriamente. As 14h00 horas a Banca Examinadora passou a julgamento, em sessão secreta, tendo o candidato obtido os seguintes resultados:

Prof. Dr. Egulmar Felício Chaveiro (Presidente) – Ass. _____
Aprovado (X) Reprovado ()

Profa. Dra. Valéria Cristina Pereira e Silva – Ass. _____
Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Manoel Calaça – Ass. _____
Aprovado (X) Reprovado ()

Profa. Dra. – Angelita Pereira de Lima Ass. _____
Aprovado (X) Reprovado ()

Prof. Dr. Júlio César Suzuki – Ass. _____
Aprovado (X) Reprovado ()

Resultado final: Aprovado (X) Reprovado ()

Houve alteração no Título? Sim () Não (X)

Em caso afirmativo, especifique o novo título: _____

Outras observações: A Banca recomenda a publicação do trabalho em função do seu valor para a área pesquisada de ZMA

Reaberta a Sessão Pública, a Presidente da Banca Examinadora proclamou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata, que segue assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela Secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Secretaria..... _____

Thomaz David Felix
Assist. Em Adm. IESA/UFV
Mat. Siapc 1801697